

REVISTA DA SEMANA

N.º 19 — 7-5-49

CRS 3,00 EM TODO O BRASIL



ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO DE JANEIRO

ESTRÉIA EM MAIO

No MUNICIPAL — 16 Concertos Para o QUADRO SOCIAL
TODOS COM SOLISTAS

AO AR LIVRE — 20 Festivais Populares

Constando de: 30 MINUTOS DE MÚSICA SINFÔNICA COM
SOLISTAS

30 MINUTOS DE BAILADOS

30 MINUTOS DE TRECHOS DE ÓPERA

REGENTES :	STEINBERG	— Maio
	PAUL KLECKI	— Junho
	MARCKEVITCH	— Julho
	MIGNONE	— Setembro
	SIQUEIRA	— Outubro
	SOUZA LIMA	— Novembro
	VILLA-LOBOS	— Dezembro

SOLISTAS : TAGLIAFERRO — LANDERER —
ODNOPOSOFF — RANZATTO — ZA-
REMBÁ — ANNA CAROLINA — RICCI
— SPENCER — SZERYNG — VIEIRA
BRANDÃO — OLGA MARIA — MARIA
ANTONIETA — EDITH BULHÕES —
MARIO NEVES — ALFREDO MELLO —
ANNA MARIA FIUZA — IVI IMPROTA
— MAGALOFF — GLORIA MARIA —
CARMEN VITIS — JORGE BAILLY —
ASDRUBAL LIMA — ROBERTO MI-
RANDA E OUTROS.

Inscrições para o quadro social

RUA MEXICO, 21 - 2.º and. - Grupo 202 - Sala 8 - Tel. 22-5698

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Bahia, Bahia! (Álvaro Armando)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	26

REPORTAGENS

Agonia e morte do "Mada'ena"	4/6
Os bahianos e o nordeste (Celso Mariz)	11
Bahia — Rio Grande do Sul (Prof. Walter Spalding)	18
Bahia	32/35

CARICATURA

Bom humor	7
7 dias em revista (Théo)	42
O mundo manca e a mula murcha	50

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	15

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12
-----------------------------------	----

BIOGRAFIA

A vida de Mendel	14
------------------	----

CINEMA

Cine-Revista	16/17
A virgem dos lábios de mel (Renato de Alencar)	27

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Modas	20/21
Varições sobre a "écharpe"	23
Mães e filhos	23
Blusas e "sweaters"	24
Detalhes e novidades	25
Robes	26
Week-end na cozinha	38
Penteado	39
Para o seu "trousseau"	40/41
Assim é o amor	45
De Hollywood	37

CONTOS

Saci Pererê (Edson Kneipp)	22
A ameaça (José Lara)	30/31

RADIO

Broadcast	43
-----------	----

NOVELA

A jovem sem coração (G. Singrist)	44
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46

MÚSICA

Sinfonia e Ballet (Roberto Lyra Filho)	48
--	----

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)

	49
--	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------	----

TEATRO

Filomena, qual é o meu? (José Fomm)	58
-------------------------------------	----

ILUSTRADORES

Luis Canabrava	
Orlando Matos	

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Yvonne De Carlo, uma "estrêla" da Universal-International, que se impôs a todos os fãs, tanto pela beleza de suas linhas como pelo talento artístico, é a nossa escolhida para a capa da REVISTA DA SEMANA desta edição. Há pouco tivemos oportunidade de apreciá-la em "Astúcia de uma apaixonada"; brevemente vê-la-emos em "Baixeza", com Burt Lancaster, e "Escandalosa", com Howard Duff e Dorothy Hart, todos da U.-I. (Foto Universal-International).

BAHIA, BAHIA!

Bahia, Bahia!
De Todos os Santos,
O berço da história,
Dos nossos avós,
Temos mais nosso
Torrao do Brasil,
Pertences a Todos
Os Santos e a nós!

Morena travessa,
Trepaste nos montes,
Plantando nas encostas,
A torre das Sãs,
E o mar foi chegando,
Humilde e devoto,
Com beijos de estuário,
Beijando os seus pés.

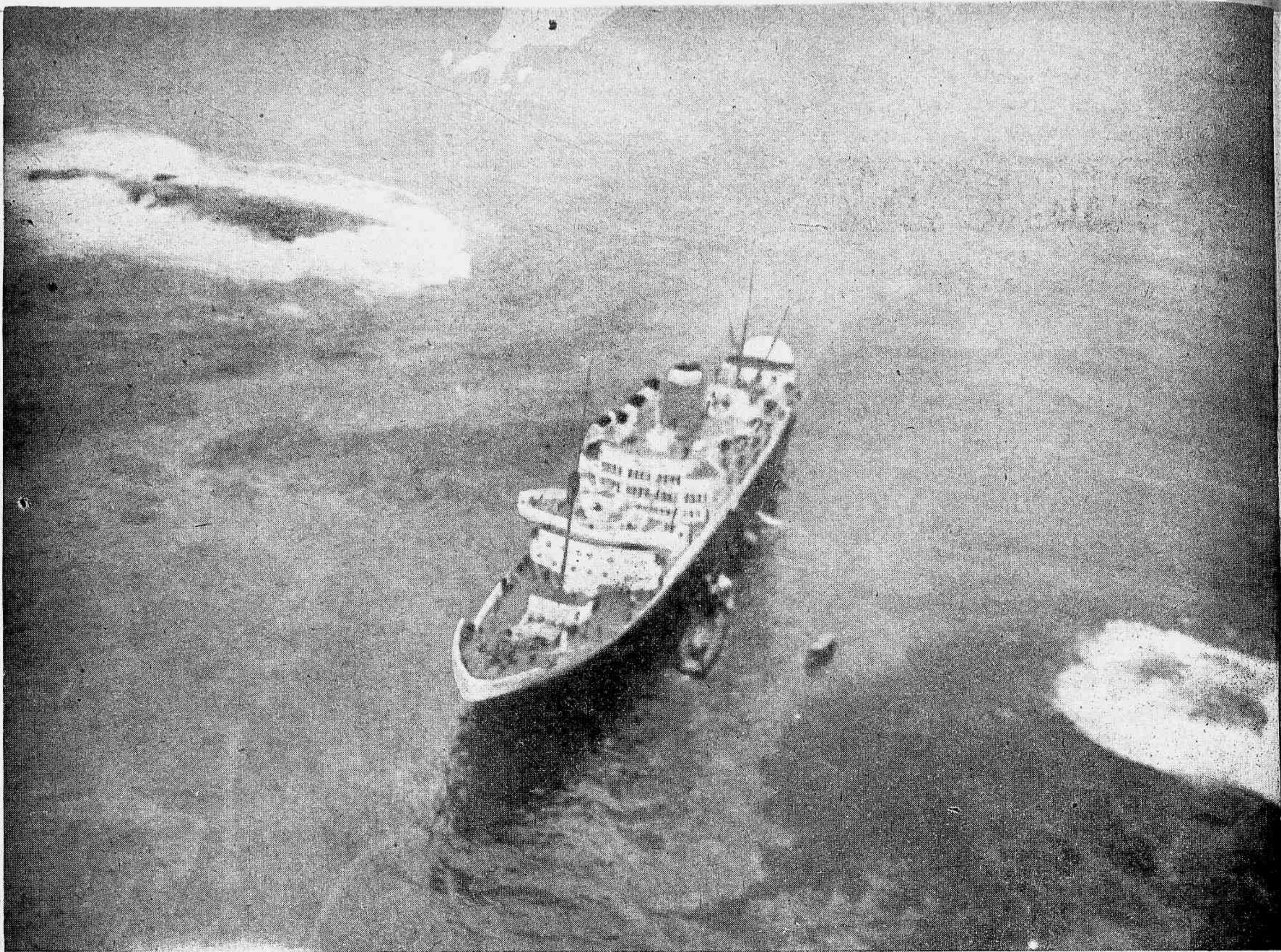
Cresceste bonita,
De blusa de renda,
Cantando rezando,
Ao pai do Bonfim,
Tens todas as cores,
Do verde dos montes
Ao creio da cidade,
Das praias sem fim.

Tens todas as músicas,
Do canto dos pássaros
Aos tons de macumba,
Chamando Xangô,
Tens todos os gestos,
Dos ares de coco,
Ao doce dos beijos,
Que a Lua acolheu.

Tens todos os sabores:
De mar e de mata,
De incenso e pecado,
De manga e de flor,
Bahia, Bahia,
De Todos os Santos,
Bendita Bahia,
De São Salvador!

ÁLVARO ARMANDO

Especial para REVISTA DA SEMANA



Flagrante tomado de avião na manhã do dia 25 pela reportagem fotográfica do vespertino "O Globo", desta Capital, vendo-se o "Magdalena" parado exatamente no local e m que encalhou

AGONIA E MORTE DO "MAGDALENA"

A população do Rio de Janeiro acompanhou, emocionada, os trabalhos de salvamento do luxuoso transatlântico da Mala Real Inglesa — "Magdalena", que, na madrugada do dia 25 de abril próximo passado, encalhou a seis milhas da baía de Guanabara, nas proximidades do arquipélago da Tijuca.

Em consequência do violento choque contra os rochedos, abriu-se enorme rombo no costado da belonave inglesa, à altura do porão nº 3, alagando o seu interior e ameaçando fazer sossobrar a embarcação.

Os socorros imediatos prestados pelas autoridades navais brasileiras, naquela mesma madrugada, permitiram o salvamento dos seus 350 passageiros e 237 tripulantes.

Na manhã do dia 26, ao se processarem as providências para o seu reboque aos estaleiros do Lloyd Brasileiro, o "Magdalena", já na entrada da Guanabara, seriamente avariado, não resistiu à pressão e se partiu espetacularmente em duas metades.

Não houve vítimas a lamentar desta vez, também, pois nas imediações dezenas de

embarcações observavam os trabalhos, na expectativa de algum acontecimento grave, e acorreram prontamente em socorro da tripulação que permanecia a bordo.

Esses dois tripulantes deixaram-se ficar numa das partes do navio, lutando bravamente no cumprimento do dever



CARACTERÍSTICAS DO "MAGDALENA"

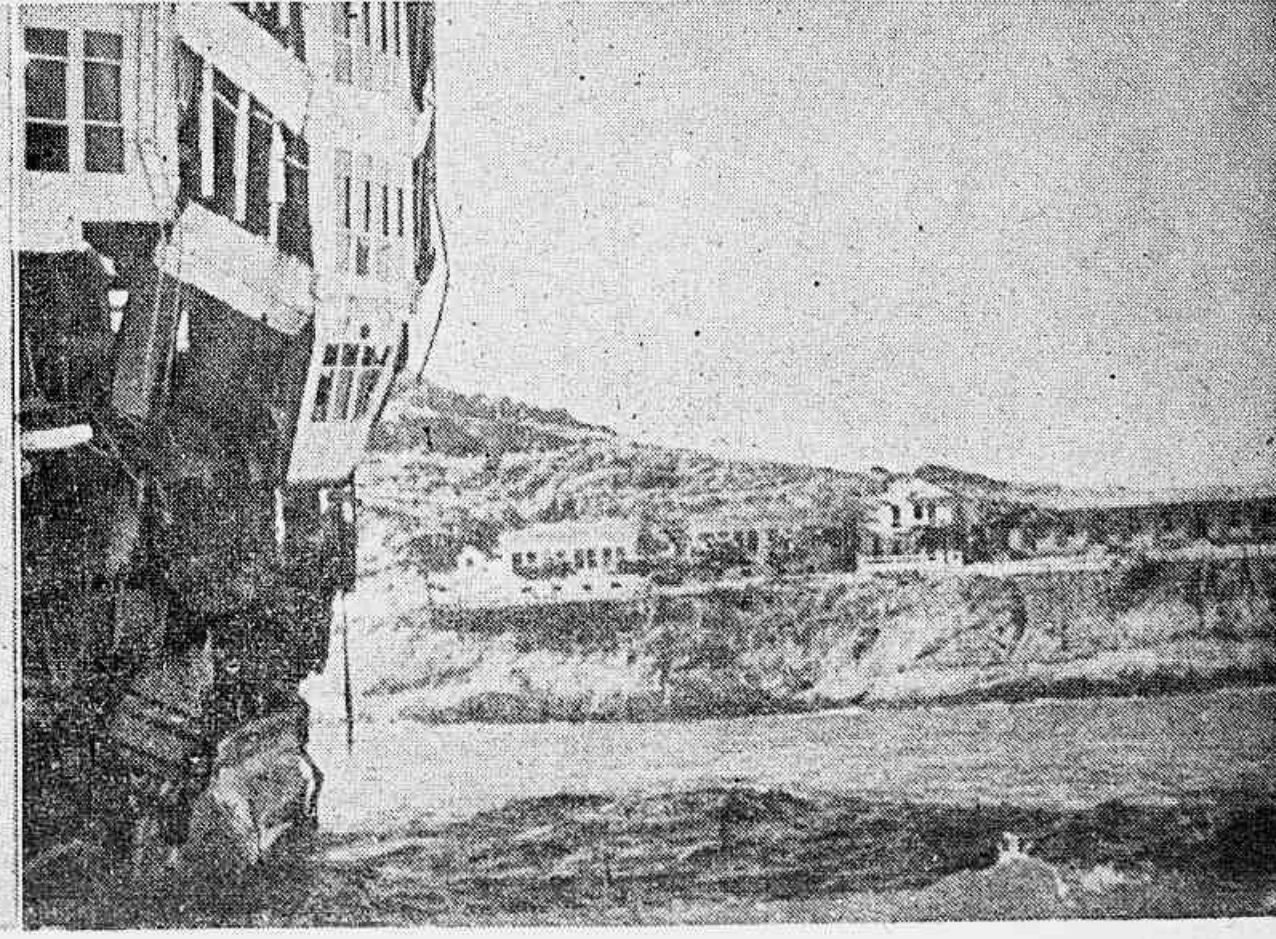
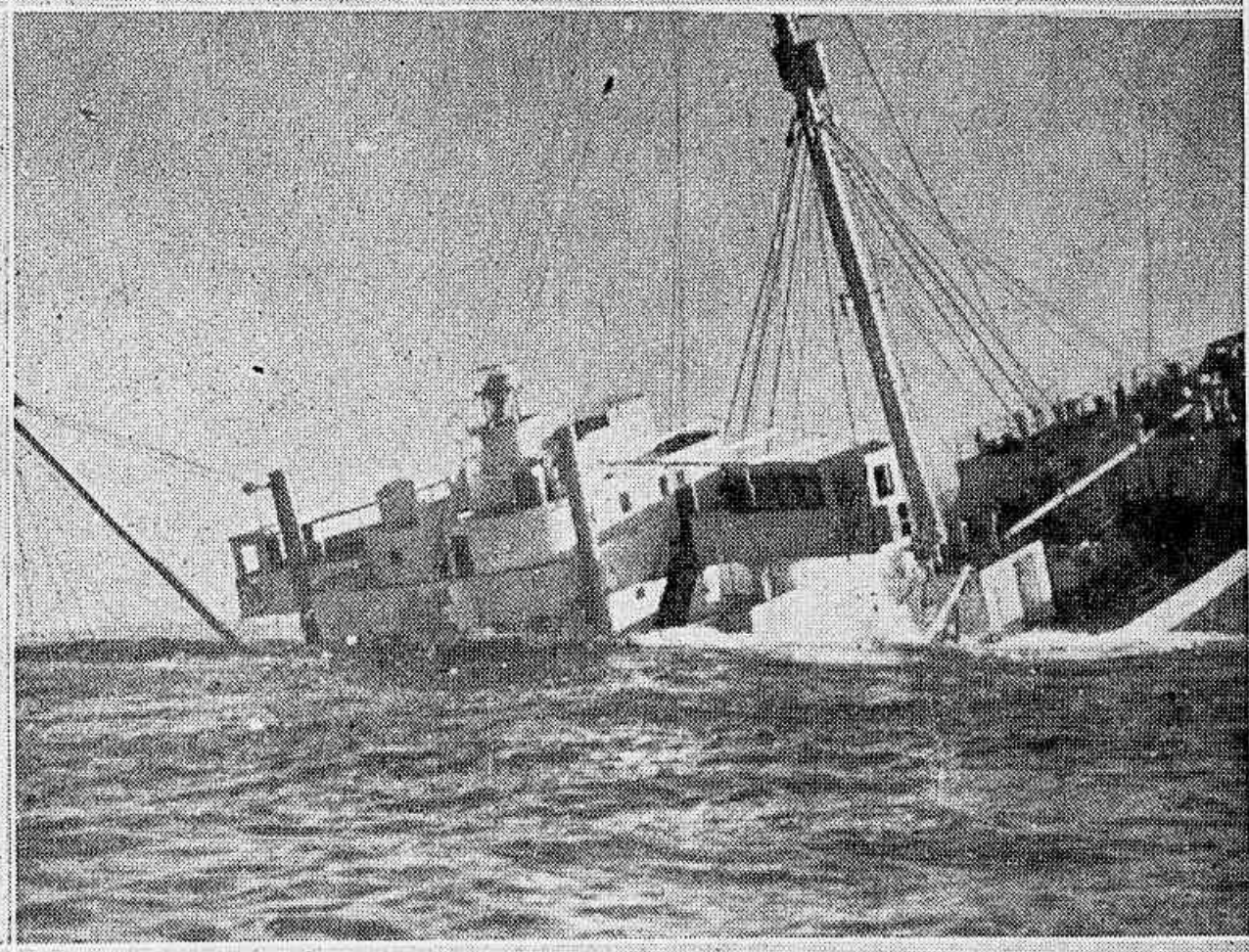
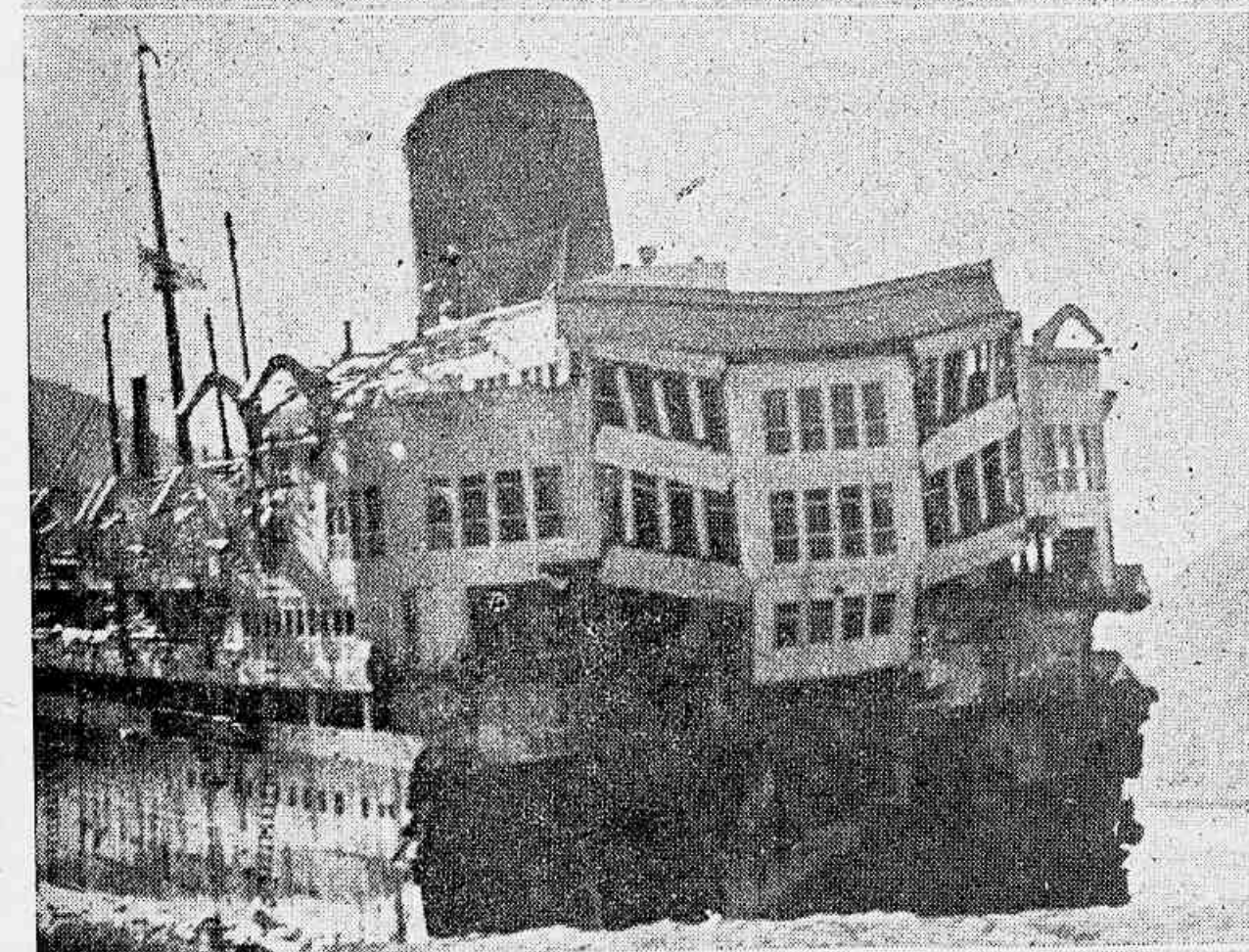
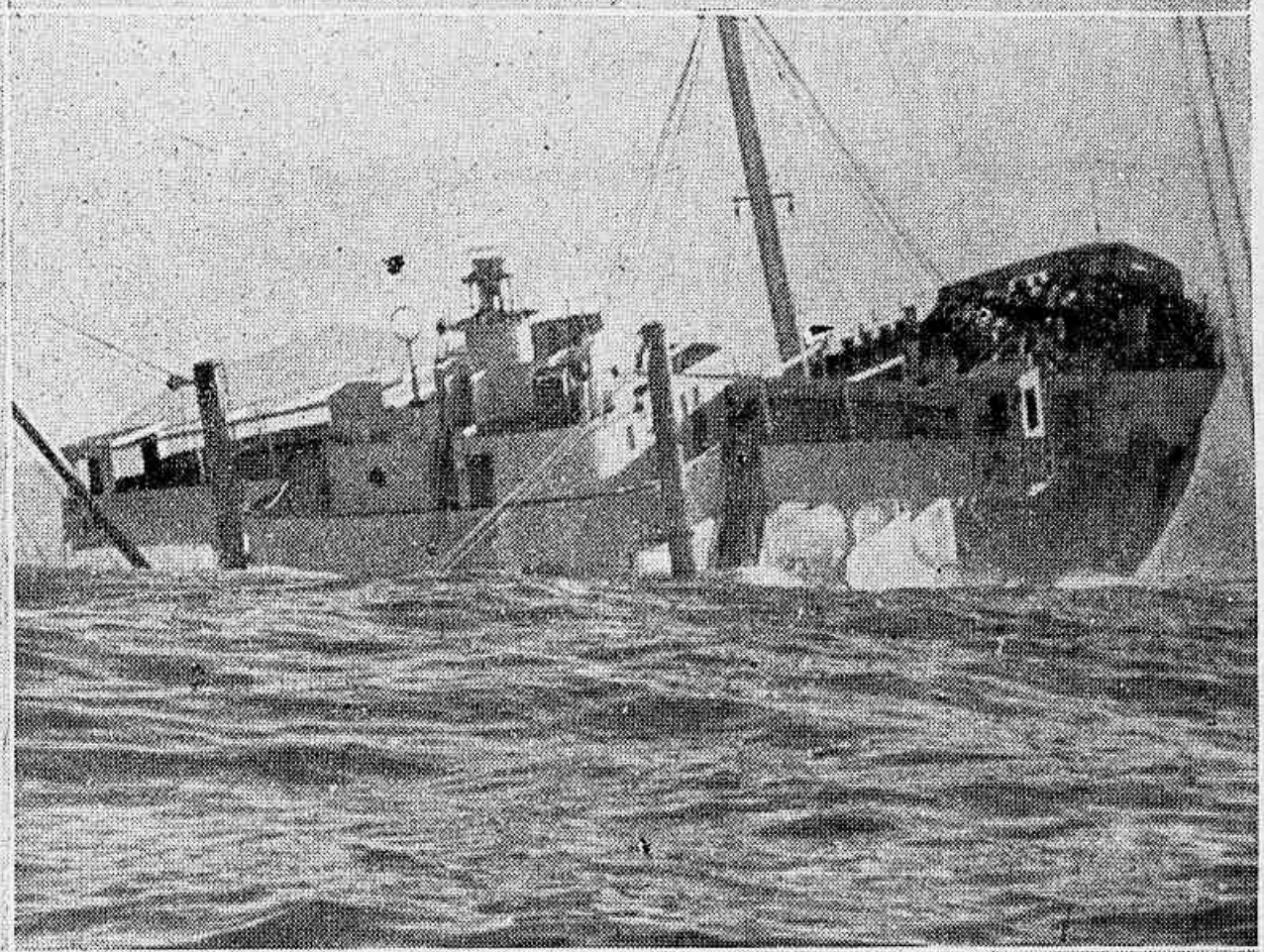
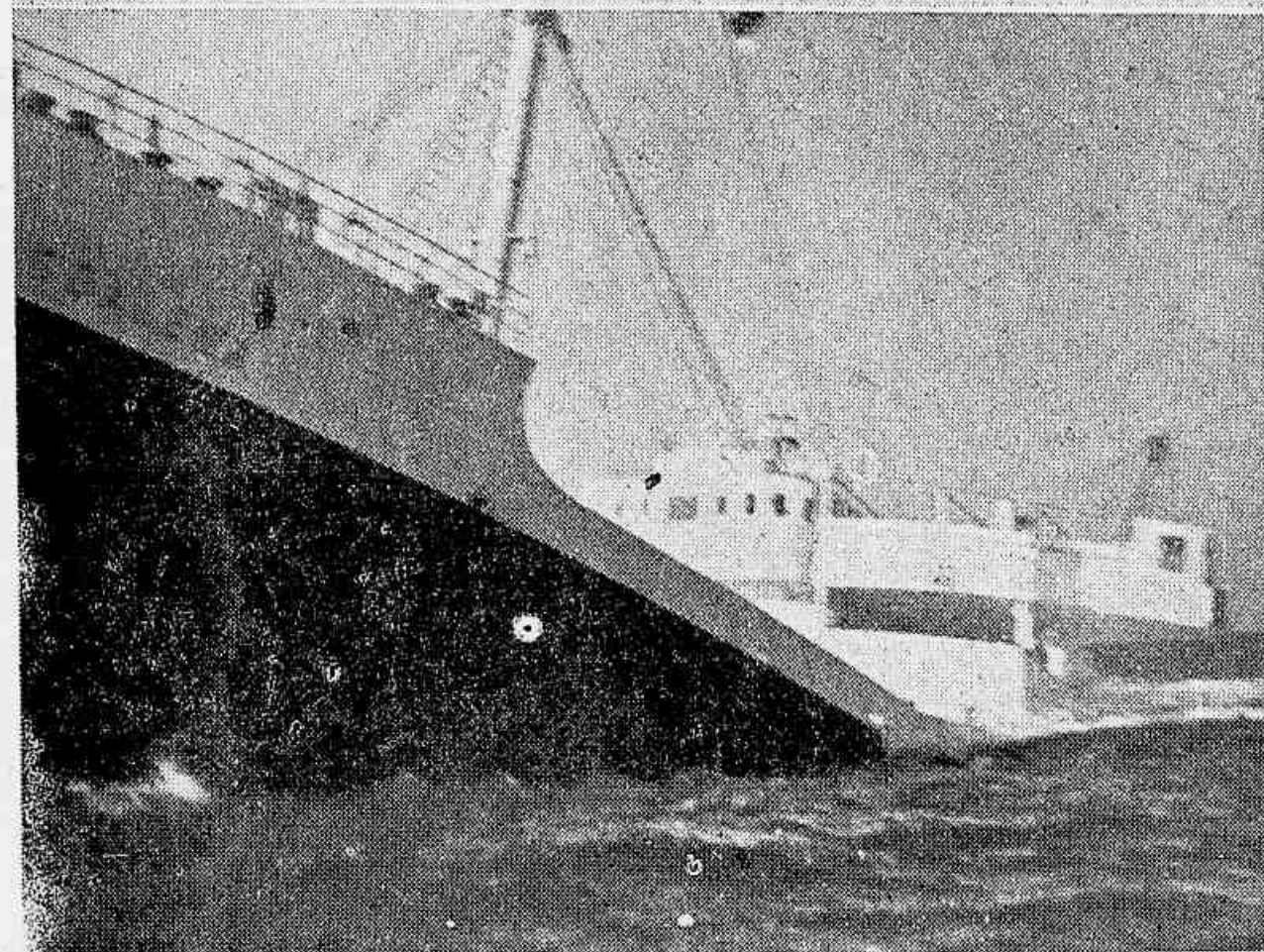
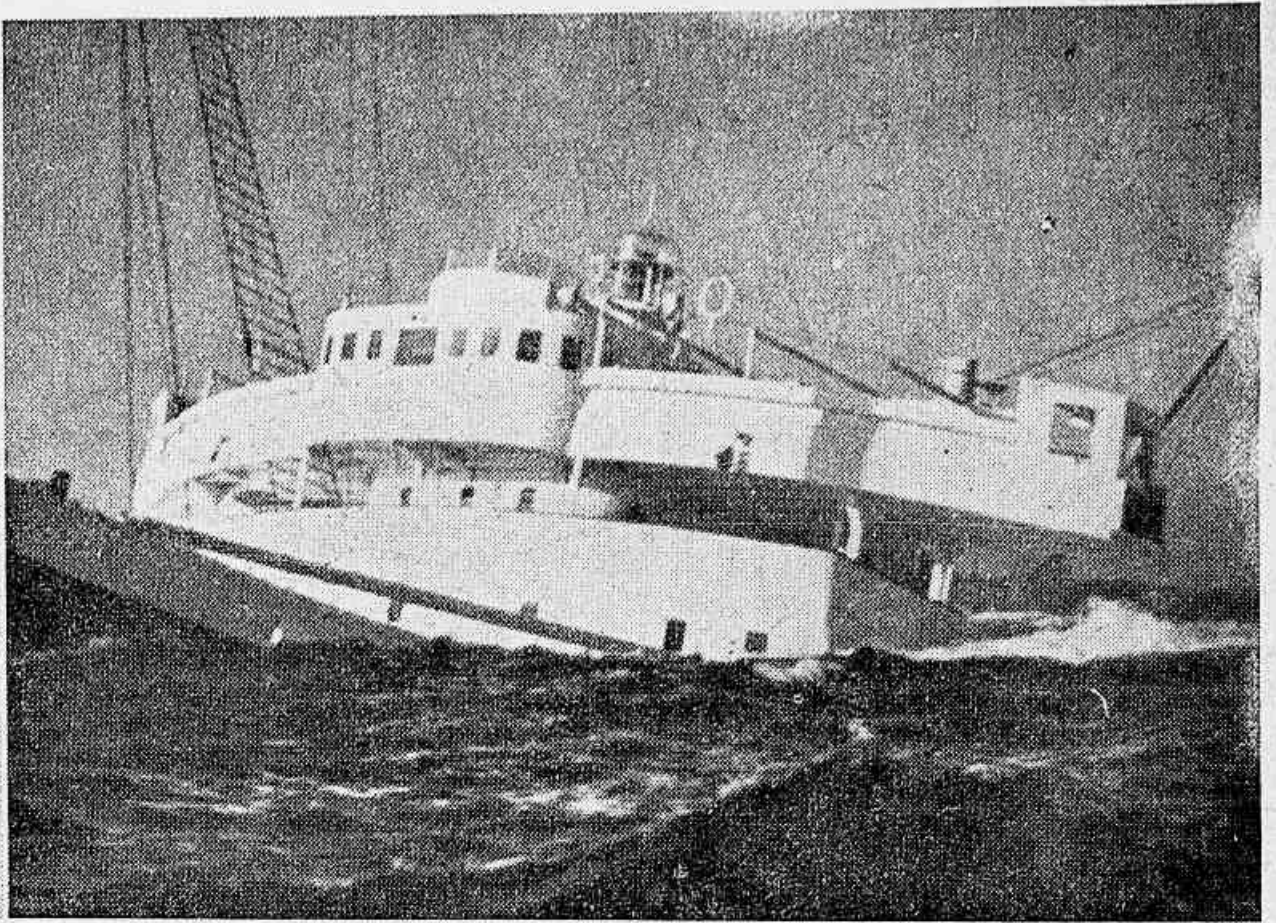
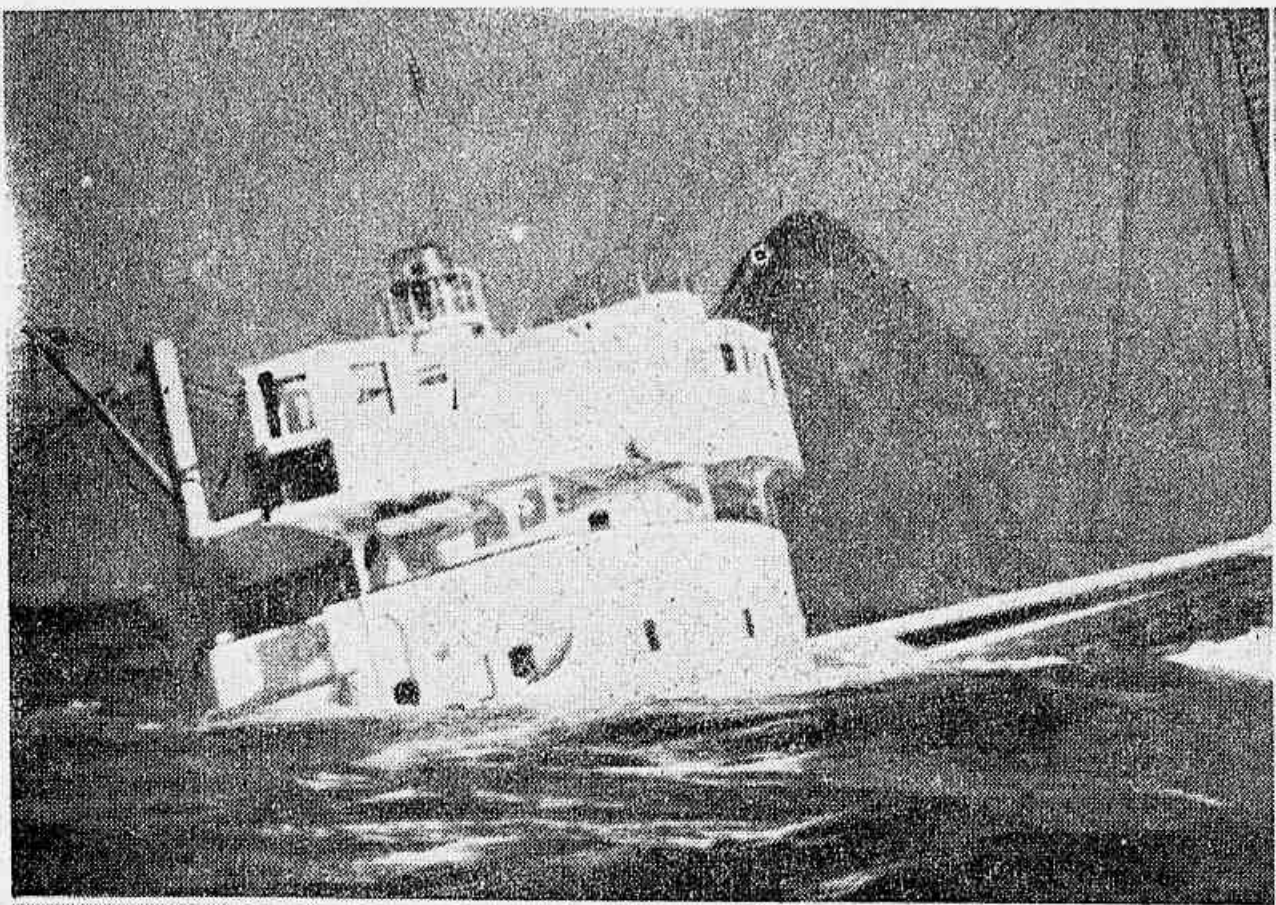
O "Magdalena", que é comandado pelo capitão D. R. Lee, foi lançado ao mar, nos

estaleiros Harland & Wolf, no dia 11 de maio de 1948, em Belfast, Irlanda do Norte. Desloca 17 mil toneladas e mede 180 metros de comprimento por 25 de largura. É movido por duas hélices impulsionadas por turbinas de 18 g.h.p., com a velocidade de 19 nós horários. Apresenta um contorno de linhas aerodinâmicas, tendo o passadiço de comando simétrico em relação ao bojo da nave. Foi o primeiro navio a sair da Inglaterra aparelhado com ar condicionado, tanto nos salões como nos camarotes de 1ª classe. Possui uma grande piscina no fim do convés de passeio, assim como amplo salão de desportos e ainda uma loja de armazém, com artigos de uso pessoal de passageiros.

O ENCALHE

Por volta das 3 horas da madrugada do dia fatídico, a estação de rádio do Arpoador comunicou ao Estado Maior da Armada que recebera pedidos de socorro do navio mercante inglês "Magdalena", que procedia da Argentina e se destinava à Europa. Imediatamente, por solicitação das autoridades navais, aviões da 3ª Zona Aérea del-

Os oito flagrantes da página à direita mostram as diversas fases da agonia do "Magdalena", todos eles tomados depois que a proa se separou da popa. Foram lanches que a população da cidade acompanhou das praias, das amuradas, dos topos dos morros, dos arranha-céus mais próximos. Não faltou a nota curiosa: um cidadão do povo alugava os seus binóculos aos que não dispunham desse precioso instrumento. A proa e a popa ainda sobreviviam meio submersas. Num deles vê-se a popa bem perto de terra, na praia do Imbuí





Nesta foto do "Correio da Manhã", aparece o conjunto da praia do Imbuí, em Niterói, em cuja enseada o acaso abrigou a pôpa do "Magdalena". Parece que o carregamento de carne foi salvo porque os refrigeradores continuaram funcionando

xaram a pista para um vôo de reconhecimento do local, constatando-se, na ocasião, estar o transatlântico inglês encalhado, não sendo, todavia, considerado iminente o perigo de sossobrar.

Não obstante, partiram em seu socorro vários rebocadores, contra-torpedeiros, caça-submarinos e um navio hidrográfico. O navio mercante do Lloyd Brasileiro "Goiás-Lóide", que entrava na baía à hora do acidente, recebeu ordens para retornar, dirigindo-se para o local, a fim de prestar os socorros ao seu alcance. Assim, já às

8 horas da manhã iniciava aquela unidade do Lloyd o serviço de transbordo de passageiros, no que foi seguido pelas demais embarcações de nossa Marinha de Guerra.

NÃO HOUVE PANICO

Segundo relato dos membros da tripulação do "Magdalena", todos os passageiros, apesar do nervosismo natural em tais circunstâncias, se mantiveram atentos durante os cruciantes minutos seguidos após o choque, obedecendo às ordens do comandante Lee, não tendo sido verificado pânico a

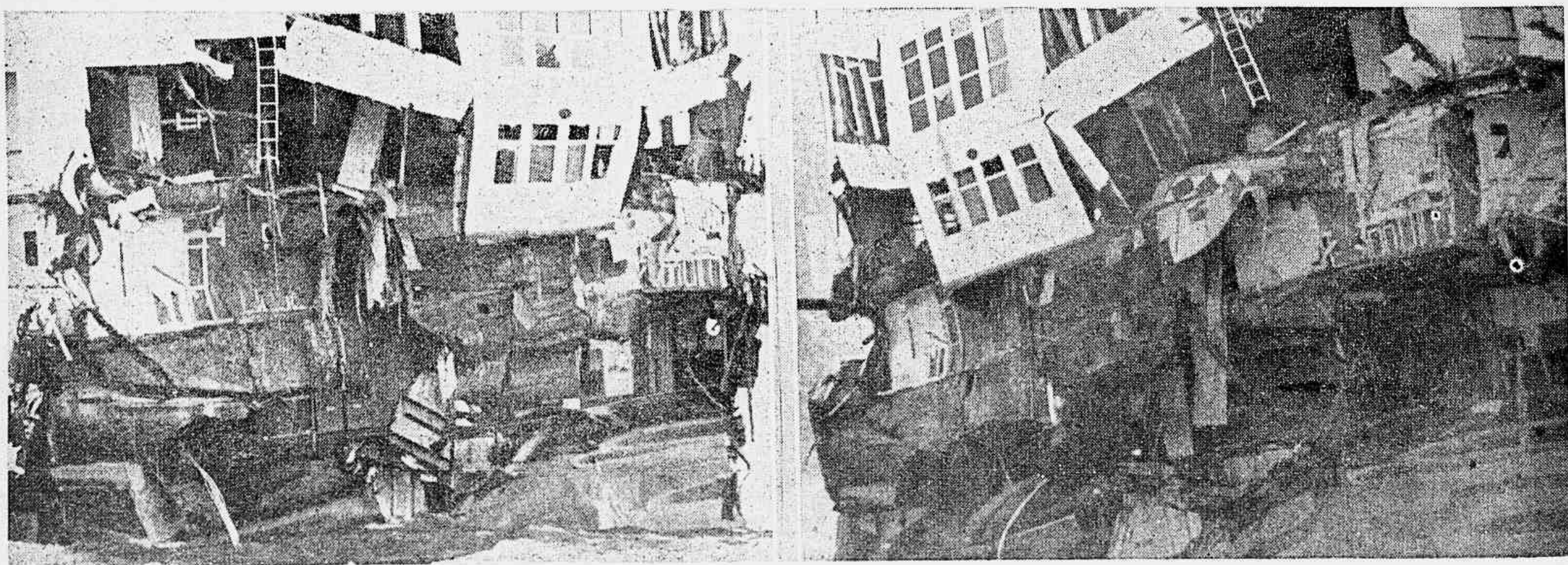
bordo, o que sem dúvida foi de grande valia para os serviços de socorros. A colaboração eficiente dos próprios passageiros muito contribuiu para que fosse levado a bom termo a operação do transbordo executada pelas nossas unidades navais, e isso se deve — consoante se refere o imediato do "Magdalena" — ao proveitoso exercício de salvamento realizado no dia anterior, antes de o vapor chegar ao porto de Santos. Passageiros e tripulantes se portaram com a serenidade exigida em momentos como os que viveu o transatlântico britânico.

NOVA TRAGÉDIA

Conduzidos passageiros e tripulantes para a terra, cêrca das 8 horas da manhã do dia imediato foram concluídos os trabalhos de desencalhe. Imediatamente, favorecendo para isso a maré alta, deram início os rebocadores "Triunfo" e "Comandante Donat" ao reboque do "Magdalena", com destino ao interior da baía de Guanabara, onde iria ser submetido aos reparos necessários, no dique flutuante "Afonso Pena".

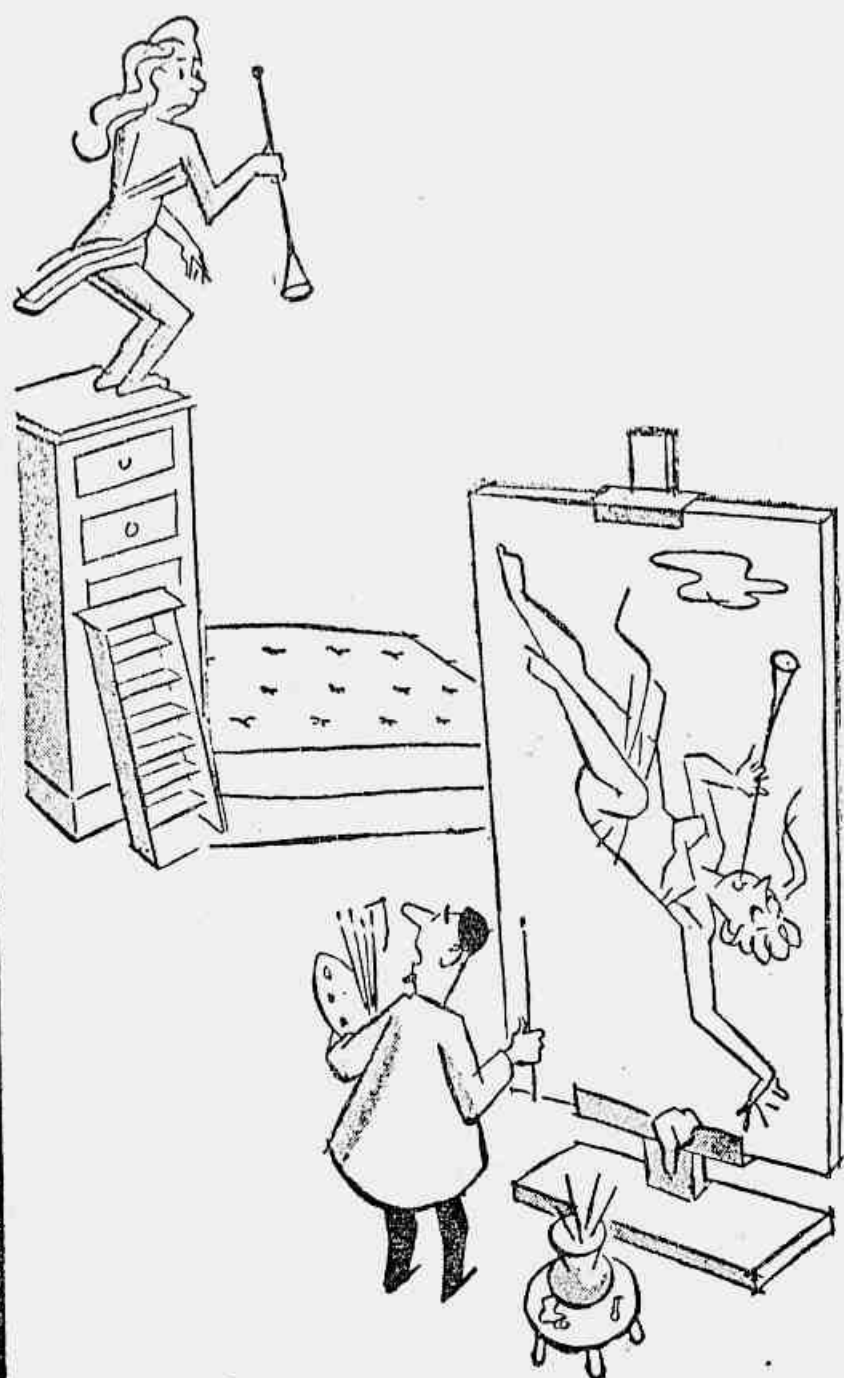
Devido ao perigo que oferecia o mar encafelado, o "Magdalena" vinha sendo arras-

(Continua na pág. 55)

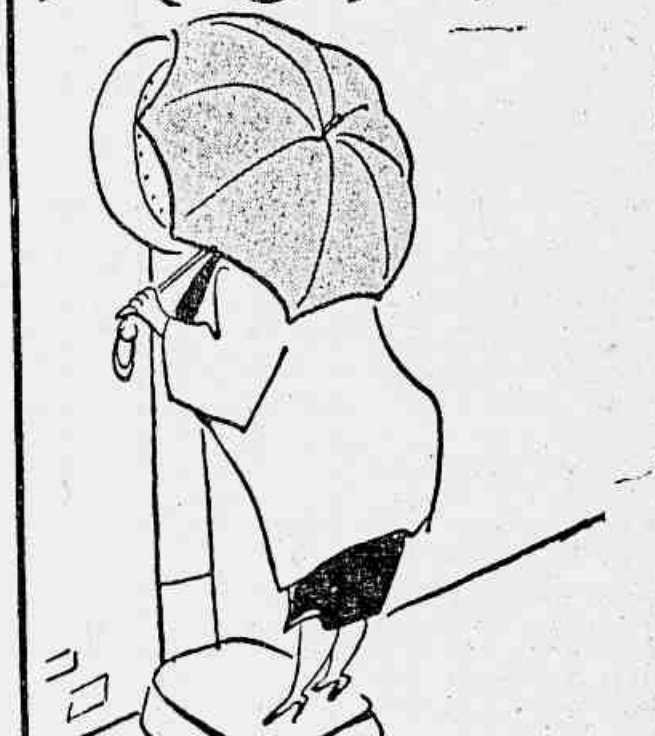
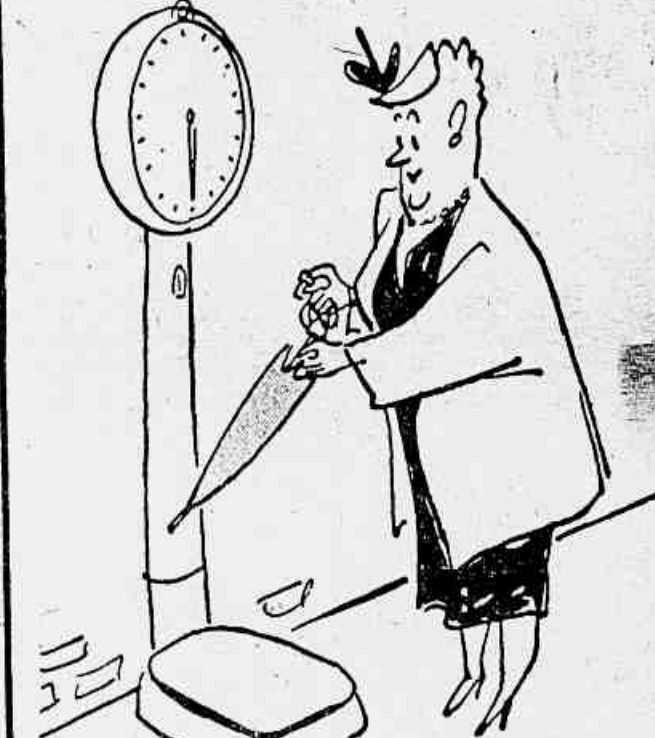
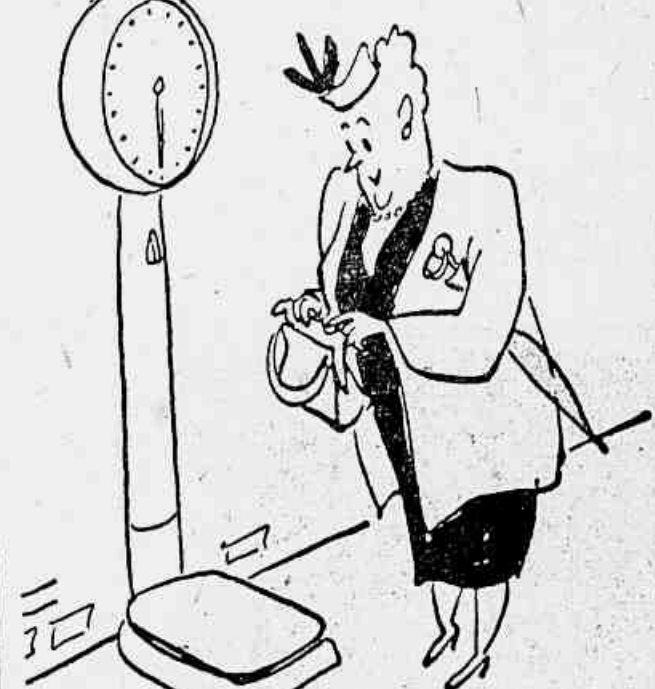
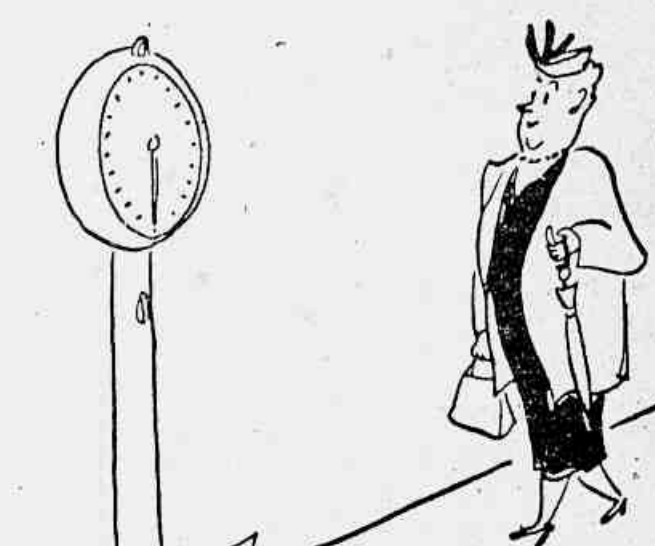


Detalhes da pôpa do "Magdalena". é o que êstes dois flagrantes apresentam

BOM HUMOR



— Por favor, Miss Tobin, só mais uma vezinha!



NA CABEÇA... Um maestro novo, algo inexperiente, queria, de qualquer maneira, dar uma impressão de capacidade perante os componentes da orquestra que ele regia pela primeira vez. Assim, tendo descoberto um erro de impressão na parte do segundo oboé, em uma das peças que iam tocar, não disse nada até que a orquestra atingiu o ponto onde havia o erro. A seguir batendo fortemente na estante, fez parar a orquestra. E disse, emproado:

"Na 12.^a pauta do alegre, o segundo oboé deu uma nota cheia quando devia ser natural".

Viu, porém, que um dos músicos levantava, tímidamente, a mão e perguntou: "Que é isso?"

"Maestro", disse o músico, o segundo oboé não veio hoje.



— Vamos Miquelina, resolve logo, casa ou não casa?



— Não, muito obrigado, eu não fumo...



Amanhecia. Na ponte de comando do grande transatlântico "Madalena", o oficial movia o timão olhando as luzes dos faróis que guarnecem a entrada da Guanabara.

Por trás dos altos picos e cabeças da Tijuca, o fulgor das lâmpadas do Rio chamavam a atenção dos quatrocentos viajantes que vinham do sul para o Norte.

Levantando-se cedo para admirar, às primeiras horas do dia, sob o esplendor de um sol tropical em manhã fria de abril a chegada ao Rio, muitos viajantes protegidos com seus capotes, japones e cache col, olhavam entusiasmados a magnitude da entrada da mais bela baía do mundo.

Ao levantar, já o clarão anunciador do sol começava a tingir de púrpura as nuvens esparsas pelo céu, enquanto o mar rebolhava a aproximação do dia luminoso.



O COMANDANTE LEE

Mas, inesperadamente, grande choque sacudiu todo o navio. Os que estavam despertos, se alarmaram; os que dormiam, se ergueram a indagar sobre o que se passava.

A tripulação do barco, porém a todos acalmava, avisando que havia perigo, embora se munissem com os seus salva-vidas. O navio encalhara nos parais das Tijucas. A terra estava próxima e o porto do Rio, a seis milhas, sendo fácil o salvamento de todos.

Momentos depois, a Marinha de Guerra do Brasil acorria com a maior solicitude e procurava aproximar-se do transatlântico montado nas pedras submersas.

Entre todos aqueles habitantes permanentes e transitórios do palácio flutuante, um deles estava sentindo o acidente como se fora uma punhalada em seu próprio coração; era o Comandante D. R. Lee.

Tudo o que se passou daí por diante, foi um martírio para o velho marinheiro britânico. Era sua última viagem, um prêmio que lhe conferiram. Depois, a aposentadoria e, em casa, narraria aos seus descendentes, histórias do Mar e suas aventuras. Agora, este episódio trágico. O velho lobo do mar emudeceu. Tinha o coração partido em dois, como símbolo do naufrágio do seu Madalena. Todo o povo do Brasil acompanhou o Comandante Lee em sua imensa dor, tornando-se o motivo de todas as palestras.

Agora começaram os inqueritos, em número de dois. Um, aqui; o outro, na Inglaterra. São dois Tribunais Marítimos, segundo as Leis.

Antes de julgarem esse herói, envelhecido nas lutas do oceano, sem um deslize, lembrem-se os Juizes daquelas palavras de Cristo diante dos apedrejadores de Madalena:

"Quem nunca pecou, atire a primeira pedra".

Por tudo isto, tornou-se o comandante Lee, a personagem da semana.

a Semana EM REVISTA

ERRO CONCIENTE Toda vida se comemorou o descobrimento do Brasil a 22 de abril, data exata desse acontecimento. Com a reforma do calendário Juliano pelo Papa Gregório XIII, quase um século depois do nosso descobrimento, e como, com isso, houvesse um avanço de dez dias, acharam que a data desse evento teria que ser também deslocada. Como, porém, o cálculo caísse no dia dois de maio e a três era o dia da invenção da Santa Cruz, nada mais natural, embora abusivo, do que oficializar o dia 3 de maio, homenageando o descobrimento e a Santa Cruz. Até aí dois erros deliberados: nada tinha que ver o 22 de abril de 1500 com a reforma do calendário gregoriano, em 1582. Porém mesmo que tivesse, cairia a data reajustada no dia dois de maio, nunca a três. Mas não ficou apenas nisso. Nunca houve descoberta do Brasil. O que houve foi descobrimento. Não se deve confundir um vocábulo com o outro. Pode haver descoberta da pólvora, descoberta do vidro, do pneu, enfim tudo o que se confunde com invenção voluntária ou involuntária. Descobrimiento é palavra que tem outro sentido e quer dizer que uma coisa que já existia foi descoberta. Houve descobrimento do Brasil e não descoberta, porquanto o Brasil não veio à luz deste mundo por artifícios de inventores. Estes é o outro erro deliberado, voluntário, conciente acerca de nosso 22 de abril ou 3 de maio, como queiram. E ainda há outra circunstância que condena a data de 3 de maio como a do nosso descobrimento. Se o calendário gregoriano tinha que incluir no nosso 22 de abril, por que motivo não o fez com o 12 de outubro, descobrimento da América? Não ocorreu também antes daquela reforma? Antes do 22 de abril de 1500? Merece, pois todos os anos a decisão da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal, mandando comemorar o 22 de abril, restaurando a verdade histórica.

CÂMBIO NEGRO Na semana que se foi, registrou-se um fato bastante comentado, especialmente entre as donas de casa, entre as mães de numerosa prole, que vivem a lutar por um quilo de carne. Foi aquele anúncio estampado no "Jornal do Brasil", em que um cidadão de nome Paiva de tal, oferecia seu acougue entre Ramos e Bonfucco, por 150 centos de réis, com franco mercado de câmbio negro. A maior segurança do negócio era a situação privilegiada do acougue, absolutamente fora da fiscalização, como asseverava o vendedor. E dizia que desejava passar diante pelo fato de não ser do ramo. Paiva não era acougueiro. Com certeza se dedica a outros negócios mais lucrativos do que vender quilos de carne a preços acima da tabela, na maior impunidade. Todo mundo que leu o atrevido anúncio, ficou pasmado diante de tamanha ousadia. Não sabemos se os membros da chamada Economia Popular mandaram até Paiva um emissário para comprar-lhe o acougue e depois levá-lo, tranquilamente, para a cadeia. O assunto, parece, morreu entre os comentários jocosos de alguns, o espanto dos comentários da imprensa e as lamentações de este mundo está perdido das mães de família que desfalecem nas filas desde a madrugada. Mas, leitor amável, o comércio de câmbio negro aqui e por todo este país é uma instituição poderosamente organizada. Vejam o caso das tinturarias. Foi tabela a lavagem e passagem de um terno de casemira, por 16 cruzeiros. Mas, se a Economia Popular telefonar para qualquer uma, sabendo do preço, os donos responderão: vinte! O freguez fica com um talão sem preço; se quiser pagar os 16 cruzeiros, ficará lavando sua roupa na pia, pois nenhuma tinturaria receberá mais ternos desse indesejável...

DIREITO DE MATAR Reuniu-se, à semana passada, o Tribunal do Juri desta capital, sendo submetido a julgamento um réu acusado de crime de morte. Foram dois os seus advogados. As provas dos autos lhe eram favoráveis. A defesa seria fácil. Os jurados conheciam do fato, e também achavam que o criminoso agira em legítima defesa. Porém, por mais estranho que pareça, os defensores do homicida não tiveram necessidade de destruir os itens do "libelo acusatório" organizado pelo Promotor de Justiça, simplesmente porque... a palavra de S. Excelência foi um hino de louvor à atitude do matador. Ao que parece, não é fácil de encontrarmos nos anais do Tribunal do Juri Popular, exemplo semelhante. Embora não seja obrigatória a acusação e o pedido de condenação contra certos tipos de criminosos primários não resta a menor dúvida de que ao Promotor de Justiça não cabe a iniciativa de defender o réu como fosse o seu próprio advogado. Por mais justas que sejam as causas de um crime de homicídio, há sempre a figura do delito inscrita no Código Penal, como um atentado contra a segurança social, um mal produzido na sociedade humana com efeitos danosos às pessoas que vivem sob a proteção do assassinado, ou que ao mesmo se uniam pelos laços do parentesco. A justificação de que o réu eliminou uma vida porque não havia outro jeito, é recurso de advogado, nunca do promotor público. Se o exemplo começar a ter seguidores, não é mais necessária a nomeação de defensores de réus de crimes de morte neste país, pois caberá ao próprio acusador que representa a sociedade ferida, o dever de restituir criminosos à liberdade, consagrando-se o direito de matar. E tal conceito, numa cidade como esta, em que se mata gente a todo momento, é alarmantemente perigoso.

INVENTÁRIOS Havia um cidadão em certa cidade do nordeste, homem de sólidos recursos, que sempre dizia aos seus intimos: "quando eu chegar aos cinquenta anos, faço uma repartição de todos os meus bens, dou a cada filho uma parte dessa divisão e vou tratar de gastar o resto". E explicava: não tenho receio de que haja briga entre os meus herdeiros. Só tenho medo da demora do inventário. Na verdade, não há maior tragédia no foro brasileiro do que esse processo nas sucessões. Embalde os juizes se revoltam contra as manobras de interessados na protelação dos feitos. Inutilmente advogados procuram resumir as causas ao estritamente legal para que os herdeiros necessários entrem na posse dos bens da partilha. A lei que nos rege parece ainda que está a serviço das velhíssimas ordenações dos Afonsos dos Felizes, dos Manuels. Agora mesmo, nesta nobre e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, o dr. Sady Cardoso de Gusmão, juiz da Primeira Vara de Orfãos e Sucessões, iniciou uma vigorosa campanha contra os indecorosos processos de retardamento nos inventários em curso como se viu pelo despacho que deu no processo do inventário dos bens deixados por Henrique Carneiro. Para que o leitor veja como é torturante o assunto, um entre milhares por esse Brasil a fora, vamos transcrever as próprias palavras do magistrado: "O presente inventário está muito retardado. Uma lástima. Já desde muito deveria ter sido destituído o inventariante, o qual, de posse dos bens os desfruta a seu modo. Aproximando-se o fim, ao invés de promover as medidas para terminação do feito, levanta novas questões a importarem reforma do cálculo com a perda de mais alguns anos de trabalho. Os herdeiros estão envelhecendo sem solução alguma da herança que lhes cabe: o inventário está em curso há mais de vinte anos". E demitiu o inventariante nomeando um outro, judicialmente.

O ESPANTO DO PADRE Está entre nós o ilustre sacerdote católico, padre Manoel Lima, prior da Freguesia de S. Julião de Monte Trigo, em Portugal. Aqui veio para levantar recursos destinados à construção de algumas creches em freguesias sob seus cuidados, na Arquidiocese de Évora. Falando a alguns colegas da imprensa carioca, manifestou-se o padre Lima surpreendido com as incongruências dos católicos brasileiros em relação à forma de aplicação de sua fé religiosa. A esse respeito, porém, acha ele que brasileiros e portugueses são bastante semelhantes, uma vez que lá em Portugal, se verifica a mesma coisa. Na verdade, se o padre Manoel Lima teve oportunidade de percorrer os subúrbios e mesmo o centro desta capital no dia de São Jorge, terá observado que milhares e milhares de pessoas não rendiam homenagens ao Santo Cavaleiro, o vencedor do Dragão, e sim a Ogum, meu Pai! Quem é Ogum? Um orixá que nos veio com os negros africanos. Aquele tempo, como era natural as autoridades policiais e eclesiásticas proibiam e combinavam severas penas a todo aquele que rendesse homenagem a imagens da África fetichista. Ora, os negros escravos não podiam, do dia para a noite, abandonar seus ídolos e passaram então a usar o processo de aculturação religiosa, transferindo para os santos católicos as características pessoais dos deuses negros. Dá-se a esses fenômenos o nome genérico de ecletismo religioso. Mas não ficou somente nisso. Com o intercâmbio entre brancos e índios, a população mestiça que surgiu passou também a venerar deuses brasileiros! Eis o motivo por que nos "gonças" de muito grã-fino do Rio e d'outras capitais, se processam liturgias de Umbanda com santos da Igreja Católica... e se vêem desfiles nas praças e encruzilhadas do Distrito Federal.

FÔRÇA PRÁ BURRO É comum, entre vizinhos ou colegas do mesmo ofício, disputar-se a supremacia de força física, especialmente em cidades do interior, onde os disputantes tiram dúvidas nas "quedas de braço" sobre o balcão da botica ou do armário de seu Moisés. Aquele que triunfa, passa a ser olhado com admiração pela meninada e, se tem namorada, esta se enche de orgulho. Mas o caso mais recente e original veio de Porto Alegre. Julio Nacolodi e Artemio Chesini, são agricultores. Um dia discutiram, porque desejavam saber quem tinha mais força. Nada como uma aposta. E surgiu o meio de resolver: cada um buxaria uma carroça carregada com cinco sacos de milho, somando cada uma oitocentos quilos, e na distância de cinco quilômetros. Juntou gente para ver o original torneio. Atrelaram-se os desportistas aos varais de seus veículos e iniciaram a prova entre aplausos da assistência. Artemio Chesini, ao chegar ao quarto quilômetro, já estava ofegante, trocando as pernas cansadamente, mal se sustentando em pé; mas o seu contendor Julio Nacolodi, lípido e troteando para a meta final lá todo lampel com um aranco de nove minutos sobre o outro. E venceu brilhantemente a disputa, sacando-se debaixo de aclamação geral, mais forte fisicamente do que o outro. Uma pergunta da intimidade do vencedor lhe perguntou que tal achara a prova, e ele disse, sem nenhum intuito de trocadilho: "isso é força prá burro!" Este o segundo torneio que se trava em Porto Alegre, para medir forças musculares e resistência cardíaca. Faz pouco tempo, o duelo foi entre um vegetariano e um carnívoro. O da carne venceu a corrida. Que sistema de alimentação seguirá o Nacolodi? Seria bom que os médicos investigassem...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 19 — 7-5-1949

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-présidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930 e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00

Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149. Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino" à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 815-2º andar, sala 217 - Tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434 Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-press" - Florida 299 - Tel. 32. Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Concorda a Rússia em levantar o bloqueio de Berlim, mediante uma reunião das potências ocidentais para discussão completa sobre a questão do governo da Alemanha. Em virtude de dificuldades na construção de um super-porta-aviões para a esquadra norte-americana, pediu demissão o secretário da Marinha. Em mensagem ao Congresso, o presidente Truman pediu uma verba de cinco bilhões, duzentos e setenta e dois milhões e duzentos mil dólares para empréstimos durante quinze anos às nações do Pacto do Atlântico. Continua em discussão a questão das colônias italianas. O general Clay mostra-se cauteloso em face da atitude russa no caso do levantamento do bloqueio de Berlim. Churchill exige o reforço da frota de guerra inglesa no Extremo Oriente, e ataca o bombardeamento de belonaves inglesas pelos comunistas chineses. Prosseguem os comunistas chineses em sua tentativa para cercar a grande cidade de Changai. Continua no Congresso Legislativo do Rio o debate sobre questões de petróleo. As potências ocidentais responderam às ofertas da Rússia para levantamento do bloqueio de Berlim, parecendo que tudo se encaminha para uma solução pacífica. O governo espanhol fechou várias igrejas protestantes patrocinadas pelos ingleses daquele país. Está virtualmente concluída a venda ao Brasil das estradas de ferro "Leopoldina Railway" e "Great western". Foi proclamada a República Soberana e Independente da Índia, mas continuando como membro da Comunidade Britânica. Vai reunir-se em julho próximo o Conselho de Ministros do Exterior, quando serão debatidos os assuntos referentes à situação da Alemanha. Encalhando nos parais das Tijucas, a poucas milhas do porto do Rio, ao ser rebocado para o cais, parte-se em dois pedaços o grande transatlântico "Madalena", da Marinha Mercante inglesa. Os chineses comunistas apontam a Inglaterra como sendo a culpada do conflito entre fortalezas e navios de guerra britânicos. Políticos tchecos anti-comunistas fizeram todos os esforços para depor o atual governo de seu país, desistindo da tarefa. Provocou sensação no Congresso da Paz em Paris um delegado inglês, ao perguntar se os demais desejavam a paz na China, respondendo todos "que não". A suspensão do bloqueio de Berlim chegou agora a uma questão de detalhes entre a URSS e as potências ocidentais. As forças de Chiang-Kai-Shek estão dispostas a fazer de Changai a Stalingrado da Ásia, resistindo ao exército comunista até a última gota de sangue. O ministro das Forças Armadas da Rússia, Vassilevski, falando por motivo da passagem do primeiro de maio, aludiu aos perigos de uma nova guerra. Verificou-se vultoso roubo no Corpo de Bombeiros do Rio, no valor de 480 mil cruzeiros. Procederam-se no Rio a várias comemorações à data do Trabalho, com diversas inaugurações no Rio e Niterói, tendo falado aos trabalhadores o sr. presidente da República. A Assembléia das Nações Unidas aprovou, por 34 votos contra 6 e 9 abstenções, a proposta boliviana que protesta contra as violações dos direitos do homem. O Quartel General de Mac Arthur em Tóquio recomendou que os norte-americanos fiquem em suas casas por ocasião das celebrações do primeiro de maio pelos comunistas japoneses. Todas as tropas britânicas em Berlim e as forças policiais dos setores ocidentais estiveram de prontidão no 1º de maio. Foram coroadas de êxito as experiências com os novos carros de luxo da Central do Brasil, adquiridos nos Estados Unidos, para as novas viagens entre Rio e S. Paulo, e, depois, para Belo Horizonte. Continua invicto o "team" brasileiro no Campeonato Sul-Americano de Futebol. Foi inaugurada no Galeão a nova estação de passageiros das linhas internacionais da Panair, com a oferta de brindes, um aperitivo e almoço a jornalistas do Rio e S. Paulo. Dois jovens franceses escreveram ao "Diário de Notícias" pedindo que patrocinasse sua vinda da Tunísia para o Brasil, onde desejavam fixar residência e dedicar-se às suas profissões de montador de rádio e pintor-decorador. Foi confirmada a constitucionalidade do imposto sindical. Estão vigilantes os inquilinos diante da nova Lei do Inquilinato. As esquadras dos Estados Unidos e da Inglaterra se afastaram para águas neutras da zona de Changai, em virtude do cerco dos exércitos comunistas contra essa cidade e seu porto. Houve em Londres e outras cidades inglesas manifestações públicas contra os comunistas em virtude da troca de tiros entre a artilharia comunista e os navios de guerra da Inglaterra.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

O "CINEAC TRIANON" E O "MAGDALENA"

É digno de especial registro o magnífico esforço da "Cineac do Brasil Ltda." filmando, como filmou, para apresentar ao grande público do "Cineac Trianon", à avenida Rio Branco, todas as cenas da tragédia do "Magdalena".

Estão de parabéns os diretores daquela entidade em face dos ótimos resultados que obteve com rapidez e técnica.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

FREI GABRIEL TELLEZ (TIRSO DE MOLINA) e CERVANTES EN EL BRASIL

Conferência e estudo de **JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES**

São Paulo 1949

Obra, portanto, de exame, apreciação, comentário e, ao mesmo tempo, de síntese.

Não faltam por aí as dissertações em que o palestrador — e, em certos casos, mais adequadamente diríamos "palrador" — se expande, distende e espalha, a apresentar documentos e pormenores, com preocupação semelhante à do discípulo de Apelles, recamando a sua Vênus de gemas opulentas. E outras vezes, e-lo que, devendo tratar da glória alheia, antes, pelo esforço de imaginação e rebuscamento do estilo, cuida e faz questão da sua própria. Dêsses inconvenientes, esse senão vindo da afetação e da vaidade, se soube livrar o autor da presente conferência, no seu gênero e dentro do seu objetivo, excelente. O sr. José Carlos de Macedo Soares quis dizer o que era exato e necessário, e, com perfeito deprendimento pessoal, perfeita isenção de ânimo, o conseguiu. História resumidamente — bem entendido — as origens, tendências, manifestações e realizações daquele que havia de dotar o teatro da sua pátria de tantos dramas e comédias memoráveis, entre eles a magnífica, suprema criação "El burlador de Sevilla y el convidado de piedra": D. João. E' nesta obra máxima que o sr. Macedo Soares insiste. Exa o tipo, o modelo em que tantos autores se inspiraram, no teatro como na poesia; e faz desfilar por diante de nós os D. João mais célebres, como o de Molière e o de Byron, e aos quais, há cerca de vinte anos, se veio juntar "l'Homme à la rose", de Henry Bataille.

A conferência do ilustre acadêmico oferece, com a justeza dos conceitos e a propriedade da linguagem, grande variedade de elementos valiosos. E o mesmo se pode dizer do estudo "Cervantes en el Brasil", inserto no "Boletín de la Academia Argentina de Letras" e do qual tomamos a liberdade de traduzir esta passagem capital:

"Ninguém pode deixar de ver em Cervantes, no Brasil como no resto do mundo, uma fonte inesgotável de inspiração e ensinamento. Grande escritor, homem verdadeiramente de gênio é aquele que alimenta com a sua obra, não apenas a própria geração mas também as que lhe sucedem e exercendo igualmente a sua influência benéfica nos simples e nos poderosos, nos pobres e nos ricos, nos que vivem anonimamente na sombra e os que mais brilhantemente se distinguem. Já houve quem dissesse que a Bíblia e "D. Quixote" eram os dois livros mais lidos no universo. Podemos estar certos de que o público de Dante, Shakespeare, Camões, Molière, e até o de Victor Hugo ou Dumas não é tão grande como o de Cervantes. Além de haver penetrado em todos os países, "D. Quixote" se tornou, nas nações latino-americanas onde se fala o castelhano, tão amado como na própria Espanha. E' a obra-prima da língua."

MEU CÉU INTERIOR

Versos de **J. G. DE ARAÚJO JORGE**
Prefácio de **POVINA CAVALCANTI**

Editora Vecchi
Rio de Janeiro 1949

dêste conceito máximo na sua obra. E' um caso, como tantíssimos outros, na moderna indústria editorial, de publicidade. E, num ante-prefácio — o prefácio é do sr. Povina Cavalcanti — declara o artista de "Meu céu interior" que, revendo agora estes versos para a segunda edição, "não pôde deixar de sorrir", pois encontrou em "quase todos uma infinita ingenuidade" — tanto assim que lhe custou "crer que pude se tê-los sentindo e imaginando". Nem tanto ao mar nem tanto à terra! Os louvores e a divulgação então alcançados e agora esta reedição bem mostram o valor do livro e a justiça que lhe foi feita. Assim ele vingou, está perdurando.

Esta conferência sobre Tirso de Molina foi feita na Academia Brasileira de Letras, em celebração do terceiro centenário da sua morte. Tinha que ser um trabalho limitado, a fim de caber nos sessenta minutos habitualmente marcados para tais leituras, mas suficientemente exposto para que nada de principal ou dominante deixasse de ser assinalado na vida e na obra do glorioso autor.

E sempre servirá para, além de atestar um talento raro de discussão, recordar as virtudes daquela estreia, bem como o prestígio do sonho jovem que a inspirou. Todos os livros que depois vieram inevitavelmente confirmaram o que aquele primeiro prometera; e de certo os que hão de vir lhe não farão esquecer o merecimento nem o bom êxito. O volume traz, na primeira página, este soneto-dedicatória:

Este meu livro é todo teu, repara
que éie traduz em sua humilde glória,
verso por verso, a estranha trajetória
desta nossa afeição clemente e rara!

Beijos! Saudade! Sonhos!... Nem notara
tanta coisa ainda na nossa história...
E este verso — e a feliz dedicatória
onde a minha alma inteira se decantara...

Abre este livro... E encontrarás então
teu coração de amor rindo e cantando,
cantando e rindo com o meu coração...

E, se o leres mais alto, quando a sós,
e como se estivesses me escutando
falar de amor com a tua própria voz!

O FEIJÃO E O SONHO

Romance de **ORIGENES LESSA**

Coleção Saraiva
São Paulo 1949

algun dia, se lhe pudera chamar — da boemia esmeralda e mais ou menos genial. Extinguiam-se as rocas de café, com as intermináveis sessões de cavaqueira, revolta social, maldicência e anedota; reuniam-se, para além daqueles círculos cada vez mais restritos, não interessavam a ninguém. O audível malograva perdendo irremediavelmente o prestígio e a voga. Prosadores ou poetas sem editor, sem jornal e por mais enérgicos de talento que se sentissem, começavam a envergonhar-se daquela existência de atropaliação e penúria. As "cavações", os "diados", os empréstimos sem garantia nem prazo para os quais se empregavam os sinônimos de giria: "mordicela", "tiro", "facada"; os outros expedientes até certa época admissíveis caíam em desuso, como a cartola, o traque, as poeiras, os coletes vistosos, outros acessórios do maquiagem. O personagem macabro, sempre escarnecido, que se denominava "cacáver", revestiu-se de dignidade e assumiu direitos, a fim de ser, para os homens de letras como para toda a gente, o credor. Mas do que produzir maravilhas de imaginação e de arte, interessava agora ganhar simplesmente a vida. Os afilhados de Apoio não se contentavam com a sua coroa de louros; e o que sobretudo lhe reclamavam era o pão de cada dia. Bem entendido: nada disto quer dizer que o herói de "O feijão e o sonho" seja falso, mas apenas que é doutro tempo.

O herói, pobre herói, chama-se Campos Lara, é professor particular e faz versos. Faz mais versos do que outra coisa. Por isso leva e faz toda a gente levar uma vida desgraçada. A esposa não sabe como se avir entre as exigências da filharada e as contas dos fornecedores. A miséria longa à porta e dir-se-ia que só espera algum momento mais propício para entrar decisivamente. Campos Lara tenta resistir refugiado no seu sonho, dentro daquilo que outrora se chamava Torre de Marim. Oega, porém, o dia em que para não arriar de tudo, tem que transigir. Entra para a imprensa tornando-se "um trabalhador quase anônimo de jornal". Apesar do êxito em certa época obtido como romancista da moda, do momento, perdeu o gosto das letras e da companhia dos literatos. Só penava na família sacrificada, no tempo que lhe roubava, fazendo versos. Se o arrependimento vale-se... Um dia, porém, vem ter com ele o filho primogênito que tem evidentemente alguma coisa a dizer-lhe mas hesita, como envergonhado ou receoso. Traz na mão um papel manuscrito. São versos. "Uma bobagem", diz o rapaz; no entanto pede ao pai que leia e dê a sua opinião sincera. "Prestam? Continuo?". E esperava, ansiosamente.

"Campos Lara sorriu. E, batendo um cigarro, o pensamento melancólico no vazio da vida, ficou olhando o filho, sem achar a resposta."

Tal, nas suas linhas gerais, o romance do sr. Origenes Lessa, traçado num estilo largo e rápido, flagrante nos diálogos e sempre insinuante.

E AS ORDENS VIERAM DE MOSCOU

Resenha e comentários de **ORLANDO RIBEIRO DE CASTRO**

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro 1949

Assim se documentou e orientou acerca das pessoas, os fatos e todas as circunstâncias que com tal questão se relacionaram. Como magistrado, investigador, considerou e fez o seu juízo. Bem antes, porém, desses trabalhos a questão do comunismo no Brasil lhe merecia especial estudo e reflexão.

O livro recorda a data precisa em que, no Brasil, surgiu, como organização, como agremiação, o Partido Comunista. Foi a 25 de março de 1922. O que até então existia eram elementos avulsos, dispersos e como a prole de quem os coagiasse. Não recebiam ainda ordens concretas e diretas de Moscou, mas a propaganda vinha por todos os paquetes, sem barreiras nem pelas de espécie alguma. As livrarias lançavam à vontade as obras do gênero, em traduções pessimas mas suficientes para, enquanto se esperasse a ação decidida, ir produzindo o seu efeito ideológico. As bancas de jornais regorgitavam de opusculos nacionais e estrangeiros; certas estações de rádio, a diversos pretextos, sob diversos aspectos, era literários era informativos, continuamente pregavam o credo bolchevista; o cinema atraía multidões de adeptos já entusiasmados ou cidadãos simplesmente curiosos de ver as coisas "de perto", lá na Rússia, e como se as litas não fossem sistemática e minuciosamente preparadas para uso externo; e havia ainda o sistema de insinuação que vai de indivíduo a indivíduo, espalha boatos, faz promessas, deixa prever a vitória certa e próxima, garante vantagens maiores, aquelas que mais cedo e mais ativamente se pronunciavam... E' a chamada infiltração. O sr. Ribeiro de Castro põe em paralelo a marcha comunista no mundo e especialmente os seus processos e resultados dentro do Brasil. Em capítulos e subvisões metódicas, estabelece os pontos consideráveis do recrutamento e da disciplina: os comícios francos e as reuniões a portas fechadas; os boletins de profusa distribuição; os planos de perturbação dos serviços, alteração da ordem, "sabotagem", "grève", tudo quanto pudesse constituir tumulto, ameaça, contusão — e o sistema se completava, naturalmente, com o recurso de tudo se atribuir a governantes, dirigentes, autoridades. O livro, que vai a duzentas páginas, sempre expedito e metódico, dá a impressão de nada deixar por mencionar ou esclarecer. E um facto apêndice dá, entre outros documentos, copiosa relação das "células e comitês criados pelo Partido Comunista do Brasil no Distrito Federal, no prazo de um ano, durante a legalidade".

RECEBIMOS:

Kriterion, revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais e cujo conselho de redação se compõe dos srs. Arthur Versiani Velloso, J. Lourenço de Oliveira, Eduardo Frieiro, Emílio Moura e Mário Casasanta. O presente número, que correponde aos meses de julho a dezembro de 1948, insere, além da seção "Notas de livros", por vários colaboradores, trabalhos assinados por D. Beda Kruse, O. S. B., e Alexandre Correia, Arthur Versiani Velloso, Nicolau Goetzé, Iago Pimentel, Orlando M. Carvalho, Arduino Bolívar, J. Lourenço de Oliveira e Eduardo Frieiro. Belo Horizonte, 1949.

Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e os Jesuítas, opusculo de cinquenta e seis páginas, o qual, além de uma nota preliminar, contém os discursos de Joaquim Nabuco no Centenário de Anchieta, em 1897, e de Rui Barbosa no Colégio Anchieta, em 1903. Publicação da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1949.

Revista da Academia Paulista de Letras, de que é diretor o sr. René Thiollier, secretário perpétuo, havendo uma comissão de redação composta dos srs. Ottoniel Mota, Casiano Ricardo, Menotti del Picchia e Rubens do Amaral. O presente número, 45, ano XII, contém, além de uma conferência do sr. Altino Arantes e da profusa seção "Notas diversas", trabalhos em prosa ou verso, assinados por Guilherme de Almeida, Américo de Moura, Lourenço Filho, Castro Nery, Afonso de E. Taunay, René Thiollier, Cláudio de Souza e mais, em publicação póstuma, um trecho de romance de Mário de Andrade.

A Bahia foi uma espécie de mãe criadora e civilizadora das outras capitanias. Se estas se dividiram mais ou menos ao mesmo tempo no papel das doações de D. João III, se Pernambuco e São Vicente foram logrando o seu desenvolvimento à parte, criando a sua riqueza e a sua devida prosperidade, sabe-se do destino precário da maioria, pela desventura, falta de animo ou fraqueza económica dos donatários. De qualquer modo, como sede do governo central unico e posteriormente da parte norte da Colônia, a Bahia foi mira de direção, de autoridade e ajuda de todas elas.

A Paraíba foi uma das doações reais abandonadas e por isso mesmo um poço de corsários e aventureiros, especialmente de franceses que talvez por mais de vinte anos ag estivessem, senão em fundações sólidas, mas, na camaradagem dos matos, em tentativas diversas para a exploração das matas e o comércio de pau-brasil. Eles, de certo, mais do que os tabajaras, provocavam os receios da vizinhança incomodada de Pernambuco e as providências militares da Bahia.

Foi o celebre assalto aos selvagens ao engenho fortificado de Diogo Dias, nas margens do Goiana, que determinou as primeiras expedições.

O rei havia ordenado para S. Salvador, a Luiz de Brito e Almeida, ir atacar os franceses na Paraíba. O capitão-general encarregou da empresa ao dr. Fernão da Silva, ouvidor geral já em missão em Pernambuco. Este organizou tropa em Olinda, investiu sobre as matas paraibanas, mas não podendo topar a resistência foi forçado a fugir. Sua viagem mal parada só teve a vantagem de revelar a Luiz de Brito os recursos e perigos da aliança de índios e franceses da Paraíba que Fernão da Silva informou devidamente. O governador-geral então imaginou ir em pessoa defender naquele teatro melindroso os interesses da Corôa. Convocou a nobreza da capital, organizou uma expedição de vulto, mas as tormentas do mar o fizeram retroceder com grande cansaço e desânimo.

Seguiram-se no exterior, afetando os cuidados e os recursos guerreiros do Brasil, a aventura infeliz de d. Sebastião na África. Só anos depois, quatro anos depois daquela primeira tentativa de conquista, em 1578, outro governador-geral da Bahia, Lourenço da Veiga, mandou que o capitão João Tavares fosse levantar um forte na ilha da Cambôa. João Tavares foi, viu, mas não venceu. Com muito jeito e cautela, tolerado pelos índios, demorou algum tempo no porto do rio, que se ficou chamando Porto de Casaria. Mas, abandonado e sem recursos, recolheu silenciosamente a Olinda.

Nesse interim, ocorrera a absorção de Portugal pela Espanha. Estava nomeado governador da Paraíba, com a obrigação de conquistá-la e o direito de possuí-la por dez anos, um comerciante rico chamado Frutuoso Barbosa, o qual foi confirmado por Felipe II e bastante lutou para captar a sua concessão das mãos de índios e franceses. Veio em 1582 e com auxílios de Pernambuco demandou a Paraíba, empenhou-se em combates, fez presas no rio. Obrigado a recuar, com perda de elementos e a dor da morte de um filho, apelou para a Bahia, onde governava Manoel Felix Barreto.

Foi sob este que se deu a designação do ouvidor-geral Martin Leitão para dirigir as lutas da conquista da Paraíba, fazendo quartel general em Olinda.

Esta capitania e a de Itamaracá, interessadas na segurança de suas fronteiras, davam a maioria do elemento humano em todas as expedições. Mas as ordens, as figuras de direção, os recursos monetários, vinham do governador-geral da Bahia.

Foi esta a influência do foco mater na fundação da célula real da Paraíba.

★

A Bahia continuou a projetar-se sobre a nova capitania nas relações de ordem geral da defesa do Brasil. Em 1608, depois da divisão do país em dois governos-gerais, Diogo de Menezes visitou as capitanias do Norte. Na Paraíba, mandou reparar a fortaleza de Cabedelo. Além de não haver desaparecido o perigo dos franceses, a Corte espanhola começava a suspeitar das intenções da Holanda sobre o Brasil.

Na tomada de S. Salvador em 1624, sendo Matias de Albuquerque, governador de Pernambuco, o sucessor de Diogo de Mendonça Furtado no governo-geral do Norte, mandou que Antônio de Albuquerque, governador da Paraíba, fosse capitaneando os socorros enviados à Bahia. Partiram então forças paraibanas, havendo referências de que nestas já figurava como soldado o futuro herói das reações triunfais de Guararapes, André Vidal de Negreiros.

Em 1611, já então com um nome, se achava este em Lisboa e depois de se entender com D. João IV, o rei da restauração da independência de Portugal sobre a Espanha, volta ao Brasil acompanhando o governador-geral do Norte, Antônio Teles da Silva. O papel posterior do grande paraibano, de certo em conspiração com o rei e o governo-geral da Bahia, é do domínio da guerra da expulsão dos holandeses.

Quanto à influência da direção religiosa da Bahia através de seu bispado, pode-se dizer que foi direta até 1614 quando se criou a prelazia de Olinda, abrangendo Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte.

★

Outra influência da Bahia se escreve no capítulo das bandeiras e da guerra contra os Janduis, na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII.

OS BAHIANOS E O NORDESTE

De CELSO MARIZ

(Da Academia Paraibana de Letras)

Especial para REVISTA DA SEMANA

A Casa da Torre, como alguns capitães paulistas de que Domingos Jorge, Moraes Navarro e Abreu Soares foram os mais célebres, atravessou o território da Paraíba de lado a lado pelos sertões de além Borborema. A Casa da Torre, que nesta ação visava sobretudo o alargamento e segurança de seus domínios, tomou conta e obteve título legal de imensos tratos da Paraíba. Do assento das sesmarias, consta a posse de diversas no rio Piranhas e na serra de João do Vale, dos atuais municípios de Souza, Pombal e Brejo do Cruz. Wanderley Pinho cita no livro "História de Um Engenho do Recôncavo", (1946, pág. 233), baseado no conhecimento do livro de João Lira "Apontamentos para a História Territorial da Paraíba", de 1910. Foram concessões dos governos de Antônio Borges da Fonseca e José Henrique de Carvalho. Numa delas se alude a descoberta e posse de mais de quarenta anos pelos Rocha Rita Deus Dará, descendentes dos Garcia d'Ávila. Comprovam-no ainda, além do escritor paraibano Maximiano Machado em "História da Província da Paraíba", publicada em 1910, Afonso E. Taunay, na "Guerra dos Bárbaros", (separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo — 1933) e Pedro Calmon na "História da Casa da Torre" (José Olimpio Editora — Rio, 1939).

A própria família Oliveira Léo, que domina o drama da conquista dos sertões paraibanos depois de 1699, é originária da Bahia. O principal desta família de sertanistas, Teodósio de Oliveira Léo, principal pelo variado



Um aspecto do Castelo de Garcia d'Ávila, referido no texto

e complexo papel que representou, teria vindo quando da rebelião dos Janduis, como capitão de tropa da Casa da Torre ou do governo-geral, cujos interesses se confundiam nessas lutas contra os índios, que chamavam civilizadoras e em benefício de el-Rei e da Cristandade.

Parece que Teodósio parou primeiro no Piancó, onde a Casa da Torre, por conquista ou concessão de governador-geral, era senhora das terras que povoava de fazendas e distribuía em arrendamentos por intermédio de seu vaqueiro João Medrado.

Teodósio instalou-se de vez na Paraíba onde em 1697 se oferecia ao governo de Manoel Soares de Albuquerque para ficar a serviço da Capitania, organizando uma bandeira que incorporasse ao seu governo os sertões de Cariri-Velho e além Borborema. Desempenhou de fato esse papel, varejando todo o interior paraibano do Pilar aos confins. Capitão-Mór de Piancó e Piranhas, acabou grande conquistador e potentado, matando

e aldeando índios, obtendo numerosas sesmarias, desde os Brejos ao Cariri-Velho e ao alto Sertão, para si e para a grande família que fundou através de dois matrimônios e juntos com seus irmãos Antônio e Pascoal de Oliveira Léo. Passou de simples mandatário da Casa da Torre a dominador pessoal de terras e gentes, por processos que a mentalidade atual condena "inlimine" mas não pode deixar de compreender naqueles tempos ao mesmo passo torvos e heróicos.

Nos meados do século XVIII era procurador da Casa da Torre para gerir as fazendas do Piranhas, o capitão João Miranda. Quando se quis levantar em Souza, cerca de 1740, a primeira capela, foi ele quem assinou, em nome daquela potência latifundiária, a escritura de uma légua de terra em doação à N. Senhora dos Remédios. Em 1755 houve dúvidas quanto a legitimidade da doação. O fabricante (procurador da santa) foi à Bahia e trouxe a confirmação da dádiva piedosa, da parte de d. Inácia Pereira. E' isto o que reza a crônica local. D. Inácia, filha de Tomé Pereira Falcão se casou com o terceiro Garcia d'Ávila em 1707. Em 55 o dono principal da Torre era o quarto Garcia, filho do quarto Francisco Garcia d'Ávila, menino, neto de d. Inácia. Mas esta ainda viveria, pois se casara aos 14 anos de idade e teria parte no imenso domínio dos Ávila.

★

Se nos remotos tempos coloniais foram aquelas as influências entre a Bahia e a Paraíba, outras, também claras e vastas, se verificam nos movimentos preparatórios e consagratórios da Independência nacional e através do Império e da República.

Em 1817 foram muitos os paraibanos presos nos cárceres da Bahia, pagando à justiça do Rei e ao zelo perverso e minucioso do Conde dos Arcos o sonho ainda fugidito da liberdade. Alguns aí pereceram de amargura. Outros, como Joaquim Manoel Carneiro da Cunha e Francisco Xavier Monteiro da Franca, vieram a desempenhar papel saliente na política do Império, aquele como deputado à Constituinte e a diversas legislaturas da Câmara temporária e o último, que já fora deputado às Cortes de Lisboa, como presidente da província da Paraíba no ministério da maioridade de Pedro II, em 1840. Ambos haviam sido companheiros de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, com quem aperfeiçoaram a cultura nos serões literários que se permitiram na prisão quando o Conde de Palma substituiu o dos Arcos.

Na luta da Independência, a Paraíba esteve ao lado da Bahia contra Madeira e Melo, figurando na pressão vencedora de Pirajá com 200 soldados que enviou ao mando do capitão Teodoro de Macêdo Sodré e que se incorporaram no Recife ao batalhão pernambucano do Cel. Barros Falcão.

Na Monarquia, presidentes da Paraíba que também exerceram a mesma delegação na Bahia foram Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, Antônio da Costa Pinto, Ambrósio Leitão da Cunha (depois barão de Mamoré), Venâncio José de Oliveira Lisboa, João Capistrano Bandeira de Melo e Francisco Paes Barreto.

Diversos baianos governaram a Paraíba, ocorrendo-nos os nomes do Cel. José Tomás Nabuco de Araújo (1832), Antônio da Costa Pinto. E um paraibano governou a Bahia, o Conselheiro João Rodrigues Chaves, em 1884.

A guerra de Canudos, onde se combateram o fanatismo e a desordem, sem que a gente se possa orgulhar da chacina contra irmãos afastados pela diferença de cultura, o batalhão da Paraíba era o 27.º de Infantaria, sob o comando do coronel Inácio Henrique de Gouveia, que de S. Salvador em diante passou a comandar a 2.ª Brigada, constituída pelos 16.º, 25.º e o mesmo 27.º, coluna do general João da Silva Barbosa, na expedição Artur Oscar.

Entre os paraibanos que ali perderam a vida nomeiam-se o capitão Nestor Vilar Barreto Coutinho, fiscal do 5.º Regimento, o tenente João Carlos Pereira Ibiapina e o Alferes Antônio Rogers. Foi um paraibano, o então tenente e general há pouco falecido, José Luiz Barreto de Vasconcelos, que ficou a bandeira nacional, como símbolo da vitória do exército, no topo da igreja nova do Conselheiro.

No domínio da cultura científica e da mentalidade política tem sido grande sobre os paraibanos a influência da Bahia, através da sua Faculdade de Medicina e de seu meio social. Manoel da Silva, o abolicionista que libertou o município de Areia antes do 13 de Maio, iluminou-se quando na capital bahiana fazia o curso de farmácia. Sá Andrade e Lima Filho, republicanos históricos e ambos depois deputados federais pela Paraíba, foi na Bahia que conquistaram os títulos científicos e completaram a formação mental. Sá Andrade foi ferido na cidade de S. Salvador num "meeting" republicano de Silva Jardim.

Embora a primeira educação e as sugestões da vida local, o sofrimento dos negros nos engenhos e a mesquinhez dos partidos provincianos possam ter dado inspiração para uma receptividade fácil, o que alargou o horizonte desses homens foi a atmosfera intelectual e política da Bahia, onde se verificava reação monárquica e escravagista, mas eram maiores a tradição e a floreação literária.

Não caberia tratar aqui de outras influências exercidas por grandes baianos. Bento Lisboa, indicando a D. João VI a abertura dos portos, os Ferreiras França com

(Continua na pág. 54)

Seeds QUEIMADOS

CAPÍTULO XIV (Continuação)

— Não vá agora para casa, Jennifer, pois iria chorar toda a noite — diz o pintor amavelmente, voltando ao seu trabalho de pintura. — Mas não chore mais aqui. Eu tinha minhas suspeitas. E que fez você com o rapaz que era um marido infeliz?

— Não! — apressou-se ela a esclarecer. — Não era casado. Ele gostava muito de mim. Nós nos amávamos mutuamente... Eu me sentia tão feliz! Foi aí quando ele acabou... Nunca pensei que fizesse isso...

— Foi um erro — disse o pintor com voz grave.

— Bem sei que fiz um erro — confirmou ela com voz fatigada. — Sempre vi isso. Mas... que quer? Eu o amava tanto! Sei que é uma espécie de loucura. Mas... que fazer? O jeito agora é esquecer...

— Oh! Decerto... E' preciso controle — diz Monty para consolá-la. — Sei que você se fez algo de mal foi porque teve a intenção de assim chegar ao fim. Conheço um camarada que deixou o colégio graduado com excelentes notas e todas as honras de ótimos exames finais. Entretanto seu sucesso foi o fruto de uma fraude. Ele havia descoberto os pontos de exame com duas semanas antes das provas e se preparara para isso. Um ano depois ele revelou ao seu diretor o que fizera. Mas o diretor do colégio apenas lhe respondeu: "Ao conferir-lhe o grau, nenhum mal fiz a mim ou ao meu colega. Você será o único a sentir tudo isso depois".

— E nada fizeram com ele?

— Claro que não. E' ele hoje um homem mais ou menos conhecido e o convidam para falar em jantares de fraternização. Depois é que iria ver. Eu me assombrava ao pensar como ele chegara a se graduar. Depois, subitamente, disse Monty: — Digo-lhe agora o seguinte: tive um pai muito bom. Parece que ainda o vejo no seu paletó de alpaca, silencioso, na loja de bujingas. Seu sonho era o de possuir, um dia, um estabelecimento de livros de segunda mão. Pois bem: eu herdei certa importância, como já lhe contei, e fui logo correr mundo, pintar em Paris, e eis tudo. Eu poderia ter ficado para ajudar o pobre velho em sua loja. Mas isso nunca me ocorreria. Nunca me passou pela memória colaborar com ele, ajudá-lo a arrumar a casa, as vitrinas. Quando embarquei ele veio trazer-me a bordo, dizendo-me com sinceridade: "Monty, eu o felicito". Vi coisas estranhas. Andei pelo mundo, enquanto ele vivia na sua modesta lojinha. Depois desperdicei meu tempo em Manilha, Tóquio, Singapura. Ao chegar a Trieste recebi um telegrama de casa: "Sua mãe ansiosa pede notícias. Papai". Eu ainda não havia escrito. Então escrevi uma carta. Achei essa carta em meio de papéis após a morte de meu pai. Era um bom amigo, um bom velhinho que teve no seu filho sua maior aventura... E aí tem toda esta história.

— Monty, os jovens são assim como você foi — disse Jennifer com vivacidade. — O que fez não foi por mal. Estava com o sentido em seus planos. Seu pai deve ter compreendido bem!

— Sim, Jinny, penso que ele compreendeu bem. Talvez não houvesse nada tão mal como, por exemplo, falsificar um nome ou pôr veneno no chá de alguém, etc. Porém é difícil esquecer. Nem eu, nem você, Jinny...

— Não... — respondeu ela tristemente, olhando vagamente, com seus olhos jovens, mas com um trágico brilho. — Não, Monty, você não esquecerá.

— Tenho pensado milhares de vezes

nestes últimos anos — continuou ele — naquela tarde em que me ausentei pela primeira vez. Vi meu pai depois disso. Eu estava ainda em casa, é claro. Ficara muito orgulhoso de verme ganhar prêmios escolares, e um quadro meu reproduzido nos jornais. Mas também previu que eu ia deixá-lo, muito em breve. E foi aí que perdi minha chance. Meu dever era o de ter ficado ali, colaborando, aumentando nosso negócio, em Sutter Street, como sempre me sugeria.

Rememorando essas coisas, ele voltou a trabalhar atentamente no seu quadro e a assobiar suavemente. Depois falou:

— Devemos lavar do espírito essa sorte de coisas, Jinny, se somos mais fortes. Devemos seguir para a frente, com cautela, prudentemente.

Jennifer suspirou a pleno pulmão e murmurou:

— Oh! Se devemos...

— Mas é esta a história dos mais fortes povos do mundo, sua louquinha. Não daqueles que nada têm que lamentar.

Monty se estendeu em considerações filosóficas, no que era proficiente e loquaz. Jennifer passou a rir com muita graça diante do que seu amigo ia dizendo, como se fosse uma criança com quem se falasse

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã, vivia em casa de sua madrastra Betty, com as duas filhas menores desta. Empregara-se numa firma de contabilidade, quando conheceu Sidney Borrows, moço de família rica e de posição elevada. Notando que essa amizade não ia adiante, Jennifer provocou um encontro com ele, resultando daí um afastamento mútuo. Numa festa íntima em casa de uma colega sua, de nome Mollie, Jennifer conheceu Eugene Evans, irmão de sua amiga, ficando o mesmo apaixonado por ela. Entretanto, como Jennifer ainda estivesse com o pensamento em Sidney, não aceitou a proposta de casamento com Eugene. Uma noite, inesperadamente, quando Eugene palestrava com Jennifer em casa de Betty, aparece Sidney, desaparecendo Eugene, que, em seguida, é atropelado por um auto e morre no hospital, tendo Jennifer ao seu lado. Dias depois, Jennifer trava conhecimento com um novo amigo, o pintor Montgomery Smith, seu vizinho, com quem inicia estudos culturais, sem maior interesse em virtude da diferença sensível de idade. Jennifer, uma noite, lhe faz confidências e cai em pranto, recordando-se da morte trágica de Eugene, pois o pai dele julgava que o filho se suicidara por sua causa.

para provocar o riso. Depois ele tornou:

— Você ainda ama aquele homem?

— Oh! Não. Eu o odeio. Mas... não sei. Quando ele voltou a ver-me, pareceu que eu o odiava — disse ela mais animada. — Pedi que não mais viesse ver-me; porém não lhe disse que não mais me falasse. Nem mesmo sei o que fiz. As vezes fico assim como quem ainda espera, sentindo saudades dele...

— Há quanto tempo foi isto? Nunca mais o viu?

— Há mais de três meses. Nunca mais o vi.

— E... gostaria de vê-lo novamente, Jinny?

— Penso nisso, às vezes — respondeu com simplicidade. — Acho mesmo que gostaria de vê-lo uma vez mais. Não para fêrmos amigos novamente; não quero dizer isso; porém... gostaria de que me visse...

— Rica e feliz com um grupo de admiradores em seu redor — completou o pintor advinhando-lhe o pensamento.

— Justamente. Penso que é este o meu desejo.

Jennifer fora descoberta em seus próprios pensamentos íntimos pela acuidade e perspicácia de Monty. Ele lhe falara com tal firmeza e profundidade que ela não pudera esconder o que estava a pensar, mas hesitando em revelar. Depois concluiu:

— Deixar que ele me visse tão feliz como ele também se pudesse julgar, sem estar triste por coisa alguma. — Depois, porém, mudando de tom, ela disse tristemente: — Mas... não. Não quero vê-lo novamente, nunca mais. Isto é o que, na verdade, penso e desejo.

— Espero que seja assim mesmo — disse Monty. — Eu desejaria encontrá-lo, e ter com ele uma pequena conversa, dizer-lhe o que penso dele. Bem; tudo isto passará. Já são nove da noite e você precisa descer para sua casa. Quer minha lâmpada para alumiar o caminho?

— Oh! Não é necessário. A luz do luar está muito clara. Estarei aqui, Monty, às dez e meia do próximo sábado, para ajudá-lo nos serviços de recepção de seus convidados.

— Conto com você, Jinny.

Ele a acompanhou até a porta do estúdio. Ali, sob o tóldo, havia duas ou três velhas cadeiras de jardim. Quando estava à entrada de sua escada, subiu a uma das cadeiras e lhe fez sinal com a mão, enviando-lhe adeus. O céu estava inundado pelo luar, mas havia grandes nuvens que, por vezes, faziam sombra. A atmosfera estava abafada. O pintor olhava a figura cativante de Jennifer. Seguiu-a até o trajeto com os olhos, até que a viu sumir-se. Quando ela já não mais o via, modulou notas da ópera "Louise", conhecida de ambos, e ele, de lá, a acompanhou, completando o solfejo.

Certa vez ele lhe dissera: "Quando você, algum dia, estiver na ópera de Milão, de Berlim ou de Nova York

Barker, um cidadão barbudo, escultor, vinha de jaqueta de pintor e de calças. Mary Holley, uma linda mulher de origem cigana, vestia pijama florido e um casaco oriental. Eliza Pettigrew, com seus 40 anos, estava também trajada de maneira elegante, com bolero no vestido de musselina enfeitada com medalhas de ouro, colar de coral e de chapéu. Por fim chegaram os Carterets. Ele era alto, moreno, cabelos bem tratados, usando óculos, com aspecto de um catedrático. Com ele veio Julie. Tinha ela seus trinta anos, esbelta, alta, gordinha, cabelos vermelhos, rosto protegido pelo creme, olhos castanhos. Lindas mãos, deliciosa voz, sempre com um sorriso. Sua simpatia era irresistível. Encheu a morada do pintor de entusiasmo e alegria. Quando soube que a salada tinha que ser feita por ela, riu jovialmente, amarrou um avental e meteu mãos à obra, misturando hortaliças, ovos, azeitonas, etc.

Quando estavam todos à mesa, Jennifer não deixava de admirá-la à luz ambiente, e notou que Julie era como que indiferente à sua própria beleza, uma mulher encantadora. Era natural, sem afetação, simples como uma criança de três anos de idade.

Após o serviço da mesa, fez-se um círculo e a palestra começou muito animada. Em seguida Monty perguntou o que desejavam ouvir de música. — Vamos ouvir "The Pines of Rome"! — exclamou Julie lá de sua poltrona.

— "With the Nightingale"! — opinou Jennifer, não sem lançar um olhar interrogativo para Monty. Mas este já estava com o disco na mão. A música começou a encher de harmonias o ambiente e tudo ficou no mais completo silêncio. Ao lado de Monty um conviva que apareceu ali como sendo seu sobrinho. Ele também rebuscava discos para a vitrola. Para maior efeito da música, diminuíram a iluminação. Jennifer julgou que poderia ficar ali por toda a vida, como se estivesse a atingir os mais sublimes sonhos.

Mas ao chegar a música no momento em que dobram os sinos da catedral, Jennifer, fazendo ligeiro aceno de cabeça, fuge dali e corre para sua casa com o coração repleto de emoção, a cabeça a girar... E' que ela havia combinado com Betty que seria a primeira a deixar a reunião do pintor.

Um dia disse Betty a Jennifer que tinha sido uma grande felicidade o haver a jovem encontrado Monty. Seu pai gostava muito dessa gente que trabalhava em laboratórios, que conversava, que tocava violino. — Nós tínhamos também um piano — lembrou-se Betty.

— Que idade tinha você, Betty, quando casou com papai?

— Perto de dezoito.

— E que idade tinha ele?

— Já lhe disse, Jinny, uma centena de vezes, que ele tinha então cinquenta e quatro.

— Sim, é exato, sei disso. Mas quando você foi ficando mais idosa e começou a comparar as coisas, a idade das pessoas e a idade em que deviam casar, deve ter-lhe parecido uma desigualdade. Você o amou, Betty?

— Não tanto como a Clint; mas não fiz nenhuma asneira com esse casamento. Eu respeitava seu pai. Minha tia costumava cozinhar para sua mãe. Ela me encarregava de ir buscar você à escola todas as tardes. Quando sua mãe morreu, eu estava em Cloverdale. Mas quando voltei para Nevada City, fui ver seu pai e achei tudo numa enorme desordem. A tia Min também tinha morrido e ele estava tratando de normalizar as

coisas. Achei que devia ficar ali para ajudar seu pai. Preparei o jantar, tomei conta de você e tratei de pôr a casa em ordem.

Nesse interim minha mãe apareceu e então começou aí uma vida de inferno. Reprovava-me ela o estar em casa de um homem viúvo, e isso era terrível para minha reputação. Na manhã seguinte seu pai me perguntou se eu queria casar-me com ele. Respondi que sim, para dar uma boa resposta também à minha mãe.

Betty começou a rir e levou as mãos ao rosto.

— Julho que já estás em idade bastante para saber de tudo isso. Creio que, realmente, nunca cheguei a ser esposa de seu pai. Dormi sempre no mesmo quarto em que você dormia, e assim continuei. Creio que ele só me via e desejava como sendo a pessoa com quem contava para tomar conta de sua pequena, que era então você. Sempre tive enorme respeito por seu pai. Eu e você tínhamos nosso quarto; ele tinha o seu próprio. Estava pronto para ir a Buenos Aires integrando uma expedição científica, quando foi atingido pela influenza e morreu em dois dias.

— Talvez ele ainda amasse minha mãe — disse Jennifer.

— E' possível. Minha tia Min me dizia que ela era encantadora. Lembro-me de tê-la visto umas duas vezes; mas, como criança que era, não prestei muita atenção a isso. Ela também era bastante mais jovem do que ele, Jen. Bem... Eu quando fiquei viúva era mais moça do que é você agora. E se eu tivesse o bom senso de uma minhoca, continuaria viúva. Não queira casar-se tão cedo, Jen.

— Não me casarei, absolutamente. Quero possuir uma chácara toda branca. Casa branca, celeiros brancos, jardim de rosas brancas, duas vaquinhas brancas, um cavalo branco, um cão branco, um gato branco, pintinhos brancos, tudo branco. E nós só vestiremos branco — disse, por fim, a sonhadora. — Roupas de algodão bem brancas. Não permitiremos que nenhum homem se aproxime de nossa chácara, a uma milha de nossa porta.

— E'... Mas — voltou Betty — se você vai cuidar de seus pintos e criações, lavar pratos, etc., assim toda de branco, é preciso dispor de grande guarda-roupa. Quanto aos homens, fique certa de que eles afluirão à sua futura chácara como abelhas em enxame. Quanto mais você os enxotar para longe, mais eles teimarão em não deixá-la sozinha. Além disso, Jen, você não deve olhar a coisa assim com tanto medo. Os homens não te vão engolir... — terminou ela a rir diante da cara de espanto da enteada.

Jennifer sorriu, depois, vagamente. Ela não estava a pensar em homens. Pensava naquelas duas crianças, Faddy e Elna, filhas de Betty. Pensava como se iam arranjar com seus estudos, as lições, os momentos de doença. Quem ia limpar-lhes as unhas sujas e crescidas, quem ia dar jeito em suas "sweaters" amarrotadas, nas meias esburacadas. A vida delas devia ser alegre, indo ao cinema, lendo revistas infantis, saboreando chocolate e balas. Mas a vida era amarga, e as crianças só eram mesmo felizes quando dormiam. O mais, tudo era perigoso. Conversas à sua frente eram inconvenientes; a rua, um perigo; associações, também. A companhia de outras garotas era perigosa, pois que elas iriam trazer coisas ao conhecimento das filhas de Betty. Faddy, já com oito anos, começava a falar a respeito de garotos. Excessos de guloseima, de açúcar cândi, gorduras, parece que tinham alterado sua complexão. Elna, um ano mais nova, tinha olhar amortecido, tendências asmáticas. Que oportunidades poderiam elas ter, no futuro, para conseguir educação, cultura, encantos pessoais, com a chance de encontrar um bom esposo, ter sua casa, seus filhos?

Jennifer continuava a instruir-se nos cadernos de educação que lhe fornecia Monty, em cujas páginas ia escrevendo de tudo um pouco, naquele sistema a que dera o nome de "cápsulas de cultura".

Betty, porém, estava bem informada desse sistema e de seu objetivo. Ela o encarava com uma espécie de di-

vertimento inofensivo, mas de pouco interesse. Via que Jennifer recebia elogios de Monty e isso agradava à jovem.

— Você foi muito justa quanto àquela referência a Pippa, outro dia — disse-lhe Monty numa noite calma, de outono. Era mais uma palestra sobre assuntos literários.

— Lembro-me. Quando aquele homem chamado Sam disse que havia decidido parar com o auxílio às cunhadas todos os meses, e que sua filha mais nova surgiu e lhe ofereceu caramelos, sem que ele sentisse emoção, eu pensei comigo mesma: "Pippa está liquidado".

— Justamente.

— Oh! Bem... você sabe, pergun-

tei a Miss Drake na biblioteca o que era aquilo, e ela me deu o poema; eu o li e, mais do que isto, não compreendi nada do mesmo. Contudo, percebi a intenção.

— Sei. Você não percebeu, você sabe. Foi além das "cápsulas", avançou muito!

Jennifer sorriu.

— Não pode haver perigo em ir eu um tanto além. Procurei ler um outro poema de Browning, "Sordello". Mas não o compreendi em verso algum.

— Não foi a primeira. Dizem que ninguém os compreende; porém a primeira linha e a última, ambas não passam de mentiras.

— Oh! Que dizem elas, Monty?

— A primeira é: "Quem poderá ou-

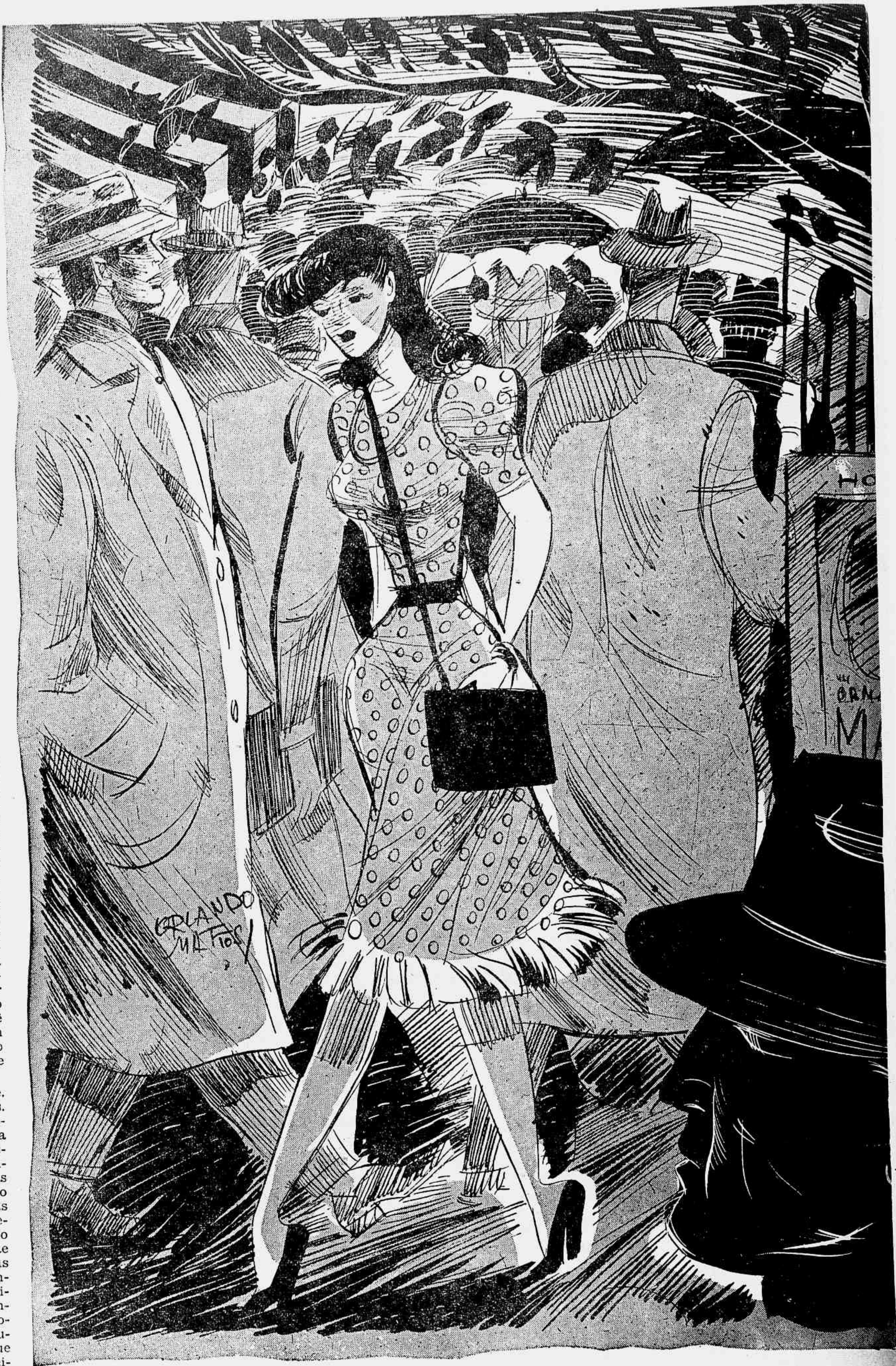
vir a história de Sordello"; e a última é: "Quem poderia ter ouvido a história que Sordello disse". Penso que isso é... — E mudando de tom: — Por que não leva o resto daqueles figos lá para sua casa? Estão sobrando aqui.

— Estava pensando... isto é, não pensava em levar para casa. Ia descer à rua e comprar alguma coisa para a ceia.

— Mas você voltará para cear aqui, comigo.

— Não, Monty, não posso vir hoje. Betty está esperando esta noite o sr. Clint Slade para conversar com ele, e me pediu que ficasse com as crianças.

(Continua na pág. 51)



A VIDA DE MENDEL

(GREGOR JOHANN MENDEL — 1822-1884)

Por

HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

NA primavera de 1850, Gregor Johann Mendel submeteu-se a exame para o cargo de professor de liceu em Altbrunn. Já ensinava como professor substituto havia algum tempo, mas estava ansioso por conseguir a efetivação. "O respeitoso signatário", escreveu no requerimento, "dar-se-ia por feliz se pudesse satisfazer os egrégios examinadores, e assim realizar a sua aspiração".

Mas Mendel não pôde satisfazer "os egrégios examinadores". Levou "bomba" em ciências naturais. "O candidato", escreveram os examinadores, "não domina suficientemente esta matéria para estar habilitado a ensinar nos cursos adiantados".

Derrotado na primeira tentativa, Mendel tornou aos seus compêndios e, vários meses depois, apresentou-se a segundo exame. Novamente os examinadores o reprovaram. "Esta folha de exame dificilmente nos permitiria considerar o candidato habilitado a ensinar mesmo nos cursos inferiores".

Tal foi o veredito das "autoridades" contemporâneas acerca da capacidade científica de um dos mais notáveis cientistas da história.

II

O malôgro de Mendel nos exames era devido à sua originalidade. Escrevia coisas que ficavam além da compreensão dos examinadores. "Este candidato", queixavam-se eles, "não atende à terminologia técnica. Usa termos seus e expressa idéias pessoais, em vez de confiar na ciência tradicional".

Mendel, porém, continuou a usar palavras suas e a exprimir idéias pessoais. Pois vinha de uma família tenaz e obstinada. Durante gerações, os Mendel tinham defendido firmemente os seus direitos. Em mais de uma ocasião haviam desafiado as autoridades que tentavam impor-lhes arbitrariamente a sua vontade. Estava na massa do sangue da família escolher uma linha de ação, ou tomar uma corrente de idéias, e segui-la até o fim, a despeito de todas as oposições e malôgros.

E a linha de ação escolhida por Gregor visava descobrir e revelar alguns dos segredos da natureza. Descobrir esses segredos, não nos compêndios, mas no coração da própria natureza.

O amor de Mendel à natureza, assim como a sua tenacidade, vinha-lhe de várias gerações de camponeses e jardineiros. Nascido na aldeia morávia de Heinzendorf, "a flor do Danúbio", desde cedo adquiriu o gosto pelo cultivo das plantas. Seu pai, profissionalmente um lavrador, era horticultor por inclinação. Mendel passou boa parte da sua infância cuidando das plantas do jardim paterno.

Cuidando das plantas e observando-as, adquiriu amor precoce ao estudo. "Que é que dá cor e forma às diversas árvores, frutas e flores?". Por sorte, pôde aprender algo acerca desses segredos na escola elementar. Foi a condessa de Waldburg, senhora do solar de Heinzendorf, insistira em que se introduzisse o estudo da natureza nos programas escolares do distrito. O inspetor de ensino, Pater Friedl, qualificava de "escândalo" esse estudo da natureza nas escolas elementares. Mas, felizmente para o futuro desenvolvimento de Mendel como naturalista, a condessa de Waldburg recusou-se a banir esse "escândalo" das escolas de Heinzendorf.

Em prosseguimento aos estudos elementares em Heinzendorf, Mendel entrou no liceu da vizinha cidade de Troppau. Cursos as seis classes do liceu a "meia razão". Pois seus pais não podiam custear-lhe três refeições diárias completas. Como resultado dessas privações adoeceu gravemente (em 1839) e viu-se obrigado a interromper os estudos por vários meses.

A pobreza e a enfermidade ameaçavam pôr termo definitivamente aos seus estudos, mas a sorte veio em seu auxílio sob a forma de um desastre para o pai. Em um dia de inverno, quando o pai de Mendel estava cortando uma árvore, o tronco tombou-lhe sobre o peito e esmagou-o parcialmente. Não podendo continuar a trabalhar na granja, vendeu-a ao marido de sua filha mais velha, Veronika, e dividiu uma parte considerável do produto da venda entre os outros dois filhos, Johann e Theresia. A quantia recebida por Theresia devia servir-lhe de dote, mas a generosa moça deu todo o dinheiro ao irmão. Encorajado por esse presente, Johann foi estudar filosofia no Instituto Olmütz e, depois de quatro anos de intenso estudo, enfermidades ocasionais e fome constante, ficou em condições de dedicar-se à carreira de sua vida.

Mas aqui se lhe apresentou um problema embaraçoso. Qual deveria ser a sua carreira? "Cumpre-me", escreveu, "escolher uma profissão que me liberte da continua ansiedade quanto aos meios de vida". Dirigiu-se a um de seus mestres, o professor Michael Franz, para lhe pedir conselho sobre a maneira de resolver esse problema. O professor Franz recomendou-lhe a vida monacal, como a mais adequada às necessidades do aluno. E assim, a 9 de outubro de 1843, Mendel entrou no convento agostinho de Altbrunn, tomou o nome de Gregor, e dispôs-se a seguir uma vida de devoção religiosa e labores práticos.

III

Pouco antes da chegada de Mendel a Altbrunn, organizara-se um jardim botânico no terreno do mosteiro, sob a orientação de um dos monges, o padre Aurelius Thaler, botânico famoso por sua vasta cultura, seu fervor espiritual e sua sede devastadora. O padre Thaler tinha o costume de rematar um dia de trabalho no jardim com uma noite de alegria na taberna. Contrariado com o excessivo amor desse frade ao vinho, o abade do mosteiro, padre Cyril Napp, decidiu certa noite aplicar-lhe uma lição. Vestindo todas as insígnias do seu cargo, sentou-se à espera do membro transviado do aprisco na guarita do porteiro.

Só a altas horas da noite o monge indisciplinado veio bater à porta do convento. A "taça que alegria o coração" tinha-lhe estimulado consideravelmente a imaginação, assim como a língua. Ao ver o seu chefe todo paramentado das suas "vestes celestiais", ficou por um momento aturdido. Mas prontamente recobrou a presença de espírito. Fazendo uma reverência profunda, disse ao abade: "Senhor, não sou digno de acolher-me ao teu teto". Depois girou nos calcanhares — e voltou para a taberna.

Esse alegre "afilhado de frei Tuck" morreu logo antes de Mendel entrar no mosteiro. Mas deixou, não só a recordação de um caráter jovial, como o legado de um jardim bem provido e cientificamente organizado. Para Mendel, o jardim foi um presente do céu. Ali passava todos os seus momentos de lazer, "observando as plantas e prestando-lhes cuidados desde a infância até a velhice". E Mendel não se achava desacompanhado no interesse pela botânica. Vários outros monges, também filhos de camponeses, participavam do seu amor à horticultura científica. Mendel via-se agora no meio de um grupo congenial — não apenas em temperamento, mas também intelectualmente. A noite discutiam teologia, literatura, filosofia, ciência, e às vezes até política. Pois estavam nos dias revolucionários do decênio de quarenta. Os homens franqueavam o espírito a novas idéias e o coração a novas visões. Mesmo na reclusão dos mosteiros essas idéias e visões novas começavam a lançar raízes. Alguns



GREGOR JOHANN MENDEL

companheiros de Mendel abandonaram o mosteiro pelo vasto mundo, pois preferiam combater a orar por seus semelhantes.

Quanto a Mendel, a corrente revolucionária arrastou-o por algum tempo, e finalmente deixou-o para trás. Mendel tinha mais de estudioso que de lutador. A despeito da sua tenacidade de camponês — tenacidade que veremos em ação nos seus últimos anos — era uma alma demasiadamente sensível para afazer-se aos choques e sangrias do mundo cotidiano. Não podia suportar o espetáculo do sofrimento. Tentou por algum tempo desempenhar as funções de cura, mas os seus superiores declararam-no inapto para esse mister. "pela razão de ser tomado de invencível angústia quando tem de visitar o leito de um enfermo ou moribundo... Na verdade, essa fraqueza fez com que adoecesse gravemente, e por isso julgamos necessário isentá-lo das funções de cura".

E assim Mendel voltou ao mosteiro e ao seu jardim. Mas vivia insatisfeito com a existência passiva da ordem monástica. Seu temperamento era enérgico de mais para a simples contemplação, e suspirava pela ação. Mendel pertencia a um tipo, não só receptivo, mas também pedagógico. Queria ensinar, assim como estudar. Candidatou-se a um posto de professor substituto no liceu local, e conseguiu-o a um salário de substituto — isto é, sessenta por cento da quantia paga aos professores regulares.

Seu trabalho no colégio era satisfatório, seu porte benigno, e seu procedimento "honroso — excetuando o fato de ter ido ao teatro em seis oportunidades". Sem embargo, as autoridades do colégio sentiam-se inclinadas a fechar os olhos a essa "aberração" de sua parte. No fim de contas, reconheciam, "ele nunca foi só ao teatro, mas sempre em companhia de algum dos seus colegas". A despeito de sua "predileção pelas mascaradas", concluíam os chefes, "é assaz competente para desempenhar o cargo de professor substituto".

De substituto, mas não de professor efetivo. Pois os examinadores, conforme já vimos, tinham decidido que ele era demasiado ignorante para incumbir-se profissionalmente da educação da juventude. Continuou como mestre "amador" até o fim dos seus dias.

IV

O ensino de Mendel não lhe embaraçava os deveres monásticos em Altbrunn. Continuava a viver no claustro e a cultivar as plantas no jardim. Era um homenzinho jovial, baixo e corpulento, de testa alta, boca larga e generosa, apetite sadio e riso franco. Seus olhos cinzentos azulados brilhavam através dos óculos com uma perpétua cintilação de cordial boa vontade. Era um espírito contente num mundo formoso. Entretanto, havia ocasiões em que o seu contentamento cedia à indignação. O mundo era formoso, mas o homem fazia o possível para afecá-lo. Os sonhos dos criadores eram frequentemente espeznhados pelas ambições dos destruidores. Os prussianos tinham invadido a Áustria (1866), e o seu jugo pesava sobre os habitantes da terra conquistada. "Os prussianos entraram em Brunn a 12 de julho", escreveu Mendel a seu cunhado Leopold Schindler, "e o aboletamento foi extremamente opressivo... Cavalos, vacas, carneiros e galinhas foram confiscados em grandes quantidades; o mesmo sucedeu às forragens e cereais — resultando daí que até os proprietários abastados se viram quase reduzidos à mendicância... Os soldados (invasores) ocupam as camas, ao passo que os legítimos habitantes são obrigados a deitar-se no chão ou a dormir no estábulo".

Mas o mal da invasão prussiana passou, e Mendel pôde continuar em paz o seu trabalho. Começava a interessar-se pelo cruzamento das variedades de ervilha. "E" nas coisas simples que aprenderéis a verdade". Mendel esperava aprender alguma coisa do segredo da hereditariedade humana pelo estudo da hereditariedade das plantas. "Como pod-mos explicar as múltiplas formas e cores dos seres vivos?". A fim de encontrar uma possível resposta a essa pergunta, pediu licença para usar um pequeno pedaço de terra no jardim do mosteiro, e tratou de convertê-lo num compêndio vivo. — Escolheu vinte e duas variedades de ervilha comestível — variedades que se diferenciavam entre si pela forma, tamanho e cor — e passou sete anos a cruzá-las e recruzá-las, anotando cuidadosamente os característicos dos "filhos".

E foram estes, em resumo, os característicos que descobriu nas sucessivas gerações dos "filhos do jardim":

1. Quando dois tipos diferentes de plantas (ou de animais) se fecundam entre si, toda a progênie da primeira geração será uniforme. A isso, deu o nome de lei da uniformidade.

Por exemplo, se cruzamos uma flor vermelha com uma flor branca, todos os descendentes serão cinzentos.

2. Quando se cruzam os descendentes uniformes da primeira geração, a progênie resultante não será uniforme, mas separar-se-á em tipos diferentes, de acordo com uma proporção numérica definida. A isso, ele deu o nome de lei da disjunção.

Por exemplo, se cruzamos as flores cinzentas nascidas do cruzamento entre a flor vermelha e a flor branca, obteremos os resultados seguintes:

De cada oito descendentes, duas serão vermelhas, duas serão brancas, e quatro cinzentas. O cruzamento das flores vermelhas dessa geração produzirá sempre flores vermelhas. O cruzamento das brancas dará flores igualmente brancas. Mas o cruzamento das flores cinzentas dessa geração, como o das flores cinzentas da geração anterior, dará em cada oito descendentes duas flores vermelhas, duas brancas e quatro cinzentas. E todas essas flores, por seu turno, atuarão de acordo com a lei mendeliana da disjunção. As vermelhas produzirão apenas flores vermelhas, as brancas darão apenas brancas, e as cinzentas darão flores vermelhas, brancas e cinzentas na proporção de duas vermelhas e duas brancas para quatro cinzentas. Essa lei da disjunção proporcional verifica-se em todas as gerações sucessivas da interfecundação de plantas, animais ou seres humanos.

O exemplo acima é uma exposição simplificada das leis mendelianas da hereditariedade. O cruzamento de dois tipos diferentes nem sempre dá origem a um tipo intermediário. Se, por exemplo, cruzarmos um cão preto e um fulvo, muito provavelmente obteremos uma ninhada, não de cães pardos, mas de cães pretos. Todos os cães dessa primeira geração, entretanto, serão uniformemente pretos, e todos os produtos do cruzamento entre eles serão divididos em pretos, fulvos e pardos, na proporção de dois e dois para quatro. Vigorarão sempre as leis mendelianas da uniformidade absoluta como resultado do cruzamento de dois tipos diferentes, e da disjunção proporcional como resultado da interfecundação dos tipos híbridos (ou cruzados).

V

Tal foi o plano matemático da natureza que Mendel descobriu nas leis da herança física dos seres vivos. Levou sete anos de paciente pesquisa para realizar essa descoberta. E o mundo levou trinta anos para compreender

(Continua na pág. 47)

VIDA LITERÁRIA



— Eu vim falar com o editor.
— A quem anuncio?
— Eu sou Constante Leitora.

A VENDA DE ORIGINAIS

Talvez ninguém saiba como é barato o original de um livro. Barato, bem entendido, aqui no Brasil. Basta dizer que João Ribeiro vendeu o seu "Curiosidades Verbais" a uma de nossas editoras pela miséria de 500 cruzeiros...

Por esse motivo não é de estranhar que muitos escritores vendam os seus originais a mais de um editor... Conta-se que Emílio de Menezes cometeu um desses crimes. Tendo vendido ao editor Francisco Alves a propriedade literária de suas poesias, logo depois vendeu a mesma a outro editor, o sr. Leite Ribeiro! Mas isso não foi invenção de nosso saudoso e insubstituível Emílio. Já o imortal Victor Hugo praticara o delito com os manuscritos de "Os Miseráveis", pois os vendeu também a dois livreiros.

DIFICULDADE DE TRADUÇÃO

Todo tradutor é traidor, já disse o brocardo italiano. E tem mesmo que ser assim, de quando em quando. Certo intelectual francês, fazendo a tradução de um conto brasileiro, ficou embatucado diante desse diálogo:

— Como se foi de pesca?
— Bem. Pesquei um pouquinho.

O tradutor mexeu e remexeu nos seus conhecimentos gramaticais e lexicológicos e, não acertando com a significação daquele verbo pescar em relação com o seu objeto direto, não teve dúvida e, num asterisco ao pé da página, esclareceu em letra de corpo miúdo:

(*) Pouquinho, uma espécie de peixe do Brasil.

ANTOLOGIA SOBRE AUTORES BRASILEIROS

O escritor norte-americano Samuel Putman acaba de ser beneficiado com uma bolsa de estudos pela fundação Guggenheim, e que tem por finalidade proporcionar-

lhe meios para a preparação de uma Antologia de Autores Brasileiros.

Putman, que já se vem dedicando ao Brasil e sua cultura, através da obra "Marvelous Journey", estudo de quatro séculos de belas letras no Brasil, está providenciando junto às entidades literárias do país no sentido de obter todos os elementos à realização de sua grande obra.

Samuel Putman é membro correspondente da Academia Brasileira de Letras, condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul, e ao mesmo devemos a versão de "Os Sertões", "Casa Grande e Senzala", para o inglês, o que muito contribuiu para maior divulgação desses dois famosos livros e do prestígio dos intelectuais brasileiros. Em virtude de sua dedicação ao nosso país, ocupa ele o lugar de presidente da Sociedade Cultural Brasileira, recentemente fundada em Nova York. Segundo o plano de Putman, a Antologia abrangerá o período que vai de 1918 a 1948, sendo uma continuação de sua "Marvelous Journey".

NOTAS LITERÁRIAS

Registra a nossa História um feito dos mais memoráveis e dignos da admiração dos brasileiros: as batalhas dos montes Guararapes, nas vizinhanças do Recife. A 19 de abril decorreu o aniversário da primeira dessas batalhas contra a ocupação holandesa. Muita gente ignora o fato. Desses, e daqueles que já se esqueceram do aprendizado nos cursos escolares, chamamos a atenção para o livro de Antônio Acauã, "Capitão de Emboscadas", obra em que se narram todos os feitos das armas pernambucanas daquela época de grandes lutas e maiores heroísmos.

Há, atualmente, grande número de obras sobre o Cinema, sua História, seu desenvolvimento até hoje; mas, dentre esses livros, um se recomenda pela sua atualidade: "50 Years of Film", de H. H. Wollenberg, com centenas de ilustrações e com um estudo crítico da história do cinema alemão.

Em face da crescente campanha nos Estados Unidos e noutras partes do mundo contra as historietas nocivas à educação e ilustração das crianças, foi instituída naquele país uma Associação de Editores de Historietas em Quadrinhos, que já iniciou os seus trabalhos, começando por organizar novos planos de literatura infantil, abandonando o sistema de aumentar a campanha diretamente, pela censura. Pelo que parece, dentro de pouco tempo, nenhuma editora dessas historietas em quadrinhos explorará assuntos de horror, crimes e outras misérias humanas.

CONFISSÕES DE UM ESCRITOR

Faz pouco tempo, um dos cinemas de New York estreou o filme intitulado "Quartet", produzido por J. Arthur Rank através da "Eagle-Lion", cujo argumento foi extraído de quatro pequenas histórias literárias do conhecido romancista W. Somerset Maugham.

Antes de ter início a projeção, a figura do escritor aparece na tela e ele se dirige ao público como se estivesse a conversar cordialmente. Que declara ele nesse antelôquio com os espectadores? Ape- nas o seguinte:

— De uma forma ou de outra, sirvi-me, sofredamente, em meus escritos, do que me ensinaram os aconteci- mentos de minha própria vida, em todo o seu curso. Algumas vezes aproveitei uma experiência própria, para dar vida a uma idéia, de forma que, o que tinha a fazer era apenas inventar os incidentes para ilustrar os episódios.

Outras vezes me servi de pessoas conhecidas, superficialmente ou intimamente e as empreguei como base de caracteres de personagens de minha criação.

Para dizer-lhes a verdade, o real e a ficção vivem de tal maneira intermitentes em minha obra literária, que agora, olhando para o passado, mui dificilmente posso distinguir uma coisa da outra.

Quando estava nos meus vinte e tantos anos, diziam os críticos que eu era brutal; ao chegar aos meus trinta e poucos, asseveravam que eu era petulante; ao atingir os quarenta e pouco, juravam que eu era um cinico; chegando aos cinquenta, passei a ser considerado competente; entrando nos sessenta e muitos, escreviam que eu era superficial. Mas, garanto, que sempre segui o meu próprio caminho com um encolher de ombros a respeito do que diziam os críticos, percorrendo a trilha que eu me tracei, procurando cumprir um programa de vida de acordo com um padrão de trabalho que eu mesmo organizara, para meu próprio uso.

Destarte, posso dizer e repetir que empreguei em meus escritos, sofredamente, tudo o que me aconteceu no curso de minha vida. E esta tem sido longa e muito variada (O escritor está com 75 anos).

Julgo ter aprendido um pouco sobre a natureza humana, explicando aos outros o que sei exata e honestamente, como eu mesmo posso entender. Vocês todos aí que formam o público, têm sido muito gentis para comigo; mas, cedo ou tarde, deveremos separar-nos quando chegar a hora. E espero que nossa despedida seja a de bons amigos.

COISAS DE INTELLECTUAIS

Plutarco, no seu livro "A Superstição", mostrou-se indignado com as abusões do povo e mesmo de gente culta, acreditando em superstições e alimentando fanatismos. Apesar de tanto se ter escrito reprovando tais costumes e tradições tão arraigados na alma do homem, não é difícil descobrirmos tais tolices mesmo entre pessoas da mais elevada educação. Contam que, certa vez, o grande Manoel Vitorino revelou que, se não devíamos crer em superstições, ao menos devemos respeitá-las. E confirmou a asserção em notável documento político.

Frederico, o Grande, não consentia que os seus es- quadros tivessem o número 13. De 12 saltava para 14...

Como esse Imperador, escritores da estirpe de Victor Hugo, Massenet, eram também desconfiados e medrosos em face do número 13. Os manuscritos de Massenet eram numerados sem treze. De 12 passava para 12 bis... A ironia da sorte vingou-se dele e sua morte ocorreu num dia 13 e no ano de 1912, cujos algarismos somados dão 13.

Para contrabalançar, há muitos intelectuais que julgam ser benéfica a influência do 13. Estão nesse caso Kistemaekers, Maurice Donnay, Richter, etc.

Refere Meira Pena numa das páginas de "O Mundo Anedótico" que, ao ser recebido pela nossa Academia de Letras, foi Anatole France surpreendido com a entrada de um bellissimo galo no recinto, e que, trepando a um daqueles espaldares de cadeiras ilustres, cantou vigorosamente. O fato provocou risos entre os imortais; Rui, porém, que ocupava no momento a tribuna como orador escolhido para saudar o grande visitante, virou-se imperturbável para Anatole France e disse com toda a sudez: "C'est le coc gaulois qui vous salue".



— Veja como já estou progredindo em telepatia: às sete da noite você janta e depois vai ao cinema

BETTE DAVIS

NÃO DEIXARÁ O CINEMA



O NOVO entendimento que Bette Davis teve com a Warner Bros. resultou numa série de boatos de que a grande trágica da tela estava cogitando em afastar-se do cinema. A verdade, no entanto, é que Davis renovou seu contrato com a marca dos Irmãos, onde vem atuando numa série de triunfos, desde sua estréia, em 32, e em condições muito mais vantajosas do que as que vinha gozando até aqui. O advogado de Bette declarou que, segundo seu novo contrato, ela receberá 150 mil dólares por película, e não será obrigada a tomar parte em mais do que uma por ano, estando, outrossim, com plena liberdade de fazer um filme anual para qualquer companhia. A primeira produção que a Warner tem na lista dos filmes escolhidos para miss Davis, foi baseada em uma novela escrita em 1948, e que foi um grande êxito de livraria. Atualmente Bette está descansando em sua elegante residência de Palm Beach, e a despeito dos muitos rumores que circulam acerca de suas desavenças com seu esposo William Grant Sherry, nem ele nem ela dizem nada, pois, ao que parece, suas briguinhas domésticas não são de tanta importância como o desejam aparentar os colunistas de Hollywood.

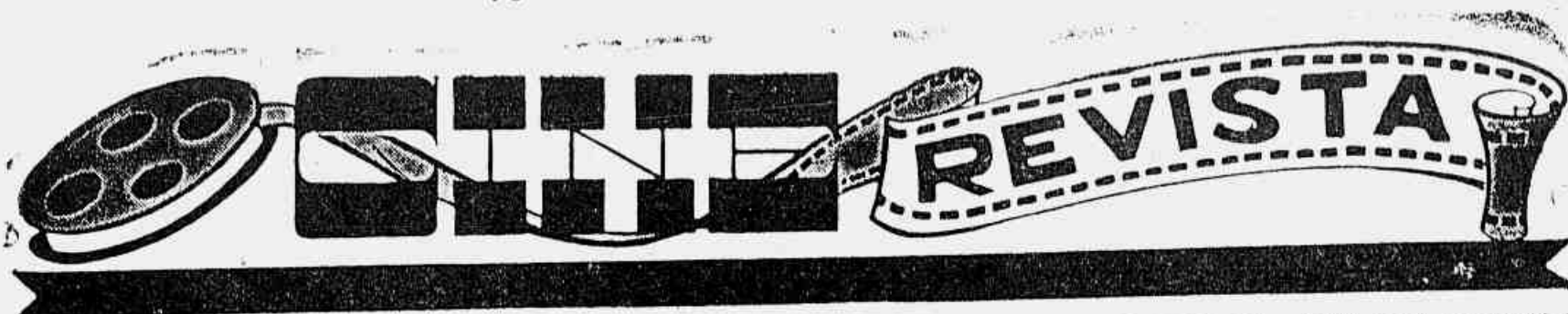
★

UM POUCO DE DANNY KAYE

O inimitável ator cômico, que vimos recentemente em "O Homem de Oito Vidas", da R. K. O., assinou contrato com a Warner Bros., ainda em 48, tendo já terminado sua primeira película para aquele estúdio. Todavia, Mr. Kaye não se dedica exclusivamente ao cinema, tendo obtido êxito em todos os setores de atividades das artes modernas, como o rádio, o teatro e a televisão. Recentemente, o Teatro "Roxy", de New York,



não fez economias quando o apresentou ao seu numeroso público, pagando-lhe nada menos de 25 mil dólares por semana. O "Roxy", que é o maior teatro do mundo, depois do "Music-Hall", ficou satisfeitos com os resultados, pois dada a popularidade de Kaye, o êxito de sua exibição foi tão estrondoso quanto os aplausos que obteve em sua sensacional temporada no Teatro Paladium de Londres. Atualmente, Danny está filmando sua segunda grande comédia para os estúdios de Burbank.



Por LEON ELIACHAR

SESSÃO ESPECIAL

"ESCRAVAS DO AMOR"

(DÉDÉE D'ANVERS — FRANÇA FILMS)

DÉDÉE — um nome fictício, uma vida fictícia. Mas ela tinha um verdadeiro nome e tinha também uma verdadeira vida. Atrás daquele sorriso, daqueles gestos alegres, estava todo o seu verdadeiro drama. Ela havia de representar para o mundo, havia de aparentar tudo aquilo que desejaria ser — mas que não era. Seu nome fictício criava-lhe outra personalidade, guiada pelo egoísmo, pelo amor próprio. Sua vida interior criava-lhe toda aquela falsa vida exterior. Por trás de um sorriso sempre havia uma lágrima. Mas quando chegaria a sorrir espontaneamente? Quando chegaria a sentir o sabor de um sorriso verdadeiro?

"Escravas do Amor" aborda o terrível drama de Dedê, uma mulher de vida fácil. Mas existem milhares de Dedês em todo o mundo, e suas histórias muito se assemelham. O filme não explora problemas de ordem social; tampouco se detém em análises sobre o agravante assunto. O fato existe, em todas as cidades do mundo, e focalizá-lo, com toda sua crueza, com toda sua realidade é, inegavelmente, uma obra de arte. Audacioso, chocante, revoltante, repulsivo, por vezes — ele não deixa de focalizar uma triste verdade, porque a história de Dedê é a mesma história de todas as meretrizes. Os motivos que levam as mulheres à prostituição são, via de regra, adesilusão e a ignorância, a precária educação para a arte de viver. Vêm-se invadidas pelo sentimento de egoísmo que as domina, que as prende, que as escraviza. Suas mentalidades mal formadas, desenham visões de um futuro claro e feliz, conquistado pela sua aparente emancipação. Os homens passam a ser meros objetos, simples joguetes que elas exploram à custa de fingimentos, de mentiras, de falsidades. Tornam-se, por isso, mercenárias do amor, vendendo o seu corpo — mas não a sua alma. Porque, em verdade essas mariposas têm um coração, têm sentimentos, vivem e respiram como todos os outros seres, têm também o seu sofrimento e a sua angústia, têm também o seu próprio drama — o mais pesado que uma mulher pode carregar. E por terem um coração, elas podem, algum dia, amar com toda sua alma, sacrificando tudo, como Dedê, por um amor espiritual.

O argumento de H. Ashelbe, responsável ainda pela louvável cenarização, é de uma sensibilidade extraordinária, de um poder profundo de observação, de um conhecimento seguro sobre a vida. A adaptação inteligente de Jaques Sigurd e Yves Alegret, o primeiro autor dos diálogos, o segundo, diretor da película, mantém-se fiel ao original, obtendo um cenário forte, vigoroso, de rara beleza. Yves Alegret, colocando sua câmera frente a frente com assunto tão delicado, enfrenta as situações mais difíceis com absoluta fidelidade ao texto, impregnando-lhe todo o realismo cru que a história original não dispensa. Alegret dá atmosfera ao filme, dá um sopro de vida naqueles personagens fictícios, transformando-os em verdadeiros seres humanos, apanhados dentro da própria vida cotidiana. Dir-se-ia mesmo que se trata de um filme semi-documentário, filmado nos próprios locais dos acontecimentos, tal a exatidão e a frieza com que são tomadas as cenas, tal a perfeição com que foram reproduzidos os cenários. Objetivando o "Big-Moon", um bordel situado na zona do cais, no porto de Antuérpia, Alegret nos faz compreender perfeitamente toda a sua vida anterior. Dedê é simplesmente a figura principal, que possibilita ao autor do argumento dissecar a vida íntima das mercenárias do amor. Figurando-a em primeiro plano, ele nos relata ainda a história do "Big-Moon", que poderia estar localizado em Paris, Algéria, Londres, New York ou Rio de Janeiro. Temos, portanto, um autêntico postal do ambiente do "bas-fond". As mulheres esperando a chegada dos cargueiros, de onde os marinheiros descerão à terra, em busca de um corpo de mulher... Para elas, a mesma rotina de sempre, a mesma vida monótona, mecânica, sem derivativos para suas almas prisioneiras de um destino cruel. Para elas, dança, bebida, música, uma pausa em suas existências agitadas como os vastos oceanos atravessados por suas embarcações...

Alegret focaliza o mundo do meretrício com absoluto senso de cinema. A imagem, sugestiva e pictórica em todas as cenas, lembra mesmo o cinema do grande Carné de "Cais das Sombras". Segue um ritmo sereno, lento, sem precipitações. Não foge à realidade um só instante. Não procura os fatos; antes, espera que estes venham ao seu encontro e lhes dá a plasticidade encantadora que envolve toda a obra. Sabe ser violento, como na cena da briga, no cais; impetuoso, como na expulsão de Marco do "Big-Moon"; enérgico e brutal, como na cena em que Marco queima Dedê, esfregando-lhe um cigarro aceso no seio; romântico e poético, como no primeiro encontro de Dedê com Francesco; sugestivo e realista, como na primeira noite que passam juntos, vendo-se apenas o rosto de Francesco sobre um travesseiro, em "close-up", e a mão de Dedê acariciando-lhe o queixo. Alegret explora o detalhe das mãos com uma habilidade única. O movimento dos dedos adquire um ritmo próprio, como que emanando uma música visual. Sua linguagem, inclusive nas cenas mais fortes, não perde nunca aquela suavidade que caracteriza seu estilo, aquela simplicidade de dizer as coisas, aquela sinceridade espontânea de revelar o íntimo dos personagens. Por isso mesmo, os tipos focalizados marcam de forma impressionante sua passagem pelo filme. O elenco é de primeira ordem: Bernard Blier, no papel de René, dono do "Big-Moon", está excelente; Simone Signoret (Dedê), lembra um pouco a Lauren Bacall do cinema americano, mas dentro de sua própria personalidade, com beleza e talento próprios, formando, ao lado de Michèle Morgan, Micheline Presle e Edwige Fautière, o nápe feminino de maior evidência e valor do moderno cinema francês; Marcel Pagliero, sugerindo a figura de Gabin, pelos traços fisionômicos semelhantes, marca bem o seu papel, vivendo com absoluta fidelidade o comandante de um cargueiro; Marcel Dalio, interpretando Marco, o homem que extorquia dinheiro a Dedê, que à força da brutalidade pensava tê-la acorrentada o resto da vida, está simplesmente magnífico. A fotografia de Jacques Bourgoïn pode ser incluída entre as melhores do cinema, não só pela nitidez como pela admirável composição dos quadros, com belíssimos ângulos, hábil movimentação de câmera e excelente inuminação nos cenários decorados por Wakewitch. Música de sentido altamente cinematográfico de autoria de Jacques Besse. Ressalve-se ainda os diálogos de Jacques Sigurd, curtos e incisivos, naturais e sinceros, eloquentes mesmo, tanto mais reais quando os personagens falam em vários idiomas: Inglês, francês e italiano. Temos, assim, um dos melhores filmes dos últimos anos. E Yves Alegret inclui-se, automaticamente, no rol dos grandes cineastas.



Loretta descansa alguns minutos lendo jornais, enquanto aguarda a chamada para entrar em cena

Loretta Young visita Lionel Barrymore e o diretor Henry Hathaway, durante a filmagem de "Capitães do Mar"

NAS TELAS

ZIEGFELD FOLLIES — Um "show" composto de vários quadros, em agradável technicolor, este filme prima pela ausência de argumento — embora isso não agrade à maioria do público. Vincente Minelli conduz a câmera com habilidade, oferecendo movimento e deslumbramento. Muita música e muita pequena bonita. Destacamos os dois quadros de Fred Astaire e Lucille Bremer: "Incidente em Londres" e "Este Meu Coração", o primeiro sublinhado por Limehouse Blues, o segundo por This Heart of Mine. No gênero, um bom espetáculo.

FANTASIA — A obra máxima de Walt Disney, reprisada em boa ocasião. O mago do pincel faz um casamento do som com a imagem, resultando numa obra prima do cinema. Músicas de Bach, Tchaikowsky, Dukas, Stravinsky, Beethoven, Ponchielli, Moussorgsky e Schubert, adquirindo formas extraordinárias através do colorido deslumbrante do gênio do technicolor.

O HOMEM DE OITO VIDAS — Comédia regular com alguns lugares comuns. Como sempre, Danny Kaye vale o espetáculo.

MURALHAS HUMANAS — Anne Baxter consegue sobressair entre os elementos do "cast" composto por Cornel Wilde, Kirk Douglas e Linda Darnell. Filme fraco, não merece sequer um comentário.

PIRATA DOS SETE MARES — Reprise injustificável.

UMA VIDA MARCADA — Renasce o gosto de Hollywood pelas histórias de "gangsters". O tema não é original, mas o tratamento de Robert Siodmak lhe imprime novas formas. Brutal e violento, o orientador de "Assassinos" consegue fazer um filme vigoroso, dentro de uma narrativa cinematográfica de primeira linha. Victor Mature, Richard Conte, Fred Clark, Berry Kroeger e outros compõem o "cast", seguro e eficiente. Seguindo o processo criado por uma série de semi-documentários ("O Beijo da Morte", "O Justiceiro", "13, Rua Madeleine", etc.) as cenas filmadas "in loco" nas ruas de New York, e especialmente no bairro italiano, dão maior realismo a esse drama, que podemos considerar muito bom espetáculo, graças a direção de Siodmak. Destaque-se ainda a fotografia e a música de elevado gosto artístico.

POR VIA AÉREA

Colleen Gray, a garota que se revelou em "O Beco das Almas Perdidas", logrando um sucesso rápido em Hollywood, acaba de conseguir um dos papéis mais cobiçados do ano: o de "partenaire" de Bing Crosby em "Riding High", um musical a ser produzido pelo talentoso Frank Capra.

Colleen, a linda pequena de cabelos cor de mel e olhos lindamente azuis, foi escolhida após se submeter, juntamente com vinte outras "caras novas", a um rigoroso "test" que teve Bing Crosby como um dos juizes.

Wanda Hendrix foi designada para ser a "leading lady" de Alan Ladd em "After Midnight", que será próximamente "rodado" nos estúdios da Paramount.

Neste filme, ela interpretará o papel de filha de uma família nobre italiana que colaborou com o O. S. S. americano durante a guerra, tendo a seu cargo a descoberta dos traidores da organização.

Mitchel Leisen, encarregado da direção de "After Midnight", diz que esse papel dará a Miss Hendrix a melhor oportunidade dramática do ano.

E' comum os fans indagarem porque a estatueta oferecida anualmente pela Academia de Artes do cinema tem o nome de "Oscar".

De acordo com a versão de Barbara Stanwyck — que por sinal foi uma forte concorrente a esse lauro, devido ao seu desempenho em "A Vida Por um Flo" — a estatueta foi batizada pela sra. Margaret Herrick, antiga secretária do presidente da Academia. Segundo consta, quando a sra. Herrick viu pela primeira vez a estatueta, disse que a mesma se parecia muito com seu tio Oscar; e a partir desse dia, os funcionários da Academia passaram a se referir ao prêmio como o "Oscar", e o nome "pegou" de fato.

FLAGRANTES DE LORETTA YOUNG

★
FOTOS 20th CENTURY FOX
ESPECIAIS PARA "CINE-REVISTA"



Loretta Young apaga as velas do bolo que lhe oferecem seus colegas de filmagem, durante a passagem de seu aniversário



Loretta dá um autógrafa a um jovem fan, ainda durante seu estacionamento em Nevada



O diretor Lloyd Bacon explica alguns detalhes de filmagem a Loretta, quando a companhia tomava alguns "takes" de "Mother Is A Freshman", em Reno, Nevada

A FONGO ARINOS DE MELO FRANCO ao afirmar que "o século XVII completara o povoamento do litoral e das suas cercanias", fala de modo geral excluindo minúcias como o abandono integral em que se encontrava ainda a Província d'El-Rei, — o Rio Grande do Sul, — cujo povoamento inicial só se fez graças a insistência do jesuíta Diogo Dóres, e isso em pleno alvorecer do século XVIII, quando apontava o perigo que representavam os jesuítas espanhóis fixados nas Missões Orientais do Uruguai, perigo que ficou provado ao abrir Souza e Faria a denominada estrada "dos Conventos" que partia de Araranguá rumo aos Campos Gerais de Curitiba e a Sorocaba. Ai encontrou ele marcos possessórios chantados quasi á orla do Atlântico pelos jesuítas espanhóis em nome d'El-Rei de Espanha.

Por isso, em 1737 resolveram, por fim, Gomes Freire e seu grande auxiliar José da Silva Pais, fundar o presidio de Jesus, Maria, José na entrada da barra do Rio Grande. O presidio, logo depois, transformou-se na vila do Rio Grande de São Pedro, núcleo inicial do povoamento da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, ou Rio Grande de São Pedro do Sul.

Silva Pais desembarcou na "barra diabólica" apenas com soldados entre os quais um terço de baianos. Em seguida, tratando do povoamento que incentivou, conseguiu de Gomes Freire a remessa inicial que foi de trasmontanos (60 famílias) que em 1717 se haviam instalado na Colônia do Sacramento onde, em 1737, jaziam inertes e na maior miséria, — diz o próprio Gomes Freire ao Rei de Portugal.

Fixaram-se, assim, os soldados ao solo, casando muitos dos solteiros, com filhas dos trasmontanos da Colônia do Sacramento. Dos soldados casados, vários que o quiseram e obtiveram terras, mandaram buscar suas famílias, estabelecendo-se em definitivo na nova conquista que, diziam, era fértil e promissora.

... E o Rio Grande iniciou seu povoamento definitivo. Certamente, ai, cooperaram muitos dos soldados baianos que haviam chegado com Silva Pais. A deficiência de documentos, reitados e inutilizados como foram os arquivos incipientes do Rio Grande pelos espanhóis de Vertriz ao invadirem a vila em 1763, não permite afirmações categóricas a respeito. Entretanto, a suposição não é descabida, visto terem chegado com Silva Pais, como vimos, soldados baianos, e saber-se que dos soldados que trouxera muitíssimos se radicaram ao solo, constituindo família, tornando-se agricultores e criadores de gado.

Começou, pois, o Rio Grande do Sul a viver cooperando também por filhos da terra-mater brasileira, a Bahia de Cabral, de Caramuru e de Tomé de Souza.

Dai por diante a colaboração povoadora da Bahia no extremo sul brasileiro, intensificou-se dia a dia.

As guerras continuas para a fixação definitiva das fronteiras sulinas exigiram auxílio de outros pontos, e elementos da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo, tal como no tempo de Silva Pais, — além dos de Laguna que foram, sempre, primaciais, — vieram engrandecer e aumentar o incipiente núcleo povoantista da Capitania de São Pedro do Sul.

Com o decorrer dos anos, mais e mais se acentuou a dádiva baiana, mormente após a independência do Brasil, quando se amplificou o intercâmbio de famílias, aparecendo entre nós a alta sociedade da Bahia a fornecer-nos troncos ilustres para novas famílias riograndenses do sul, e vice-versa.

Jorge Godofredo Felizardo, genealogista emérito, em comunicação ao I Congresso de História da Bahia, reuniu 71 baianas de nobre ascendência que se entrelaçaram com famílias gaúchas, e que foram troncos dos Carvalho Contreiras, Muniz Barreto, Carvalho, Pereira da Cunha, Lavra Pinto, Alves Branco, Silva Paranhos, Castro Bandeira, Sampaio, Nascimento, Aragão, Moura, Pedrosa, Ribeira da Silva, Veloso, Feio,

BAHIA--RIO GRANDE DO SUL

Prof. WALTER SPALDING

ESPECIAL PARA REVISTA DA SEMANA
NO IV CENTENÁRIO DA BAHIA

festou abertamente obtendo o apoio dos principais chefes que não eram, até então, republicanos. Precedeu-o, assim, o movimento armado dos baianos, de 1831/33, em cuja proclamação final, conforme o revela Braz do Amaral em tese enviada ao I Congresso de História da Bahia, se declara, no "Plano de governo pelo sistema federativo", que "todo cidadão brasileiro fica autorizado a matar ao tirano ex-Imperador do Brasil, D. Pedro I, como o maior inimigo do povo".

Professando, assim, idéias federativas, com algo de republicanismo de permeio, o povo baiano ou melhor, grande elite do povo baiano acolheu com muita simpatia o movimento reivindicador do Rio Grande do Sul dispensando a melhor proteção aos farroupilhas, mormente após a adesão da maioria de seus chefes, com Bento Gonçalves à testa, às idéias republicano-federativas proclamadas pelo general Neto a instância de dois velhos republicanos, Manoel Lucas de Lima e Joaquim Pedro Soares. — em seguida ao combate do Seival em setembro de 1836.

Quando rebentou a Revolução Farroupilha, a 20 de setembro de 1835, residiam no Rio Grande do Sul, mormente em Porto Alegre, diversos baianos, alguns dos quais foragidos do movimento de 1831/33.

Aparecem, dessarte, como influentes no movimento gaúcho, os baianos João Rios Ferreira, professor de primeiras letras, e Firmino Teles de Menezes, que exercia a profissão de serigueiro.

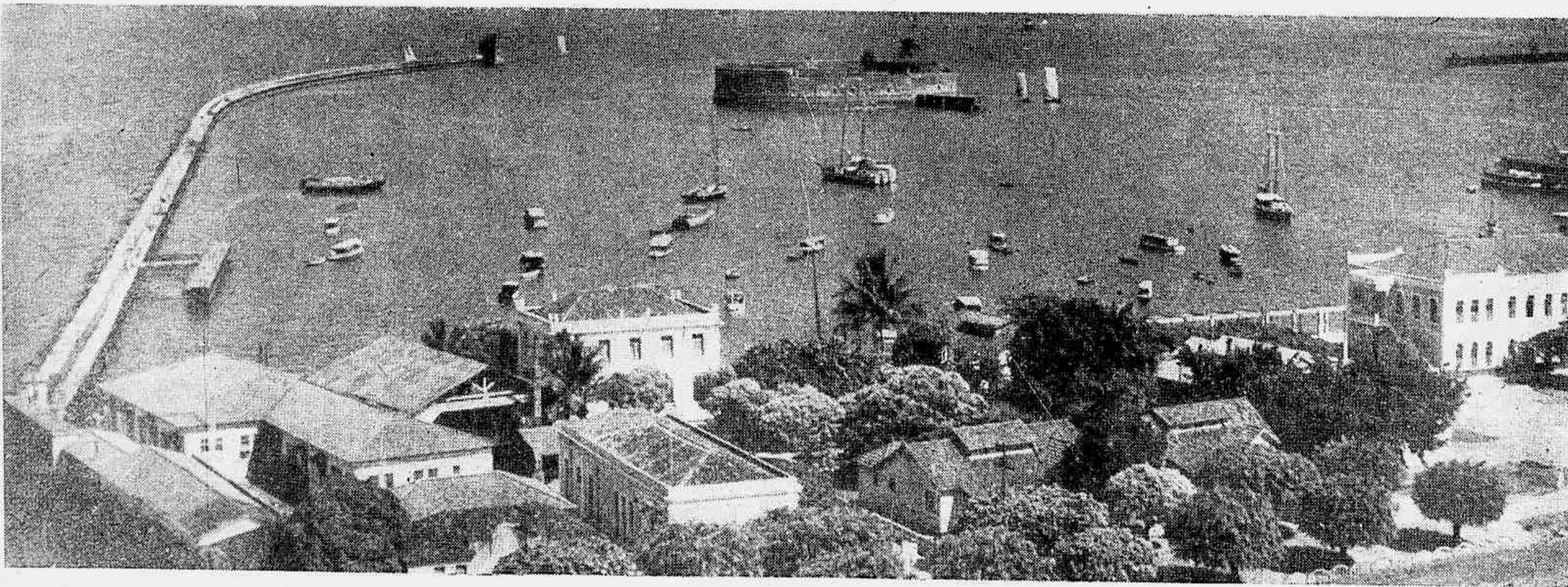
A prisão de Bento Gonçalves na Ilha do Fanfa e sua remessa para o Forte do Mar (Forte de São Marcelo), na Bahia, deu ensejo a mais depressa estourar o movimento dirigido pelo dr. Francisco Sabino da Rocha Vieira, porque a fuga de Bento Gonçalves, auxiliada pela maçonaria e adeptos do dr. Sabino, obrigou-os a precipitarem o movimento que a 7 de novembro de 1837, dois meses após a fuga do chefe farroupilha, explodiria.

Vencida a "Sabinada", outros baianos apareceram no Rio Grande do Sul. Este ainda estava em luta armada com o império, luta que somente seis anos mais tarde, em fevereiro-março de 1845, terminaria.

Nomes de vulto na revolta dirigida pelo dr. Francisco Sabino surgiram logo depois no cenário farroupilha, apoiando e dando ao movimento o melhor de seus esforços, como Francisco José da Rocha, oficial, parente do dr. Sabino e amigo particular de Bento Gonçalves; Daniel Gomes de Freitas, militar, e o ourives Manoel Gomes Pereira, elemento de destaque na "Sabinada", e que auxiliou, diretamente, a fuga de Bento Gonçalves do Forte do Mar. Essa fuga espetacular teve o apoio de grande parte do povo da cidade do Salvador e de Itaparica onde, ao sair do forte, se homiziara o chefe farrapo. Dai saiu para Itapagipe ocultando-se na casa de Francisco José da Rocha. Dai, ainda com a convicção do povo, partiu a bordo de pequeno navio estrangeiro rumo ao Rio Grande do Sul, assumindo novamente a chefia da revolução já então francamente republicano-federativa.

Esta cooperação prestada pelos baianos aos rebeldes sul-riograndenses não foi mais do que a execução do protesto dos sabinos pela voz de João Carneiro da Silva Rêgo, em seu Manifesto:

"O Rio Grande declara-se independente, mas o governo dos Calmons e Vasconcelos tudo intriga, tira tropas das províncias, prepara e arma portugueses para suplantarem os riograndenses".



O porto de Salvador e o Forte de S. Marcelo, referidos no texto

Saraiva, Varejão, Araújo Lima, Abreu e Silva, Batista, Couto, Silva Márques, Soledade, Bacelar, Bittencourt, Pinto Paca, "Estrêla", Galvão, Utinguassú, Amaral, Homem de Carvalho, Silva Rego, Barbosa, Silva Freira e outros, no Rio Grande do Sul, famílias, todas, que ainda hoje existem espalhadas por todo o território gaúcho.

A estes poderíamos acrescentar várias outras entre as quais os Dourado, um ramo dos Ornelas que não deixou descendência, e principalmente os Abbott, descendentes do inglês Jonatas Abbott, fundador da Faculdade de Medicina da Bahia e que casara na cidade do Salvador, com baiana de velha estirpe.

O casal deixou três filhos: Cecilia, que foi freira no Convento da Lapa; Hermelinda que se suicidou por amores contrariados pelo pai, jogando-se de uma janela da residência paterna à rua, e Jonatas Abbott Filho que seguiu para o Rio Grande do Sul como médico militar em 1852, e ai ficou casando com dona Zeferina Fernandes Barbosa, de origem lajeana, sendo pai dos grandes políticos gaúchos drs. Fernando Abbott e João Abbott, o primeiro também médico de renome. Uma irmã destes, dona Cecilia Ofélia Abbott, casou com o dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, deixando larga descendência.

Foi, pois, importante o fator baiano no povoamento do Rio Grande do Sul e muitas das mais ilustres e nobres famílias gaúchas podem orgulhar-se de seus troncos baianos, e a própria economia sul-riograndense a eles muito deve, a seu trabalho intelli-

Vencidos na Bahia, não se renderam: partiram para o Rio Grande do Sul onde ficariam e constituiriam família os que ainda não a tinham, como o seringueiro Gomes de Freitas e o ourives Gomes Pereira.

★

Mas há, ainda, outro aspecto muito simpático da alma baiana no Rio Grande do Sul: a da caridade e cura das almas.

Nesse particular, além, do primeiro arcebispo do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, natural da cidade do Salvador, prelado grande e modesto, devemos destacar o serviço imorredouro e que, dia a dia, lembra a grande terra de Rui Barbosa e Castro Alves: O Asilo de Mendicidade e Velhice Desamparada (hoje Instituição Padre Cacique), e o Orfanotrofio Santo Antônio — Pão dos Pobres, — casas modelares e dignas do maior apreço.

O primeiro, a atual Instituição Padre Cacique, foi fundada pelo padre Joaquim Cacique de Barros que a manteve, com seu esforço e trabalho constante, até a morte. O padre Cacique tudo dera a essa sua dileta criação: para ela, durante as horas vagas, trabalhava na roça, de enxada em punho, plantando para dar alimento aos pobres

(Continua na pag. 46)

NOS BASTIDORES FEMININOS

UMA fórmula quase infalível de se obter a felicidade no matrimônio, é casarem-se as pessoas dentro do seu próprio meio, ambiente. Bom ou mal, baixo ou elevado, aquilo é o "seu" ambiente e só outra pessoa da mesma classe será capaz de compreendê-la. A ambição, a imprudência ou se quiserem, o amor, levam muita gente a se casar fora do próprio ambiente quer seja esse moral, mental ou financeiro. O resultado é quase sempre o mesmo. Não há harmonia, não há compreensão, não há companheirismo. Tudo o que pode existir é uma certa tolerância que faz com que se suportem mutuamente; tolerância essa que muitas vezes também deixa de existir, terminando assim uma coisa que realmente não poderia dar certo. Há sempre nesses casos, um desajustado, um que "sobra", que por mais que queira esconder, sente que ali não está bem e que não poderá encontrar a felicidade. Alguns desistem, outros desistem por conveniência e tomosia. Seria melhor que a mulher — que é quem com mais frequência procura casar fora do seu ambiente — se munisse de uma razoável resignação ao invés de querer "voar alto", o que nem sempre lhe traz boas consequências.

Convençamo-nos que somos de fato felizes no meio em que nascemos, no círculo de parentes e amigos iguais à nós mesmas, nem superiores nem inferiores, apenas iguais. E' ali que nos devemos divertir, fazer amigos e casarmo-nos. Seria, sem dúvida, muito agradável possuir tudo, riqueza e brilho, porém, de que adiantaria tudo isso se ali nos iríamos sentir como pessoas estranhas, totalmente desambientadas e até mal interpretadas? O casamento é uma sociedade cujo sucesso depende das condições de igualdade das partes interessadas.

E' muito triste, por exemplo, verificar que o escolhido se entende melhor com pessoas da sua própria esfera. Ainda que o amor, pena ou qualquer outra coisa ele procure dissimular, uma criatura inteligente poderá perceber quando isto acontece e, naturalmente, isto não a fará feliz.

Sempre se disse — e a regra continua de pé — que há maior probabilidade de felicidade entre pessoas que se casam dentro do seu próprio ambiente. — O. B.



Esta é Marcia Van Dyke, da MGM, exibindo um modelo para a noite em cetim preto guarnecido de pele branca

A direita: Modelo em finíssima
"mousseline" branca com grande
"echarpe" em rosa

Modelo para noite em crepe
branco, mangas amplas, "echar-
pes" vermelha, e cereja

Elegantíssima suacetão com laçada
pérola, corpo justo, túnica. am,
pla saia rodada



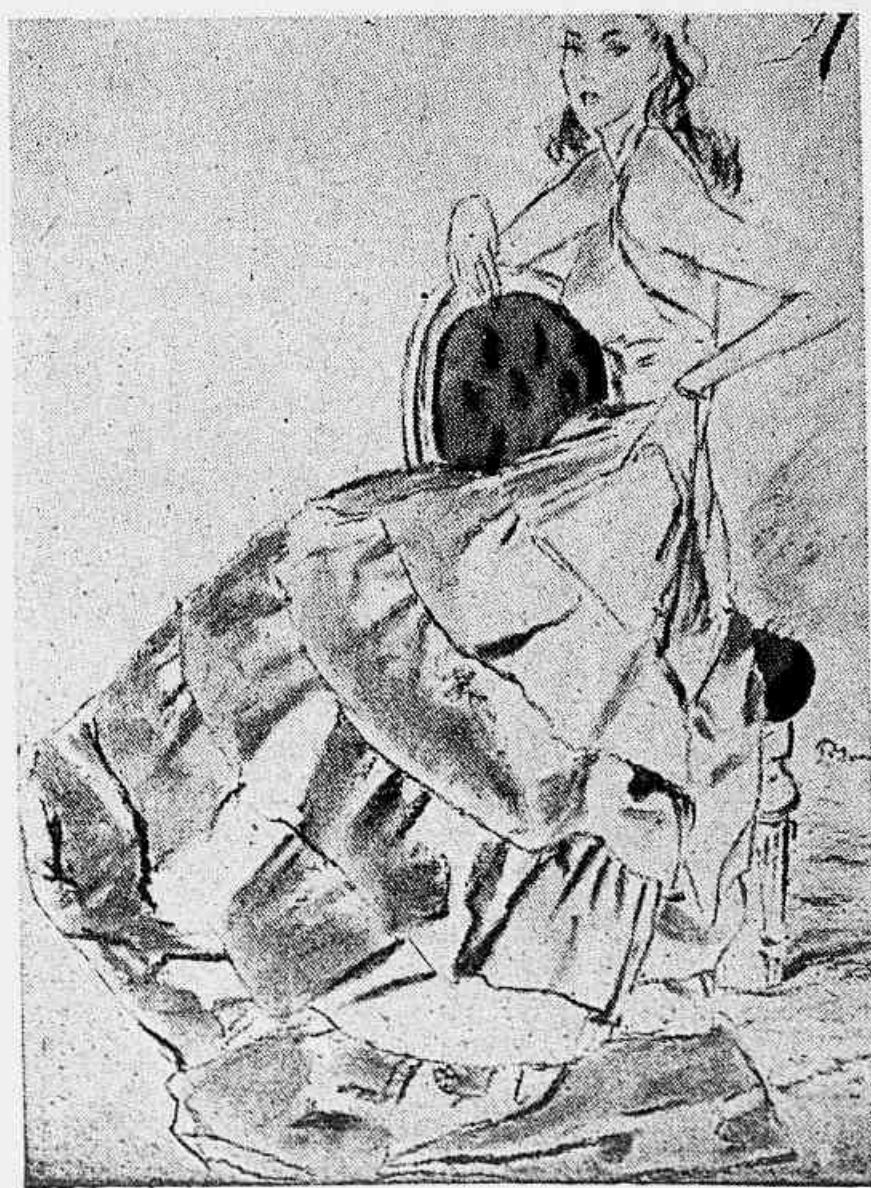
Paula

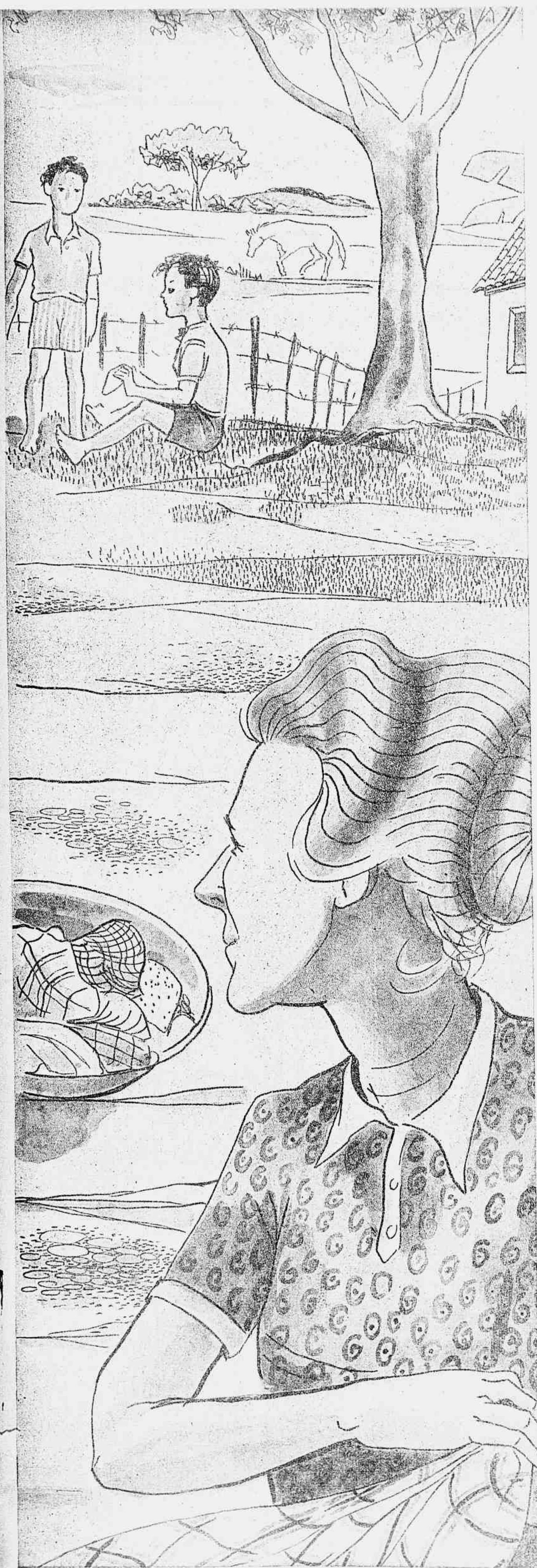


Elegantes e sugestivos estes dois modelos em preto. O primeiro em veludo, bordado com lantejoulas; o segundo, uma sugestiva combinação de tafetá e veludo

A PROXIMA-SE a grande temporada e com ela a necessidade dos grandes modelos para a noite. Nestas páginas, sugerimos alguns modelos de grande beleza e elegância, idealizados por Christian Dior, Jean Jessés, Maggy Rouff, Jacques Griffe, Bruyère e Jacques Heim.

A esquerda: Modelo para noite em "tafetá" rosa; à direita: Dois modelos elegantes e sugestivos em pesada seda, com grandes drapeados





Conto de EDSON KNEIPP

DONA Alda refletia o cansaço da sua idade nessa lentidão de andar e no cuidado com que metia água a peça de roupa e retirava-a em seguida para sová-la na tábua. Contudo era uma velhinha forte. Com a toalha envolvendo-lhe a cabeça e de mangas arregaçadas até aos cotovelos, deixava-se ficar sob o sol ardente do meio-dia. De vez em quando circunvagava o olhar pelo terreiro, dividindo assim o tempo entre o trabalho e a preocupação pelos netos confiados aos seus cuidados. Depois de torcida a roupa arrastou-a numa bacia para debaixo do varal, onde a estendeu peça por peça. Nada mais restando para pendurar, meteu a ponta do bambu no arame e suspendeu-o. Regressou à cobertura e lá viu os dois meninos conspirando talvez contra a sua paciência, já que não os havia pillado ainda em suas costureiras disbruradas pelo quintal. Mas o seu desassossego nasceu quando apareceu inesperadamente o velho Chico Souza. Admirou-se de o ver ali àquela hora e indagava a si mesma por que não tinha ele ido ao sítio conforme dissera antes do almoço.

— Ué, você... — ia dizendo, mas conteve-se em tempo ante os olhares vigilantes dos netos. Quis fazer-lhe um sinal, mas o marido não o percebeu e jogou-se na banqueta debaixo da cobertura, com um "aaah..." de alívio.

— Que calor! — exclamou.

— Horrível.

Dona Alda queimava-se de impaciência por fazê-lo compreender os seus sinais. Ele, porém, começou a tragar o seu fuminho de rôlo sem prestar-lhe maior atenção. De frente, os dois pares de olhos acesos e inquisidores.

— Quer café? — perguntou-lhe dona Alda.

— Não, está muito quente.

— Pois aí mesmo é que está quente. E' melhor você entrar que lá dentro está mais fresco.

— Que nada. Aqui ainda corre uma viraçozinha. Daqui a pouco tenho que sair...

Dona Alda mordeu o beico de raiva e intimamente maldisnou o marido por se fazer tão desentendido.

— Sair com este sol?! Chico, você está variando.

— Que variando o que, Alda! Então é a primeira vez que vou ao sítio com sol ou com chuva?...

Pronto!

— Ah! O senhor vai ao sítio, vovó?

— ?!

— Vai, hein, vovó?

— Vou mas vou sozinho! Não comecem não!

— Ah, vovôô!

— Está vendo? — observou dona Alda. — Era isto que eu estava tentando evitar. Que tinha você de voltar aqui, Chico? Por que não foi de lá de uma vez para o sítio?...

— Ora, Alda...

— Pois sim! Agora arrume-se.

E os garotos assediaram o velho, porque queriam acompanhá-lo ao sítio de sua propriedade que distava do arraial cerca de oito quilômetros. Esse percurso deveria ser feito a cavalo, e bastante penoso seria para os meninos sob um sol daqueles, parado e escaldante. O recurso era resistir-lhes. Tal, porém, era o ascéto que sofria o velho que em dado momento suas negativas se transformaram neste cômodo apêlo:

— Olhem! falem aí com a sua avó. Se ela consentir...

— Eu?! — exclamou ela. — Pois então é preciso pedir a mim?! Você também não é avó deles?!

— Ora, Alda...

— Esta é boa! Você arranja suas atrapalhadas e corre para cima de mim? Arrumasse como puder!

Mas virando-se de súbito para os netos impertinentes:

— Vocês também não amolem não!

Ah!...

— Deixa, vovôôô!

— Deixa coisa nenhuma! Vocês não em mais nada que inventar, não?!

— Ah! Vovôôô...

— Não! Já disse que não e não! Onde já se viu isto? Com um sol estes vocês querem meter a cabeça por aí!

— A gente leva guarda-sol...

O velho Souza estourou numa gargalhada e os garotos redobram a insistência, com a mesma impertinência que tantas vitórias já lhes dera. A velha resistia, mas sabia que a manifestação solidária do marido aos propósitos dos netos acabaria fazendo-a malhar em ferro frio. Então mudou de tática, chamou-os para mais perto e disse-lhes em voz branda:

— Digam-me uma coisa: de que jeito vocês querem ir ao sítio com o seu avô?

— A cavalo, uai!

— Mas cavalo só tem um p'ra ele; onde se iria arranjar outro agora p'ra vocês dois?

— A gente pega, vovó; nós vimos um agorinha mesmo ali em cima no pasto.

— Ele não se deixa pegar, meninos. Nenhum se deixa pegar quando se junta com os outros. Depois é perigoso ir ao pasto agora com este sol quente. Deixem isto para outro dia que o seu avô leva vocês.

— Aaaah, vovó!

— Não, meus filhos. Nada de artes. Que d'rá sua mãe quando souber que eu os deixei se meterem no meio do mato a uma hora destas? Não.

— Olhem — voltou a falar o velho. — Sua avó tem razão; vamos deixar o pas eio para outro dia.

— Aaaah, não! Eu quero é hoje.

— Eu também.

— Mas escutem — insistiu o avô — eu podia mandar o Juca buscar um cavalo p'ra vocês. Mas eu é que não quero que aconteça uma desgraça a ele. Vocês gostariam de ver o Juca morto? De ver ele doido? De ver ele aleijado?

Os dois garotos arregalaram os olhos e mantiveram-se em silêncio, atentos às palavras do avô, que prosseguiu:

— Não, nós não queremos que isso aconteça ao Juca, que é tão bom p'ra vocês. Pode ser que não aconteça nada, mas é melhor prevenir que remediar. Sabem quem anda agora lá pelo mato? Não? E' o saci-pererê!

— ?!

— E' bicho, vovó?

— Bicho?! E' pior que bicho!... Se ele pega a gente ou mata ou deixa a gente aleijado ou desacordado no chão...

— ?!

— Eu já o vi uma vez, de longe. E' feito um negrinho pequenininho, tão pretinho que chega a alumiá-lo. Só tem uma perna, mas é e'perto como o rato. Está sempre rindo, e quando pula em cima dos cavalos faz eles ficarem como doidos! A gente então nas mãos dele, Nossa Senhora!...

Os meninos revelavam todo o espanto que lhes causava a descrição do misterioso saci. De súbito um deles exclamou:

— Eu queria ver ele, vovó!

— Eu também — ecoou o outro.

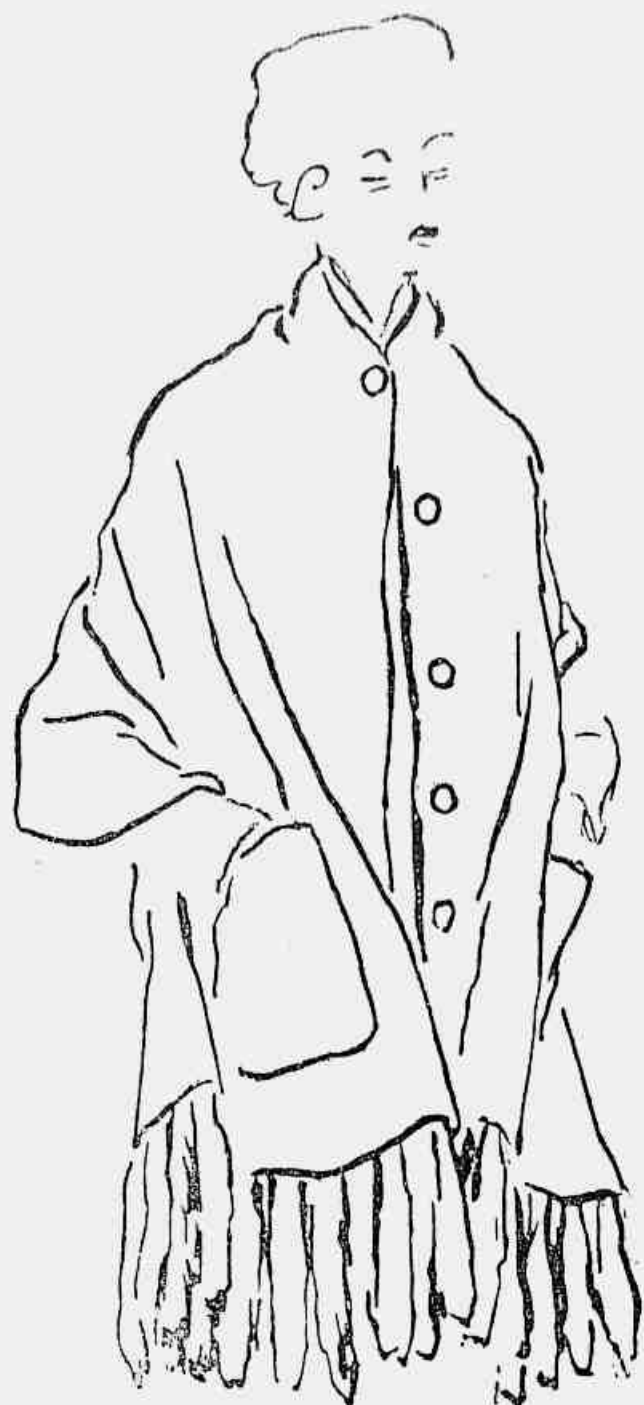
— O que?! — replicou o velho já meio desarmado. Ah! Vocês não sabem o que estão dizendo!...

— Ah, vovó... Deixa a gente ir!

Dona Alda ergueu os olhos e deixou cair os braços. Foi até as proximidades da horta onde trabalhava o mulato Juca, chamou-o e mandou-o que fosse agarrar um cavalo para os

(Continua na pág. 45)

Selecionado pela REVISTA DA SEMANA
Ilustração de LUIZ CANABRAVA



ROBERT PIGUET



JACQUES FATH

VARIAÇÕES SÔBRE A "ÉCHARPE"



JEANNE LANVIN



SCHIAPARELLI

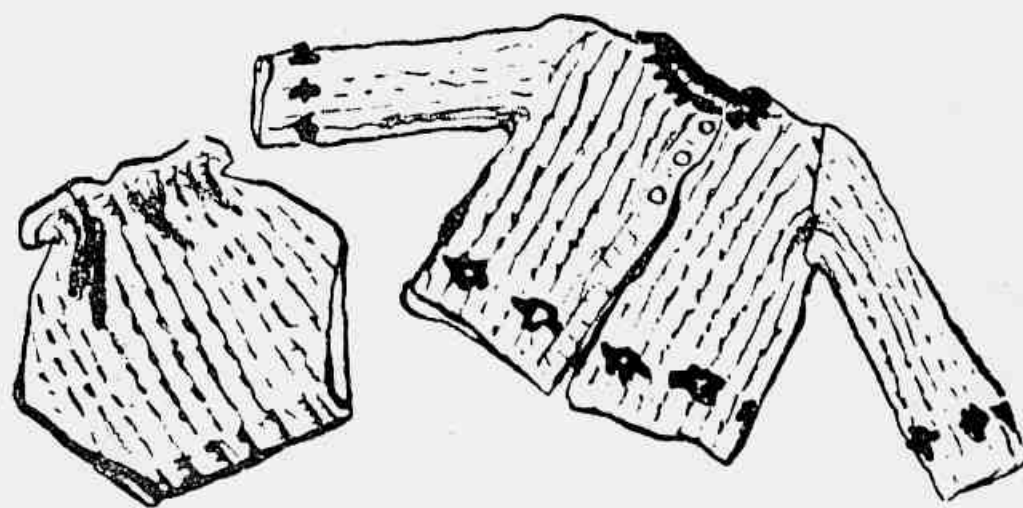
A "écharpe" vai viver a sua grande época nesta nova temporada. Para Jacques Fath ela rivaliza com o chale como o que ele nos mostra, guarnecido de pantera. Para Robert Piguet ela toma a forma de uma jaqueta guarnecida de lontra. O famoso Schiaparelli a transforma numa estola que termina em "vison", e finalmente Jeanne Lanvin lhe dá um ar de "capeline" em tecido escocês com franjas.



Seu filho deve merecer toda a sua atenção. Qualquer sintoma diferente, procure logo o médico

A FORMAÇÃO DE UMA PERSONALIDADE

Está nas suas mãos desenvolver ou matar uma personalidade. Por muito exagerada que tal afirmativa pareça ser, ela não é senão o reflexo da pura verdade. Dos pais depende a formação de um caráter, de uma personalidade; da sua habilidade, da sua compreensão e da sua inteligência. Existem, por exemplo, crianças que são bonitinhas, mas que não possuem vivacidade, não são simpáticas nem atraentes. Outras, no entanto, algumas vezes menos bonitas, são graciosas, inteligentes e simpáticas. São crianças que têm vida, que encantam e que fazem, desde cedo, sentir a força da sua personalidade, a influência da sua presença. E isto durará toda a vida. As primeiras, no entanto, continuarão apagadas e inexpressivas o, quando chegar a hora em que tenham que competir com as outras, perderão fatalmente. No entanto, não são culpadas disso. Se são assim, é porque receberam uma educação errada. Talvez tivessem sido demasiadamente mimadas; talvez tivessem sido controladas pelos pais, pelas amas, etc., talvez não lhe tivessem dado uma oportunidade de se desenvolver; talvez que todos os excessivos cuidados que lhes foram dedicadas tivessem alimentado nelas uma preguiça mental e física; o certo, porém, é que receberam uma educação errada. Sendo a personalidade uma coisa que pode ser cultivada, de que outra forma poderíamos justificar a sua ausência em tais criaturas? Todos os pais deveriam dar aos seus filhos o direito de ter as suas próprias opiniões; um pouco de liberdade e de independência. Isto não quer dizer, absolutamente, que se deva soltar inteiramente a criança; apenas queremos dizer que com um pouco de liberdade e o direito de expressar as suas próprias opiniões, ela estaria a caminho de formar a sua própria personalidade. Desde pequeninas elas deveriam ir aprendendo a olhar pelas suas coisas, a resolver os seus problemas, a cuidar de si mesmas. No entanto, vemos, com frequência crianças com oito e dez anos que ainda têm amas que lhes dão banho e lhes põem comida na boca! Vemos pais que resolvem tudo, mesmo quando já se tratam de adolescentes, sem dar "confiança" (é como dizem) de consultar as predileções da criança. Muitas enfim são as formas usadas, consciente ou inconscientemente pelos pais, para tirar a iniciativa própria e matar a personalidade dos seus filhos.



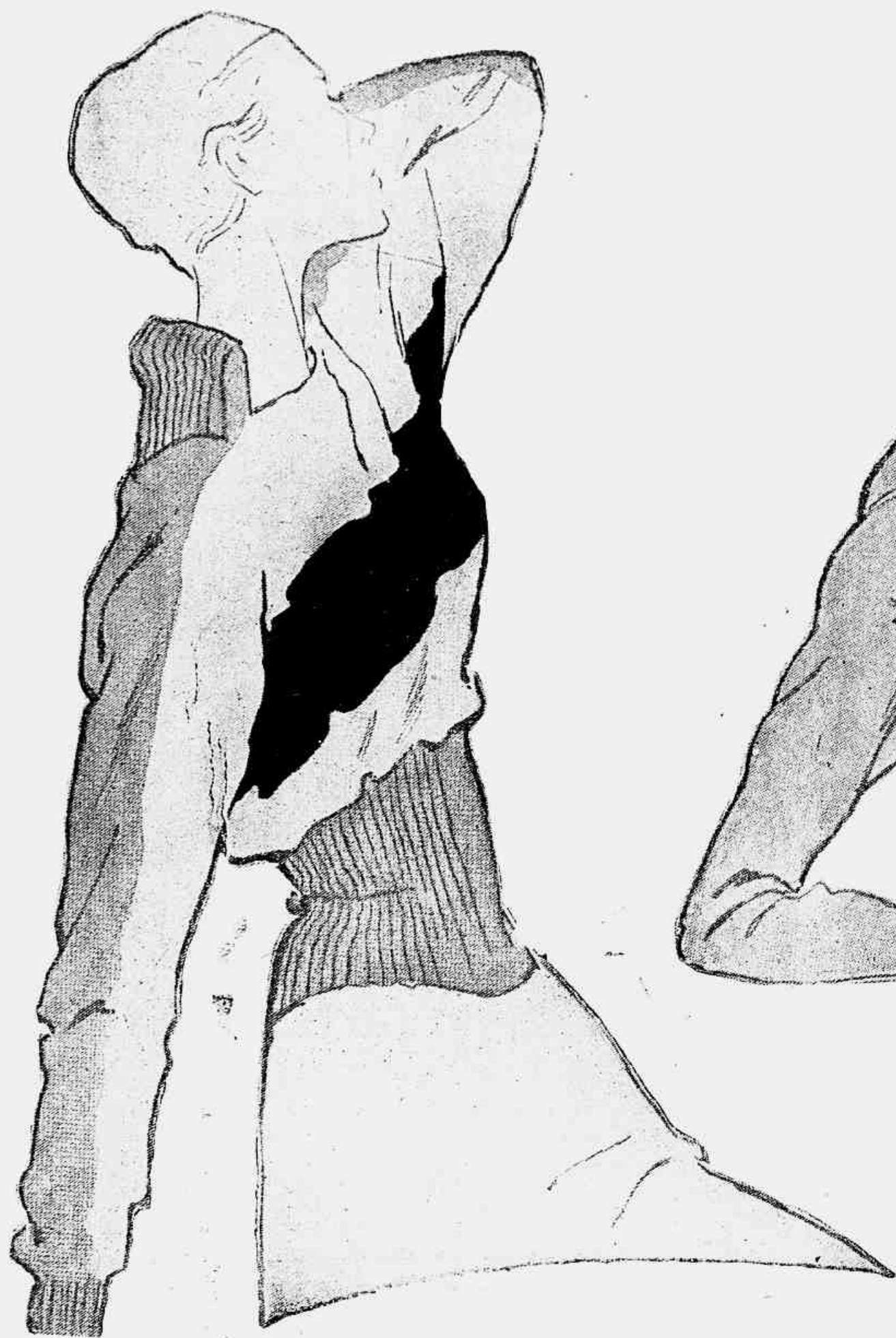
Calcinha e casaquinho em tricô

CONSELHOS

O excesso de roupas em nada beneficia a criança. No entanto, basta que a temperatura caia uns dois graus, para

que as mães encham seus filhos de roupas de lã, "sweaters", casacos, etc.

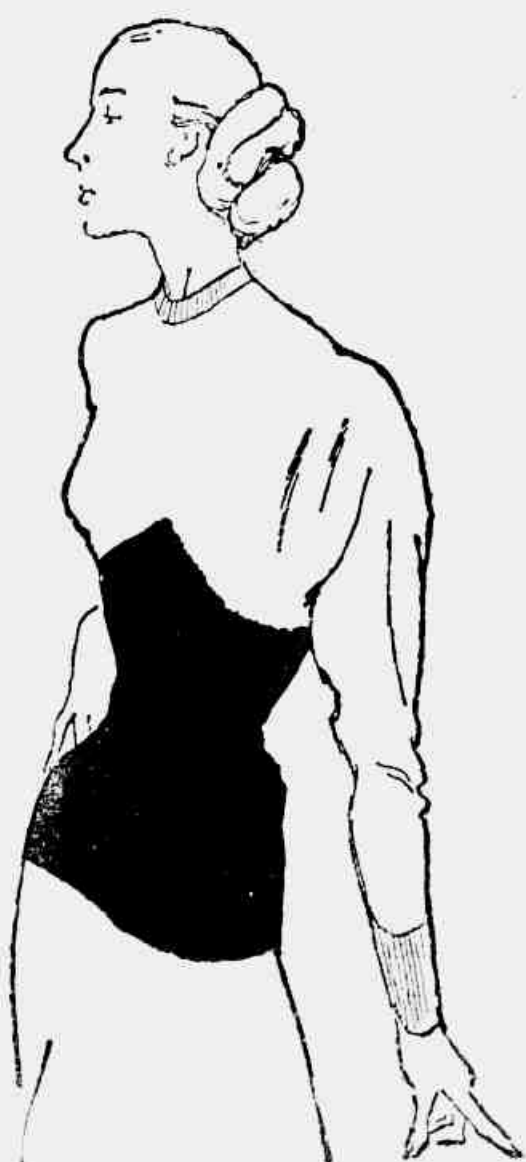
A vida ao ar livre e a boa alimentação são os melhores amigos do seu filho. Não negligencie nesse ponto.



GERMAINE LECOMTE



RENÉE PATTON



JEANNE LANVIN



SCHIAPARELLI



CALIXTE

BLUSAS E "SWEATERS"

JA é tempo de iniciarmos o nosso "tricot" ou de fazermos as nossas blusas em seda ou lã. Com duas saias e algumas blusas e "sweaters" você poderá atravessar o inverno muito bem vestida. Aqui, sugestões dos mais famosos costureiros franceses.



Detalhes e Novidades



- 1 As pérolas continuam sendo de grande valor decorativo...
- 2 Estolas, chales e echarpês...
- 3 Sapatos de linhas elegantes, para trajes "habillés".
- 4 As salas de baile voltam a ser amplas, arrastando-se no chão...

- 5 Golas altas, é o que recomendam os costureiros para o inverno.
- 6 Uma bolsa para a noite, em veludo, pulseiras de coral.
- 7 drapada. Observem também as Schiaparelli lançou esta luva de talhe original.
- 8 O sapato esportivo por excelência...



DR. SABOIA RIBEIRO

FORMULÁRIO DE "SOPINHAS"

Do sétimo ao décimo mês é o momento próprio da instituição das "sopinhas" no regime da criança. Anteriormente já aludimos a elas e agora voltamos ao assunto para certos detalhes.

Chama-se sopinha, em dietética do bebê, em geral, a refeição em que, ao sabor lácteo e açucarado do alimento dos seis primeiros meses, se vem juntar o de outros ingredientes, notadamente, sal, manteiga, óleos vegetais, molhos, sucos ou polpas, tudo dando-lhe consistência mais ou menos espessa (os sucos e polpas devem ser acrescentados ao fim, já morno o alimento).

Muitas vezes o leite não entra na composição da "sopinha", e o veículo desta é o cozimento de legumes ou o caldo de carne, os legumes passados na peneira, a carne reduzida a fragmentos na máquina; é usual engrossar o filtrado dos legumes e da carne com féculas (batata, alvim, inhame), cereais, macarrão, estrelinha ou outro, tudo convenientemente cozido.

Quando se prepara sopa de legumes é um erro completo desprezar a água em que estes foram cozidos; com isto perdem-se os sais minerais antes dissolvidos na água. A lavagem dos legumes deve ser feita, porém isto antes e sem uso de sabão.

Acima do sexto mês — dar-se-ão as "sopinhas", uma no sétimo ou oitavo mês; duas, no nono ou décimo mês.

A primeira entrará no horário alimentar à guisa de "almôço" (pelas 10½ por exemplo); a segunda, à guisa de "jantar" (às 17½). Como temos ensinado, acima do sexto mês a alimentação deve ser instituída de 3½ em 3½ horas.

Assim poderá ser no sétimo mês ou oitavo: 7 — 10½ (sopinha) — 14 — 17½ (sopinha) — 22 horas. Portanto, às 7, 14 e 22 horas, leite preparado com farinhas, açúcar.

Damos a seguir algumas fórmulas de "sopinhas":

1) Manteiga, 2 colheres de chá; Farinha, 2 colheres de chá; Açúcar, 2 colheres de chá; Leite em pó, 4 a 5 colheres de chá; Água quente 200 gramas.

Dissolver o leite em pó, à parte. A manteiga e a farinha serão misturadas aos poucos e a fogo brando numa caçarola esmaltada, mexendo com colher de pau (deixar a manteiga derreter até que haja espuma — 3 a 5 minutos; ir, após, juntando a farinha até a massa adquirir uma cor marron).

2) Leite, ½ litro; Farinha, 7 colheres de chá; Manteiga, 2 a 3 colheres de chá; Açúcar, 5 colheres de chá.

Prepara-se de modo semelhante; é a chamada sopa de Moro.

Como a finalidade das "sopinhas" é preparar a passagem do leite para os alimentos salgados, aqui o leite, como na fórmula anterior, poderá ser substituído por um cozimento de legumes passados em peneira; exemplo: 1 batata, 1 cenoura, 1 nabo (cortado em pedaços), água 1 litro. Ferver 3 horas, passar em peneira (nunca coar), engrossar.

3) Sopa de cereais: 100 gramas de carne magra de vaca; ½ litro d'água; ferver até reduzir a metade, engrossar com semolina, malzena, araruta, tapioca, etc., até obter um pirão ralo, deixando ferver 5 a 10 minutos. Salgar.

4) Sopa de creme de aveia: Farinha de aveia (cozimento rápido), 7 colheres de sopa, manteiga 1 colher de chá, água ou caldo 200 gr. Derreter a manteiga a fogo brando até fazer espuma, juntar farinha, mexendo sempre com colher de pau até a massa ficar marron; acrescentar ao caldo, salgar. A consistência poderá ser aumentada com papa de banana crua, maçã ralada, massa de biscoito, etc. Suco ou polpa de tomate. No fim, deixar amornar a sopinha.

5) Sopa de legumes: Cenoura, batatas, xuxu, ervas (menos couve e repólho). Cozer 2 a 3 horas, passar em peneira. Conforme a espessura que se queira, engrossar com farinhas, cozinhando 5 a 10 minutos.

6) Aos onze e doze meses: Sopa de feijão, lentilhas, carne cozida e passada na máquina, bife mal assado e raspado com pirão de batata, arroz mole, papa de espinafre, etc., já, de preferência, serão o prato que virá substituir uma das "sopinhas". A refeição sólida já se justifica francamente, de modo que, entrando o segundo ano, a criança já terá seu almoço e seu jantar, com sobremesa de compota, fruta, geléias, etc.

Como temos observado, a instituição dessas sopinhas deve ser iniciada com "arte e prudência", e assim, em alguns casos, o sal será abolido, de outras vezes (como no preparo do creme de aveia e outros cereais), ter-se-á de juntar um pouco de leite ou açúcar, e de outras, ainda, engrossar com cereais.

O cacau, já para o fim do primeiro ano, poderá ser incluído como uma das refeições do bebê, e com ele caberá, por vezes, engrossar com uma farinha, biscoitos, etc.

O essencial é que, pelo sétimo mês, e cada vez mais, se vá libertando o bebê do leite e seu gosto adocicado, de forma que, ao entrar o segundo ano de vida, dele só faça uso duas vezes ao dia — manhã e noite, por exemplo.

Até certo ponto podemos dizer que o uso muito prolongado ou mesmo quase exclusivo do leite no regime do bebê é antes obra do comodismo, pois o preparo dessas sopinhas e sua variabilidade periodicamente requer uma paciência e cuidado que nem todas as mães querem ter. Infelizmente, com isso, sofre não pouco a criança e o paga mais ou menos caro por ocasião das doenças comuns da infância — sarampo, coqueluche e outras.



"ROBES"

É mais um detalhe que não deve ser esquecido no seu enxoval de noiva feliz: o "robe". Ele lhe dará beleza e elegância mesmo nos momentos de intimidade, quando aquelas duas virtudes não deverão ser descuidadas. O nosso primeiro "robe" é em lã bege com ponto de "casear" marron. O segundo em lã fina, com laço, gola e punhos em "faillé". O terceiro em lã de dois tons, abotoado na frente, e o último em lã "maravilha", gola de cetim preto.



Protegido pelo juramento do pagé, intérprete dos desejos de Tupã, Martim, o guerreiro branco, descansa na rede de Iracema

A VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL

Novelização de RENATO DE ALENCAR

A GRANDE tribo dos tabajaras dominava as serras e os vales do sertão. Seus inimigos eram os tupinambás, tapuias e pitiguaras. Toda a orla do mar era dominada pelos comedores de camarão, e quando a inubia lançava aos ares o grito da gaivota, os guerreiros de Maranguape e dos campos do Ipú, empunhavam os arcos e os tacapes para a peleja contra os invasores.

Na cabana do Pagé dos tabajaras, o velho e respeitado Araken, vivia Iracema, "a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da grauna e mais longos que seu talhe de palmeira".

Quem era esse encanto da floresta? Filha do Pagé, irmã do valente guerreiro Caubi, a sacerdotiza selvagem do segredo da jurema.

Ídolo da ocará, Iracema era protegida por todos os guerreiros e amada, em silêncio por Irapuã, que não tinha ânimo para revelar-lhe sua paixão, temendo que ela provocasse a ira de Tupã.

Iracema, porém, sonhava com um amor que lhe desse a felicidade de ser mãe, de aumentar o número de guerreiros de sua gente para enfrentar os inimigos dos tabajaras, expulsar o guerreiro branco que vivia a rondar as areias do mar em seus "maracatins" de bocas de trovão.

E quando alta noite a inhumana soltava seu triste canto de viuvez, e a estrela solitária refulgia melancólica no alto dos céus, muitas vezes Iracema estava recostada ao tronco do jatobá, fitando o espaço tendo nos olhos o brilho de uma lágrima furtiva.

Porque a tristeza invadia assim o coração da virgem morena dos campos de Maranguape? Não possuía ela todos os encantos de sua raça a agilidade do jaguar, a doçura da jati, a suave delicadeza do plenilúcio sertanejo, quando a mimosa Iaci inunda de luz proteada a imensidão da Natureza em prece?

Iracema também tinha um coração. Iracema sonhava com um amor. Iracema via

A NOVA produtora da cinematografia nacional, "Terra Nova", está rodando, sob a direção de Vittorio Cardinali, o filme "Iracema", extraído do romance nativo de José de Alencar.

O elenco conta com os seguintes artistas principais:

que toda a Natureza é uma permanente troca de afetos.

Na tribo inteira ninguém se atrevia, sequer, a olhá-la como um homem olha a mulher desejada. Seria profanar a cabana de Araken e o atrevido seria fulminado

Iracema	ILKA SOARES
Martim (o guerreiro branco)	MÁRIO BRASINI
Irapuã	NICOLAI JARTULAY
Poti, amigo de Martim	LUÍS TITO
Araken, pai de Iracema	CARLOS MACHADO

pelo raio de fogo de Tupã, ou abatido pelo veneno da boicininga.

Ela era uma deusa. A deusa dos segredos que a jurema guarda, o feitiço dos licores verdes da igacaba que ela guardava e somente ela podia tocar e servir.

Um dia...

Numa clareira da floresta viu Iracema que um estranho se aproximava de sua cabana. Era um guerreiro da raça dos guaraciabas, mas vestido estranhamente, como que vindo de longes horizontes.

Temendo por sua vida, expediu a fleixa certa, ferindo-lhe o rosto branco como a lua. O estrangeiro puxou da espada de aço reluzente como um raio de sol e reta como uma réstea de luz coada entre a folhagem, mas, diante de sua formosa agressora, recolocou a lâmina afiada na bainha e lhe falou como amigo.

Iracema acreditou na palavra do guerreiro branco e para mostrar que não queria a guerra, quebrou o arco em sinal de paz.

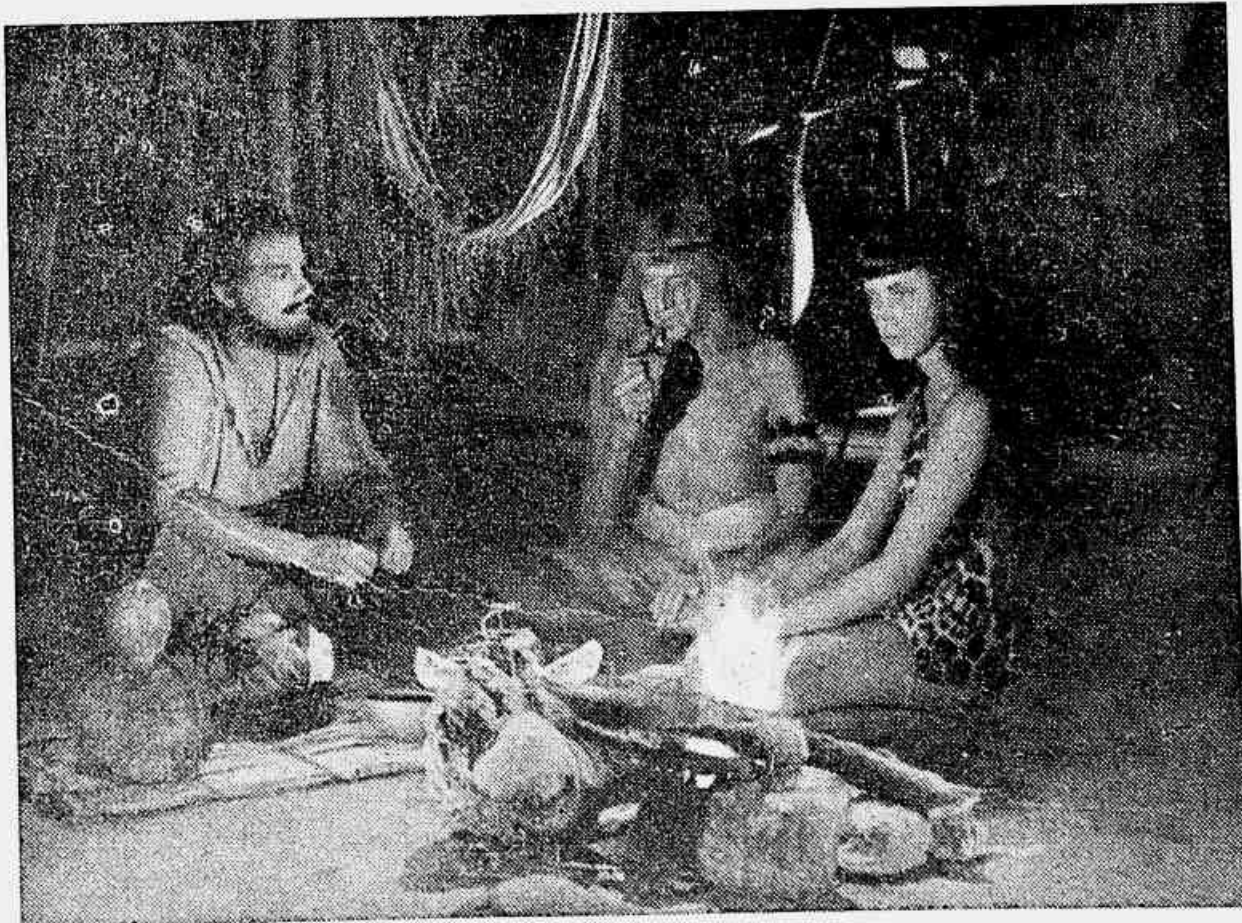
Conduziu-o depois à presença de Araken. O velho pagé ouviu a explicação de Iracema e a palavra do guerreiro branco extraviado e protegido pelos pitiguaras do litoral. Ofereceu-lhe o cachimbo da paz, como símbolo de amizade indestrutível e mandou Caubi tocar a inubia.

Ao troar do clarim no seio da floresta, os tabajaras acorreram à ocará do pagé dispostos à luta. Diante do que lhes foi dito estrugiram de todos os peitos as expansões da pocema, numa recepção total que encheu de contentamento o coração de Martim, o guerreiro branco.

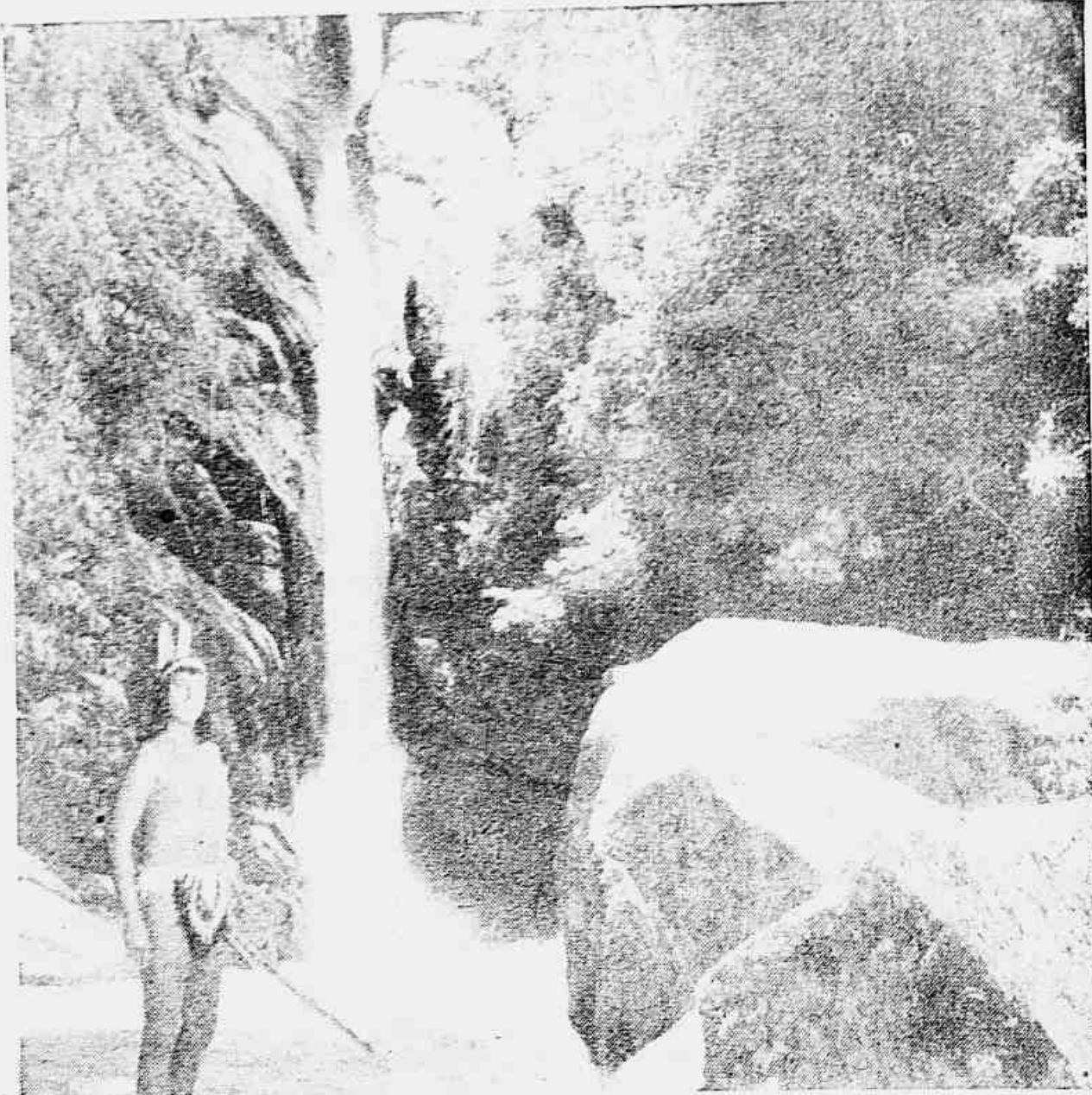
Iracema foi à floresta e de lá trouxe o licor verde da côr do mar. Martim bebeu e se sentiu como que transportado para regiões de sonhos e fantasias. Era o segredo da jurema que lhe vertia na alma o sonho de coisas indescritíveis.

Andou ao lado da virgem morena pela floresta onde o tabajara era senhor absoluto. Mas os dois se amaram e os lábios de Martim se uniram aos de Iracema, selando o abrolhar de um amor que se tornaria eterno.

Irapuã viu o idílio. Raivoso, enciumado, denunciou aos guerreiros a traição de Martim e os incitou à vingança. Os tacapes se ergueram no ar e os braços robustos retezaram os quiris na iminência



Seja bem-vindo à cabana de Araken, guerreiro branco e fume comigo o cachimbo da paz — disse o pagé dos tabajaras



A esquerda: Iracema é surpreendida pela aparição do guerreiro branco e o fere; mas quebra depois a flecha agressiva ao lado de Caubi. À direita: Impetuoso no amor e de seio de vingança, Irapuá espreita os encontros furtivos de Martim com Iracema e os denuncia.

de trespassarem o coração do estrangeiro pela fúria comelida.

Iracema, diante da morte certa do seu amado, interveio e censurou a precipitação de Irapuá. Que primeiro fizessem ouvir ao pai, o conselheiro que dirigia a tribo e podia dar os conselhos que a prudente indígena.

Na cabana de Araken ouviram todos que Martim estava protegido por Tupã e ninguém podia tocá-lo com um dedo. Quem transgredisse as designações da sua hospitalidade seria morto pelo raio do céu.

Mas Irapuá não concordou e promoveu a revolta contra Martim. Iracema e Caubi, seu irmão, protegeram com seus corpos o corpo do visitante e hóspede sagrado.

Enquanto estivesse ali sob a proteção de Araken, nada lhe poderia suceder.

No dia seguinte Martim resolveu deixar a tribo de Araken, os campos do Içá em direção da terra do mar dominada pelos guerreiros piquaaras. Senta sua mome solva, mas salvava a honra de Iracema e fava voltar às tabajaras a paz de todos os tempos.

As despedidas se fizeram. Iracema sentiu que sua alma mergulhava nas nevas em que vive o sol e resolveu acompanhá-lo para a vida ou para a morte.

A hospitalidade dos índios mandava que se entregasse ao guerreiro branco tanto moqueim para os dias incertos da travessia perigosa, cheia de surpresas, onde inimi-

cos de Martim se instalavam com o olho aberto na tribo traçoela.

Irapuá não permitia que Martim saísse sem vida e o esperou no recesso da floresta. Quando o guerreiro branco se aproximou o índio atacou o entrecosto. A tribo se moveu diante de seus irmãos e Iracema que procurava quiblo através da mata, assistiu ao duelo de morte, pedindo a Tupã que poupasse a vida de seu amor.

A tribo entre o riço tatape e a lâmina flexível do florete, teria de ser desastrosa para Martim. A um golpe mais forte, o aço partiu-se e a vida de Martim esteve por um fio. Mas os índios perceberam que o inimigo piquaara se aproxi-

mava em alarido pela mata a dentro e correram para dar-lhe combate. Martim e Iracema puderam, assim, escapar do aniquilamento e chegaram à margem da lagoa de Parangaba.

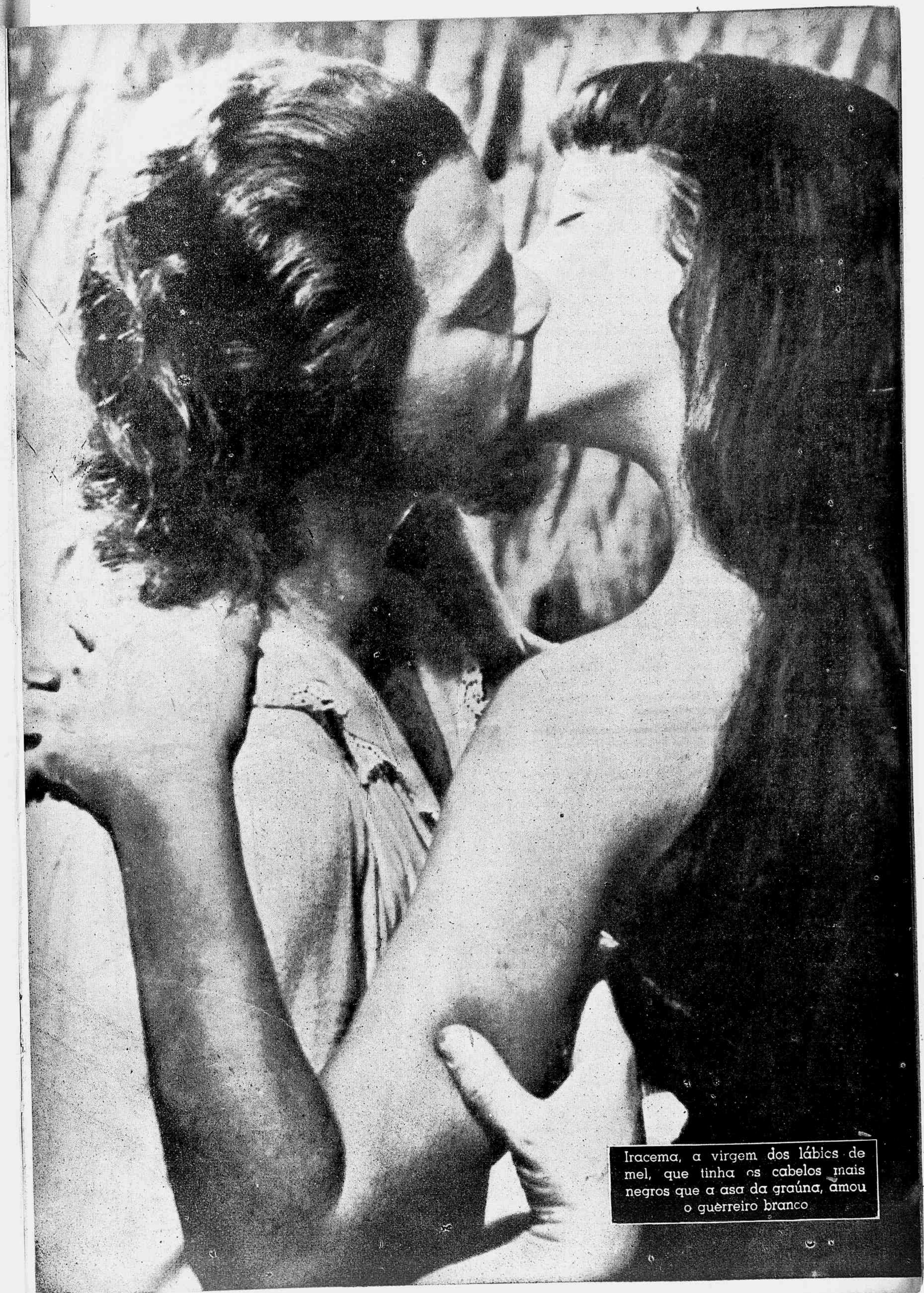
Martim e Iracema já não pisavam o solo das tabajaras e Araken já não tem filha. Nenhum perigo corria para eles no litoral, pois os chefes guerreiros dos piquaaras eram amigos de Martim, e, por isso também o eram de Iracema, sua esposa.

Pot e Jacauna, seu irmão, estenderam seus braços protetores sobre a cabeça do casal que vinha das serras azuis nos

(Continua na pág. 46)



Tocando a inubla no seio da mata, Araken, pai de Iracema, conclama os guerreiros da tribo a proteger o hóspede estrangeiro



Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, amou o guerreiro branco

— Levantem-se, levantem-se, meninos! Depressa, vamos!

E, sublinhando a intimação, as mãos brancas e ossudas de padre Lucas cortaram o silêncio do dormitório, batendo palmas frenéticas e repetidas.

Quase que instantaneamente emergiram de um imenso e colorido mar de cobertores algumas dezenas de cabeças, sonolentas e interrogativas. Pretas, louras, ruivas. Não poucas, encarapinhadas.

Foi uma lufa-lufa dos diabos. Mal despertos, espreguiçando estremunhados, incapazes de atinar com a razão da intempestiva ordem, saltamos da cama, rumando, incontinenti, para o chuveiro. Sem gosto nem vontade, mas sem protesto, submissos. Com aquela submissão de autômato, nascida do longo hábito e da prática diuturna da disciplina.

— Por que teríamos sido despertados de maneira tão insólita? — ia-me perguntando, enquanto assoprava nos braços as bolhas de sabão. Por que não teríamos ouvido o costumeiro e festivo repique da sineta? Esta, ao que me recordava, só silenciava na Sexta-Feira da Paixão. Devia, portanto, ocorrer algo de extraordinário, de muito sério e importante. Que poderia ser? Nada me parecia suficientemente grave, que justificasse aquela subversão da ordem interna do colégio. Sim, que seria? Ah! E se fosse?... Não, não podia ser. Repeli depressa o pensamento; mas ele insistiu. Sim, se fosse... a morte do padre-reitor? Não estava ele tão doente? Estava, coitado. Muito doente mesmo. Quase não deixava mais o leito. Nem sequer para as refeições, que ali mesmo lhe eram servidas. Missas... já as não celebrava há quanto tempo? Morreria o padre João, não havia dúvida. Somente a morte de padre João me parecia bastante grave, capaz de justificar a alteração do regulamento. Nenhuma outra razão me parecia mais forte. Nem mais dolorosa.

Enquanto a água frígida de junho me escorria na pele eriçada, ia eu evocando a figura querida do velho padre-mestre. Via-lhe, já com saudades, o perfil esguio, ereto, que nem os anos nem a doença logravam dobrar. Os raros cabelos, brancos e finos como retroz, esvoaçando-lhe na testa espaçosa. A voz macia, suave, adoçando a autoridade que irradiava do porte. Estimava, de verdade, os alunos, tratando-os a todos com uma bondade paternal. Uma bondade que chegava a ser quase ternura. Jamais traíra sua voz um acento de irritação ou impaciência. Quando qualquer de nós cometia uma falta mais ou menos grave, e era então chamado ao gabinete, para as explicações do estilo, ia sem temor. Sabíamos que, em lugar de castigos ou reprimendas, o que receberíamos eram palavras mansas, conselhos sábios. Não raro, de lá saíamos com uma laranja, um abacate, uma fruta qualquer, que ele sempre as tinha sobre a mesa. E muitas, e saborosas. A gente então voltava envergonhado, jurando emendar-se para o resto da vida. Mas... não emendava nada. Talvez que as frutas contribuíssem para as reincidências, quem sabe?

Quando padre João caiu de cama, e deixamos de vê-lo nas classes, a batina de gorgurão, sempre correta e lustrosa, roçando-nos os cotovelos, experimentamos uma amarga sensação de abandono, de solidão. Era certo que se padre João morresse, perderia o colégio muitos de seus alunos.

— Uma notícia muito triste! — anunciou padre Lucas, cortando-me o fio do pensamento. E fez uma longa pausa, fixando-nos. Como se estudasse na fisionomia de cada um o efeito de suas palavras. Ficamos em suspenso, aguardando o resto do comunicado. Não havia dúvida — pensava eu — é a morte de padre João, não é outra coisa. Deu-me vontade de chorar, mas reagi. Ora, que bobagem! Podia não ser nada do que se cuidava. A gente costuma sofrer, inutilmente, por coisas que estão por acontecer. E que, às vezes, nem acontecem. Padre João podia ter piorado, era possível, mas não teria morrido. Uma crise mais séria, mas que passaria logo. E ele podia viver ainda muitos anos, podia muito. Depois, podia nem ser nada com padre João. Quem sabe se não teria morrido um parente de algum de nós? Sim, um irmão, um tio, um avô. Seria mais provável que fosse um avô. Entre tantos meninos, muitos teriam que perder o avô, como também muitos já o haviam perdido. Como eu, por exemplo. Não me lembrava, porém, de que tivesse havido uma convocação especial, para participar a morte de meu avô. Não, nada disso. O padre-regente não nos despertaria, manhãzinha ainda, para avisar que morreria um avô qualquer. Devia tratar-se de coisa mais importante. Sim, muito mais importante. Então... a morte do pai ou da mãe de um de nós? Não, isso nunca! Preferia, então, que fosse mesmo o padre-reitor, coitado. Sentia muito, mas preferia isso. De resto, ele já estava bem velho. E tão doente... Talvez fosse até melhor para ele, por que não? Descansaria. É comum ouvir-se, quando desaparece um velho: "Coitado, descansou". Padre João também iria descansar. Descansaria em paz, na santa paz do Senhor. E ele bem que o merecia...

E padre Lucas, que não terminava a tal comunicação, a notícia triste! Desembuchasse logo, que diabo! Melhor que deixar a gente assim no ar, fazendo conjecturas, cismando coisas.

— José Francisco morreu! — disse, por fim, o padre-regente. — Tenham calma. O padre-reitor está melhor e deseja que vocês gozem alguns dias de férias. Preparem-se, portanto, mas nada de estrepolias! — finalizou, saindo com o seu passinho miúdo e apressado.

A notícia deixou-me atordoado, perplexo. Tudo me passara pela cabeça,

C O N T O D E J O S É L A R A





tudo, menos aquilo. Também, quem podia lá suspeitar que um rapazinho robusto, vendendo saúde, como Zé Francisco, fosse "esticar as canelas" assim, sem fazer vésperas! A gente só acreditava mesmo, porque ouvira da boca de padre Lucas. Mas... de que teria morrido Zé Francisco? Sofreria do coração? Devia sofrer. Minha mãe sempre dizia que quem sofre do coração está com um pé no chão e o outro na cova. Fosse a gente desconfiar que Zé Francisco, brigão como ele só, estava já com um pé na cova...

Passado o espanto inicial que o brusco da novidade me causara, meus nervos, até então excessivamente tensos, começaram a afrouxar. Pude então considerar as coisas com serenidade. Não se tratava, felizmente, da morte de meu pai ou de minha mãe. Tampouco do padre-reitor, que se achava até melhor, segundo informara padre Lucas. Quem morrera fora Zé Francisco, o que eu jamais haveria de imaginar. E o certo é que a morte dê-se meu condiscípulo não me causava nenhuma pena. Ao contrário, distanciados por invencível antipatia recíproca, que ultimamente se vinha traduzindo em frequentes rixas, nas quais eu nunca levava a melhor, o sentimento que sucedeu à surpresa do primeiro momento foi de alívio. Eu quase diria mesmo de satisfação ou de franca alegria, se não fosse faltar com o respeito e a caridade que devemos aos mortos. Mas seria também faltar com a verdade se eu não confessasse haver-me assaltado um indizível contentamento. E' que acabava de me lembrar a disputa que tivéramos ainda na véspera, à tardinha, e em que eu só escapara de levar uma sova em regra, graças ao padre-regente, que dera conosco no preciso momento, pondo fim à contenda. O que não impediu que Zé Francisco ameaçasse quebrar-me os dentes na primeira ocasião. E... que ele o faria, é coisa fora de dúvida. O temível rapazinho não costumava esquecer essas coisas. Se bem o prometia, melhor cumpria. Questão de dias, ou de horas.

Súbito, senti-me tomado de pavor. Recordava-me de que, nessa noite, custando-me conciliar o sono, à procura de um meio de conjurar a ameaça que me pesava sobre a cabeça, ou, mais precisamente, sobre os dentes, roguei não sei a quantos santos e santas (creio que a toda a corte celeste) que quebrassem um braço a Zé Francisco, ou lhe mandassem uma doença qualquer, não muito grave, mas o bastante para reter no leito, por alguns dias, o rancoroso inimigo. Senão quando, indo muito além do que eu pedira, os santos arrancam-lhe a vida! Seria eu, então, o responsável pela morte de Zé Francisco? Devia ser. Era, por força. Eu era então um assassino! Tal conclusão fez-me brotar na fronte um suor gelado. E as idéias entraram a baralhar-se-me no cérebro. Sim, assassino! Mas não me lembrava de haver pedido a morte de Zé Francisco, isso não. Pedira que lhe quebrassem um braço, que lhe mandassem uma doença... que não fosse muito grave (lembro-me perfeitamente da ressalva). Não teria, todavia, desejado, no meu íntimo, a morte do meu desgraçado colega? Quem sabe! Desejo é coisa que brota assim sem se saber como... Quem sabe lá como isso acontece? Quem? Ah! Uma pessoa, sim, uma pessoa devia saber: padre João. Teria, com certeza, uma explicação para o que me angustiava.

Nesse momento, senti que u'a mão me pousava no ombro, impelindo-me com brandura para fora do dormitório. Era padre Lucas. Olhei em derredor, e vi então que me achava sozinho. Todos os meninos haviam-se retirado para o vestiário, a fim de preparar as malas.

Sai a correr, tomando, porém, a direção do quarto do padre-reitor, a cuja porta bati, com fúria imprópria. E, sem mesmo dar tempo a que me mandassem entrar, empurrei-a, arrojando-me aos pés do padre.

— Preciso confessar-me, sr. padre. Sou um pecador... mais que isso: um criminoso, um assassino.

E narrei, desordenadamente, os temores, as apreensões e o remorso que me assoberbavam a alma.

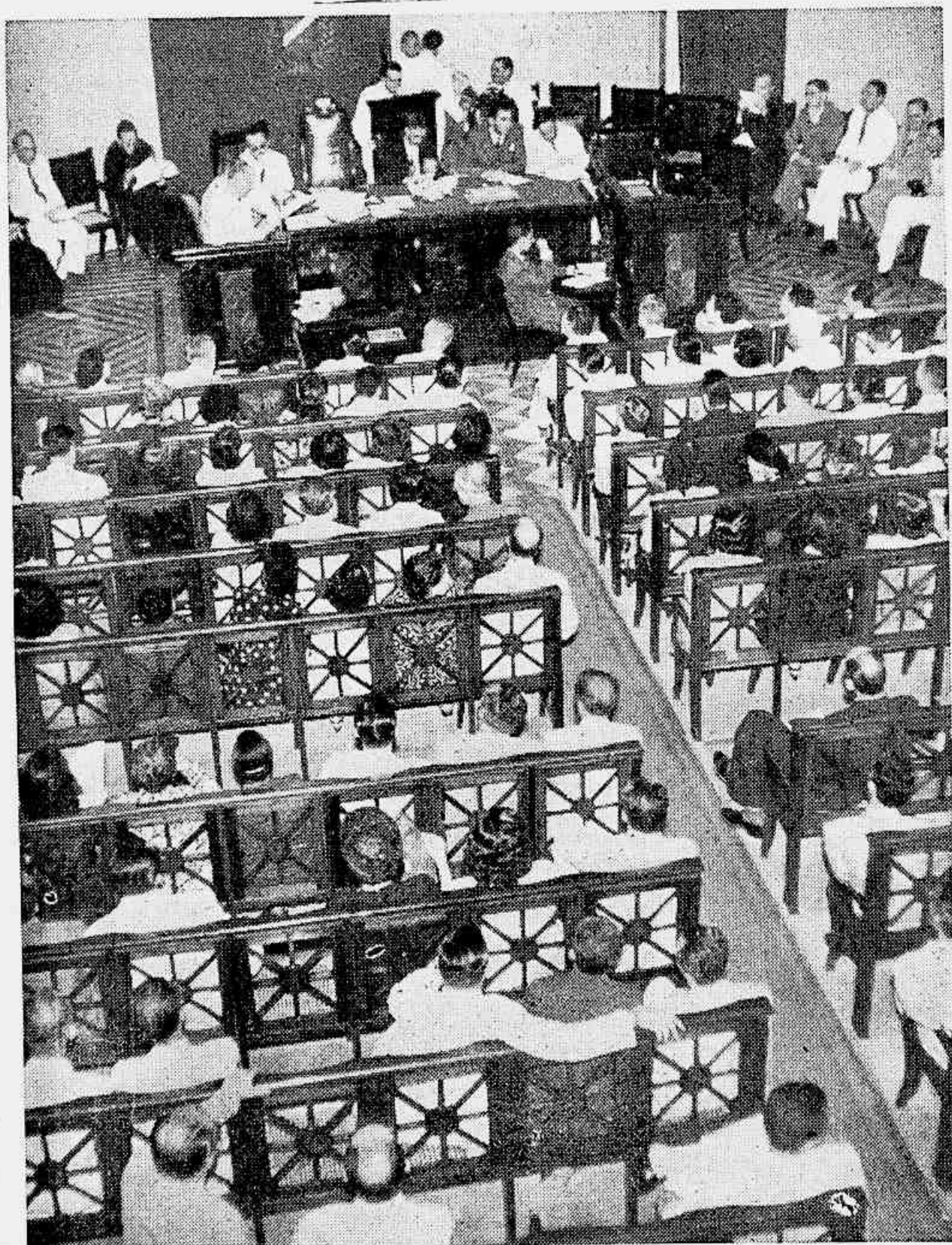
Antes de proferir qualquer palavra, padre João deu-me a beber uns goles de um líquido esbranquiçado que apanhara à mesa, e que eu supus um calmante. Procurou, depois, tranquilizar-me, explicando que tudo aquilo não passava de uma coincidência. De uma dolorosa e triste coincidência. Em seguida, narrou-me por alto as circunstâncias em que morrera Zé Francisco, vitimado por uma meningite cérebro-espinhal. Razão por que determinara a retirada de todos os alunos. Por fim, absolveu-me da pretensa culpa, ou do crime imaginário, e levou-me até a porta, despedindo-me com o seu gesto manso e paternal.

Refeito do susto e quase tranquilo de todo, ia dirigir-me à rouparia, para os preparativos da viagem, já antegozando as férias inesperadas, quando me lembrou passar antes pela capela. Para uma prece derradeira, de ação de graças. Ao chegar, porém, à porta, estaquei, temeroso. Lá estava o infeliz Zé Francisco, bem no centro da nave, esticado sobre a essa, quatro velas crepitando em volta. Quis retroceder, mas a curiosidade foi mais forte do que o medo, e me aproximei, deitando os olhos ao interior do ataúde. Medonhamente inchado, os olhos vítreos semi-abertos, Zé Francisco parecia fitar-me com o velho rancor de sempre. Com o rancor e a determinação com que, na véspera, ameaçara quebrar-me os dentes. Desviei os olhos, pousando-os nas mãos do cadáver, aquelas mãos que ali estavam, não erguidas e agressivas, mas... inofensivas... inúteis... cruzadas sobre o peito.

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATOS



Vozes autorizadas, de historiadores brasileiros e portugueses, fizeram-se ouvir no transecurso do magno conclave realizado na capital bahiana. As numerosas teses defendidas com ardor e sabedoria pelos estudiosos da matéria, reviveram os mais belos capítulos da história bahiana de 400 anos. Nas fotos acima são vistos na tribuna os srs. Pedro Calmon, Gustavo Barroso e Ernani Cidade, este membro da delegação de Portugal



AS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS DA CIDADE DO SALVADOR

PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA

Portugueses e brasileiros estudam os feitos dos antepassados comuns. ★ Ali mesmo, onde os fatos se passaram, à sombra dos vetustos casarões e das ruínas históricas. ★ O suntuoso banquete da Câmara Municipal, ponto alto de uma brilhante parte social. ★ Um Congresso que trabalhou de verdade

Reportagem de **ADALBERTO MENDES**

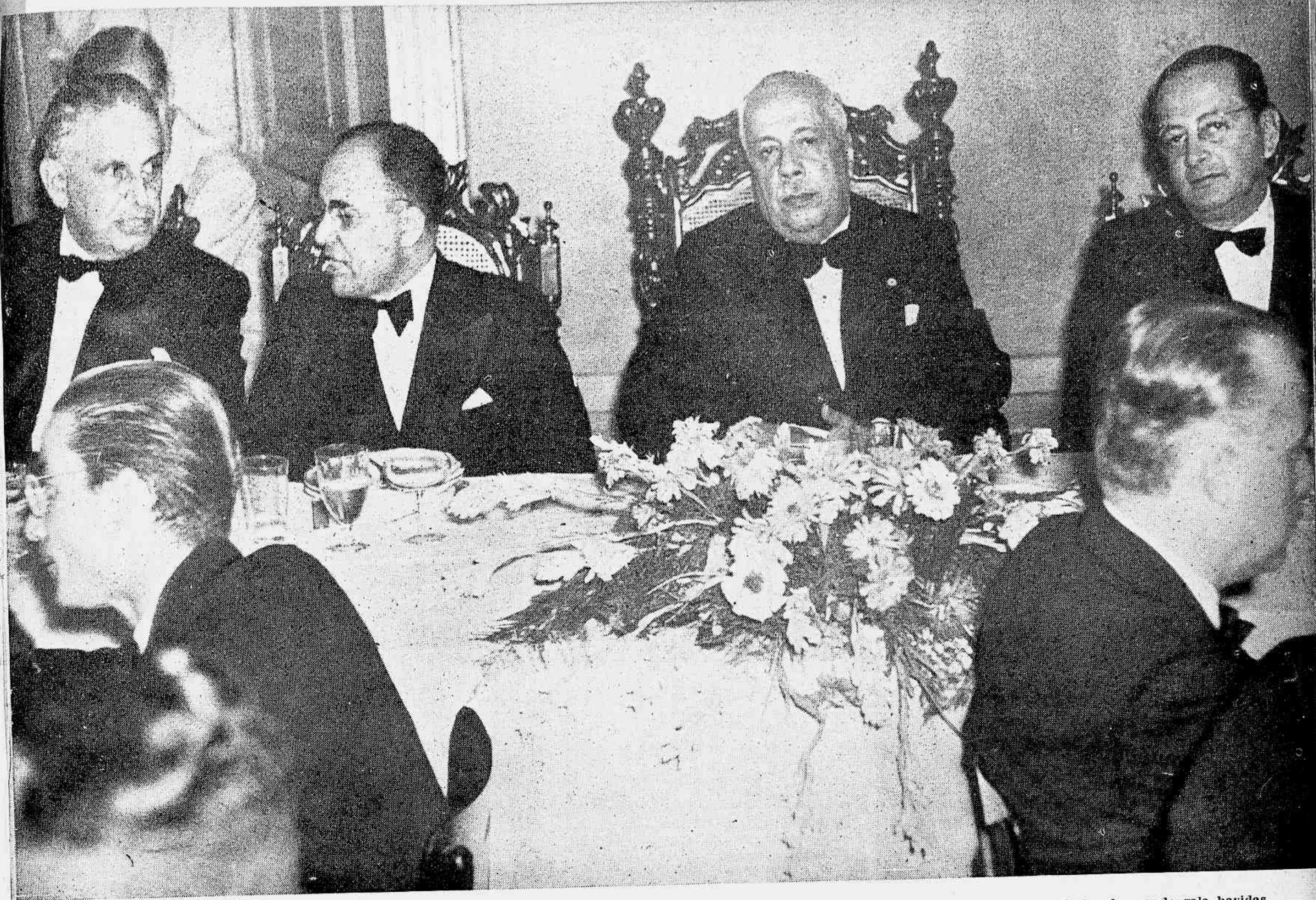
Em nossa edição da semana passada, com a reportagem do cortejo dos quatro séculos, demos começo ao noticiário dos festejos que assinalaram a passagem do quarto centenário da capital bahiana. Cabe-nos agora fazer o registro do Primeiro Congresso de História da Bahia, a grande competição cultural levada a efeito como parte do programa comemorativo de tão relevante acontecimento. O magno certame esteve, por todos os títulos, a altura dos superiores motivos que o inspiraram, fez-se eco da excepcional significação histórica daquela data memorável:

pelo vulto, em número e conteúdo, dos trabalhos discutidos e aprovados em longas tertúlias, nas quais os pontos controversos da valorosa história bahiana foram revolidos à luz de pacientes pesquisas e inflamados debates; e pela presença de autorizados historiadores d'aquém e d'além mar, unidos na mesma honrosa tarefa homens das duas Pátrias — Brasil e Portugal — cujos antepassados eram então reverenciados nos seus feitos e nas suas glórias.

Jamais um conclave dessa natureza teve transcurso igual. Ao alcance dos seus par-

Aspecto de uma sessão plenária do 1.º Congresso de História da Bahia, no recinto do Instituto Histórico. Essas reuniões atraíram sempre grandes assistências. Em baixo — O governador do Estado e senhora Octavio Mangabeira receberam os congressistas e suas famílias no Palácio da Aclamação. Foi uma das muitas homenagens prestadas pelos bahianos aos ilustres hóspedes de sua terra, nos dias festivos do quarto centenário





O banquete com que a Câmara Municipal da Cidade do Salvador homenageou os membros do 1.º Congresso de História da Bahia, foi uma das festas de grande gala havidas durante as comemorações centenárias. Ao alto, um aspecto da mesa de honra, figurando, a contar da esquerda, o prefeito de Salvador, sr. Wanderley de Pinho, o ministro da Educação, sr. Clemente Mariani, o governador do Estado, sr. Octavio Mangabeira, e o presidente do legislativo municipal, professor Arnaldo Silveira

ticipantes, ali se achavam, no tesouro tão avaramente guardado pelos bahianos, das suas caríssimas tradições, o magnífico teatro dos fatos de cuja interpretação se ocupavam. Das praias onde desembarcaram os intrépidos fundadores às tortuosas ruas e vielas, com suas veneráveis edificações; do túmulo da Catarina Álvares às ruínas de Garcia D'Ávila; dos templos se-

culares às fortalezas medievais, estava ali o palco imenso, onde outrora sucederam as fases iniciais da nossa evolução histórica. Nesse ambiente de perene evocação a um passado assás distante mas tão presente naqueles dias de gratas reviviscências, o Primeiro Congresso de História da Bahia realizou trabalho proveitoso e de grande monta, pois nada menos de 118 teses fo-

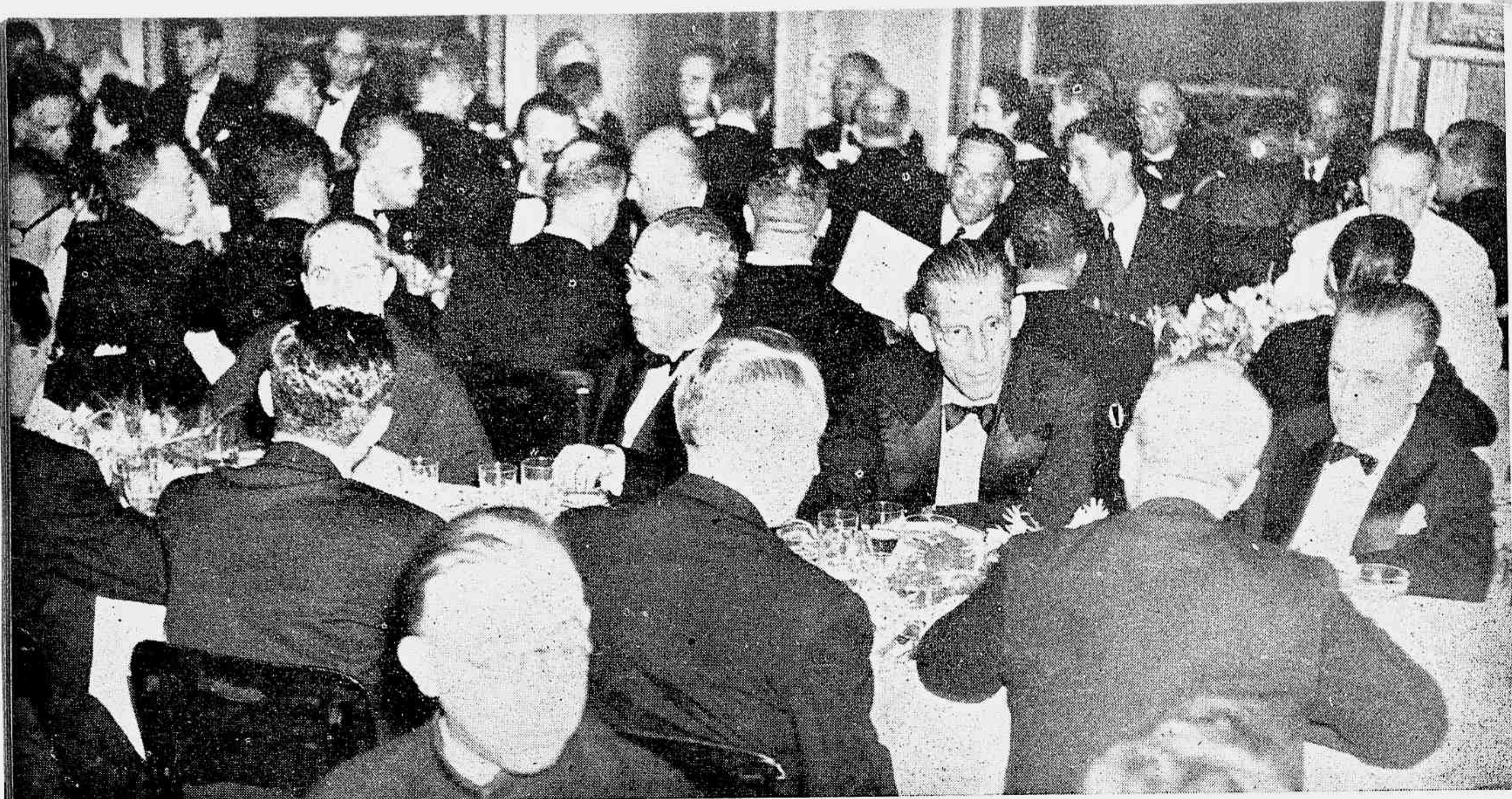
ram apresentadas e debatidas, número êsse "record" em tais assembléias.

Na sua parte social, também o Primeiro Congresso de História da Bahia teve êxito inconfundível. Foram inúmeras e calorosas as homenagens prestadas pelo govêrno e povo bahianos aos integrantes do douto conclave, delas se destacando, inequivocamente, o suntuoso banquete com que os

distinguiu a Câmara Municipal da Cidade do Salvador, festa das mais belas e refinadas a que temos assistido. O venerável salão nobre do Paço da Câmara de Vereadores viveu uma noite de gala, reunindo entre mais de 300 comensais os ilustres homenageados, cercados pelo que de mais expressivo possui a terra de Castro Alves, nos meios oficiais, nas ciências, nas letras,

Em baixo: Fotografias feitas momentos antes do banquete oferecido pela Câmara Municipal de Salvador aos congressistas. A esquerda, o presidente da Associação Bahiana de Imprensa, jornalista Ranulpho Oliveira, é recebido pelo presidente da Câmara, vendo-se também o vereador Carlos Mascarenhas; a seguir, em um grupo, conversam a escritora Ana Amélia Carneiro de Mendonça, o governador Octavio Mangabeira e o prefeito Wanderley de Pinho; por último, o presidente da Câmara Municipal, sr. Arnaldo Silveira, fazendo o oferecimento do banquete





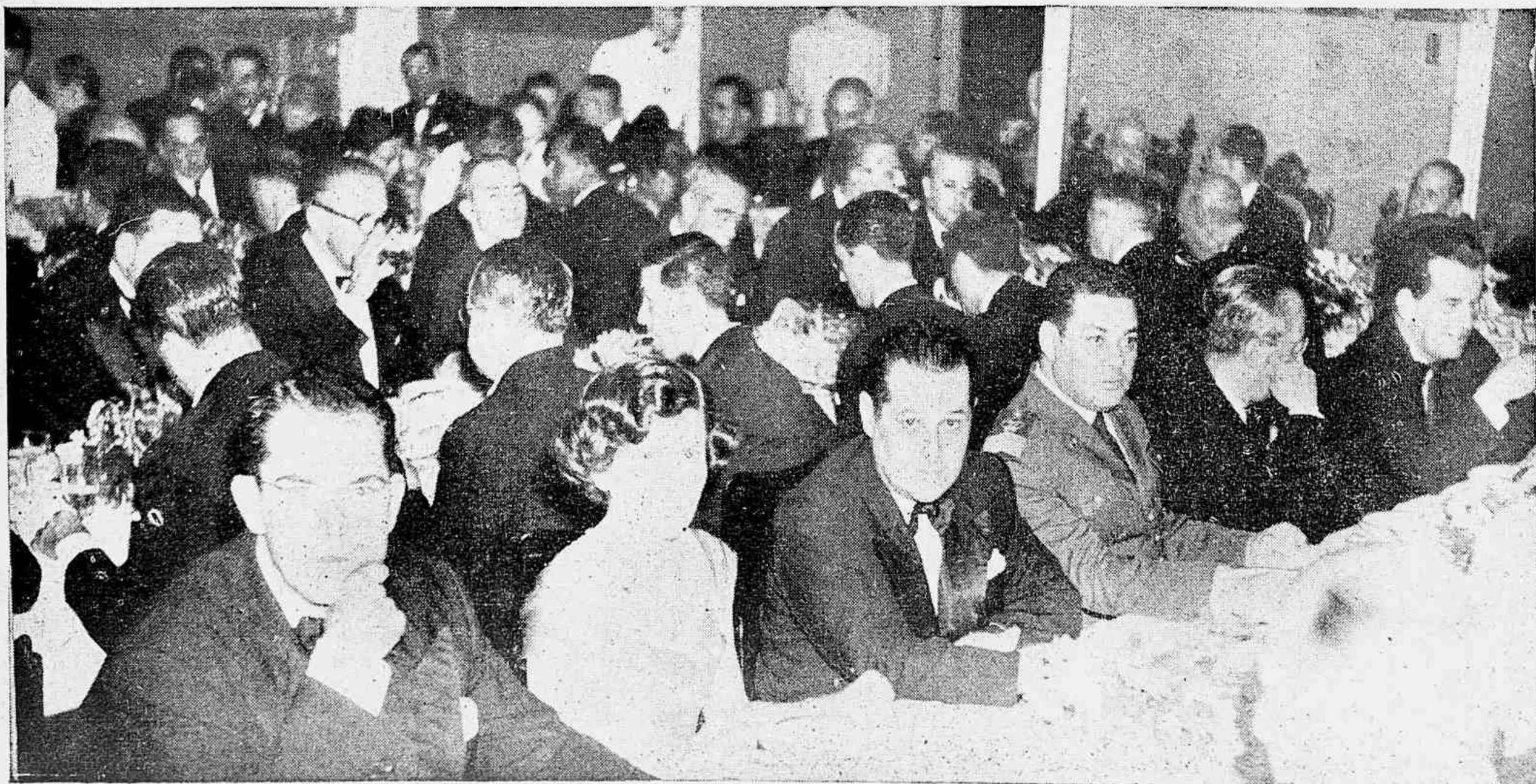
Vista parcial do suntuoso banquete oferecido pela Câmara Municipal da Cidade do Salvador aos membros do 1.º Congresso de História da Bahia



nas artes e nas esferas econômicas. Foi uma festa que marcou época nos registros sociais da Bahia. A Câmara Municipal do Salvador logrou, assim, destacada participação nas festividades do 4.º centenário de sua cidade, e de modo especial no Primeiro Congresso de História da Bahia, com esse magnífico banquete, de uma finura tão do gosto da proverbial hospitalidade bahiana. No seu discurso de encerramento o presidente da casa, prof. Arnaldo da Silveira, teceu um hino de louvor aos laços que unem fraternalmente portugueses e brasileiros, produzindo uma peça oratória de aplaudidos efeitos. O agradecimento do congressista paranaense sr. David Carneiro foi, igualmente, vasado em superior estilo, o mesmo acontecendo ao brinde de honra ao presidente da República, erguido pelo vereador Álvaro da Franca Rocha. Ainda na parte social, que envolveu os membros do referido Congresso, tiveram grande brilhantismo as recepções em sua honra oferecidas pelo governador Octavio Mangabeira, no Palácio da Aclamação, e pelo prefeito Wanderley



A esquerda: O sr. David Carneiro, congressista do Estado do Paraná, agradece a fidalga homenagem da Câmara Municipal de Salvador e o discurso do seu presidente. A direita: O vereador Álvaro Franca Rocha ergue o brinde de honra ao presidente da República. Em baixo: Outra foto parcial do elegante ágape, realizado no tradicional salão da Câmara dos Vereadores da capital bahiana





Na sessão de encerramento do Congresso de História o governador Octavio Mangabeira ergueu brilhante saudação aos eminentes historiadores ali reunidos



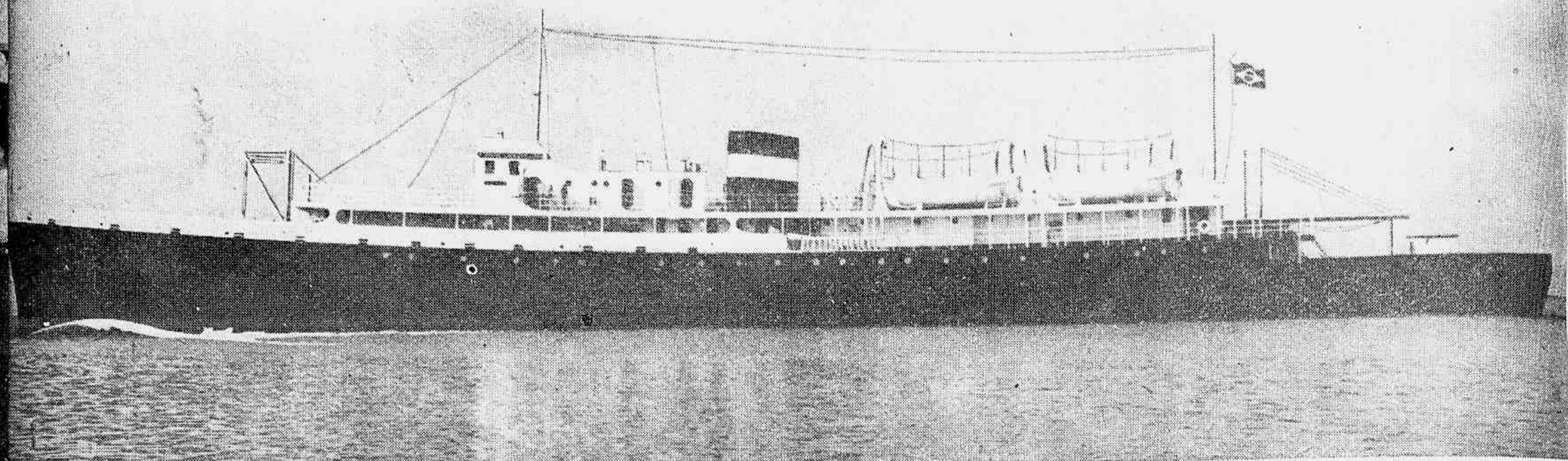
de Pinho, no Palácio Rio Branco, além de numerosas outras homenagens prestadas por autoridades, povo e entidades associativas.

A realização do Primeiro Congresso de História da Bahia ficou destarte assinalada da forma mais lisonjeira; não somente pelos marcos de bronze afixados nos extremos da cidade fundada por Thomé de Sousa, e que lá permanecerão, na Praça Municipal e na agitada Rua Chile, a perpetuar as faustosas comemorações centenárias; mas, sobretudo, no eficiente labor dos seus componentes e no que daí resultou, e no brilhantismo sem par de festas como o banquete da Câmara Municipal e das recepções do Aclamação e do Rio Branco — harmonioso conjunto, onde as manifestações do saber e da inteligência se confundiram com o trato amável dos homens e a beleza das mulheres, todos acordes em festejar, entre vigílias científicas e velhos alfarrábios, e os torneios da graça e do espírito à luz dos salões resplendentes, a data maior da Terra de Todos os Santos.



Ao alto: A esquerda, o cônego Manoel Barbosa, secretário geral do Congresso, faz um relato dos trabalhos, na sessão de encerramento; à direita: o ministro Clemente Mariani saudando os congressistas em nome do presidente da República, a quem representou nas festas do 4.º Centenário. Em baixo: Cerimônias inaugurais de placas comemorativas, na Praça Municipal e no Instituto Histórico





O belo vapor "José Marcelino", de linhas aerodinâmicas, elegante e confortável unidade empregada na linha interestadual Recife-Santos. Desloca normalmente 16 milhas horárias

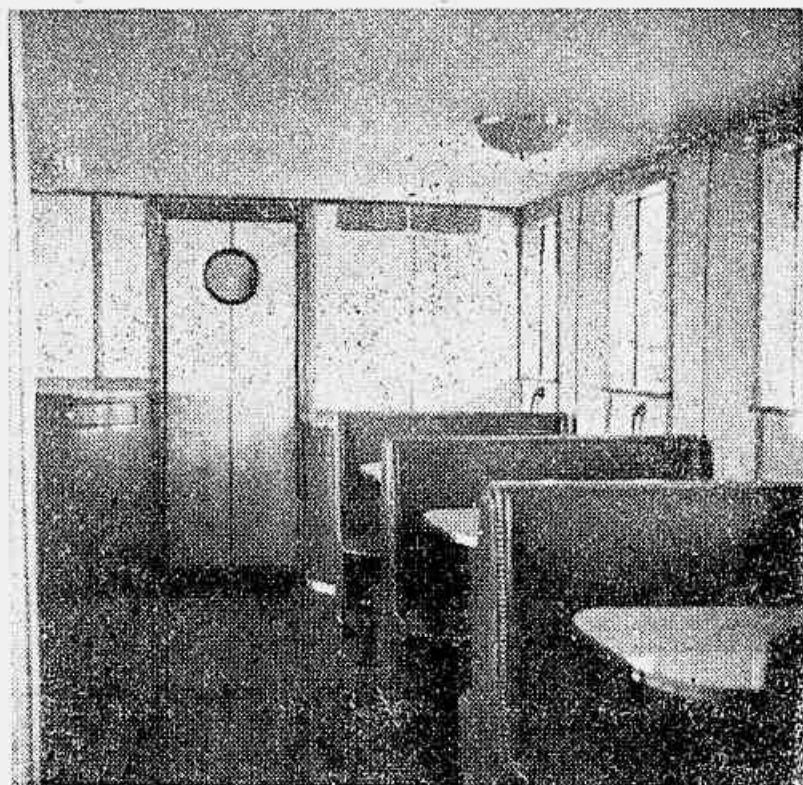
A MODERNA NAVEGAÇÃO BAHIANA

A Navegação Bahiana, o primeiro serviço organizado de transportes da Bahia, cujas origens remontam a 1836, quando Diogo Sturtz a instalou na cidade do Salvador, vem, centenária, cumprindo sua missão, dia por dia, sem falhar, tempos como serviço organizado, outros tempos como verdadeira sucata flutuante, mas sempre cooperando com o progresso da Bahia.

Atualmente acha-se a "Bahiana" numa fase animadora de reconstrução na qual se empenha diretamente o governador Octavio Mangabeira. Sentindo o governo do Estado as prementes necessidades da Navegação Bahiana, veio-lhe ao encontro com 4 unidades adquiridas na América do Norte, chegadas no momento propício de atender às exigências dos serviços. Outras unidades maiores, como o magnífico vapor "José Marcelino", já em serviço, e o "Bahia", cuja construção ora se conclui em estaleiros norte americanos, irão compôr a frota das linhas interestaduais, estreitando destarte as ligações do Estado com outros da União, e concorrendo para o desenvolvimento das atividades baianas. O "José Marcelino", atualmente empregado na linha costeira Recife-Santos, é uma esplendida e luxuosa unidade mercante, com capacidade para 74 passageiros de 1.^a e 96 de 2.^a classe, deslocando de 16 a 21 milhas horárias, fazendo agora o percurso Rio-Bahia em 48 horas. Além dos passageiros tem capacidade para 600 toneladas de carga.

Dêse modo, a Navegação Bahiana ficará com serviços regulares nas suas linhas internas, costeiras e interestaduais, dispondo para isso de 4 navios a vapor, 4 a motor, 2 lanchas e 1 iate a motor, além dos paquetes "José Marcelino" e "Bahia", dois modernos e confortáveis barcos rápidos e elegantes, rivalizando com as melhores unidades costeiras do País.

E' plano do Governo a aquisição de mais unidades cargueiras a motor, de tonelage útil de carga nunca inferior a 1.000, e com características para fazer as linhas interestaduais e também as exclusivamente costeiras do Estado, podendo transportar, em face de seu calado, as barras



Salão de refeições do vapor "José Marcelino"

precárias de vários portos baianos, servindo assim, poderosamente, à economia do Estado, com a ligação direta desses portos a outros do país. Igualmente não ficarão descuradas as Linhas internas e costeiras pois com a construção projetada de lanchas motor de passageiros, reconstrução dos três navios que foram recolhidos aos estaleiros e outras aquisições, ficará aumentada e freqüência das viagens costeiras, assim como beneficiadas serão as populações do Recôncavo e das ilhas da nossa bela baía de Todos os Santos.

Abrem-se, pois, novos horizontes à Navegação Bahiana. Além do seu material flutuante, onde se inclui a ines-

timável dóca que recebeu o nome de um dos governadores beneméritos — Araújo Pinho, — o restante do patrimônio tem sentido os efeitos da ação renovadora. Foi providenciada a reconstrução das pontes de Ilapirica, Madre-de-Deus, Bom Jesus, Coqueiros, Mar Grande e agora a de São Francisco do Cande. Igualmente a parte de edifícios, ampliado que foi o da sede com ótimas salas de espera para passageiros, nova cobertura, ampliação do almoxarifado central, adição de mais uma frente de casa de acostamento, desalojando o movimento de chegada e saída de passageiros; reconstrução ora finda, do edifício Pedroso, onde já se estão instalando as novas oficinas; aquisição, de dois prédios e grande área contigua ao Pedroso, destinados ao complemento das instalações das oficinas referidas; aquisição de um compressor a diesel necessário à reconstrução do dique. Em andamento se encontra a reconstrução do trapiche da agência de Canavieiras e iniciadas já obras de adaptação do prédio aduado na cidade de Cachoeira, destinado à agência e respectivo depósito da grande linha que serve a essa cidade. Outras providências de grande interesse para a Bahia se acham em estudo, tais como: a restauração da chamada linha do Centro, que irá servir aos municípios das importantes zonas geográficas naturais formadas pelas baías de Serinhaem e a célebre de Camamu, de ricas jazidas mineiras, assim se beneficiando diretamente Valença, Taperoá, Cairú, Santarem, Camamu e zonas adjacentes; reorganização das operações das diversas linhas, em bases racionais, e reforma da estruturação do pessoal de escritório, oficinas e estaleiros com a devida racionalização dos serviços e principalmente do pessoal marítimo, de molde a evitar colisões de dispositivos regulamentares dos serviços com os legais da União. Já está a moderna Navegação Bahiana, já agora saída do âmbito estadual das suas atividades, para servir às populações de outros Estados, oferecendo-lhes um serviço regular de passageiros, tão bom como o melhor ou melhor do que os bons existentes na Bahia.

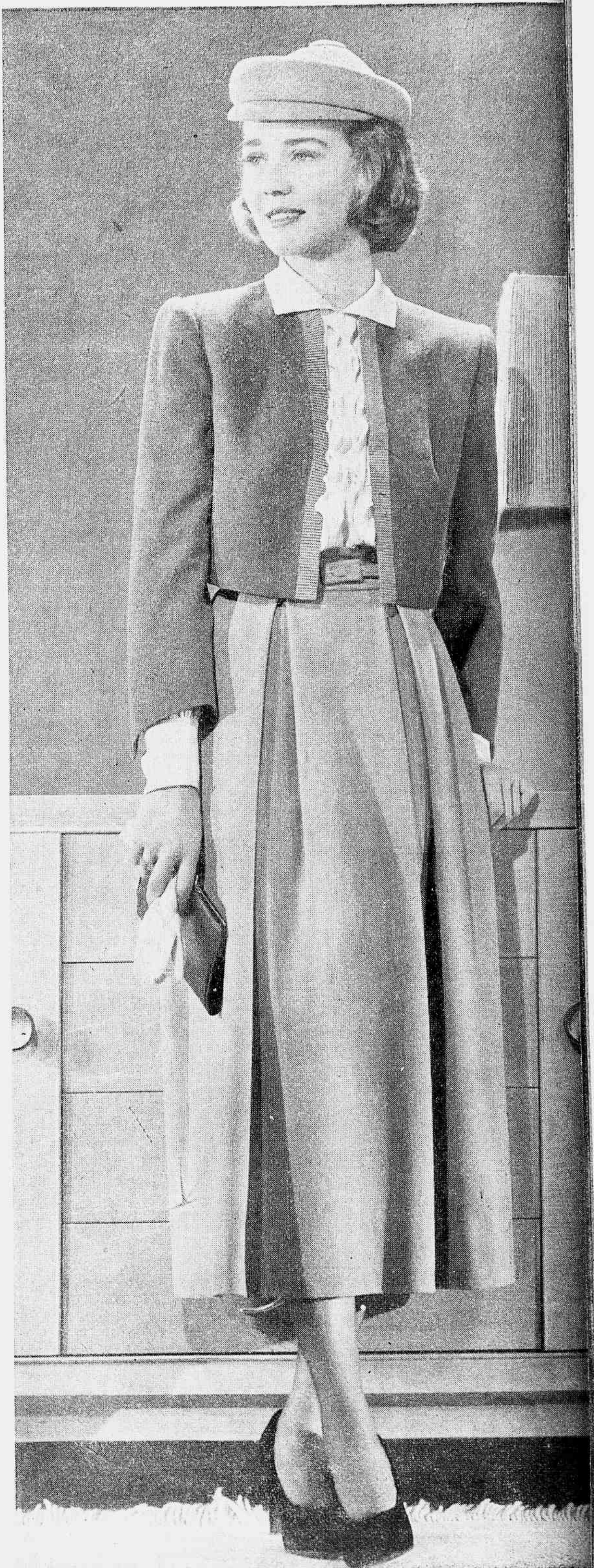
Em baixo — Salão de estar do magnífico navio "José Marcelino". Conforto, rapidez e ótimo tratamento é o que desfrutam os passageiros que se utilizam desse moderno transporte





DE HOLLYWOOD

○ TRAJE perfeito para uma jovem de vinte anos é apresentado através de três diferentes sugestões de Betsy Drake, "estrela" da RKO Radio. À direita: Uma saia cinza com "machos". Uma blusa de seda branca e um elegante bolero vermelho. Ao alto: Uma blusa de tricoline listrada, com gola redonda e duas pontas de fita caídas negligentemente. Em baixo: O "tailleur" em xadrez preto e branco, casaco de linhas retas, "Sweater" azul claro.





Não é a quantidade mas a qualidade dos alimentos que importa

ras de leite; deixe cozinhar um pouco e guarde. Na hora de servir, leve de novo ao fogo, adicione 2 colheres de queijo ralado, $\frac{1}{2}$ de manteiga, sal à vontade, misture e sirva.

PUDIM DE ABACAXI

Misture 250 grs. de açúcar com 1 xícara de caldo de abacaxi e 8 ovos inteiros. Passe por uma peneira fina e leve a assar em forma forrada com açúcar queimado. Despeje num prato e enfeite com pedacinhos de abacaxi cristalizado ou da fruta fresca.

CARNE ASSADA EM RODELAS COLORIDAS

Tome um pêso de 2 a 3 quilos de chã de dentro e com faca afiada desdobre num pano fino, achate com o soquete, deite fatias de presunto em cima e sobre elas 4 ovos duros, ao comprido. Enrole a carne como um salame, enrosque um barbante em toda ela e leve a refogar em 1 colher de banha e 1 de cebola. Junte tomates e água aos poucos, até ficar macia. Retire o barbante, corte em rodelas e arrume num prato cobrindo com o molho. Sirva com "soufflé" de batatas.

MACARRÃO AU GRATIN

Arrume num prato de ir ao forno camadas de macarrão cozido, manteiga e queijo, cubra com 2 ovos batidos, polvilhe com queijo e farinha de pão misturados e leve ao forno para tostar.

MOLHO DE QUEIJO

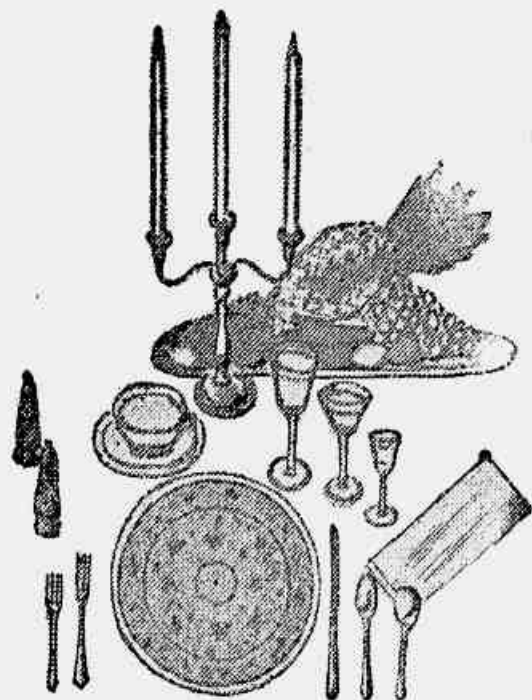
Derreta uma colher de manteiga com outra de farinha, e, sempre mexendo, junte 3 xica-

MAMÃO VERDE EM CALDA

Descasque um mamão bem verde, tire os caroços e parta, sobre o comprido, em lascas fininhas. Leve a uma ligeira fervura, escorra, deite numa calda fina e tome ponto forte.

CREPES RUSSOS

Misture 200 grs. de farinha, 100 grs. de açúcar, 1 pitada de sal, 3 ovos inteiros, 2 gemas, 1 garrafa de leite, 100 grs. de biscoitos palitos esfarelhados e 1 colher de kummel ou kirsch ou de outro licor. Frite aos bocados em pouca manteiga misturada com banha quase que só untada.



Serviço para jantar de cerimônia

CULINÁRIA

Experimente fazer o arroz fazendo antes uma calda com carne e outros temperos e depois colocar o arroz dentro dessa calda deixando-o ferver.



As sobras da carne assada podem ser aproveitadas de diversas maneiras. Saladas, pastéis, picadinhos, almôndegas, etc., são algumas delas.



Para que a carne fique bem saborosa, convém temperá-la algumas horas antes de levá-la ao fogo. Isto se faz também com os bifes.

A caridade sem ostentação

M. MERCÊDES SANTOS

SOMENTE através da verdadeira caridade, esta virtude tão sublime e difícil de ser praticada, é que o indivíduo pode realmente conhecer a grandeza da alma que possui. No entanto, poderá existir algo mais chocante e constrangedor do que a caridade praticada por certas pessoas cheias de exibicionismo e que, mesmo assim, ainda se sentem com o direito de proclamar benemerência? Ao meu ver, este tipo de caridade, que inflama e deslumbra os olhos do mundo, só pode ofender a Deus. Todavia, este caso que presenciarei, por ser revestido de uma espontaneidade comovedora, deixa bem claro que a verdadeira caridade — embora raramente — ainda é praticada.

Numa dessas manhãs, passeando pelo bairro, tive a atenção despertada para um jovem que permanecia em frente ao edifício em que residia. Aproximei-me dele e notei que era um tipo igual a muitos outros que vegetam nesta imensa cidade. Miseravelmente vestido, esguio, sujo, cabelos crescidos, descalço e de uma palidez cadavérica, com o olhar perdido naquela imensidão de andares, ele sorria... sorria tanto que me provocou um grande mal estar. Quis falar com ele, mas tive receio de ser tomada por uma importuna. Intrigada, retornei ao edifício e fiquei a observá-lo da janela do meu apartamento. Coisa espantosa! Olhou demoradamente os trapos que lhe cobriam o corpo, fez um movimento de cabeça, vagueou os olhos novamente pelo edifício e irrompeu numa longa gargalhada. Será um louco — pensei — ou estará simplesmente sorrindo de sua própria miséria, diante da fartura em que vivem outros seres humanos iguais a ele? Estava nestas conjecturas, quando o meu vizinho de apartamento, um jovem aparentando uns 23 anos e a quem só conheço de vista, atravessava a rua com destino à praia. E, ao defrontar-se com aquele trapo humano, mudou de idéia. Lentamente aproximou-se dele e, num gesto delicado, tomou-lhe o braço. Seria inútil descrever o ar de espanto que fez o maltrapilho diante da atitude carinhosa daquele jovem de condição superior à sua. Fiquei curiosa e quis ver o que ele pretendia fazer com o outro. Ao chegar à entrada de serviço, surpreendi entre os dois este diálogo:

— Você é daqui?

— Não senhor, sou do Norte e já está fazendo um mês que cheguei aqui.

— E... não está trabalhando?

Esta pergunta deixou o infeliz rapaz visivelmente perturbado: sorriu, um sorriso nervoso. Duas grossas lágrimas escorreram-lhe pelas faces e, com voz trêmula, falou:

— Como posso eu arranjar emprego neste estado? E, além do mais, esta semana estava dormindo num banco de jardim e tive os meus documentos apreendidos. Tenho passado tanta fome... que estou até com o juízo abalado.

O meu vizinho, ao ouvir este breve e constrangedor depoimento, não disse sequer uma palavra. Ficou imóvel diante de tamanha miséria. Passados alguns instantes, num gesto impaciente, apalpou os bolsos. Olhou os lados e parece que nem me viu, pois, indiferente, passou por mim e rapidamente galgou os poucos degraus que o conduzia ao seu apartamento. O desconhecido ao vê-se sozinho começou uma nova crise de riso. Pigarriei com o fito de chamar-lhe a atenção ao que prontamente ele percebeu.

— Engraçado, a senhora não acha? Este rapaz me trouxe aqui e sem me dizer nada se foi embora. Engraçado! Engraçado, não é mesmo? Acho que vou embora. Esta vida tem cada uma... Afinal de contas, que diabo eu estou fazendo aqui?

Fez um movimento para retirar-se e eu lhe pedi que não o fizesse, alegando que talvez o jovem tivesse ido lhe arranjar alguma coisa.

— Acho que não. Eu não pedi nada...

Achei a resposta deveras curiosa. E, quando tentava outro argumento para convencê-lo a ficar, eis diante de mim uma cena de um humanismo enternecedor. O jovem descia as escadas sobraçando algumas peças de roupas e, um pouco mais atrás, vinha uma moça, de 18 anos presumíveis, empunhando um balde cheio d'água, uma tesoura e um par de sapatos quase novos. Encaminharam-se para o desconhecido e, cheio de ternura, o rapaz dirigiu-lhe a palavra:

— Pronto. Vamos ver se aqui existe coisa que lhe sirva. Contudo, peço que não se zangue, mas, primeiro você vai tomar um banho. Eis aqui a água e ali atrás da escada você pode fazer isto sem que ninguém o veja.

Aquêle infeliz, se era apalermado, ficou ainda mais, naquele momento. O rapaz, percebendo isto, retomou as peças que trouxera, tomou-lhe a mão e conduziu-o para trás da escada. Momentos depois estavam ambos de volta, o meu vizinho com as pernas das calças toda salpicada de gotas d'água e o desconhecido com uma expressão de felicidade no olhar e um sorriso iluminado, admirava embevecido a mudança radical de sua pessoa. Os andrajos que vestia foram substituídos e os pés, daquele momento em diante, já não sentiriam o calor impiedoso do asfalto. A jovem quis também fazer a sua parte: encaminhando-se para o pobre homem, pediu-lhe as mãos, apertou-lhe as unhas e deu-lhe um pente para que ele pudesse pentear aquela emaranhada cabeleira, que há muito deixou de conhecer a utilidade de um pente. O rapaz, percebendo que a tarefa já estava concluída, tirou do bolso um envelope e discretamente passou-lhe às mãos.

— Tome. Aqui, você tem asseguradas umas quatro refeições e o corte do cabelo. E, sempre que tiver fome, pode me procurar sem constrangimento, que terei muito prazer de ser-lhe útil.

Ao receber o envelope ele olhou demoradamente o meu vizinho. Uma nuvem de tristeza e reconhecimento envolveu-lhe o semblante e simplesmente pôde dizer:

— Agora, até pareço gente e, por tudo que o senhor me fez, Deus nosso Senhor há de lhe pagar.

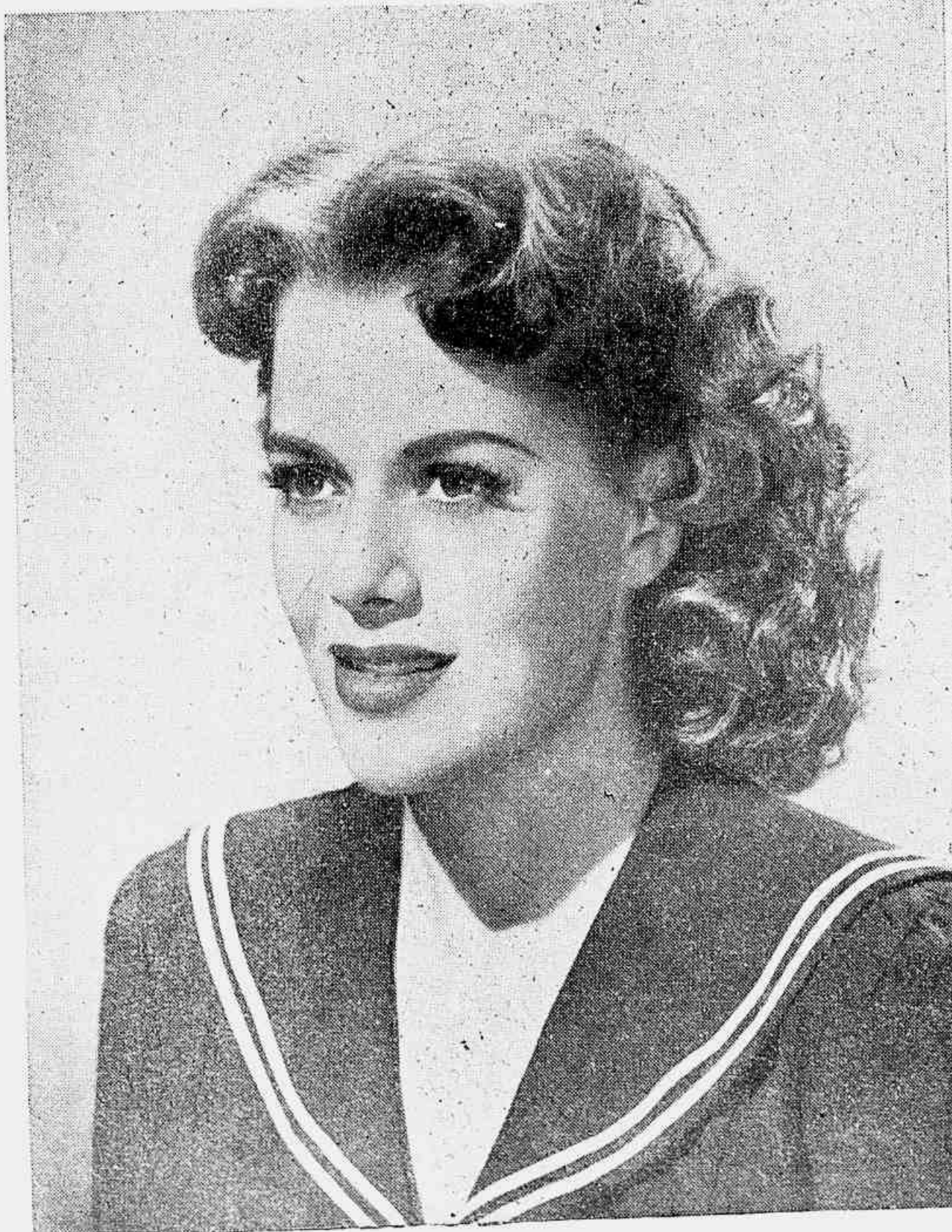
Virou-lhe as costas e foi-se embora. O rapaz e a jovem retiraram-se e eu fiquei meditando no quanto de grandioso e puro existe no coração deste jovem de 23 anos que se privando do prazer de uma praia, naquela manhã ensolarada, conseguiu fazer penetrar na alma torturada daquele maltrapilho uma tenue luz de felicidade...

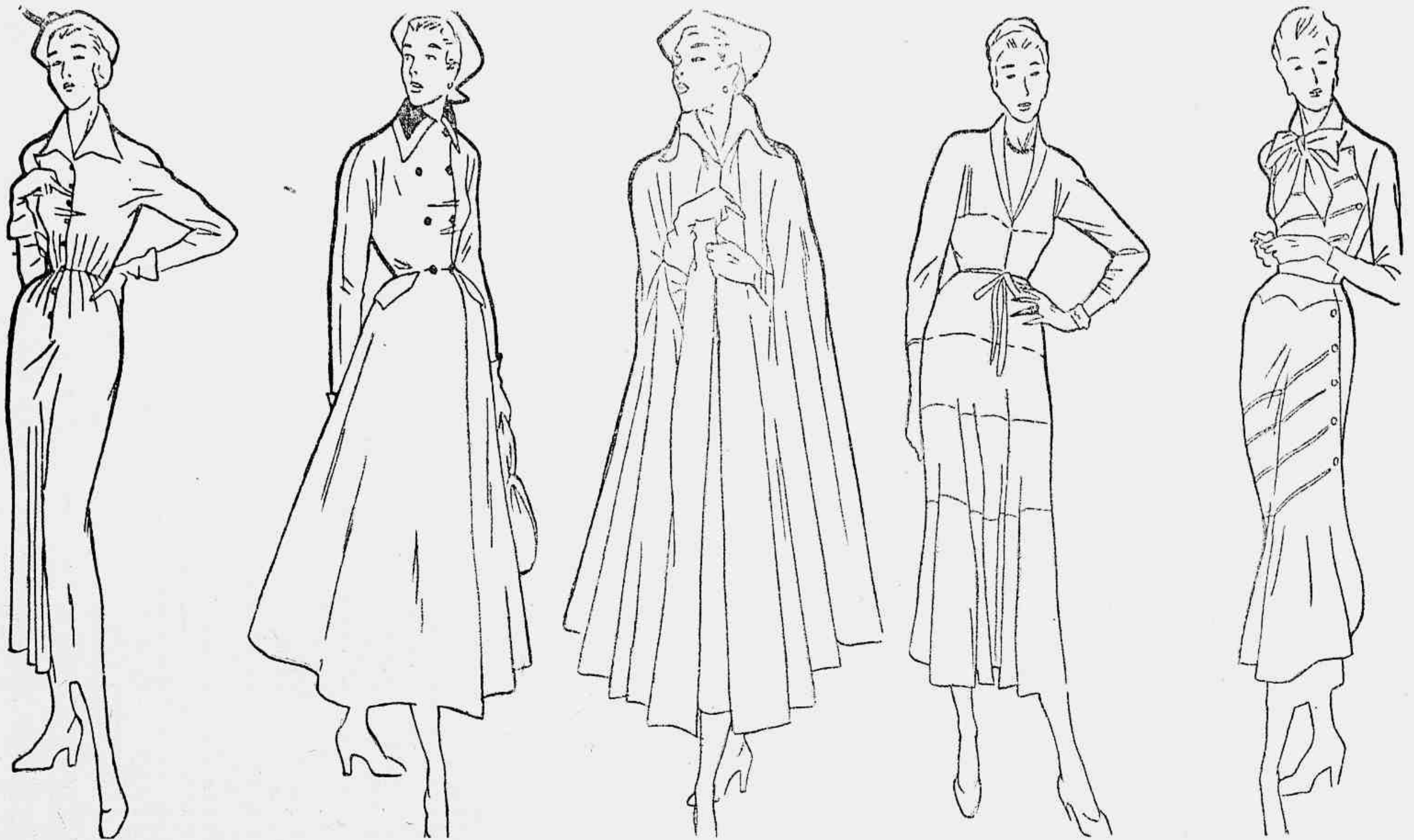


Um penteado simples, sem "boucles", fácil de ser conservado, é apresentado aqui por Janis Page, da Warner Bros. Atrás, o cabelo faz ligeiras ondas caindo naturalmente sobre os ombros. Todo o trabalho de Miss Page, é escovar o cabelo duas vezes por dia, sistema que deveria ser seguido por todas

PENTEADOS

O mesmo penteado, o cabelo mais encaracolado. Isto é obtido quando Miss Page enrola o seu cabelo à noite, soltando-o no dia seguinte. As ondas são obtidas com pressão dos próprios dedos, deixando-se que alguns grampos as acentuem, ficando nos cabelos enquanto estes estiverem úmidos





PARA O SEU

Thoubert

PARA você que casa em maio e que ainda não pôde completar o seu guarda-roupa, eis as mais encantadoras sugestões. Tô-las elas obedecem à nova tendência da moda, com a sua "linha" e os seus detalhes de elegância, graça e originalidade.





MADÉLEINE DE RAUCH



L. MENDEL



BRUYE



HERMÈS



VERA BORÉA



JEANNE LANVI



CARVEN



CHRISTIAN DIOR



PAULE ENCHAC

7 Fitas em REVISTA



Ela candidatou-se à **rainha** da cidade, mas como não arranhou nada, anda dizendo que não abre mão de suas convicções republicanas...



— Por que não recorre à polícia?!
— Você está louco?! Como é que eu vou saber se eles são da turma de socorro ou da turma de assalto?!



O **delegado** — Você não estava pedindo um palpite? Não sabe que o jogo do bicho é uma contravenção?!
O **detido** — Mas o palpite era sobre a sucessão presidencial...



— Agora chegou a minha vez de ser ouvido pelo governo! Depois da batalha do petróleo e das refinarias, vai começar a batalha do arroz...

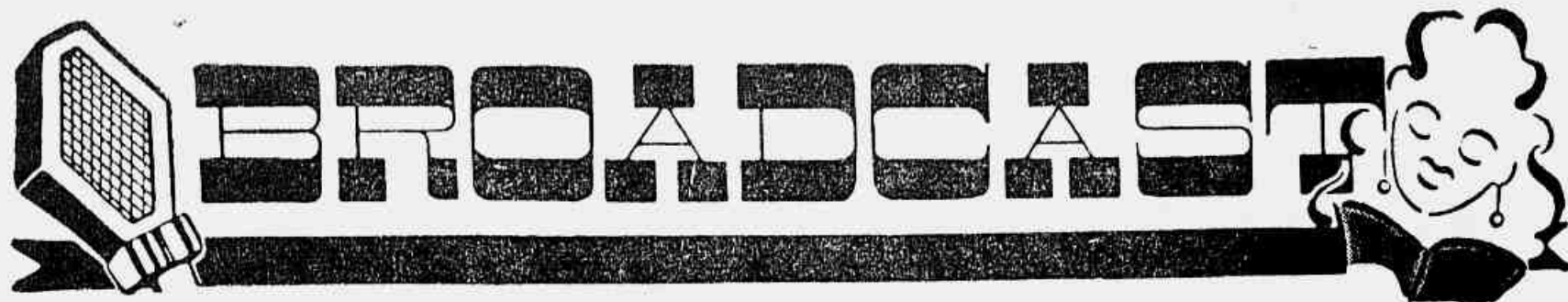


A maior decepção do campeonato sul-americano de futebol foi o médio esquerdo do Equador, que, apesar de **Vargas**, não dribla ninguém...



— Caiu Nanquim!
— Que desastre! Agora as coisas vão ficar ainda mais pretas!

NIP / entao



OUTRA CALAMIDADE!

NÃO raro, levados pelas circunstâncias, vemo-nos forçados à crítica desfavorável de programas que, pelo seu conteúdo, revelam absoluta incapacidade de quem os escreve. São falas sem sentido, como que atiradas ao microfone para preencher quartos de hora sem patrocínio. Melhor seria que ao invés desse estratagemas, tão comum nas pequenas emissoras, estas utilizassem músicas em gravação, com simples legendas, a fim de que o ouvinte as recebesse com melhor simpatia. Nada de falações tôlas, explorando casos banalíssimos de romances desfeitos... O rádio-escuta, como todo sujeito sensato, que procura distrair o espírito, não se interessa pelas levianidades de menina casadoira, nem tampouco quer tomar conhecimento da última briga que a infeliz comerciária teve com o noivo. Sua atenção volta-se, unicamente, para o que de proveitoso a estação lhe possa oferecer. Daí, o sentido calamitoso desses quartos de hora de penitência...

Atualmente, não sabemos quais as razões, o rádio se está transformando em verdadeiro confessionário de casos amorosos. A qualquer momento, num simples rodar do "dial", vamos esbarrar com um conselheiro a distribuir fórmulas para curar os males da alma. É a velha praxe dos programas de pedidos, posta em prática sobre outro aspecto. Não mais se homenageia

a moça que completou a trigésima quarta primavera, sem merecer a proteção de Santo Antônio...

Em compensação, como um perfeito conhecedor dos segredos do coração, o "speaker" distribui graciosamente a mais completa e eficiente droga para sanar qualquer desentendimento entre dois jovens às vésperas do casamento. E, numa torrente de frases desconexas, ele, qual novo profeta, vai doutrinando, a seu modo, as vítimas da incompreensão humana... É esta a mais recente novidade, capaz de suplantar as histórias seriadas. Isto, porque não faltam corações transviados à procura de quem lhes dê o bálsamo desejado... Principalmente, quando os conselhos são distribuídos graciosamente e conseguem prender a atenção dos que vivem no mundo da lua...

Não vamos citar programas, nem emissoras. O leitor, inteligente como é, por certo já teve oportunidade de ser apanhado numa dessas falções, chegando às mesmas conclusões a que chegamos. Sem a menor finalidade, a não ser a de aumentar as esperanças de uma cabecinha vazia, esses programas de conselhos estão a reclamar a repulsa dos que têm a responsabilidade de oferecer ao público ouvinte, programas à altura de nosso desenvolvimento cultural. Não mais se justificam essas apresentações, num "broadcasting" em que ouvimos programas como "Colégio Musical de Ari Barroso", "O lado claro da vida" e tantos outros de igual quilate. — A. MIGUEIS.



Ana Marly, conhecida como a "Cantora da Resistência", pode ser ouvida na onda da Rádio Globo

RÁDIO-FLASHES

CARTAZ

Xavier Cugat que, na segunda quinzena, os sul-americanos vem despertando extraordinário interesse, falando à imprensa uruguaia declarou ser a primeira vez, depois de vinte anos, que sai dos Estados Unidos. Em seu primeiro contacto com terra estranha, ou seja, a de São João de Porto Rico, ele teve a impressão de estar atuando perante o mesmo público norte-americano, tão compreensivos e entusiasmados se mostraram os portorriquenhos. Idêntico fato repetiu-se na Venezuela, apesar da situação política desse país determinar que o famoso "band-leader" e seu conjunto atuassem num ambiente de inquietação, inclusive com a sala às escuras, por haver sido cortada a corrente elétrica.

Xavier Cugat que, na segunda quinzena de maio, estreará ao microfone da PRE-3, perceberá por sua atuação no rádio e na "boite", a insignificante quantia de cento e dez mil cruzeiros, por noite.

ACONTECEU NO ETER

Luiz Tito, inesperadamente, mudou de prefixo. O vitorioso rádio-ator está integrando o elenco da Guanabara, além de participar ativamente das realizações do cinema nacional. No momento ele termina as cenas de "Iracema", em que faz papel de "Pai". ★ Arnaldo Nogueira, que durante dois anos esteve à frente da Seção Brasileira da B. B. C., na qualidade de locutor, forma com Osvaldo Luiz e Carlos Frias, o trio responsável pela boa apresentação do "Grande diário Tupi". ★ Maria da Graça acaba de assinar compromisso com a PRG-2 tendo viajado para São Paulo, no dia dezanove do corrente. Somente nos primeiros dias de junho a teremos de novo cantando na Globo. ★ Miguel Curi está respondendo pela seção especializada de Fon-Fon, substituindo com brilho o nosso confrade Alziro Zarur. Cabe, ainda ao Curi, a seção do matutino "A Manhã". ★ Max Gold vem de firmar-se no posto de encarregado do serviço informativo da Continental. Muito ágil e conhecedor do assunto, ele foi uma boa aquisição da PRD-8. ★ Celestino Silveira, em virtude de comentários feitos à ação do IBOPE, acaba de ser chamado a juízo, por este. Hipotecando-lhe solidariedade, cronistas especializados e radialistas ofereceram-lhe um almôço.

RÁDIO-"BOITE"

Diversos são os "astros" do "broadcasting" nacional que contribuem para o êxito dos "shows" que as "boites" cariocas, com frequência apresentam. Dentre esses, está Ivon Curi, irmão do popularíssimo animador da "Hora do Pato". Dedicando-se à interpretação da música estrangeira, o artista exibe-se ao lado de Carmélia Alves. Na lista de sucessos lançados e gravados por Ivon Curi figura a bonita "La vie en

rose", canção que bateu todos os "records" de gravações vendidas. Também "Pigalle", que o irmão de Jorge Curi gravou em dueto com Rosita Gonzalez, teve boa aceitação entre os apreciadores da música francesa.

ESCLARECIMENTO

Ivo Peganha, falando a respeito do alheamento da PRD-2 sobre as atividades desportivas, declarou:

— "Simplesmente por isso; certo dia, um dos nossos agentes trouxe a sugestão de fazermos um programa para ser levado ao ar no horário em que as nossas co-irmãs estivessem empenhadas na transmissão das peléjas futebolísticas e nas carreiras do Jockey Club. Chamou a nossa atenção para o caso, dizendo que determinada firma estava interessada no patrocínio do "broadcasting". Examinamos a sugestão e, achando-a compensadora, abandonamos o esporte. Segundo depreendemos das cartas e telefonemas que temos recebido, a nossa decisão foi acertada."



Ivon Curi, alla sua atuação no "broadcasting" à participação nos "shows" do Copacabana. Dentre seus grandes sucessos, figura "La vie en rose"



RECORDAÇÃO... SAUDADE

Samba-canção de Dorival Caym

Recordação... Saudade

Da amizade

Que perdi assim.

Se ao menos ela tem acreditado

Que o amor de um homem

Dura até o fim...

Sempre foi ingrata

E maltrata por querer.

Em qualquer parte em que ela viva,

Há de saber a todo o instante

O que faz de mim.

Vagando sempre pela rua

A cismar à luz da lua,

Sem saber o que fazer.

Mulher, mulher ingrata

Culpa desse meu viver

E vou assim me acabando,

Definhando, terminando.

Triste samba da dor.

E a sua imagem continua a perturbar

O fim desse infeliz, sem amor...

★

MARIA BONITA

De Agustín Lara

Acuerdate de Acapulco

De aquelas noites,

Maria Bonita,

Maria del alma,

Acuerdate que en la playa

Com tus manitas

Las estrejetas

Las enjuagabas.

Tu cuerpo del mar juguete

Nave al garete

Venían las olas

Lo columpiabam

Y mientras yo te miraba

Lo juro con sentimiento

Mi pensamiento

Me traicionaba.

Te dije muchas palabras

Con que se arrulan

De esas bonitas

Lo corazonetes,

Pidiendo que mi quisieras

Que convitieras

En realidades

Mis ilusiones.

La luna que nos miraba

Y hacia ratito

Se hizo um poquito

Desentendida.

Y quando la vi escondida

Me arrodillé pa besarte

Y así entregarte

Toda mi vida.

Amores habrás tenido

Muchos amores.

Maria Bonita

Maria del alma.

Pero ninguno tan bueno

Ni tan honrado

Como el que hiciste

Que en mi brotara.

Idolatrada.

Lo traigo lleno de flores

Como una ofrenda

Para dejarlo

Bajo tus plantas.

Recíbelo emocionada

Y júralo que no mientes

Porque te sientes

Idolatrada.

A JOVEM SEM CORAÇÃO

QUANDO Pascal Diaz chegou, naquele dia, à sua pequena residência de Provença, sentia-se contente e de espírito alegre. Acabava de passar em Paris um ano inteiro de atividades, ano fértil em entusiasmos e também em decepções. A preparação de seu último livro, a repetição de uma obra que lhe havia outorgado um certo sucesso, o haviam absorvido até ao último instante; mas ele estava decidido a aproveitar as festas de fim de ano, para gozar ao lado de sua mãe dois meses de repouso, bem como esquecer, durante esse tempo, colegas de letras, editores e diretores de teatros.

Diante do modesto gradil que ele tão bem conhecia, estacou tomado de emoção. A poética residência rural desaparecia sob o manto de rosas e jasmims. Uma pergola feita de parreira, levava da entrada à varanda rústica, de onde já se podia sentir o perfume das trepadeiras e pessegueiros carregados de frutos maduros lá no quintal.

Pascal deixou seu carro diante do portão que abriu docemente para penetrar naquela casa tão sua conhecida; mas, ao ruído dos seus passos, viu surgir diante dele uma figurinha delicada e loura, quase uma criança, metida num vestidinho simples e lindo, enfeitado de flôres de manacá. Diante daquela jovem loura, ele não pôde conter uma exclamação:

— Monique! Como você está crescida!

Mui naturalmente ele a beijou naquelas faces redondas, ainda cheirando à infância. Lembranças de tempos idos lhe chegaram ao espírito. A última vez que a vira, fora no último verão que passara ali na fazenda das Oliveiras, tinha ele apenas dezessete anos... Onze anos já haviam decorrido em que ele convivera ao lado de sua prima Monique, àquela tempo uma garotinha vivaz, brincalhona como uma gatinha. Com ela muito divertia, brincando e rindo.

Apesar de tanto tempo passado, reconheceu-a imediatamente pelos seus cabelos louros e aquele rosto delicado. Porque se acharia ela na fazenda? Seu pai estaria também ali? Encontravam-se outros convidados? Com certeza aquilo era lembrança de sua boa mãe, para evitar que ele se sentisse tão sozinho na solidão do campo.

Percebendo certa inquietação no seu rosto, Monique o tomou pelo braço:

— Titia vai sentir-se muito contente, Pascal. Desde que você lhe escreveu, só vive a pensar na sua chegada.

Nesse instante Mme. Diaz apareceu à porta do terraço e se atirou aos braços do filho, com um mundo de perguntas, de censuras amáveis, de ternuras e explicações. Porque tinha chegado assim de improviso? Por que não fixou o dia da chegada? Seu dormitório estava preparado desde muitos dias, mas não estava certa de que o almoço lhe agradasse... Se houvesse chegado na véspera, teria encontrado um menu sabroso; mas naquele dia, uma sexta-feira, só lhe podia arranjar umas trutas... Que tal uma omeleta de queijo? A cozinheira sabia arranjá-los muito bem.

— Minha querida mamãe — disse o rapaz logo que pôde articular uma palavra — estou certo de que qualquer das iguarias que me oferecer muito me agradará... não podendo afirmar tal a respeito dos outros convivas... Quais são os outros convidados?

— Ninguém, meu filho! A não ser Monique. Espero que ela não te incomode, não é? Ela não é enjoada, bem sabe, e, além disso já te conhece há muitos anos.

— Oh! Sua presença não me aborrece em nada, absolutamente — afirmou Pascal. Para falar com franqueza, ele se refez da primeira sombra de ligeira contrariedade que lhe causara a presença da jovem prima na casa de campo de sua mãe.

Ao subir para seu aposento, ele ia dizendo consigo: — "Não quero tornar-me um espantalho para esta menina. Ela muito gostava de mim antigamente. Não brincávamos juntos, de selvagens. Que desejar, poderei isolá-la-me fazendo-a estar certa de que ela não possa em iniciar algum na-

Ao almoço, ele tenta encabular Monique e lhe oferece um cigarro. Mas, com surpresa sua, ela aceita sem hesitar.

— Ai está o que eu não podia admitir — diz ele — e pensei que ia responder-me: "Obrigada. Não fumo". E' permitido fumar lá no seu internato?

— Ah! Deixei o internato há um ano, e já tenho fumado, algumas vezes em companhia de papai e de amigos.

— Como ficou vermelha ao dizer tudo isso! Qual é justamente sua idade atualmente, Monique?

— Dezessete anos!

— Que profissão escolheu para viver?

— Até agora, nenhuma ainda.

— Mas... deve ter, ao menos, uma idéia. Todas as moças trabalham hoje em dia.

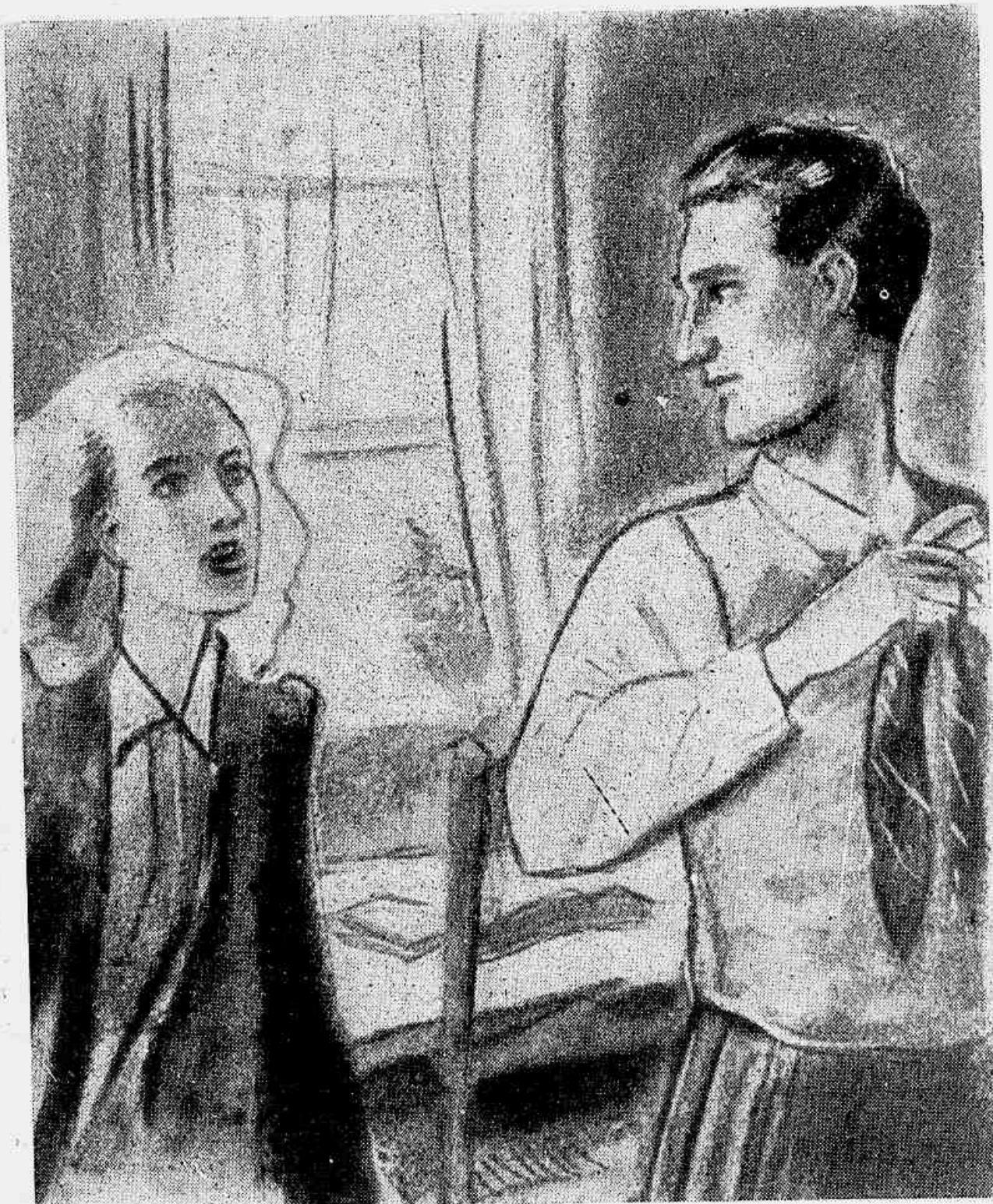
— Eu julgava não estar sendo bem educada lá no internato — respondeu Monique, enrubescendo um pouco — por isso gostei de ter saído de lá. Agora, como meio de vida, eu desejaria... gostaria de ocupar-me de crianças.

vido por uma jovem como era Monique. Entretanto esta não demonstrou nenhuma perturbação, não se mostrou em nada escandalizada ou constrangida.

Depois dessa cena, Pascal estava pensando com seus botões: — Veremos amanhã, se ela mudou de tática e se esforça para parecer com as moças modernas, uma vez que, pelo que lhe fiz suspeitar, gosto mais das moças modernas do que das antiquadas.

Mas, contra sua expectativa, no dia seguinte nada mudou, uma vez que Monique esteve ausente durante o dia inteiro. Segundo lhe disse sua mãe, a jovem possuía amizades nas redondezas e fora fazer-lhes visitas. Pascal pôde assim gozar de toda a liberdade e foi percorrer os arredores, os bosques tão conhecidos de sua infância.

Grande surpresa o esperava ali. Sob grande carvalho que, por sinal, era seu ponto favorito quando criança, estava sentada uma desconhecida, jovem, mo-



Pascal sorriu com ar irônico e voltou:

— Então, é preciso casar-se. E' a forma mais simples. Você é o tipo da moça do século passado, sabe? Exceção única do cigarro, naturalmente.

Súbito uma suspeição me atravessou o espírito. Teria mamãe intencionalmente mandado buscar Monique para início de um amor e, por fim, arranjar o nosso casamento? Seria essa moçoila um tipo capaz de seduzir-me? Sua aparente timidez, aquele ar modesto, o amor às crianças, tudo isto não me parecia muito natural, pensei eu de mim para comigo. Todas as moças que eu já havia conhecido bebiam coquetéis e nada temiam. Então — pensei — espere lá, minha guria, também sou capaz de tomar parte na comédia!

Então Pascal se lançou a descrever à prima, passagens de sua vida de solteiro em Paris, exagerando um pouco. Aludiu a cenas bastante apimentadas e que fizeram sua mãe franzir as sobrancelhas, achando aquilo impróprio para ser ou-

rena e vestida de branco. Ao vê-lo, se ergue com um sorriso de desculpa:

— Temo ter-me tornado indiscreta, senhor, ao penetrar em suas terras; mas é tão bonito este bosque!

— Oh! Senhorita! Esteja a gosto, peço-lhe. E' muito natural o que fez. Estou apenas surpreendido porque não vi ninguém por estes lados... Porém...

Talvez tivesse ele sido menos amável se ela não fosse tão linda e não visse Pascal que a mesma tinha às mãos, aberto, um exemplar do último romance de sua autoria. E' justo que tal circunstância lhe tocasse o coração, o que sempre sucede com qualquer escritor, por mais modesto que seja.

Ele olhou fixamente o livro. A jovem que novamente se havia sentado num tronco de árvore sob o frondoso carvalho, reconheceu o autor e lhe disse, com alegria e surpresa:

— Mas... é o senhor... Pascal Diaz? Como não o reconheci imediatamente?... Vi seu retrato. Aprecio tanto os seus

livros! Sim, bem sei que é isto uma frase banal; mas, quanto a mim, juro que ela é verdadeira... Sinto-me muito contente, meu caro senhor...

Pascal compreendeu que aquela confissão era sincera. Sem dúvida que ela, de há muito, desejara conhecer o seu autor favorito, e, por isso, o estava olhando com tanta afeição, sem sombra de preconceitos, chamando-lhe "meu caro senhor". Não restava dúvida de que aquela moça era muito bem educada. Lembrava-se, porém, que, na sua meninice ele também sentira tais simpatias e entusiasmos por vários autores; por isso não se espantou com aquelas exclamações da jovem desconhecida.

— Aposto como a senhorita gostaria de escrever, não? — E sorriu para ela, amavelmente.

— E' possível que sim. Até sucede uma coisa. Venho publicando contos em alguns dos pequenos jornais do país, para começar... Meus pais não querem que eu me ocupe disso mais amplamente, e que não passe de simples passa-tempo. Mas eu sinto que isso será meu meio de vida. Estou certa de que o senhor me compreende, que não rirá de mim. E' que o senhor também terá conhecido tudo isso antigamente, este apetite jámais saciado diante dos bons livros, obras que desejamos igualar ou mesmo ultrapassar...

— Conheci tudo isto muito antes de a senhorita, o sentir, certamente; a senhorita...

— ... Greuze, Andrée Greuze. Não me julgue tão fútil para pensar tornar-me celebre rapidamente. Mas eu desejava muito conviver noutros círculos intelectuais que não o meu, onde tudo o que eu escrevo é elogiado...

Pascal conhecera e conhecia muitas mulheres letradas, mas nenhuma possuía a violência passional daquela moça a fixá-lo bem nos olhos. Também nenhuma podia ter aquela beleza. Ele sorriu novamente e respondeu quase contra sua própria vontade:

— Se a senhorita m'o permite, dar-lhe-ei, não digo normas ou conselhos, pois que é preciso manter sua própria personalidade; mas alguns informes sobre a melhor maneira de chegar até aos editores parisienses. Farei isso com o maior prazer.

— Oh! Sr. Diaz!

Sua alegria foi tanta que ela lhe tomou ambas as mãos num espontâneo gesto de agradecimento.

Que sorte, o havê-lo encontrado! Permite que eu o apresente a meus pais? Simplesmente uma formalidade... Compreende? Em seguida nos refugiaremos em meu gabinete e lhe mostrarei algo do que já tenho produzido. Mas lhe peço que seja severo em sua apreciação. Quando podemos começar?

— Amanhã, se lhe apraz, respondeu Pascal, com interesse.

Bem se recordava de seu início literário e do velho escritor provinciano que o havia ajudado e compreendido, e era agora ele próprio quem estava na vez de auxiliar aquela jovem desejosa de tornar-se escritora.

Por algum tempo ainda ele conversou com Andrée Greuze acerca de sua formação literária e seus autores favoritos. A palestra foi de tal forma agradável que eles não deram pelo crepúsculo que já lançava sobre a terra suas primeiras sombras. Pascal estava verdadeiramente atraído pela simpatia e simplicidade daquela jovem sonhadora, e ela, ao que parecia, também estava encantada com o jovem romancista.

A' hora do jantar Pascal não pôde resistir ao desejo de contar à sua mãe o encontro que tivera com aquela jovem, de quem nunca tivera notícia. Mme. Diaz o olhou espantada e respondeu:

— Mas, meu filho! Já muitas vezes te tenho falado da família Greuze, gente muito rica e muito amável e que veio morar aqui, faz uns quatro anos! Tú não me ouves nunca quando falo a respeito de nossos vizinhos!

— Desculpe, mamãe querida. E' que eu, talvez, estivesse meio distraído. E a senhora conhece Andrée? Porque nunca me disse que ela escrevia contos? Talvez isso me interessasse.

— Por Deus! Bem sabes... para mim, esses contos não parecem muito interessantes...



De LUCILE D'ARLEMONT

Naquele dia Marina acordara com o mais jovial de seus sorrisos. Estava eufórica, satisfeita, feliz. Ao sentar-se diante do espelho de sua penteadeira, olhou-se demoradamente, como enamorada de si mesma.

Qual o motivo por que Marina estava tão contente? Ela ia encontrar-se com o seu amor e, depois, estaria marcado o dia do casamento.

Todas as jovens de sua idade, de dezoito a vinte anos, vivem a sonhar com o mais emocionante dia de sua vida: — o do casamento. Marina dormira a pensar naquele compromisso que, enfim, ele ia cumprir.

Quem era esse ele? Um senhor mais idoso, viuvo, apaixonado por Marina. Pessoas da família da jovem lhe chamaram a atenção para essa disparidade cronológica. Além disso, ele parecia possuir um gênio violento, homem desconfiado, pouco sereno em seus procedimentos.

Marina, entretanto, ia deixando no vácuo essas advertências. Gostava dele; ele a amava loucamente. As dificuldades iniciais seriam contornadas com a convivência, o entendimento recíproco, a mútua renúncia.

Naquela manhã ela estava rejubilada com a aproximação do grande e memorável dia. Como ia ficar bonita tendo seu belo rosto moreno emoldurado pela grinalda, a cabeleira negra coroada pela brancura do véu alvíssimo!

Já escolhera numa revista o modelo de seu vestido de noiva. Suas amigas, suas vizinhas, as mocinhas de sua idade lá do bairro sentiriam inveja.

Marina mirava, remirava seu rosto bonito ao espelho. Fazia ensaios de sorrisos, de olhar, de gestos de felicidade para os circunstantes imaginários.

Depois do almoço, foi encontrar-se com ele. Ao saudá-lo, notou que seu escolhido estava com a cara fechada. Marina se dirigiu ao mesmo em tom carinhoso, afável, delicado. Que se passava?

Rompeu a discussão. Ele soubera que Marina estava decidida a desfazer o casamento, em virtude de ter aparecido outro mais jovem...

Ela protestou. Tudo isso era perfídia de alguma invejosa. Não havia ninguém, além dele. Mas o homem estava indignado e viêra encontrá-la disposto a liquidar com o assunto.

A troca de palavras foi aumentando de intensidade de lado a lado. Ambos se mostravam enfurecidos, trocando doestos ofensivos, cortantes.

Num ímpeto, Marina decide acabar, de uma vez, aquelas cenas, e tenta regressar à sua casa, para chorar em silêncio o desmoronamento de seus sonhos azuis...

Mas não pôde. Ele segurou-a violentamente por um braço. Ela quis reagir. Ele apertou tanto que Marina ia gritar. Era tarde. A lâmina de um punhal trespassou-lhe o coração. Vendo-lhe o corpo estendido ao solo, morta sua eleita, ele fugiu... Mais uma tragédia passional entre os que se amam sem a educação do espírito, a cultura moral, o respeito social. E se tudo isso ele teve, ficou cego pela paixão... ergueu o braço assassino, porque...

O amor é assim.

Também para mim são insípidos, diz Monique. Porém é uma vocação da família. O pai fabricava lâminas de barbear.

Mme. Diaz começou a rir, enquanto Pascal olhava sua prima com ares de quem está surpreendido. Era a primeira vez que percebia nela uma piada maliciosa.

Após esse diálogo à mesa, uma semana se escoou. Agora, todos os dias, estava Pascal em casa dos pais de Greuze, na "Vila Claire". Diariamente levava à jovem morena de cabelos negros, um novo livro, um novo informe, uma carta de recomendação para algum semanário de Paris. Ele sentia nela a mesma fascinação literária que existia em si, e começava a pensar que seria muito agradável ter como companheira uma jovem assim tão decidida, tão compreensiva, tão ávida de saber. Seu segundo mês de férias estava já no fim, quando, um dia, enquanto Pascal ajeitava a gravata diante do espelho, Monique bate à porta e entra timidamente:

— Titia manda perguntar se você nos acompanha a Villars.

— Muito lamento não ser possível, pois deverei estar em casa dos Greuzes às cinco horas da tarde.

— Ainda! — Murmura tristemente a prima.

— Como ainda! Não sabe que fui convidado?

— Você é convidado todos os dias, agora. E eu bem adivinho porque...

— Sério?

— Titia parece que deseja que você case com André. E quanto a você, bem vejo que começa a amá-la. Ela é inteligente... culta...

Os olhos azuis de Monique se encheram de lágrimas. Pascal se sentiu emudecido e mesmo irritado.

— E então? — Diz ele bruscamente. — Se estou decidido a casar, porque não desposarei mesmo André?

Monique não lhe respondeu. Estava a esforçar-se para evitar a continuação do seu pranto, a vinda dos soluços. Ele se aproxima da jovem e pergunta:

— Isto te causa alguma mágoa?

O silêncio que se seguiu à pergunta foi mais eloquente do que a própria resposta.

— Monique... — continua ele com voz um tanto sufocada — Monique, você me ama?

E, diante daqueles olhos lacrimosos, daquela boca mimosa que se abria, Pascal foi tomado de violento impulso, debruçou-se para ela e a beijou com violência.

Mas, imediatamente ela se liberta de seus braços, de seus beijos e foge sem que ele procurasse persegui-la. Ao contrário; termina seu arranjo no vestir, dá de ombros e sai, por sua vez.

Que bruto devo eu ser, monologava ele a caminho da casa de André. Que senti eu para agir daquela forma? E' a André a quem amo. E' ela que deve ser minha esposa. E' perfeita sob todos os pontos de vista. Linda, rica, "chic", sabendo manter uma sociedade elegante, em salões brilhantes... E', talvez, um pouco independente, mas o casamento a modificará, uma vez que deverá consagrar-se à minha obra que muito há de interessá-la. Quanto a ela a admiração já se transformou em amor, e mamãe deve estar coberta de razão quando me diz a sorrir que eu encontrei uma alma irmã... Talvez até devesse logo declarar-me... Quanto a Monique, depois de suas primeiras impressões de tristeza, esquecer-me-ia facilmente. Pobre pequena! Mas... vamos! Não pensemos mais nisso.

Assim, quando Pascal estava a chegar à casa de sua bela escolhida, já não mais pensava em outra coisa se não em ser ali recebido de braços abertos, como sempre sucedia. Desta vez estava ali um novo personagem, muito jovem e louro, de traços atléticos e de nome Guy, entregue a treinos de tênis para o campeonato que se aproximava. Esse esportista, que falava muito pouco e parecia ser tímido, desapareceu logo após ser servido o chá.

— Vou agora mostrar-lhe uma coisa, Pascal, — disse-lhe André conduzindo-o ao seu gabinete de trabalho. Recebi hoje uma carta do jornal "Recits", comunicando que aceitou dois dos meus contos e me pedindo um outro. E' a você que tudo devo. Como posso agradecer-lhe?

Pascal pensou intimamente — é chegado o momento. E foi direto ao fim:

— Será fácil, André. Deseja que continuemos por toda a vida o que iniciamos durante essas últimas semanas? Deseja que eu permaneça sempre junto a você? Sempre ao seu lado? Quer casar comigo?

A moça depôs sobre o "bureau" a carta de que acabava de falar-lhe e que ainda segurava na mão, sentou-se um tanto surpreendida e respondeu:

— Não pensei jamais que você viesse a propôr-me isso, Pascal. E' uma grande honra... sinto-me lisonjeada; mas... não posso aceitar.

Perplexo, ele não pôde fitar-lhe os olhos e murmurou:

— Você não pode... Quer dizer que eu a desagradei tanto assim?...

— Eu admiro, Pascal... admiro seu talento, sou muito reconhecida por tudo o que fez por mim; mas não o amo, e estou certa de que você também não me ama... Há simplesmente uma coincidência de vocação...

— Mas... André... Temos os mesmos gostos... e, justamente...

— Não se trata de gostos. Podemos, ambos, atingir os mesmos ideais, caminhar no mesmo caminho, usando dos mesmos meios; temos ambos os mesmos apetites de autoridade. Somos capazes de ler o pensamento do outro. Conheço, perfeitamente os seus defeitos, e você os meus. Não, não é isto que é necessário em casamento. Veja, eu teria mais vontade de ser sua companheira do que sua esposa, se...

— Se?... Continue, eu a escuto.

Ela começou a rir gostosamente.

— Bem... vamos lá, meu caro, eu já não sou nenhuma criança. Você tem desejos de beijar-me, como também eu tenho desejos de sentir os seus lábios nos meus. Mas... será isso, somente isso. O casamento? Será apenas esse desejo?

— André... — diz Pascal secamente.

— Você ama outro homem?

— Sim... E você o viu há poucos minutos.

— Aquê! rapazinho? O Guy? Mas André! Ele tem ares de idiota...

— Porque diz isso? Ele tem espaldas sólidas, belo rosto, um riso franco. Eu o amo, Pascal, eu amo Guy sem rodeios, sem sombra de literatura. Você...

Novamente seus olhos rebrilharam:

— Não percebe, Pascal, que você precisa de uma mulher que o admire sem restrições, que se submeta à sua opinião, aos seus desejos, amante, delicada, uma verdadeira esposa, afinal? Comigo você teria pela frente, dentro em pouco uma adversária; mais tarde uma rival...

Ouvindo isso, Pascal se ergue:

— Uma rival literária? — Murmura ele com ironia. — Veremos isso, minha querida amiga. Em todo caso, deu-me uma lição que não poderei esquecer jamais. Uma palavra ainda: nosso encontro naquele primeiro dia, foi obra do acaso, ou um plano conscientemente preparado por você? André enrubeceu, mas o fitou com energia:

— E' verdade. Preparei aquele encontro que me facilitaria travar relações com um escritor conhecido. Você também fez o mesmo, antigamente. E, pode crer, já-mais cheguei a acreditar que você viesse a amar-me. Nunca falamos se não de seus livros, ou de meus projetos. Nunca me mostrei com intenções amorosas para com você...

— Sou eu que lhe devo desculpas. — Concluiu Pascal.

Eles chegaram ao portão do jardim. Bruscamente ela lhe segura as mãos:

— Pascal, peço-lhe perdão se o entristeci. Mas espero que venha a agradecer, um dia, e não fique com rancor... com ressentimentos...

— Eu?... com ressentimentos? — respondeu ele com certa indiferença. — Tenho a impressão de que sou um homem que caiu, por seus próprios passos, num precipício... Eis tudo.

E ao regressar à sua casa ele sentia no mais fundo d'alma o desejo de sentir o gosto de dois lábios rubros e jovens, de uma lourinha que o amava em silêncio e a quem ele podia amar sem preocupações de fraternidade literária, sem temor de rivalidades... Eram lábios puros e saborosos como os pecegos maduros da chacara...

A VIRGEM DOS LÁBIOS...

(Continuação da pág. 28)

longes do horizonte e foram recebidos como amigos da tribo.

Era preciso que Martim se iniciasse nos segredos da raça e se pintasse com os cores rubro-negras dos dominadores dos coqueiros. Numa solenidade simples e sugestiva, Iracema preparou as tintas

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima.

Vaqueta marrom e Havana
De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Interior, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, Havana e marrom, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marrom. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00

Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Interior de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Interior e forro de náilon. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

FOMOS visitar a Notre Dame, na ilha de la Cité, que não se pode ver sem pensar no Corcunda, que Hugo romanciou. Era uma tarde escura e, com a pouca iluminação, os "vitreaux" tinham aspectos mais sacros. Apesar do frio de uma tarde de inverno havia muita gente, tanto fiéis como visitantes, estes somente interessados em ver a obra prima com seus belos trabalhos de escultura, as solenes capelas, sem falar no enorme adro da igreja e no altar central. As cadeiras são daquela palha comum, parecida com palha de milho, que os italianos fazem no interior de São Paulo — cadeiras macias, mas bastante tôscas e de baixo custo. Fica-se pensando por onde andarão os móveis primitivos desta maravilha do passado. Hoje ocupam seus lugares cadeiras tôscas, simples, destoando da grandiosidade do conjunto.

Depois vimos as ruas estreitas, casas altas e idosas, nas vizinhanças da Notre Dame, lembranças de um passado longínquo, mas ainda muito bem conservadas. Perto da estação do Metro há um mercado de pássaros de todos os tipos e tamanhos: canários, periquitos, pombos e uma infinidade de pássaros de canto. Tudo animado e, embora fosse domingo, havia muitos compradores e vendedores.

Pela manhã fomos ao Bois de Boulogne. Apesar do seu tamanho de muitos quilômetros quadrados, destacava-se enorme multidão por todos os lados — famílias inteiras com a criança, carrinhos, patinetes, patins e grupos jogando bolas de todo tamanho, até as de futebol. No pavilhão do lago uma fila de gente esperando a vez para alugar os barcos de passeio.

O bar-pavilhão estava repleto, casais dançando ao som de uma orquestra. Dá satisfação ver um parque como esse tão cheio, talvez o mais movimentado que já vimos. E' que os parisienses sabem gozar o que lhes pertence. As largas avenidas do bosque cheias de automóveis e nas interjunções policiais dirigiam o tráfego, com especial cuidado nos carrinhos de crianças. Se o bosque está assim num dia frio, o que não será no verão com as árvores enfolhadas e os jardins floridos?

A noiteinha passeamos por "boulevards" modestos, mas, belos e animados como Sebastopol, Strasbourg, St. Denis, St. Martin — o que em Paris seria equivalente à Lapa ou Rua Larga no Rio, ou Rangel Pestana e Celso Garcia em São Paulo, misturando-se com a avenida São João para apanhar uns cinemas. Num café cantante havia uma pequena, mas excelente orquestra tocando "Pampa Mia". Muitas famílias, casais e grupos enchiam os salões. Músicas ligeiras, bem tocadas, no gênero popular do "Sole-mio", "Maria", "Viúva Alegre", "Danúbio Azul", "Relicário" e em dado momento uma valsinha chorosa que reconhecemos como brasileira. Mas não foi difícil ligar o nome à música de São Paulo, antiga, suave, e muito conhecida na Argentina, onde é muitíssimo apreciada, muito mais do que no Rio. Os músicos do violino e do acordeon eram excelentes. Quando a orquestra retirou-se, às 21 horas, o café foi ficando vazio.

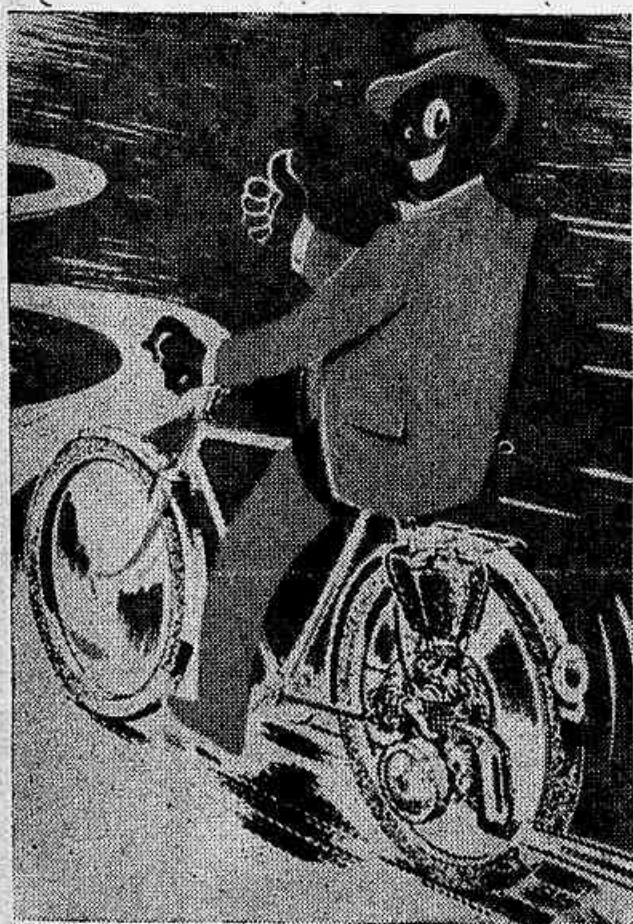
Fomos então a um grande e belo cinema, o Rex, estilo mourisco por dentro, com uma boa imitação de um céu estrelado lá em cima. Assistimos a uma excelente fita americana. "Duelo ao Sol", muito bem feita e colorida. Gregory Peck, Lionel Barrymore, Lillian Gish, Herbert Marshall são alguns dos atores. Não gostamos do sistema francês de fazerem tudo falado na sua língua. Até uma pretinha criada lá no Texas e Lionel Barrymore falando francês. Preço da platéia 150 francos (10 cruzeiros), e mais 10 (70 centavos) para a mocinha que indica o lugar.

Visitamos o Cônsul Geral do Brasil na avenida dos Campos Elísios; o sr. Salgado dos Santos, simpático, nos recebeu amavelmente e conversamos sobre nosso país: o Rio, São Paulo e a REVISTA DA SEMANA, sua velha favorita. Fiquei agradavelmente impressionado com o grande movimento do consulado. Agora que, felizmente, facilitamos a imigração, há uma grande quantidade de pessoas que vão para o Brasil, e, a julgar pela aparência de saúde e boa disposição das que vi aglomerando nas salas, estamos de parabéns. São raríssimas as pessoas no Brasil que não estão de acordo com a política de imigração ativa para a nossa terra. Deixemos que venham os imigrantes europeus, aos milhares, às centenas de milhares e mesmo aos milhões. Temos hoje capacidade de absorção, muito mais desenvolvida do que antes e, afinal, quem somos nós senão descendentes de estrangeiros? Quem fez a nação não foram os primitivos donos da terra, que eram poucos. Foram os lusitanos, italianos, espanhóis, alemães e outros que vieram depois. Está, desse modo, parecendo que em 1950 seremos mesmo 50 milhões para o bem de todos.

O ministro Salgado dos Santos lembrou a ligação do norte ao sul do Brasil por uma estrada de ferro da mesma bitola para que possamos viajar no mesmo trem e com o mesmo bilhete. O avião é um meio muito útil de comunicação pessoal; para o comércio, entretanto, e mesmo para os passageiros a estrada férrea a eletricidade ou a óleo cru ainda será o meio mais prático e econômico. Trens de laranjas vão da Califórnia a New York — uma distância maior do que a de Recife a Porto Alegre; de madeiras e maçãs da costa do Pacífico a Montreal, uma distância ainda maior. E' claro que com uma linha férrea boa, onde os trens corram a 100 quilômetros por hora, o Norte ficará mais próximo do Rio Grande do Sul.

Na França há muitas bicicletas pelas ruas, mas não é um meio de transporte tão real e direto como na Dinamarca e Holanda, onde a sua grande utilidade alivia os bondes e os ônibus. Mas há aqui muitas bicicletas com motorzinho, que homens e mulheres utilizam. O motorzinho, que pesa uns 8 quilos, dá uma velocidade normal de cerca de 40 quilômetros por hora, com grande eficiência.

Um homem, que usa esse motor, contou-me que o possui há cerca de 4 anos e que já andou mais de 45.000 quilômetros sem ter que mexer no mecanismo interno; disse-me que é uma maravilha para o seu trabalho de vendedor de lubrificação, pois tem viajado por toda a França, mesmo nos lugares de grandes elevações. Quando a montanha é íngreme, usa os pedais da bicicleta, o que ajuda o motor, cujo segredo, disse-me, reside em nunca se supor que se está numa motocicleta; não se fazer 60 quilômetros por hora, porque a bicicleta não aguenta e deixa o dono na mão ou no meio da estrada contra a mão, o que é ainda pior. Ofereci-lhe e acendi-lhe um cigarro. Ele me apertou a mão e saiu pelo "boulevard": po-po-po-po!



Lá vai o homem na "máquina"

e ele foi batizado com o novo nome de Coatiabo — o homem pintado.

Japi, o cão dos chefes pitiguaras, o companheiro inseparável de Poti, festejou o novo amigo e lhe lambeu as mãos em sinal de amizade eterna. Iracema o apertou em seus braços roliços e morenos como o guagiru, e o cão a ganhar de contentamento lhe correspondeu com latidos de alegria. Tudo corria na maior felicidade.

Na cabana de Araken reinava, porém, a maior dor pela ausência de Iracema. Irapuã não se conformava com a fuga de sua deusa selvagem, e Caubi chorava a perda da irmã de leite. O velho pagé, com o choque já esperado, curvou a face sobre o peito e não mais ergueu a cabeça para ver a luz do sol. Dali teriam de levá-lo para os mistérios do camocim, até que as luas se sucedendo o transformassem numa sombra.

Iracema se mostrava feliz à beira do mar. Seu espôso era carinhoso e atento. A amizade com Poti e seu poderoso irmão Jacauna era a garantia de paz, a defesa contra os ataques dos tapuias e dos tupi-nambás traiçoeiros.

Nas águas da Porangaba, a lagoa que torna a mulher mais bela do que nunca, Iracema se banhava todos os dias. As mulheres índias das redondezas vinham admirar a tabajara e passaram a banhar-se nas mesmas águas para que Tupã lhes concedesse a felicidade de uma beleza igual.

Iracema subia às dunas alvacentas para vislumbrar ao longe, dos lados do Mucuripe quando o espôso regressava da caça e da pesca. Trocavam beijos e a lua de mel não tinha mais fim.

Certo dia, porém, já muitas luas eram passadas e os cajueiros haviam florido várias vezes, quando Iracema sentiu que um novo ser lhe estremecia a alma.

Recolheu da jati os favos mais doces e os sorveu para alimentar a vida de sua vida e torná-la suave como a paina. Banhou-se na cachoeira alva como um véu de noiva, para que a pele do filho fosse tão linda como um raio de luar e loira como o sol. Perfumou-se com as flores silvestres para que a alma de seu filho desse sempre prazer ao pai ausente.

Quando Martim, o guerreiro Coatiabo voltou, ela lhe deu a boa nova. O guerreiro branco a abraçou comovido e esperou o dia feliz de formar sua nova mairi.

Estava Iracema embevecida com o novo rumo de sua vida quando ouviu que alguém, do alto de uma carnauba lhe pronunciava o nome. Olhou e ficou emocionada. Era sua jandaia, a ave a que os seus chamavam ará, lá nos campos tabajaras e que Iracema deixara sem poder conduzi-la para o mar.

A jandaia veio de árvore em árvore, de cipó em cipó, de ouricuri em ouricuri, de jatobá em jatobá, até que descobriu sua ama e gritou-lhe o nome encantador: "Iracema! Iracema!"

A ave desceu das palmas ciclando ao sopro do terral e veio pousar no ombro da índia. Martim ficou perplexo com tanta fidelidade e sabedoria instintiva da jandaia do Ipú, e a amou como se fosse uma pessoa da família.

Naquele dia os índios se alvoroçaram. Muito longe, na fimbria verde do mar, viram sinais de estrangeiros que perlongavam a praia. Eram os guerreiros brancos que vinham buscar Martim e dar combate aos povos da terra. Troou a inubia e as praias se encheram de lutadores. Os pitiguaras passaram toda a noite a erguer defesas com as juçaras intransponíveis, enquanto, mais ao sul, os aliados de Jacauna se aprestavam para a batalha.

Na cabana de Martim, nascia Moacir — o filho do sofrimento. Iracema fôra buscar os mais suaves ramos do maracujá para forrar a rede do filho. Já as setas dos guerreiros caíam diretas sobre as cabeças dos invasores de cabelos dourados, e eles fugiram atemorizados pela resistência dos índios. Já três dias eram passados, quando Martim voltou. Viu a espôsa a amamentar o filho e a beijou ternamente. Ergueu o rebento de seu amor à altura dos lábios e o estreitou com afeto. Moacir!

Moacir! — repetiu do olho da palmeira a fiel jandaia.

Logo depois o espôso e Poti partiram para a guerra. Iracema ficou sozinha com a saudade a espremer-lhe o coração e o filho sugando-lhe as tetas róseas de uns seios já estanques.

Ela subiu ao cômodo e olhou para o sul. A ponta do mucuripe alvacentos passou a significar o emblema da saudade e não o da alegria. Deixou a lagoa de Porangaba, para banhar-se na de Mecajana, o lago da tristeza.

Certa manhã, quando embalava o filhinho na tipóia, um vulto se aproximou saindo da sombra dos coqueiros. Era Caubi, seu irmão, que vinha visitá-la e trazer notícias dos tabajaras. Iracema se assustou e fez menção de proteger o filho; mas Caubi a tranquilizou. Não vinha pelear. Somente a saudade da irmã o fizera descer às areias do mar. Quería ainda ver o sobrinho. Iracema afastou as franjas de penas que protegiam Moacir, e Caubi, extasiado, o tomou nos braços, com afeto. Onde estava Martim? Tinha seguido com o guerreiro Poti para a guerra lá pelas bandas do Acaraú. Somente depois de passados três sóis, estaria de volta para dar alegria a Iracema. Caubi o esperou para dar-lhe o abraço da amizade. Mas estava preocupado com a tristeza e melancolia de Iracema. Ela lhe pede que regresse à taba de Araken. Caubi percebe que Iracema deseja que o irmão não seja testemunha de seus sofrimentos, e parte. Vai, mas promete voltar toda vez que os cajueiros se cobrirem de flores. Iracema preparou a carimã do filho e se despediu do irmão.

Já o espôso de Iracema havia vencido

BAHIA-RIO GRANDE DO SUL

(Continuação da pág. 18)

velhos que ia recolhendo. Professor da Escola Normal, também seus parcos rendimentos eram caridosamente colocados na caixa da pia instituição. Hoje, essa casa de caridade, ostenta-lhe o nome e a bonita Praia de Belas, à margem do rio Guaíba, onde chantara a sua casa de caridade, também ostenta-lhe o nome querido e benemérito: é a linda Av. Padre Cacique.

O segundo, não menos benemérito trabalho, o Orfanatrofio Santo Antônio, foi fundação do imortal Cônego Marcelino. — José Marcelino de Souza Bittencourt, natural da freguesia de Santo Antônio da Cidade do Salvador.

Entregue à direção dos Irmãos Lassalistas (Congregação de São João Batista de La Salle) desde o início, é único no Rio Grande do Sul e seus benefícios são enormes. Com capacidade, atualmente, para 400 crianças orfãs, o Pão dos Pobres, como é popularmente conhecida a instituição, não só educa as crianças, como lhes ensina as mais variadas profissões: pedreiro, latoeiro, funileiro, ferreiro, músico, encadernador, tipógrafo, ladrilheiro, etc. A criança, ali, é estudada e dirigida para o trabalho a que mais se adapta, inclusive outras profissões a que ela, fora da casa, é encaminhada. Tudo isso idealizado pelo grande baiano, é rigorosamente cumprido e levado a termo, muitas vezes com dificuldades inauditas.

★

Se o auxílio revolucionário é, hoje, apenas do domínio da História, a cooperação realizada nas duas grandes casas de caridade e ensino acima referidas, e mais, no comércio, nas indústrias e no que se refere ao povoamento, é viva e continua, tendente a aumentar ano a ano e sempre com o mesmo significado brasileiro dos tempos de Silva Pais, e dos que se lhe seguiram.

Além disso, a união é, hoje, mais íntima: abrange o intercâmbio em todos os terrenos. Riograndenses na Bahia e batanos no Rio Grande do Sul são elo cultural, social e comercial que unem, atualmente, o norte e o sul num grande abraço fraterno. E os molhos do moderno porto da cidade do Salvador são o símbolo dos braços da Bahia a dar o adeus aos que partem de lá para o sul, e a dar as boas vindas aos que, do sul se dirigem para ela, para a histórica e benemérita Bahia brasileira.

os tapulas nas praias do Mearim, quando resolveu voltar a Porangaba. Ali encontrou a esposa sem leite para amamentar o filho, sem forças para lutar pela vida. Martin a abraçou comovido. Ela lhe entregou Moacir e, horas depois faleceu. Seu corpo foi enterrado ao pé do coqueiro à sombra do qual eles trocavam afetos e em cuja fronde a jandata chamava pelo nome de Iracema.

Com a alma sangrando de dor, Martin e Coatiabo, amigo e aliado de Poti e Jacauna, envoltos na tristeza que lhe trouxera a morte da companheira, aprestou a jangada e se fez ao mar com o filho e o cão fiél.

E naquela alvorada cor de sangue, quando o terral enfunava a branca vela da jangada de Martin, a prôa bordava de rendas a crista das ondas daqueles verdes mares bravios, o guerreiro branco que singrava o oceano para reunir-se aos seus e educar o filho das selvas, lançou seu último olhar para as serras distantes e para a orla dos coqueiros da praia, lembrando-se que de lá trouxera a virgem mais bela das florestas cearenses e ali à sombra dos coqueiros a deixara para sempre...

Uma lágrima lhe deslizou pelas faces e ele suspirou apertando o filho ao peito.

E nunca mais a jandata pronunciou o nome de Iracema.

O SACÍ PERERÉ

(Continuação da pág. 22)

meninos. Estes saudaram a vitória com grande alarido; e, enquanto se sumiram pela casa dentro, em busca dos petrechos necessários para a captura do animal, a velha instruiu o mulato sobre como proceder lá no pasto. Juca deveria simular dificuldades em se aproximar dos cavalos e por fim convencer os meninos de que era impossível prender qualquer um deles.

— Compreendeu bem?

— Senhora.

E lá se foram os três rumo ao pasto. O sol caía de rijo em cima do morro que rescendia um cheiro forte de estercor. Sob as árvores abrigavam-se bois sonolentos, uns escarrapachados no chão e outros de pé mastigando e babando, seguindo com grandes olhos o pequeno grupo que subia pelo trilho sinuoso. O calor era forte. Mais acima, porém, a folhagem se agitava de leve à passagem do vento brando. Dos cavalos nem sinal. Para encurtar caminho, Juca embrenhou-se com os pequenos por uma espessa capoeira de "guaximas".

— Arreda as varas — recomendou ele aos companheirinhos. — Isto coça p'ra burro!

Subindo sempre, foram dar num pequeno descampado onde começavam a aparecer as primeiras casas de cupim, que se viam em abundância na parte mais alta do morro. Em volta delas o mato era pouco crescido e de arbustos apenas o "assa-peixe" dominava. Nenhum abrigo contra o sol era possível obter-se ali, razão porque a melhor defesa seria mesmo

A VIDA DE MENDEL

(Continuação da pág. 14)

que se tinha feito uma grande descoberta. Quando Mendel leu o ensaio sobre a Hibridação das Plantas na Sociedade para o Estudo das Ciências Naturais de Altbünn, o auditorio escutou polidamente, aplaudiu com moderação, e logo esqueceu o caso. Mendel publicou o ensaio, e este ficou

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — L. A. B. — Rio



"Eu preferia ser modelo... a ser artista famosa"!



- Não há razão para você invejar a minha arte. Eu, sim minha amiga, invejo sua beleza de mulher feliz. E confesso que preferia ser apenas modelo, como você, do que uma artista famosa como sou...



- A Sra. combina com arte as cores artificiais dos seus quadros e quer conquistar uma beleza falsa com o maquilage excessivo. É um erro. Use Leite de Colonia que é um embelezador natural.



Em breve, Leite de Colonia criou uma nova beleza. E hoje, a jovem artista terminou uma obra prima — seu próprio retrato que todos admiram pela dupla beleza: A beleza do quadro e a do modelo.



Record 2815

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia

Sim, está errado! Evite o maquilage excessivo usado para disfarçar as imperfeições da pele e que é prejudicial à sua beleza. O certo é corrigir manchas, cravos, sardas e espinhas com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, em massagens sobre o rosto, colo e pescoço... quando sair, como fixador do pó e protetor da cutis... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará uma beleza verdadeira com aquele encanto natural e duradouro. Use-o sempre!

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

esquecido nas prateleiras empoeiradas de algumas bibliotecas. Desalentado por essa indiferença universal para com os seus trabalhos científicos, o agostinho voltou aos seus deveres monacais e ao ensino. Ao menos no claustro e na sala de aulas ele encontrava algum interesse pelos seus esforços. De fato, Mendel granjeava certa popularidade entre os companheiros de claustro e os discípulos.

Especialmente entre os discípulos. Estes gostavam do seu professorzinho rechonchudo e prazenteiro — seu corpo se avolumara consideravelmente em resultado da alimentação rica e abundante do convento — e era com avidez que concorriam às suas aulas, não tanto para absorver-lhe os conhecimentos como para rir das anedotas do frade. Ele contava-lhes as engraçadas travessuras de seus "filhos" — as plantas, insetos e animais que mantinha no jardim e no claustro para as suas experiências. Relatava-lhes como, certa noite, enquanto dormia, o seu ouriço predileto se introduzira numa de suas botas. "Imaginem a minha surpresa quando, pela manhã, tentei calçar a bota e o meu dedo grande se espetou numa centena de agulhas!". Frequentemente convidava os alunos a visitar o mosteiro, onde os punha em contacto direto com os hábitos de suas abelhas, pássaros e ratos. Sempre que o circo vinha à cidade, Mendel levava consigo toda a classe para tirar uma "prosinha" com os animais. Uma dessas "prosas" esteve a ponto de trazer consequências graves para Mendel. Em seu esforço para atrair a atenção dos macacos de uma das gaiolas, aproximou-se demasiado das grades. Nesse momento, o maior dos símios arrancou-lhe os óculos. Somente com muita dificuldade, e à custa de

dolorosos arranhões, pôde Mendel persuadir o animal a entregar-lhe os óculos. A despeito da dor que sofreu, riu gostosamente com os alunos da sua "luta livre" com o macaco.

Os discípulos admiravam o humor jovial que lhe permitia rir dos próprios vexames. Mas admiravam acima de tudo a brandura de Mendel. Seu sorriso imparcial servia tanto de aplauso aos alunos brilhantes como de incentivo aos incapazes. Recordando o pesar experimentado quando não conseguia passar nos exames, raramente deixava que os alunos sofressem algum revés. Ao aproximar-se o fim do período letivo, perguntava se algum deles tinha necessidade de melhores notas. Depois fazia-os interrogar-se uns aos outros. Como é natural, cada um procurava ser tão indulgente para o seu vizinho quanto possível, esperando ser tratado com a mesma indulgência. Se, depois dessa amistosa arguição mútua, alguns continuavam mal colocados, ele os convidava a procurá-lo no jardim do convento para receberem aulas especiais e gratuitas.

Mas, por fim, viu-se obrigado a abandonar o ensino. Pois uma nova dignidade veio impor-lhe novas obrigações. Foi eleito abade do mosteiro de Altbünn.

VI

Um dos primeiros atos de Mendel como prior de Altbünn foi retribuir a generosidade de sua irmã Theresia, que lhe cedera o seu dote para que ele pudesse continuar os estudos. Mendel pagou-lhe agora com a educação.

(Continua na pág. 54)



SINFONIA E BALLET ★ "LA CRÉATION" ★ REPERTÓRIO VARIADO ★ BALLETS DES CHAMPS ELYSÉES

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

O PÚBLICO, este ano, não tem motivos para queixas com respeito ao setor sinfônico da temporada. A Orquestra Sinfônica Brasileira já apresentou Lamberto Baldi, artista competente, maestro seguro. Pretende, ainda, trazer ao Rio, entre outros, Paul Paray. E, mais tarde, Serge Koussevitski coroará a série de concertos oferecidos pela OSB, regendo-a em outubro; um acontecimento de grande relevo.

Por outro lado, a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, em organização, apresentará regentes e solistas de renome. Sob a direção operosa do maestro José Siqueira, essa nova associação contribuirá para intensificar as atividades musicais.

BALLET

Mas, se as orquestras entram num período de desenvolvimento e progresso, o "ballet" também figurará com destaque na temporada.

Já tivemos, sob os auspícios da Prefeitura, a oportunidade de apreciar mais uma vez o conjunto da União das Operárias de Jesus que, se não apresentou repertório novo, reeditou sucessos de outras temporadas.

E o Ballet da Juventude, em plena reorganização, tem apresentado os primeiros resultados do esforço no sentido de, reconstituído o conjunto, realizar obra de divulgação da arte coreográfica. Além dos espetáculos que comentamos nesta seção, o Ballet da Juventude, participando da temporada do Teatro Experimental de Ópera, tem prosseguido na execução do programa que traçou.

E é preciso não esquecer que o Corpo de Baile do Teatro Municipal também resurgiu, agora, depois de um árduo período de preparação. A bailarina Madeleine Rosay, responsável pelo conjunto, escolheu um programa sugestivo para a "rentrée". Em primeiro lugar, um concerto de Mendelssohn, para violino e orquestra, atuando como solista o sr. Edmundo Blois, violinista. A seguir, Jogos Infantis, baseados em "canções populares" e orquestradas por Martinez Grau. E, finalmente, Slayonica, com música de Enesco.

Mas já se anuncia, também, a vinda da grande companhia dos Ballets des Champs Elysées de Paris, trazida pelo

concessionário da Temporada Oficial de Concertos e Bailados da Prefeitura.

Assim teremos oportunidade de aplaudir alguns dos principais vultos do bailado francês.

LA CRÉATION

Recentemente, comentamos, nesta seção, a estréia de La Création, uma coreografia nova, audaciosa, original, de David Lichine.

Trata-se de uma bailada... sem música. Com ele o coreógrafo pretendeu fazer com que o público surpreenda a "criação" da dança, a dança pura, movimento e ritmo simplesmente.

Na interpretação de Leslie Caron e Jean Babilée, que virão reproduzir, perante o público brasileiro, o sucesso parisiense, essa obra foi apreciada, comentada, discutida. Concluiu-se que é, com efeito, uma experiência notável, ainda que não pretenda inspirar uma nova escola de bailados sem música. Seu próprio autor declarou que não repetirá a dose. Mas vale a pena tomar conhecimento desse ensaio, ainda que seja para rejeitá-lo depois como um esforço brilhante, mas estéril.

REPERTÓRIO VARIADO

Dessa referência a La Création não se deve concluir, entretanto, que o Ballet des Champs Elysées traga um repertório furiosamente moderno, para assustar os que apreciam o bailado clássico, a harmoniosa coreografia tradicional e a suave música de Tchaikovski, Chopin e tantos outros. Há de tudo no repertório. Desde o moderno Strawinski e o moderníssimo Henri Sauguet até Bizet, Cesar Frank, Fauré e, mesmo, Tchaikovski.

Assim, teremos uma temporada com programas organizados de acordo com critério eclético, mas que não deixará de trazer as novidades do ballet francês, apresentando ao público brasileiro várias obras desconhecidas entre nós.

Quer no velho Oiseau Bleu, de Tchaikovski, com coreografia de Petipa, como no novíssimo Les Forains, de Sauguet, com coreografia de Roland Petit, o conjunto, honrando sua fama, dará ao público carioca uma amostra da autêntica, insubstituível arte francesa.

a que os três batedores adotaram, prosseguindo a marcha vagarosamente entre as moitas de "guaximas". Finalmente um nitrído próximo do ponto a que chegaram denunciou a presença dos animais; com cautela se aproximaram deles. Num largo semi-círculo o mulato contornou o sítio e, aproveitando a indiferença de um dos cavalos que comia calmamente, foi-se aproximando e dispersando os demais; com um sinal mandou que os dois meninos fechassem o caminho após a passagem dos cavalos dispersados, o que eles fizeram, apertando pouco a pouco o círculo ao animal visado. Tal manobra, sobretudo displicente, estava fatalmente destinada ao fracasso, e Juca não o ignorava. Sabia que o animal não se deixaria enganar tão facilmente, e que assim que percebesse a sua situação romperia o círculo e abalaria ao encontro dos companheiros. Contudo, era preciso executar o plano de dona Alda. Temendo, porém, que algo sucedesse aos meninos se o cavalo desabrisse de repente pelo morro abaixo, mandou-os que se afastassem cada qual para um lado, enquanto ele tomou a frente e foi-se chegando com a caixeta de milho.

— Tome, tome, tome...

E sacolejava a caixeta. A passos lentos foi-se chegando e quanto mais o fazia mais se admirava da docilidade com que o cavalo se deixava envolver, o que absolutamente não estava no programa. Súbito, porém, o animal levantou as orelhas e os seus grandes olhos fitaram por um instante o homem, sem contudo arredar-se do lugar. — Tome, tome tome — continuou Juca — e já bem perto fez menção de jogar-lhe o cabresto; como que atingido por uma faísca elétrica, o cavalo estremeceu e afastou-se bruscamente do local, denunciando agora a sua irritação. Nova tentativa do mulato e novo recuo do animal. Desta feita ele postou-se de traseiro para uma das casas de cupim atrás da qual abrigou-se um dos meninos; percebendo claramente a inutilidade do seu esforço e já ansioso por iniciar a comédia, Juca parou, e com um estudado ar de espanto disse para os pequenos:

— Eh! Eh! Aqui tem coisa...

— O quê, hein, Juca?...

— Sei lá... 'stou desconfiado... olha o jeitão dele!

O menino mirou o cavalo, viu-lhe as orelhas em pé abanando-se nervosamente, o pelo lustroso e percorrido de ora em hora por um tremor, as narinas dilatadas e nitrindo com frequência. Virou-se então para o outro que o olhou também visivelmente emocionado, e assim de longe pareciam permutar idênticos pensamentos. Juca resolveu-se. Sua ação final consistia em assustar o cavalo de modo que ele demonstrasse toda a sua irritação e oferecesse o espetáculo de uma fuga desesperada. Vendo um dos meninos à margem do caminho que o enraivecido animal percorreria, e com a idéia de que o outro estivesse suficientemente protegido pelo monturo de terra, empunhou novamente o ca-

bresto e avançou; não sacolejou o milho e limitou-se a atirar bruscamente o cabresto sobre o pescoço do cavalo. A esse contacto o animal relinchou forte e ergueu as patas dianteiras em atitude agressiva; o mulato pulou rápido para um lado e com esse gesto desimpidiu o caminho para a fuga esperada, mas o cavalo, como que receoso ainda de romper o círculo imaginário, patinhava no mesmo lugar, com o pescoço erguido e as crinas eriçadas, inquieto e ameaçador. Juca provocou-o de novo com o cabresto, e dessa vez só teve tempo de recuar alguns passos e cair de costas. Com uma rapidez incrível o cavalo repetiu o seu gesto agressivo e tão de pronto pousou as patas dianteiras no chão desferiu um tremendo par de coices na direção da casa de cupim. Um estrondo seco, seguidó de uma nuvem de poeira amarela, bloqueou os ouvidos do mulato que gritou angustiosamente: "Virge, Nos'Senhora!".

O tropel do furioso animal em louca disparada ribombava pelo morro abaixo. Como um louco, Juca precipitou-se para a casa de cupim e foi apanhar o menino ainda sentado no capim, pálido e sem fala. Fôra milagrosamente salvo pelo providencial monturo de terra. Com o rosto salpicado de poeira e refletindo na extrema palidez e no ar abobalhado a dúvida de que ainda vivia, o garoto se ergueu pelos braços do mulato e dirigiu incontinenti o olhar para o caminho percorrido pelo cavalo. Recuperando subitamente a voz, virou-se para o outro que o ajudava a levantar-se:

— Viu?! Você viu?!...

— O que?

— O saci pererê!... Eu vi!...

— ?!

— Pretinho!... Em cima do cavalo!...

A VIDA DE AGASSIZ

(Continuação do número anterior)

Essa contestação da teoria evolutiva darwiniana tinha importância capital. Uma vez abandonada a doutrina da criação divina pelo dogma da seleção natural, o homem é despojado do seu espírito e reduzido a um autômato com rodas mecânicas em vez de alma. Agassiz previa intuitivamente as consequências demolidoras da teo-



Cena de "13 Danses", ballet de Roland Petit

O TEMPO PASSA...

...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da AGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO



ria darwiniana, se levada até as suas conclusões inevitáveis. A interpretação excessivamente literal — ou antes, a falsa interpretação — dessa teoria devia dar origem ao Super-homem de Friedrich Nietzsche e à exaltação da força física como única norma de procedimento entre os homens.

Muitos discípulos de Agassiz, por falta de provas científicas, rejeitavam a sua teoria da direção divina. Mas Agassiz era um mestre não só da ciência como de ética. Suas observações tendiam a convencê-lo que a teoria darwiniana da transmutação das espécies era incorreta. Havia uma diferença nítida — pensava — entre a geração de uma espécie e a criação de uma espécie. Os biólogos darwinistas nunca tinham passado das leis físicas da geração às causas da criação. "Os animais podem gerar, isto é, reproduzir — seres da mesma raça; unicamente Deus pode criar uma nova raça". Achava impossível acreditar que "os fenômenos biológicos, que se verificaram e continuam a verificar-se na superfície do nosso globo, se devem à mera ação de forças físicas. Creio que se devem, tanto no todo como individualmente, à intervenção direta de um poder criador que atua livremente e de maneira autônoma... Estou certo que há, não apenas uma conexão material, mas também e principalmente uma coerência intelectual nas coisas... Foi esse plano intencional que procurei evidenciar na organização do reino animal...". Esse era o sonho do seu museu, a única finalidade do seu ensino — devolver ao homem a perda compreendida de Deus.

Formalmente, Agassiz tinha o cérebro de um metafísico. Na prática, seguia o método educativo de um pragmatista intran-

sigente. Quando lhe perguntaram qual lhe parecia a maior das suas realizações, respondeu: "A observação. Ensinei os homens a observar". Para o aluno que lhe assistia às aulas pela primeira vez, o seu método era difícil. Agassiz colocava diante do aluno o esqueleto de um mergulhão ou o corpo de um peixe nauseabundo, e mandava-o anotar as suas observações sobre o espécime. Depois deixava-o entregue à sua tarefa sem uma palavra de conselho, uma pergunta, um comentário. Ao voltar, perguntava apenas, com um sorriso cordial: "Bem, que foi que viu?". Quando o aluno terminava de enumerar as suas observações, Agassiz respondia: "Isso não basta. Volte ao seu espécime e olhe mais um pouco".

Olhar, olhar, olhar. — essa era a sua constante recomendação. Olhar era saber. A todos os que desejavam estudar a natureza sob a sua orientação, exigia o mesmo esforço que impusera a si mesmo. Mas esse esforço começava a mostrar os seus efeitos nele. Já estava dando de si a esplêndida constituição que lhe permitira dormir noite após noite num glaciário unicamente com um cobertor sob o corpo, escalar os cumes das montanhas e descer a cavernas de gelo — tudo no interesse da ciência. Seu antigo mestre Cuvier tinha pronunciado palavras proféticas ao dizer que "o trabalho mata". Os amigos insistiam para que tomasse umas férias. E o devoto da ciência pôs o conselho em prática de maneira característica. Deixou o museu de Cambridge pelos trópicos do Brasil. Trocou o ensino por uma viagem de exploração com o fim de coligir espécimes de peixes de água doce nos rios sul-americanos. Nunca trabalhou com mais afã que durante essas "férias". Pronunciou conferências no vapor que o levou à América do Sul. Chegando lá, trabalhava da manhã à noite recolhendo e classificando os espécimes. E quando voltou aos Estados Unidos pronunciou um curso de conferências na Copper Union, na cidade de Nova York, sobre os resultados da viagem.

Regressou então para acrescentar os novos espécimes às coleções do seu querido museu. Era mais um grupo de elos destinados a reforçar a cadeia de provas de que a ordem da natureza não era mecânica, mas racional, não o acidente de uma força cega, mas o desígnio de um Intelecto Supremo. Pois Agassiz encarava a sua carreira científica como um sacerdócio. O museu era a sua catedral; e era ali que o cientista moderno prosseguia a obra dos antigos profetas. "A missão, tanto dos cientistas como dos profetas, é proclamar a glória de Deus".

VII

Por fim o cientista-profeta se esgotou completamente com o excesso de trabalho. Sobreveio um ataque de paralisia. Os médicos prescreveram-lhe um "prolongado repouso" no campo. Não esperavam que se restabelecesse. Mas ainda uma vez o lutador que sempre soubera enfrentar grandes dificuldades saiu vencedor da batalha desigual. Dentro de alguns meses regressava a Cambridge. Parecia estar em perfeita saúde. Recebeu e aceitou uma proposta para fazer um cruzeiro de estudos pelo Pacífico. Ao chegar a Santiago, soube que os franceses o haviam eleito sócio corres-

(Continua na pág. 51)



ANGELUS RAVÉL

Inaugurou-se, em dias da semana passada, o I Salão Municipal de Belas Artes, promovido pela Prefeitura do Rio de Janeiro e organizado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, com exposição de trabalhos de artistas residentes no Distrito Federal.

À cerimônia inaugural, compareceram o prefeito general Mendes de Moraes e o cardeal-arcebispo da Cidade D. Jaime de Barros Câmara, tendo sido feita, na ocasião, a distribuição dos prêmios e honrarias concedidos aos autores dos trabalhos selecionados como os melhores da Exposição.

O I Salão Municipal apresentou as obras, dividindo-as em três seções, segundo o seu gênero. Pintura clássica e moderna; escultura, desenho e artes de prensa, e ainda numerosas obras de Arte Sacra, gravura de medalha e Cerâmica, como seções suplementares.

O prêmio máximo — Municipalidade do Rio de Janeiro, no valor de 20.000 cruzeiros, assim como o Diploma de Honra — foi concedido ao artista H. Leão Veloso, autor da escultura "Retrato da Sra. I. B.". O prêmio Cardeal D. Jaime Câmara foi dividido entre os autores de duas composições sacras — Joaquim de Souza, pelo seu trabalho "Cristo Eucarístico", e o sr. E. Sigaud, com os seus dois magníficos estudos de decoração. O pintor Manoel Madruga obteve, com o seu trabalho "Figura", um prêmio de 5.000 cruzeiros, além de outros artistas contemplados com importâncias menores.

Na pintura clássica, foram expostos alguns quadros de real valor artístico, havendo seus autores conquistado menções honrosas, destacando-se telas como "Convento de Santo Antônio, Angra dos Reis", de algum mérito, a nosso ver, se bem que nos parecesse que o seu autor, sr. Edgar Valter, tentou uma restauração, por conta própria, na fachada do velho convento, que tivemos o prazer de visitar não faz muito tempo.

O sr. Osvaldo Teixeira compareceu com duas telas — "Enseada de Botafogo" e "Vigília". O sr. Henrique Salvo com o seu "Noturno na Urca", apresentou um trabalho interessante, que chega a causar impressão. O mesmo acontecendo com as telas do sr. Moacir Alves com seu colorido vivo, agradável à vista.

A par de numerosos outros bons quadros, estranhámos a pobreza de cores com que foi apresentada uma "natureza morta", de autoria de Else Aredge — que já produziu coisa muito mais interessante — e cujo motivo também — "Abacaxi" — não nos agradou totalmente. "Sinhá Rita" foi outra obra que deixou muito a desejar, quanto à parte

técnica, flagrantemente desproporcionada.

Destacaram-se, ainda, Stelio Dalto Santos, com "Engenho de Pedra" e "Javari"; uma "Paisagem", de Silvio Fabrizzi, e "Natureza Morta", de Vitor Melo, quadro realmente muito bom.

Quanto aos pintores modernistas, absteimo-nos, prudentemente, de comentar suas realizações, uma vez que a "Cabeça de Cristo" ali exposta, segundo referem personalidades ilustres presentes à inauguração, não mereceu sequer interesse das autoridades eclesiásticas visitantes.



A Academia Brasileira de Belas Artes comemorou seu primeiro aniversário, em sessão solene, realizada no auditório da Associação Brasileira de Imprensa. O seu idealizador e fundador — major José Venturelli Sobrinho — cumprindo o programa de comemora-



"Retrato da Srta. I. B.", busto de autoria do escultor H. Leão Veloso, que obteve o 1.º prêmio, no I Salão Municipal de Belas Artes

ção, deu posse aos novos acadêmicos, seguindo-se uma "Hora Littero-Musical", da qual participaram inúmeros artistas, declamadores, poetas e poetisas. Encerrando as solenidades, o sr. Venturelli Sobrinho recitou uma composição de sua autoria intitulada — "Poema dos Astros".



Realizou-se, no recinto do Salão Assírio, a Primeira Exposição Municipal de Arte Religiosa, por iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal. Após o decreto que instituiu o "Assírio" em salão permanente de exposições, esta é a terceira mostra de arte ali realizada.

A I Exposição Municipal de Arte Religiosa, que teve como intuito comemorar o passamento da Semana Santa, prolongou-se por mais uns dias, apresentando ao público carioca numerosos painéis, telas, imagens e objetos de culto, numa sequência magnífica de excelentes trabalhos.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO.....

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35 00



O MUNDO MANCA

E

A MULA MURCH

PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNICAS, ARTE, MANHA, DIVERSÕES



CONSELHOS de um, PAI INCOGNITO

A PETROLIFICAÇÃO



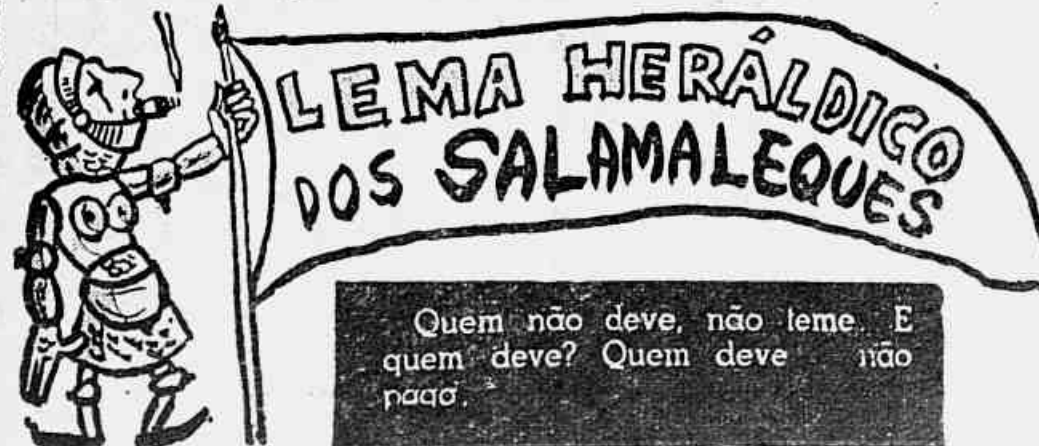
RETRATO DE PROPAGANDA DO NOSSO DIRETOR

Aproveitando o descuido do contínuo, que de forma alguma queria permitir que eu, o valoroso Conde de Salamaleques, entrasse naquela marmitta, surgiu quase como por encanto, diante de uma assembléia reunida em torno de uma grande mesa quadrada em lugar oculto aos jornalistas e aos indesejáveis.

Não sendo possível expulsar-me, fiquei a peruar a conversa e entrei na mesma sem mais preâmbulos. Tudo girava em torno do petróleo é nosso. Aquêles homens de dedos curtos e grossos, confabulavam para dividir cada vez mais o Brasil entre eles. Es-

tavam metalizados, petrolificados, sob a ambição desmedida desse petrolenossismo que vai perturbando a vida e a morte de tanta gente que devia estar plantando batatas e criando gado para tornar mais alvo o câmbio negro. Que é, afinal, o petróleo? Um resíduo lamacento, de cheiro insuportável, nauseabundo, que vive a centenas e até a milhares de metros da flor do solo pela sabedoria da natureza. É o produto de decomposição de milhões e bilhões de seres apodrecidos através dos séculos e seculorum como diz, e muito bem, o barbeiro aqui ao lado. Só mesmo os homens de alma apodrecida, cujo olfato já se acostumou ao manuseio de tôdas as sujeiras, têm estômago para se meter nessa podridão petrolífera. Dirigi-me àqueles magnatas de olho grande no petróleo é nosso e os censurei veementemente, mostrando-lhes que eles deviam deixar ao governo a missão de desinjetar as entranhas do nosso sub-solo, pois era o Estado o único poder capaz de suportar a fedentina da lama do petróleo, habituado que sempre esteve a lidar com sujeiras. Falei bonito e ameacei trazer à tona muita coisa detestável se eles persistissem a confundir a nação com suas manobras. E denunciarei, se Deus quiser. Salvo se me oferecerem o lugar de diretor-superintendente das refinarias. Ai, vocês compreendem. Também estou dentro da marmitta! (Ansiosamente aguardo um telefonema).

Conde de Salamaleques



Quem não deve, não teme. E quem deve? Quem deve não paga.



SUCIAIS



Choque de veículos — Quando iam andando apressadamente para entrar na fila da carne trombaram violentamente na esquina do Escorrega as senhoras Maria Auto e Josefa Bicicleta. Ambas foram socorridas na garagem vizinha.



LÊR MUITO É PREJUDICIAL. DESCANSE 5 MINUTOS E PROSSIGA.



Um homem — Viva a Paz!
Outro idem — Morra a guerra!
Mais outro — Sem guerra não pode haver Paz!
Vozes no escuro — Pega! Pega! Estamos com fome!
Ouvem-se correrias, gritos, protestos, tiros, baques.
Quando o dia clareou, estavam todos assando um passarinho a fogo lento. Era a Pomba da Paz, personagem indispensável à humanidade, para aciar-lhe a fome de sangue. Depois dessa saem para outra.

Prisão — Foi encontrado preso, incommunicável durante cerca de uma hora no elevador do Palácio de Justiça o ilustre presidente da Ordem dos Advogados. Mas nada se pôde fazer para punir o culpado, por se tratar de um elevador caduco.



Aniversário — Completou 87 invernos o nosso estimado amigo João Primavera, proprietário do açougue Outono, que todos verão hoje pintando os cabelos brancos de vergonha.



Formatura — Depois de cinco anos de grandes discussões, os irmãos Pacíficos entraram em luta e formou-se o tempo. A polícia registrou o fato de um deles que já estava de fora.



Nilinha — Na oração «O roceiro foi vítima de um conto do vigário», você quer saber que sujeito é esse? É um sujeito idiota, logicamente. Gramaticalmente, é um sujeito anal-fabeto.

Marlene — Pelo traço vertical de sua letra, verificamos (eu e o meu guia) que a senhorita é teimosa como bode à beira de riacho, e mentirosa como quem faz estações de águas. Seu número de sorte é o sete, conta do mentiroso, pois a senhorita muito gosta de pregar suas petas. A cor de sua pedra é a azul, símbolo de sua natureza fujona, tanto assim que já azulou por três vezes da casa de sua tia. É verdade ou não é?

Sinhá — A senhora não tem razão. Se o seu ex-futuro genro prometeu um bolo à noiva, sua filhinha, e no dia do casamento lá não compareceu, cumpriu a palavra de homem correto e honesto: deu mesmo o bolo...

M. B. (Rio) — Nem sempre é como o senhor pensa. Um objeto pode ter forma, e não ser formoso; uma comida pode ter gosto e não ser gostosa; sua tia Bela pode sentir pavor e jamais ser pavorosa. Portanto, estudando-se os sufixos **oso-osa**, pelo simples fato de sua mulher ter completado cinco lustros, não quer dizer que seja lustrosa. Ou é mesmo?

Barão do Buteço



Renard Q. Perez (Rio) — Seu conto "Umás Férias" foi aprovado.

Cesare Lanari (Rio) — "Mas... Existirá o Destino?", idem.

F. H. (Belo Horizonte) — "Missão Noturna" não pode constituir um conto literário, pois lhe falta enredo.

I. K. (Votorantim — S. Paulo) — "Metamorfose" não foi aproveitado por estar muito curto.

Djenena (Belo Horizonte) — "A Voz do Outro" está bom. Aguarde. E gratos pelas considerações.

E. B. F. (Barra do Piraí) — "A Ignorada Renúncia" está fraquinho. Tente outro, mas estude os problemas da crase, da colocação dos pronomes oblíquos, dos verbos e seus regimes.

D. G. (Porto Alegre) — "A Boneca da Vitruviana" está monótono e muito falho na redação. Procure melhorar seu português.

A. J. F. (Rio) — A cópia que nos chegou de seu "E tio Pedro não voltou" está ilegível em muitos trechos. Mande outra.

C. M. J. (Atibala — S. Paulo) — Muito pequenino seu "O Pastachua". Desenvolva-o em mais duas ou três folhas e mande, pois está bem ardidado.

E. A. Silva (S. Paulo) — Cientes.

Avilbar Brandão (Rio) — Não nos lembramos de já havermos julgado o seu conto "Medo". Por isso achamos conveniente nos mandar o outro, pois o primeiro pode ter-se extraviado.

Borel (Santa Rita do Sapucaí-Minas) — Mande a cópia do seu conto, pois não recebemos o original.

Helcio L. Ferreira (Niterói) — Pode mandar-nos contos, mas bastante desenvolvidos como está explicando nas condições que publicamos. O que nos remeteu está curtíssimo.

C. L. (Cristalina, Goiás) — Seu conto "A Riqueza do Morro Fino" não pôde ser aproveitado. Está fraco o enredo e a redação muito cheia de incorreções.

M. A. M. (Rio) — Pode mandar seus novos contos. E agradecemos as expressões gentis.

J. S. (Ponte Nova, Minas) — "A triste história de Bonifácio Praxedes" já está em nosso poder. Aguarde.

O. Gomes de Castro (Rio) — Muito bom o seu conto "Euzebinho". Será sair num dos nossos próximos números.

Inger (Hotel Quitandinha) — Foi aprovado o seu "Já vai, Aruana".

R. F. (Santos) — É conveniente o amigo ler um pouco os grandes contistas, tanto brasileiros como estrangeiros. Falta em seu trabalho a arte do enredo.

A. X. P. (Ponta Grossa) — Todo assunto cuja finalidade seja moral, serve para contos nesta REVISTA. Não importa que sejam extraiados de casos reais ou fictícios. Mas é necessário que não venham a público nomes verdadeiros.

H. L. (Maceió) — O conto de amor é o mais apreciado pelo mundo feminino brasileiro. Não interessam assuntos de horror. Para nossas tristezas basta a vida nestes tempos de carestia...

N. N. (Rio) — Sua história de "Um beijo no túnel" não pode sair de jeito nenhum. Além de ser o repisar de anedotas muito batidas, está mal escrita, repleta de erros de linguagem. É bom comprar e ler algumas obras de filologia. A coleção Mario Barreto está a calhar.

A VIDA DE AGASSIZ

pendente do Instituto. "A honra me lisonjeou ainda mais por ser tão inesperada", escreveu a um amigo. E acrescentou, com um ponto de cômica tristeza: "Infelizmente... é a uma casa em ruínas que o diploma vem endereçado".

Mas, a despeito da premonição do fim iminente, seu cérebro ativo continuava preocupado com grandes projetos. Vinha planejando havia muito tempo uma escola de verão onde os professores de ciências naturais pudessem promover investigações científicas sob a sua direção. Mas não dispunha de capital para o empreendimento. "No decorrer da minha vida", observava certa vez, "sempre achei tempo para tudo, menos para juntar dinheiro". Por sorte, um opulento admirador de Nova York, Mr. John Anderson, doou-lhe um pedaço de terra em Buzzard's Bay, juntamente com uma considerável quantia para a construção da projetada escola. A 4 de julho de 1873, Agassiz partiu para Buzzard's Bay com todo o entusiasmo da juventude. O espírito desse homem recusava-se a morrer.

Quando chegou à ilha, verificou que as obras de construção ainda estavam longe de terminar, embora os estudantes escolhidos estivessem para chegar dentro de poucos dias. Sem descoroçoar, Agassiz convocou os carpinteiros: "Não há interesse de lucro pessoal nesta escola. Não se pretende fazer dinheiro com ela. Sua única finalidade é fomentar o ensino. Estamos diante de uma emergência. Amanhã é domingo. Aos senhores toca decidir se trabalharão ou descansarão".

— Trabalharemos!

Quando o barco chegou de New Bedford com o seu carregamento de moços e moças, os dormitórios estavam prontos para recebê-los. O celeiro fora transformado em salão de recepções; a plataforma estava coberta de flores; e coladuras de seda revestiam as paredes. O velho professor estava só no cais quando os estudantes desembarcaram. Seu rosto largo luzia de satisfação; os cabelos brancos cintilavam ao sol. Reuniu os alunos em torno de si e ficou imóvel, em silenciosa oração.

Agassiz voltou a Cambridge no outono. As areias de sua vida estavam quase esgotadas. Dispôs-se a escrever uma série de artigos para o Atlantic Monthly em defesa de suas teorias sobre a evolução. Mas a muito custo conseguia aplicar-se ao trabalho. Não tinha forças para fazer frente ao inverno próximo. Escurecia, e fazia-se tarde. "Quero descansar", dizia ele. "Estou fatigado; estou pronto para ir-me".

Às vezes, ao percorrer penosamente o caminho de acesso ao museu, sentia estranha sonolência. Caminhava como um sonâmbulo num mundo a que já não reconhecia. Mas sempre que abria os olhos e via ainda uma vez a vida em torno de si, o seu coração cantava um silencioso salmo ao Deus Criador que ele conhecia e adorava.

E numa tarde de dezembro Agassiz guardou os seus espécimes pela última vez. E os homens doaram-se da família e dos amigos que deixava no mundo. Mas ninguém lamentou Louis Agassiz. "Restava pouca substância mortal nele".

(Do livro "Vidas de grandes cientistas")

DEDOS QUEIMADOS

— Por que vai encontrar-se com ele?

— Oh! Entendimentos... Falar sobre as crianças, sobre dinheiro, supor. E então... — disse ela e despedir-se em castelhano — **hasta la vista...**

— Você e a sua cultura! — respondeu Monty pilheriando.

CAPÍTULO XVI

Jennifer estava agora como que a viver longe de todos. De Betty, de Faddy e de Elna. Passara a viver num mundo diferente. Desde as primeiras noites daqueles seus encontros no estúdio de Monty, um mundo de sonhos, de emoções inéditas começou a desvendar-se para ela. Algumas vezes só se demorava por alguns minutos; outras vezes com um artista amigo ou dois, estrelavam ovos, faziam café, e ela se juntava ao grupo, ajudando-os. Muitas vezes ouvia música sob luz reduzida, e cerrava os

olhos sentada a cômodo numa poltrona, como que a sonhar, sob o efeito das harmonias na penumbra. Por vezes a conversação tomava impulso; porém Jennifer não tinha muita coisa a dizer e, por isso, todos ficavam gostando dela. Mesmo quando estava a sós com Monty, não tinha muita coisa a comentar.

Os seus trabalhos no escritório lhe pareciam cada vez mais insuportáveis e desinteressantes. E com que tédio ia trabalhar, fazendo diariamente o mesmo percurso! A vida em casa de Betty era sempre a mesma, com aqueles costumeiros serviços de lavar pratos na pia da cozinha, arrumar as caminhas das crianças, ajudar na culinária rotineira. Mas Jennifer não se aborrecia muito com isso. Estava formando em seu espírito uma certa maré de novos pensamentos. Já se mostrava com possibilidades para emancipar-se daquela casa onde a sujeira de Betty era uma fatalidade. Era preciso ficar longe de tudo isso.

Assim se foi passando o tempo, as semanas, os meses. Jennifer já estava com os seus vinte janeiros. Quando se viu com vinte anos, teve a impressão de que estava com uma idade avançada, embora não houvesse tanta diferença, comparando com os seus passados dezenove anos. Encontrando-se com Monty, este lhe fez esta intencionada pergunta:

você agora tem algum plano,

Jinny?

(Continua)

FILOMENA, QUAL É O

possível permanecer na mesma situação. Imediatamente mandou chamar a mulher e marcou novo casamento com ela para o mesmo dia. Os únicos convidados foram os filhos de sua futura esposa. Quando estes chegaram, Lúcia, a empregada, levou-os à presença de Domingos.

— Boa tarde, senhor Domingos disseram os três.

— Boa tarde, rapazes.

A situação era muito desagradável, pois os filhos de Filomena tratavam o futuro padrao com toda cerimônia. Domingos abordou o assunto de que não devia haver tanta cerimônia entre eles.

— Chame-me papai — disse Domingos.

Os três rapazes desculparam-se, esclarecendo que não tinham jeito para tal. Era a segunda vez que avistavam o futuro padrao.

Domingos, na ânsia de saber qual era o seu filho, procurou estudar as tendências e gostos de cada um, já que nenhum sobressaía pela semelhança física com ele.

Como ele adorava cavalos, perguntou:

— Vocês gostam de corridas de cavalos?

Os três rapazes responderam afirmativamente. Assim, inquirindo sempre, não pôde chegar a conclusão alguma. Cada qual apresentava pontos de contacto e semelhança de temperamento com Domingos.

Descorçoado, procurou Filomena a sós e suplicou-lhe a revelação, mas Filomena não quebrou o seu propósito.

— Se eu contasse você teria predileção por seu filho, coisa, aliás, muito natural. Cuidaria mais dele, e os outros não valeriam tanto. Absolutamente não direi o nome de seu filho, e ainda está em tempo de desistir do casamento. Se quiser, voltarei para casa de Miguel e sua vida não se modificará.

Domingos, depois de pensar alguns minutos, concluiu:

— Talvez tenha razão, Filomena. O padre ainda não chegou, e o casamento não deverá ser realizado.

Quando Domingos chama os filhos de Filomena para comunicar-lhes a desistência do casamento, os três rapazes respondem em coro:

— Pronto, papai.

"Papai, papai", eles disseram papai. E Domingos Soriano, homem profundamente materialista, comove-se diante daquela palavra.

— Sim, casarei com Filomena e terei três filhos, ao invés de um só. Os três serão meus filhos!

Nesse momento chega o padre que os une em nome de Deus.

E Filomena, aquela Filomena que não parecia de carne e osso, derramou lágrimas... sim, lágrimas de felicidade.

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

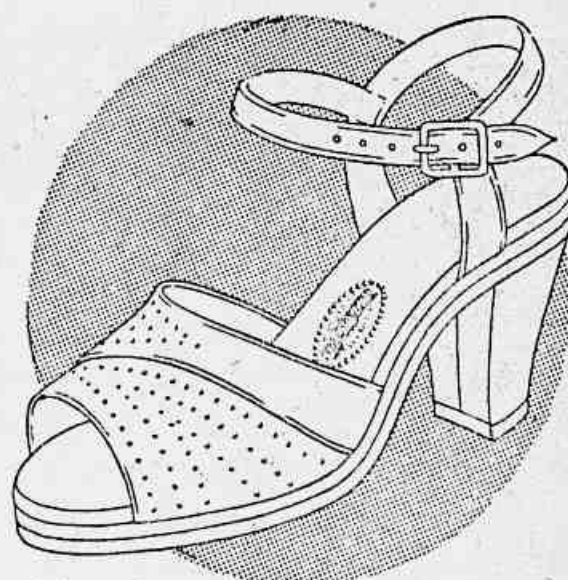


Recente e maravilhosa criação da afamada marca "Hollywood" para o outono e o inverno



Modelo GILDA — Verniz preto, saltos 5½ e 3½. Preço Cr\$ 90,00

A última palavra em conforto, elegância e durabilidade



Modelo GILDA — Búfalo branco, saltos 5½ e 3½. Preço Cr\$ 90,00

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio.

Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte.

Os vales postais devem ser emitidos a favor da FABRICA DE CALÇADOS NILO LTDA. -- Belo Horizonte, e remetidos à CAIXA POSTAL 5.273 -- Rio de Janeiro.

DE bordo do porta-aviões "Saipan", da Marinha dos Estados Unidos, foram lançados, recentemente, balões de matéria plástica para grandes altitudes, os quais são capazes de se elevar a 27.000 metros, durante a realização de pesquisas sobre os "raios cósmicos".

Esses balões, que medem mais de 30 metros de altura, por 20 de diâmetro, quando cheios, são feitos de polietileno — material sintético — e devem ser tratados com o máximo cuidado. Para que os frágeis balões possam ser carregados de gás e lançados ao ar, o porta-aviões deve navegar na mesma direção do vento e com a mesma velocidade deste, afim de estabelecer um equilíbrio constante, necessário à operação que se pretende realizar.

Os instrumentos de pesquisa que os balões carregam para registrar as radiações cósmicas nas camadas superiores da atmosfera, são postos em funcionamento dentro de um espaço de tempo pré-determinado, o que se consegue por intermédio de um maquinismo de relojoaria. Terminado o serviço, os balões esvaziam-se e caem em paraquedas especiais, sendo recolhidos, por helicópteros, e reconduzidos a bordo.

★

Engenheiros aeronáuticos dos Estados Unidos conseguiram um novo tipo de combustível para substituir o querosene nos aviões a jato propulsão.

Esse produto foi obtido pela introdução de novos métodos no processo de destilação do petróleo cru e mistura dos derivados. O petróleo cru, assim tratado, fornece uma alta percentagem de combustível para mo-

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX

tores a jato. O emprêgo desse novo combustível — que tem uma proporção baixa de octanas e não pode ser utilizado nos motores comuns — não modificará materialmente as operações dos aparelhos a jato, exceto no que se refere a partidas mais rápidas no tempo muito frio.

A National Geographic Society anunciou, recentemente, que o helicóptero provou ser um aparelho de grande utilidade, nas expedições de pesquisas, organizadas por aquela Sociedade, sobre as civilizações antigas, nas florestas do Panamá.

O Dr. Matthew W. Sterling, chefe da re-

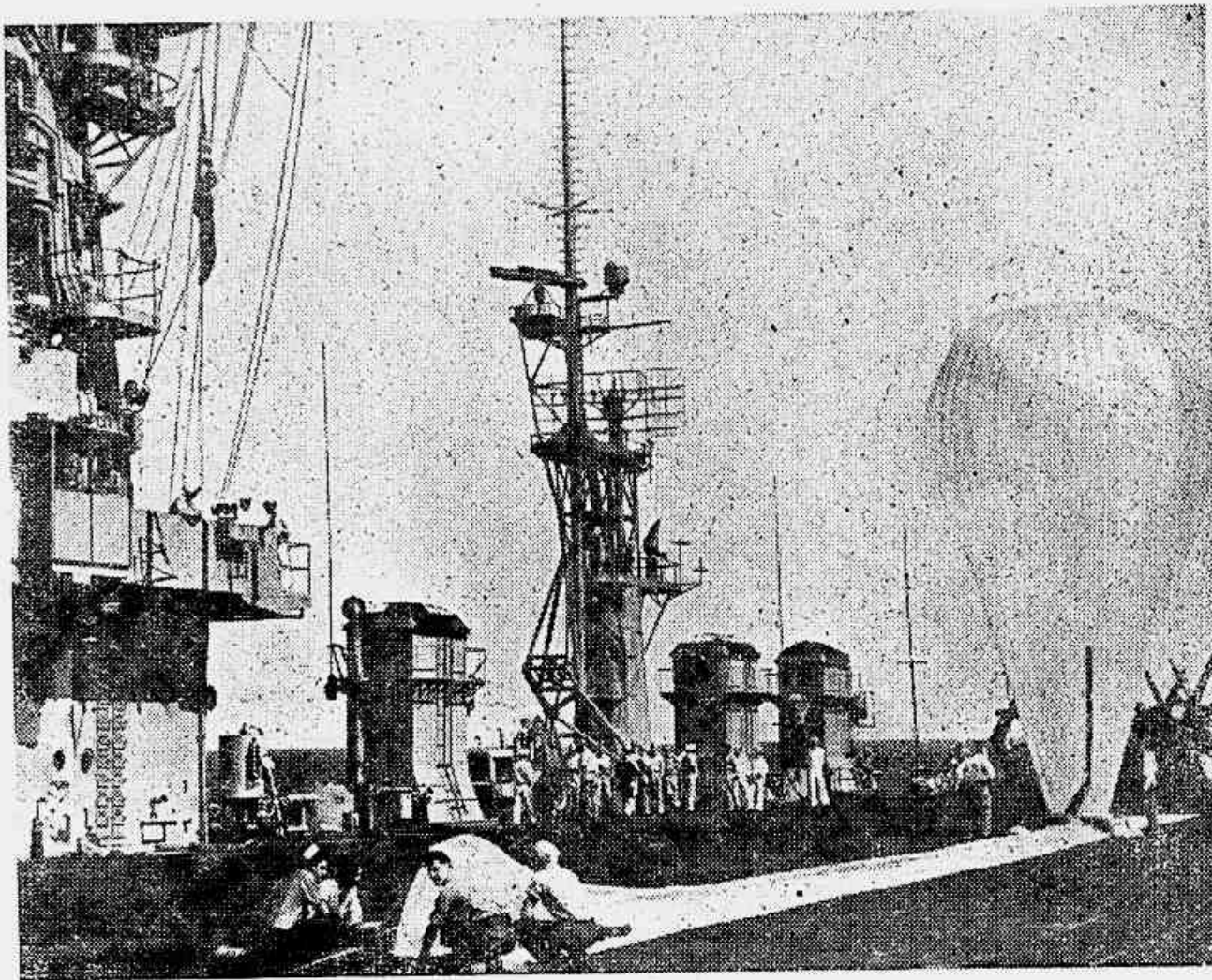
ferida expedição no seu relatório informa que o teste realizado na região do Rio Tigre, leste da zona do Canal, onde existiam sinais da antiga civilização azteca, foi coroado de pleno êxito. Dois helicópteros foram utilizados nessa missão, tendo ambos descido numa clareira onde os arqueólogos iniciaram seus estudos preliminares. Acrescenta, ainda, Mr. Sterling, que, por esse processo, foi possível realizar o que exigiria cerca de duas semanas por via terrestre ou fluvial.

Embora o emprêgo do helicóptero nas pesquisas arqueológicas tenha sido frequentemente sugerido, essa foi a primeira vez que tal serviço foi feito.

★

Um novo tipo de "para-brisa" para aviões, inventado pela Pittsburgh Plate Co., o qual é capaz de derreter o gelo acumulado na superfície do vidro, foi experimentado por aparelhos da Força Aérea dos Estados Unidos.

Os painéis são feitos de duas folhas de vidro que comprimem uma camada de matéria plástica, destinada a tornar mais forte o conjunto, e um fino revestimento de Nesa através do qual passa uma corrente elétrica. A resistência à corrente, faz com que o mesmo se aqueça o suficiente para derreter o gelo em sua superfície. Tiveram os melhores resultados as experiências realizadas no Atlântico Norte, onde rigorosas condições de baixa temperatura foram encontradas, mas os novos "para-brisas" mantiveram-se transparentes.



A foto mostra o lançamento de um balão de matéria plástica para grandes altitudes, operação que se destina a colher dados sobre os "raios cósmicos"

ANIVERSÁRIO FELIZ? SOMENTE COM...

CINE MOVICOR *infantile americano Elettrico*



Completo com 2 filmes
tecnicolor infantil de
Walt Disney

Cr\$ 280,00

45 outros FILMES a
escolher, a Cr\$ 6,00 um

Em cores e movimentos



**BRANCA DE NEVE
E OS SETE ANÕES**

Funciona com qualquer corrente e lâmpada. Facilimo mesmo para meninos de 3 a 10 anos. — Filmes de Walt Disney em technicolor infantil: "Branca de Neve", "Camondongo Mickey", "Pinocchio", "Pato Donald", "Música Maestro", "Mickey Pluto", etc., a Cr\$ 6,00. "Descobrimento do Brasil", "Fla-Flu", "Gata Borralheira", "Rosa e o Príncipe", "Jack, o Bandido", "Pancho e a Mula Manca", "Pery busca trabalho", "Chiquinho", "Coelhinhos na escola", "Pedro, o Gaúcho", "Tesouro do Gigante", "Tourada na Tijuca", "Pirata Perna de Pau", "Gatos aventureiros", "Heliaco, G. Prêmio Brasil", "Viagem submarina", "Aventura no Amazonas", "Gigante Mau", "Ladrões roubados", "Jararaca Toureador", "Ali Babá e os 40 ladrões", "Cervatos destemidos", "Fifi, Mimi no circo", "ABC Brasileiro" (ensina a ler), "Vida de N. S. Jesus Cristo", "Milagres no Rio Casca", "Santos Dumont" (Pai da Aviação), "Marinheiro Popeye", "Rei do Samba", "Popeye, o inimigo da onça", "Popeye na feira", a Cr\$ 6,00. — Fazemos remessa para todo o Brasil, mesmo pelo Reembolso Postal. IMPORTANTE: Todos os compradores que se recomendarem da REVISTA DA SEMANA, receberão grátis o filme "Mickey e Minnie Detectives Atômicos". ACEITAMOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA OUTROS CINES 16 m/m., MOTOBES OU MANIVELA

CINES MOVICOR (Modelo A)
— Rua do Carmo nº 6 — 9º andar — RIO DE JANEIRO

Sr. Diretor de "Cine Movicor" — Rua do Carmo, 6 — S. 906 — Rio de Janeiro. — Remeta Cine Movicor Modelo A.

Nome

Endereço

Cidade Estado

Importante: Recebendo a mais, grátis, o filme "Mickey e Minnie Detectives Atômicos", um presente da REVISTA DA SEMANA.

Nº 4

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

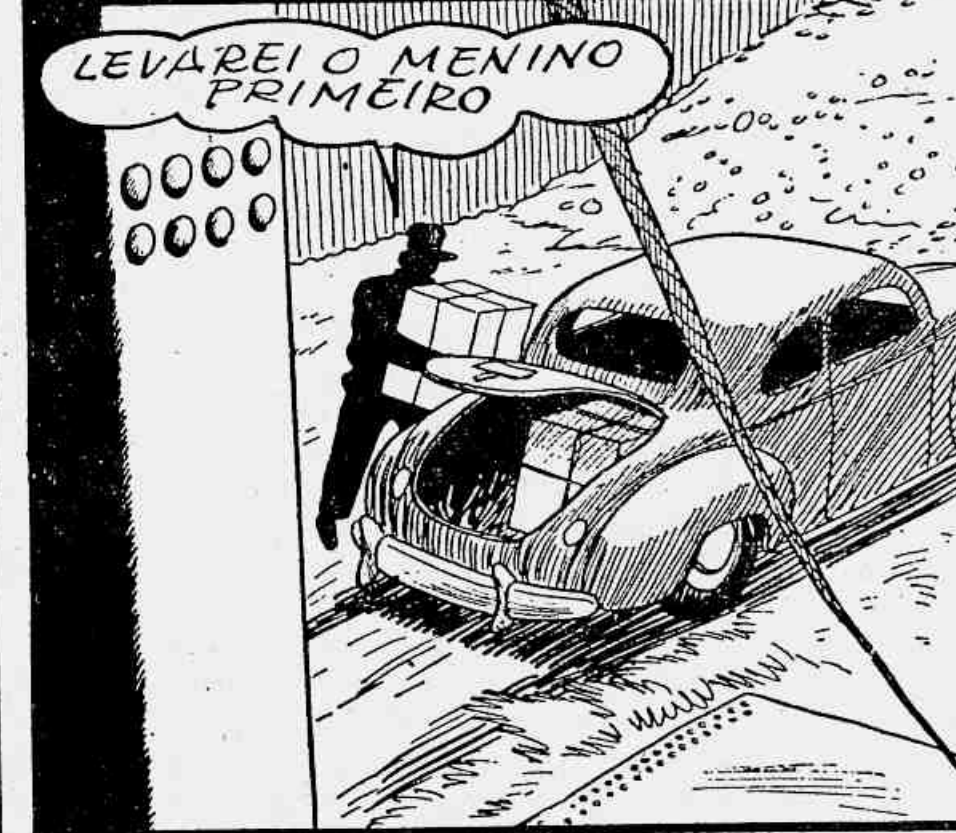


UM CARRO ROUBADO FOGE DA POLICIA. ATROPELA DUAS PESSOAS. UM MENINO QUE PROCURA A CASA DE SUA TIA, E SCARLET QUE TENTOU SALVA-LO. O CHÔFER RECUA E METE OS DOIS NO COMPARTIMENTO DE BAGAGEM. O MENINO ESTÁ MORTO. CALMAMENTE O CHÔFER METE SUAS VITIMAS EM GRANDES CAIXAS E DIRIGE-SE PARA UMA USINA.

ATRAS DE UM EDIFICIO, ELE VESTE A ROUPA DE UM OPERARIO.

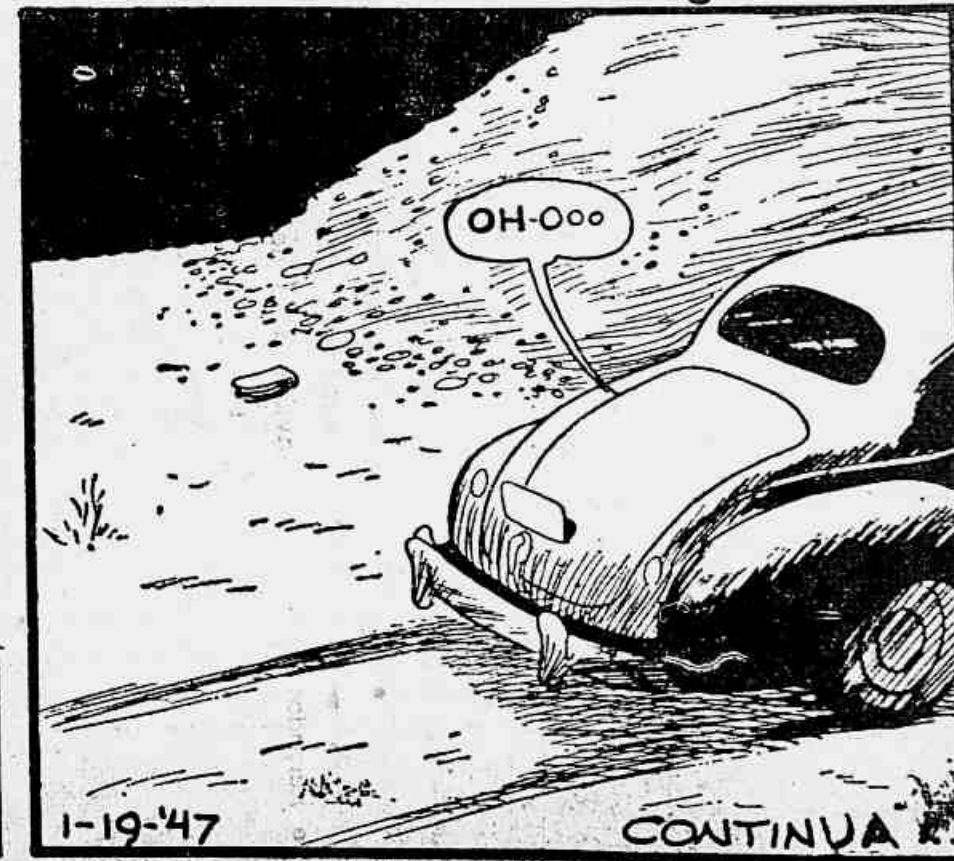
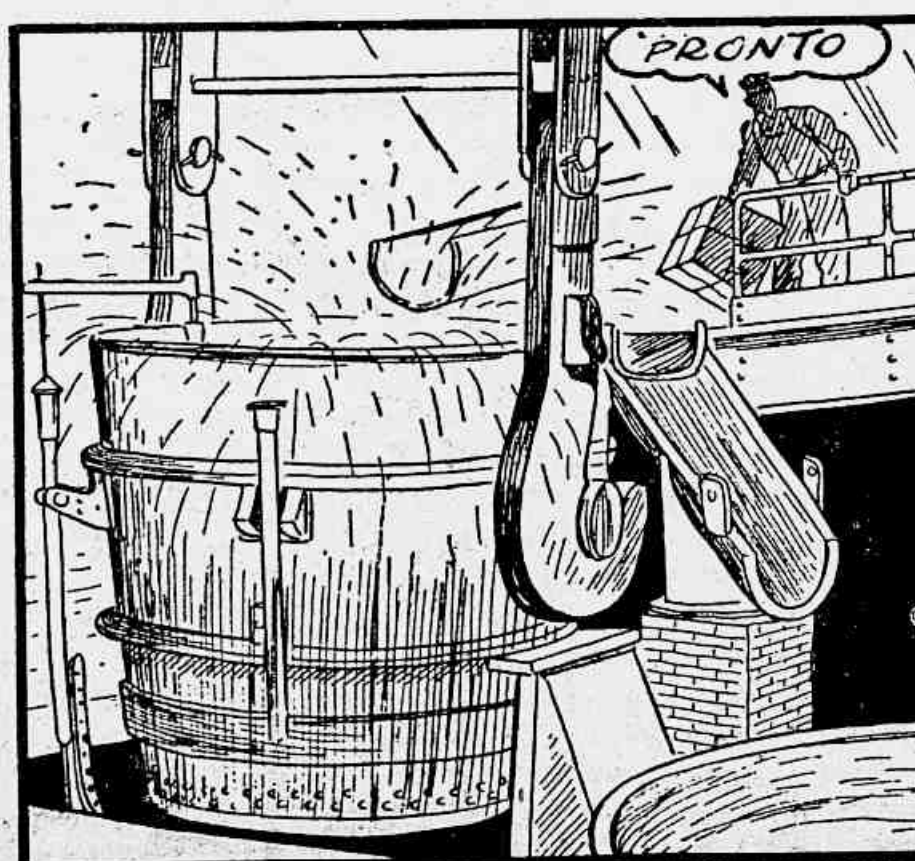


SUJAREI MINHA CARA COM FULIGEM.



SCARLET POUCO A POUCO RECORRA A CONSCIÊNCIA.

SE NÃO ESTOU ENGANADO DAQUI CHEFIAREI AS CALDEIRAS.



1-19-47

CONTINUA

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS:

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NAO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

-- Sala 217 -- Fone: 6-6718



A VIDA DE MENDEL

(Continuação da pág. 47)

ção dos três filhos de Theresia tomando a seu cargo todas as despesas de liceu e escola superior dos sobrinhos. E até para com os estranhos se mostrava liberal. Suas dádivas eram quase sempre anônimas. "De nada serve humilharmos a pessoa beneficiada apregoando-nos como seus benfeitores". Embora percebesse apreciável renda como superior do convento, demonstrou a si mesmo a verdade do provérbio: "É melhor dar que receber".

O prelado Mendel amava a liberalidade e amava a vida. Sempre hospedava os seus amigos — à custa do próprio bolso — no mosteiro. Em tempo de festas, como no dia de Corpus Christi e no dia de S. Tomaz, franqueava o convento e a despensa à aldeia inteira. Quanto às suas comemorações por ocasião do Natal, pareciam "uma série de deslumbramentos tirados das Mil e Uma Noites".

Contudo, ele viveu o suficiente para provar o fruto amargo da impopularidade. Pois adotou uma linha de procedimento que, embora lhe parecesse justificada, demonstrava obstinação e, no entender de muitos amigos seus, irreflexão. O Reichsrat promulgara uma lei (1874) de taxaço das propriedades eclesiásticas "a fim de prover às necessidades financeiras do culto religioso, e especialmente a fim de aumentar os benefícios dos párocos". Mendel considerou inconstitucional a lei, e recusou-se a pagar o imposto sobre o mosteiro de Altbünn. Em vez disso, propôs enviar uma "contribuição voluntária" ao Tesouro do Estado, "pois não fecho os olhos ao fato de que é necessário um acréscimo nos fundos religiosos morávios".

O Estado recusou aceitar a contribuição e Mendel negou-se a pagar o imposto. A obstinada luta prolongou-se por vários anos. O governo procurava alternadamente persuadi-lo com promessas de promoção, e intimidá-lo com ameaças de castigo. Mas Mendel recusava deixar-se engabelar ou atemorizar. Seus amigos íntimos aconselhavam-no a ceder. A única resposta de Mendel era acusar esses amigos de terem-se voltado contra ele. Considerava-se "um cruzado solitário na luta pelo direito". O Estado, por sua parte, encarava-o como "um velho tolo que recusa obedecer à lei".

Enquanto os anos corriam e a luta permanecia indecisa, Mendel começou a sofrer de uma irritabilidade patológica. Queixava-se aos sobrinhos que estava sendo perseguido. "Anda-se tramando um plano para me enviar a um hospício de loucos".

Tal foi a atmosfera carregada e sombria em que ele passou os últimos anos de vida. Seu único desejo era viver até o dia em que fosse revogada a "odiosa lei" contra o seu convento. Esse desejo não devia ser satisfeito. Na primavera de 1883, Mendel sofreu um ataque cardíaco. Restabeleceu-se parcialmente, e passou os derradeiros meses de vida "entre suas flores, pássaros e abelhas".

OS BAHIANOS E O...

(Continuação da pág. 45)

seu republicanismo histórico e demagógico, Saraiva decretando a eleição direta. Rui iluminando de gênio o seu apostolado jurídico, Carneiro Ribeiro ensinando a língua pátria, e tantos outros dessa estirpe de valores, não foram influências particulares da Bahia mas sim órgãos projetores da cultura nacional. Sob esse aspecto, a Bahia continua a estreitar-se com todos os Estados brasileiros pelo brilho e ação de seus homens públicos e de seus oradores e escritores.

Outras relações poderiam ser anotadas. A Bahia troca produtos com a Paraíba. Troca produtos e troca homens, no movimento do comércio e do funcionalismo público federal. O São Francisco é uma atração permanente do nordestino. Muito suor paraibano vem fecundar o cacau.

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÓRES
de CABEÇA
TRANSPIROL

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

ECONOMIA POPULAR

Colegial "SOLÉR"

O calçado mais barato e durável do Brasil

SOLA DE PNEU EM PRETO E MARRON, COLADO E COSTURADO. DURABILIDADE 12 MESES

Nos. 27 a 32

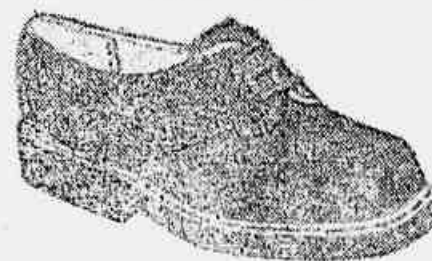
Cr\$ 60,00

Nos. 33 a 44

Cr\$ 65,00



PARA MENINAS



Nos. 27 a 32

Cr\$ 60,00

Nos. 33 a 40

Cr\$ 65,00

Fábrica CALÇADOS SOLÉR LTDA.
VENDAS POR ATACADO E A VAREJO
RUA SENADOR POMPEU, 169
RIO DE JANEIRO

Enviamos pelo Reembolso Postal. Porte: Cr\$ 10,00

STANDARD
CR\$ 150,00

AMERICA
CR\$ 200,00

ANEL ZODAICO
Com signo e pedra do teu mês de nascimento que interpreta todo mistério da astrologia.
Em prata com ouro e todo em ouro com platina.
Única privilegiada por lei.

FEDERAL
CR\$ 200,00

CAPITAL
CR\$ 300,00

INCA
CR\$ 300,00

BRASIL
CR\$ 350,00

Fábrica de Jóias AZTECA
Rua Regente Feijó, 18, Rio
PARA TODO O BRASIL
PELO REEMBOLSO

Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um ánel

Modelo Data do nasc. Medida

Nome

Rua

Cidade (correio local)

Estado

MEDIDA DO DEDO

Cortar e enrolar no dedo.

4	7	10	13	16	19	21	24	27	30
---	---	----	----	----	----	----	----	----	----



Os passageiros permaneciam apreensivos com relação ao destino que teriam levado as suas bagagens. Todavia, foram recuperadas e devolvidas intactas aos seus donos

AGONIA E MORTE DO "MAGDALENA"

(Continuação da pág. 6)

tado vagarosamente. Os oficiais graduados de nossa Marinha de Guerra, comandantes dos vasos que procediam ao reboque, temiam algum contratempo, em face da enorme massa d'água — calculada em várias toneladas — acumulada no interior do barco, mantendo por isso o "liner" um pouco adernado. Na altura da entrada da barra, o vento forte que soprava, com o mar um tanto revólto, contribuiu para a demora das manobras.

Em dado momento, nas imediações da Fortaleza de Santa Cruz, deu-se o rompimento do casco — separando-se o transatlântico em duas metades, que ficaram a flutuar, ao sabor das ondas. Rapidamente desligados os cabos de aço, para evitar tragédia maior, os "destroyers" e rebocadores manobram, a fim de salvar a tripulação que permanecia a postos.

PRESENTIDO O FIM

Aproximadamente às 12 horas, nas imediações da Ilha Grande, foi pressentido o fim trágico do "Magdalena" pelos que permaneciam a bordo, razão porque o seu comandante expediu ordens para que a tripulação abandonasse o navio, embarcando nos escaleres, ficando unicamente no convés do "liner" o capitão Lee, poucos homens da guarnição e um prático.

No momento em que ocorreu o desastre, o chefe da lancha "Oscar de Souza", sr. Hugo Miranda, que tinha como auxiliares os agentes João Rosas e Umberto de Souza Costa e o mestre João Climaco, decidiu enfrentar a fúria do mar e rumou incon-

tinente em direção do navio sinistrado, a fim de oferecer socorro aos náufragos. Já no local encontravam-se muitas outras embarcações, inclusive o navio-lameiro da Cia. Costeira "Madilene", rebocando uma das baleeiras do "Magdalena", repleta de tripulantes.

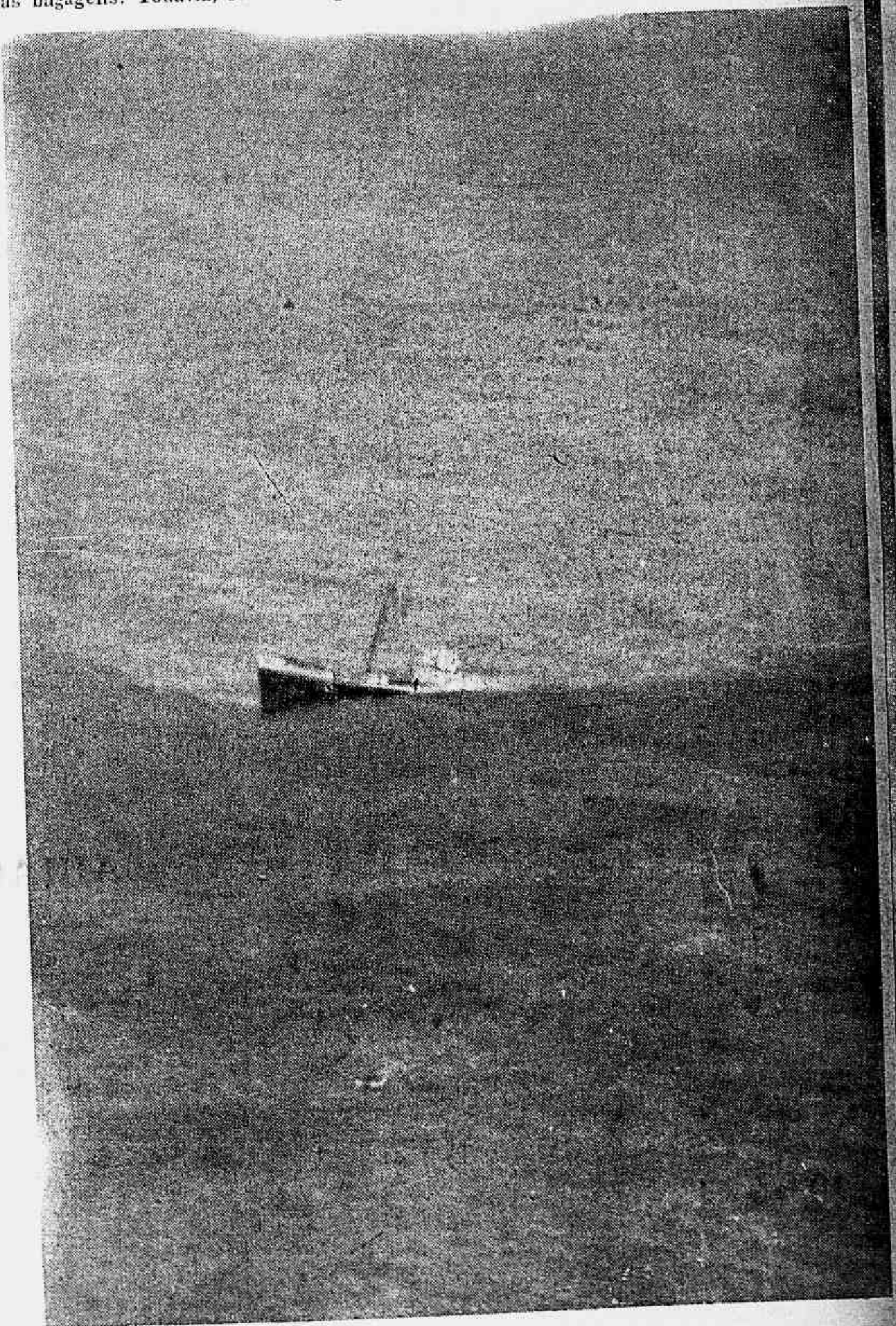
FUNDEADA A PROA

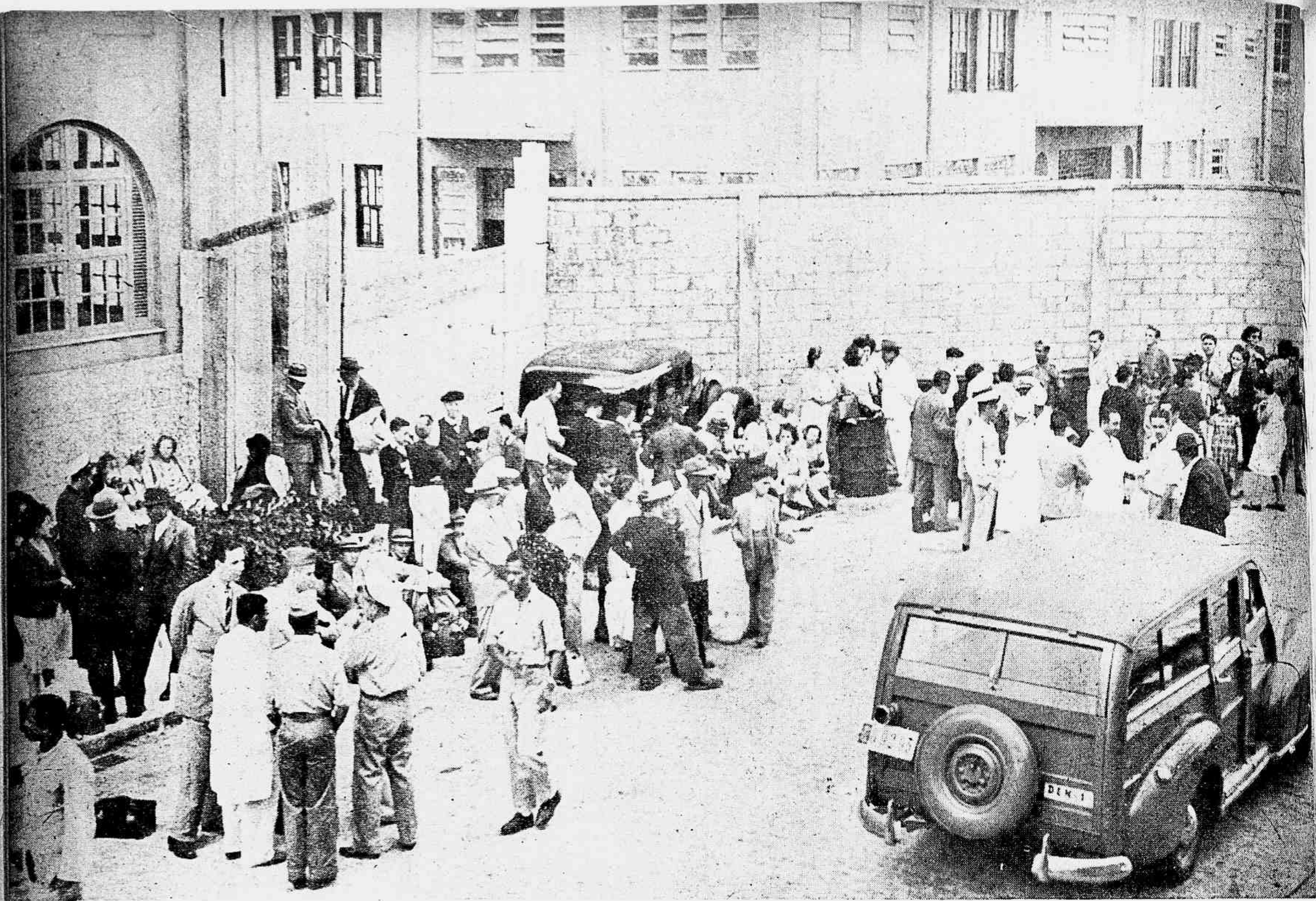
Já estava o "Magdalena" feito em dois pedaços, cada qual ao sabor do forte vento, quando a guarnição, que permanecia a bordo, conseguiu fundear a parte da proa — tendo a outra metade vagado ao sabor da maré, indo encalhar na praia de Imbuí, no outro lado da baía.

PODERIA SER EVITADO O DESASTRE

O capitão-tenente Henrique Eduardo Weaver, comandante do rebocador "Triunfo", falando à imprensa, declarou que foi prevista a tragédia e que o comandante Lee, contudo, ordenara que se fizesse o reboque. Pois — continuou aquele oficial — da forma em que se achava o "Magdalena" não seria possível qualquer ação de desencalhe, em virtude do tempo e das condições em que se encontrava a maré. O "liner", apoiado sobre o rochedo, com um dos tanques perfurado, estava com a proa alagada e com a pôpa dependurada, o que dificultava, totalmente, a abordagem por parte dos navios em socorro, visto que as águas muito baixas não possibilitavam a operação. Finalizando, acrescentou o comandante do "Triunfo": — "Mandava a técnica que se processasse o esgotamento dos compartimen-

Sóla no mar a proa do "Magdalena", o gigante que cortava as águas soberbamente, parece um late que naufraga





"Deus é brasileiro" e estes náufragos os mais felizes do mundo: não apresentam o aspecto desolador dos náufragos comuns

tos alagados, bem como fossem os mesmos vedados por meio de soldas e ainda injetados de ar comprimido, para garantir a fluabilidade. Infelizmente, nenhum desses serviços foi pôsto em prática, em vista das razões acima apontadas".

CARGA INTACTA

O "Magdalena" conduzia nos porões cerca de 3.200 toneladas de carne congelada, de procedência argentina, e ainda 20 mil caixas de laranjas embarcadas em Santos, além de outros volumes.

Como seus porões são compartimentos estanques, foi possível salvar-se grande

parte da carga de carne, estando em funcionamento regular os refrigeradores de bordo. Os demais carregamentos foram transferidos, em rebocadores da Marinha brasileira, para a Alfândega do Rio, bem como grande parte da bagagem dos passageiros.

SUBMERGIU A PROA

Na manhã do dia 30, a proa do "Magdalena", que se achava flutuando à entrada da barra, submergiu totalmente, indo assentar a trinta metros de profundidade. Ficou à vista apenas o mastro. As autoridades navais tomaram tôdas as providências

acauteladoras, sendo colocada, no local, uma bóia luminosa, exibindo lampejo verde cada 3 segundos.

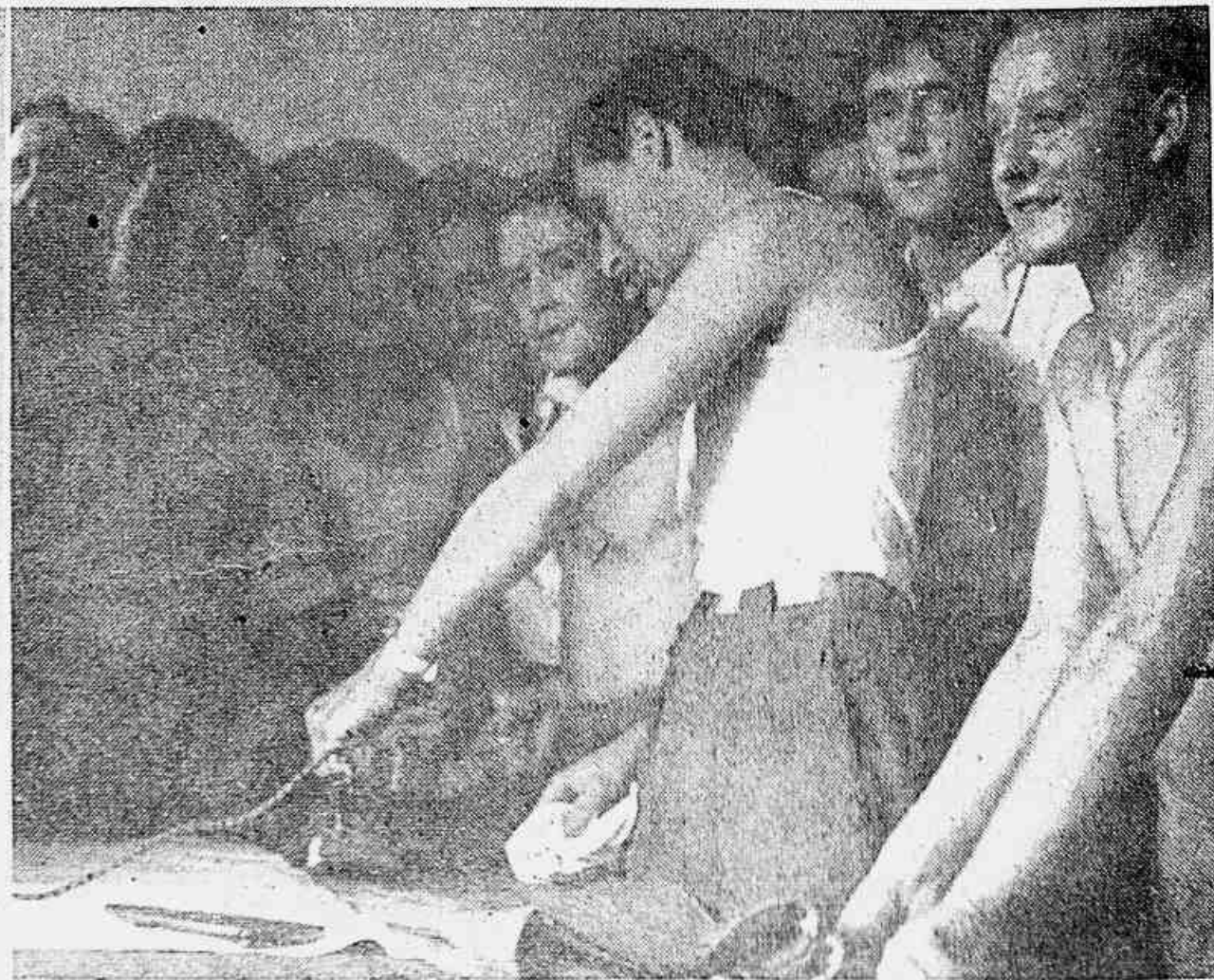
ACOMODAÇÃO DOS PASSAGEIROS

Removidos para terra, os 350 passageiros do vapor sinistrado foram encaminhados à ilha das Flores, onde as autoridades civis brasileiras puseram à sua disposição os leitos vagos na hospedaria de imigrantes da referida ilha. O restante foi distribuído pelos diversos hotéis desta Capital, correndo tôdas as despesas por conta da Mala Real Inglesa, companhia a que pertence o navio "Magdalena". Parte da tripulação,

cêrca de 160 homens, foi acomodada no Quartel da Polícia do Exército, tendo-lhes sido fornecido cama, mesa e artigos para higiene pessoal pelo Exército Brasileiro, uma vez que nada puderam trazer consigo.

Mostravam-se, quando visitados pela nossa reportagem, todos magnificamente bem impressionados com a gentileza de nossas autoridades militares, e alguns a quem interrogamos relativamente ao sucesso de seu navio, permaneceram prudentemente reservados.

— "Marinheiro não tem emoção, senhor. Tudo o que fizemos foi obedecer às ordens



O oficial de dia do alojamento, onde se encontram estes náufragos de sorte, diz-lhes que ali têm toda liberdade, menos a de ingerir bebidas alcoólicas. Um passa o ferro na roupa amarrutada

de nosso comandante. É o nosso dever. Cumprimo-lo a contento, nada mais."

A CAUSA DO ENCALHE

Inúmeras versões, tanto de passageiros como da própria tripulação do "Magdalena", correram sobre a verdadeira causa do encalhe. O capitão D. R. Lee — seu comandante, obedecendo a motivos óbvios, ditados pela disciplina que rege a Marinha inglesa, escusou-se de comentar publicamente o ocorrido. De modo que nos valemos do relato de quantos permaneciam a bordo do luxuoso "liner" para concluir sobre as suas verdadeiras causas.

Uma das versões — essa colhida entre os membros da tripulação visitados pelo repórter, nas acomodações cedidas pelo Exército Brasileiro — era a de que o nevoeiro da madrugada do dia 25 impedia a visibilidade, dando origem a que o "Magdalena" fosse jogado de encontro aos rochedos do arquipélago da Tijuca.

Estranhando o fato de que o nevoeiro, por mais denso que fosse, não poderia anular o emprêgo do radar, dispositivo de que era servida a embarcação, interrogamos um dos tripulantes do "Magdalena", que não nos soube informar se o mecanismo havia falhado no momento do encalhe.

Outra história que corria a respeito — e essa de caráter um tanto mais grave, e que por isso acolhemos com reservas — era a de que o comandante Lee não se achava em seu posto na ocasião, cabendo ao primeiro piloto, Mr. Cyril Lenior, a responsabilidade toda do acidente.

Uma terceira versão dos fatos — narrada por um dos passageiros e sem confirmação — era a de que o piloto se achava embriagado, não tendo por isso mantido a rota programada pelo comandante, para que o "Magdalena" atingisse, sem novidades, o porto do Rio de Janeiro.

ERROS DE NAVEGAÇÃO

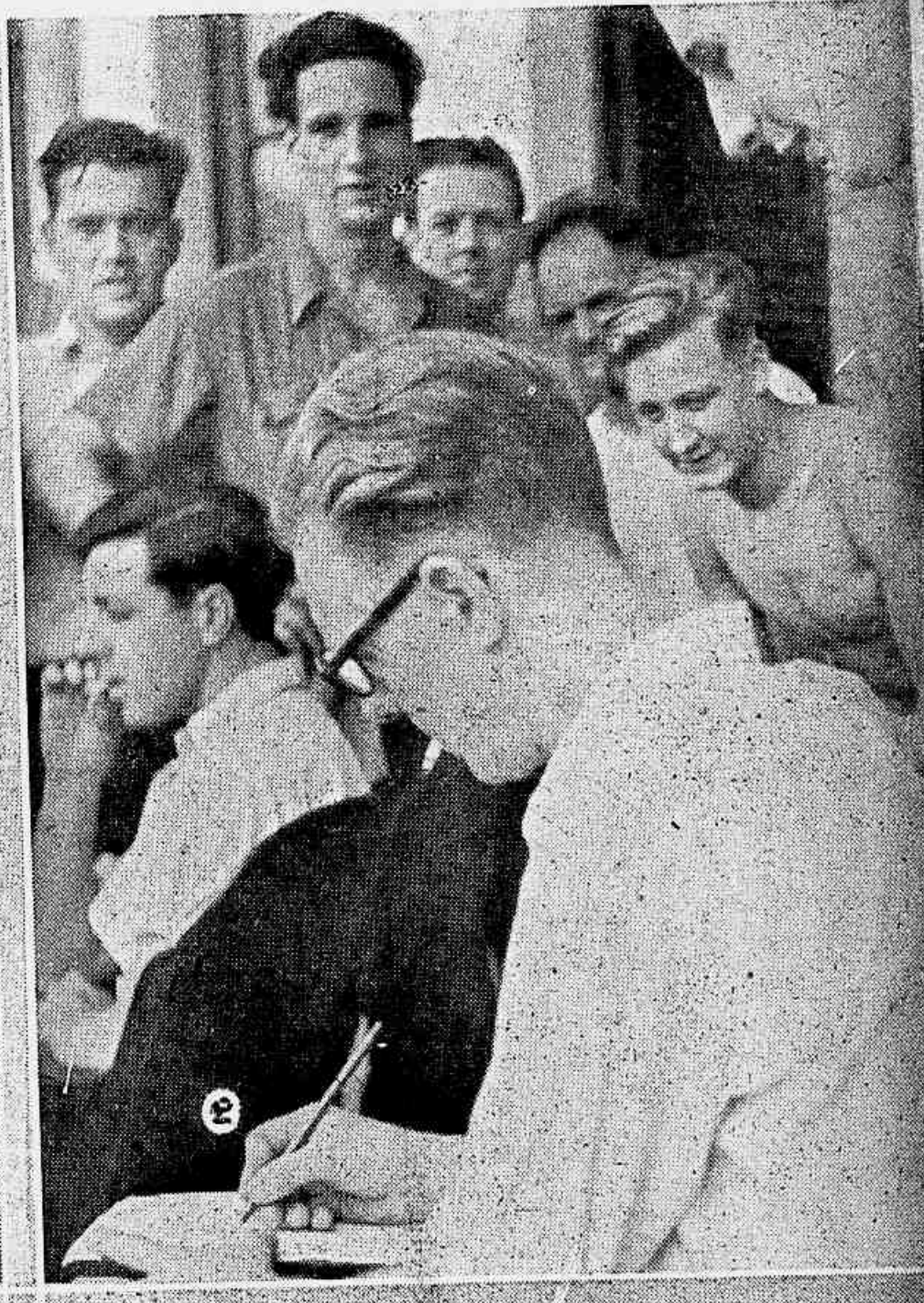
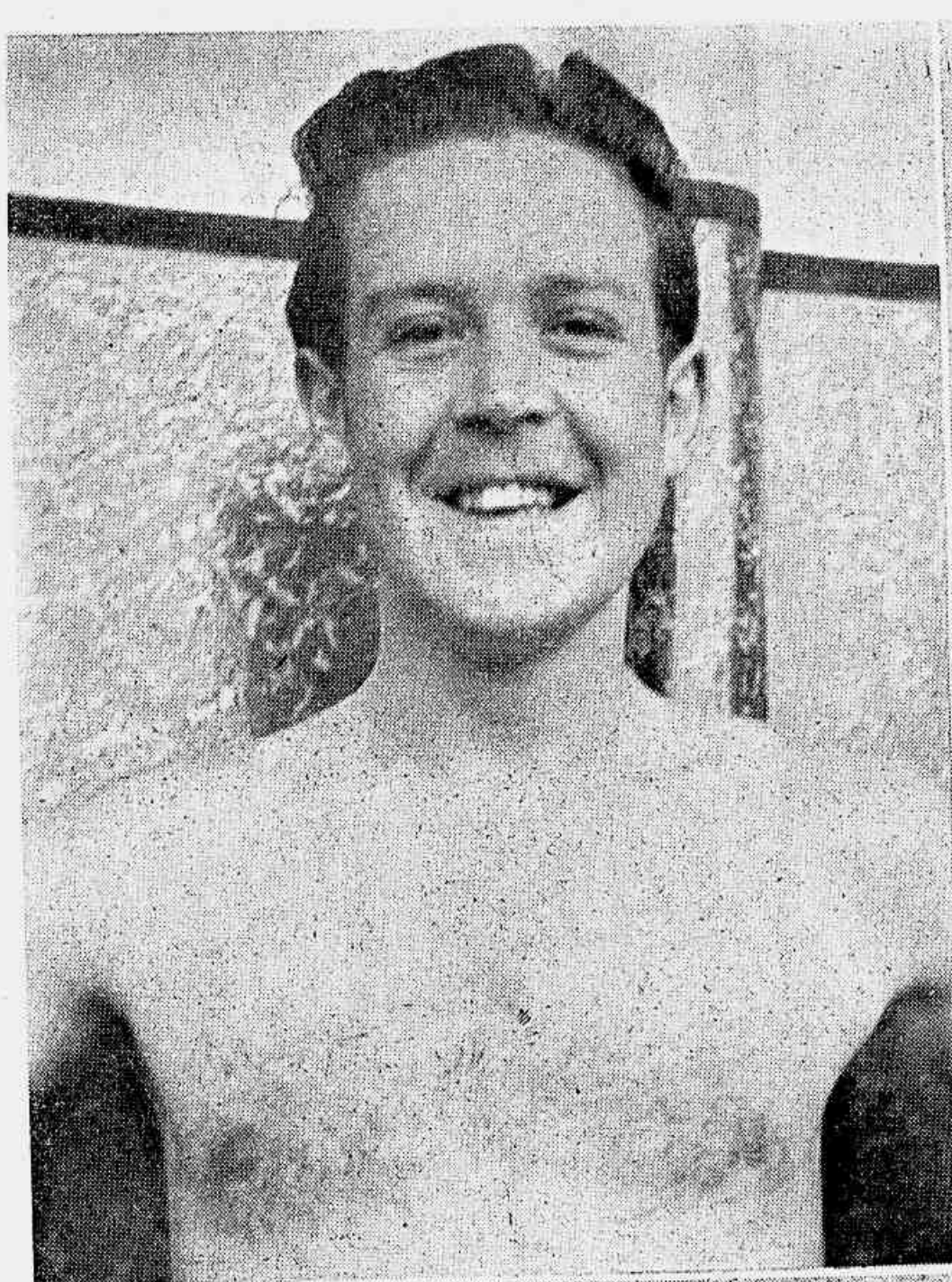
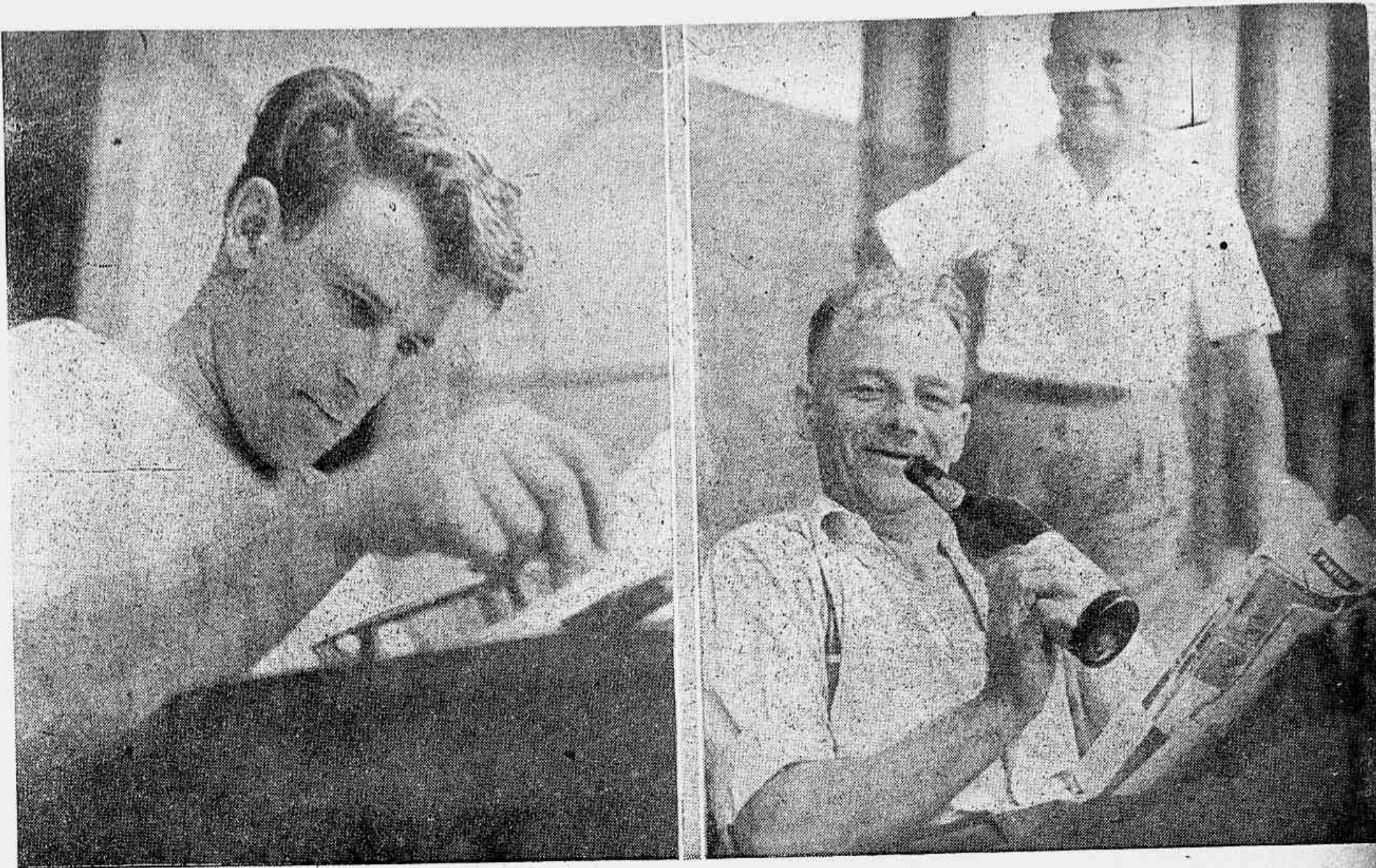
As conclusões que se vão ler, feitas por pessoa entendida do assunto, se bem que apresentem razoabilidade, não são todavia oficiais, o que somente será possível após o término do inquérito instaurado pela Capitania do Porto do Rio de Janeiro.

— "O "Magdalena" navegava tendo pela proa o farol de Palmas; pela bochecha de boroeste, o farol da ilha Rasa; pela popa, a bombordo, o farol de Guaratiba; e, à popa, o farol Castelhanos. Estava, pois, fora da linha de navegação. Os navios que se destinam ao porto do Rio não devem passar para dentro do alinhamento, isto é, aquém do farol de Santa Cruz e ilha do Pai. Na minha opinião, o oficial de dia no passadizo deveria ser responsabilizado pela inobservância da rota ordinariamente utilizada. A correnteza que ia para o sul empurrou, naturalmente, o navio sobre a costa. O "Magdalena" possui radar, prumo sonoro, e não deveria navegar a 24 metros, como fizera, pois na altura da ilha Rasa a profundidade é de 120 metros. Considero como um erro lamentável de navegação o encalhe do "Magdalena"."

★

A serem corretas essas conclusões, devido a um lamentável erro de navegação inutilizou-se o mais luxuoso paquete do Reino Unido — cujo custo de construção atingiu a impressionante cifra de 8 milhões de dólares, ou, aproximadamente, 160 milhões de cruzeiros!

Flagrantes colhidos nos alojamentos dos heróicos tripulantes do desditoso barco. O que sustém a garrafa, contou ao repórter: "Encontrava-me na popa e ia levar um recado ao imediato, quando verifiquei que a popa estava longe". Parte dos tripulantes ficou no quartel da Polícia do Exército, um cozinheiro de primeira às suas ordens. Conversas, joguinhos, passatempo...





Heloisa Helena, numa de suas atitudes, como Filomena



Um flagrante de Domingos, invetivando Filomena

FILOMENA, QUAL É O MEU?

DOMINGOS SORIANO conhecera há muitos anos Filomena Marturano, mulher de vida fácil, com quem passara a viver. Essa união em nada modificou os hábitos de Domingos, que era muito rico, acostumado a grandes farras e inúmeros amores. Filomena era considerada uma coisa, um objeto, e Domingos não a abandonava porque encontrava naquela napolitana uma excelente dona de casa, uma pessoa que zelava por tudo em sua ausência, pois que fazia frequentemente longas viagens. Tinha todas essas vantagens sem ter um compromisso legal. Mas agora tudo estava modificado. Filomena, em seu leito dava os últimos suspiros, e o padre, que lhe viera dar a extrema-união, aconselhara Domingos a legalizar a união.

— Ela está morrendo... casar não custa nada... assim morrerá feliz.

E casaram.

Mas a surpresa foi geral quando, logo após a cerimônia, a "agonizante" levanta-se da cama. Seu estado de saúde era esplêndido!

Fôra tudo um ardil da astuta Filomena para casar-se com o amante. Domingos, indignado, exaspera-se. Como essa mulher conseguira ludibriá-lo tão bem! Agora eram marido e mulher, o que resulta em violenta discussão entre ambos, assistida pelos dois velhos criados da casa, Alfredo e Rosália.

O que mais atormentava o homem era porque Filomena lhe preparara a armadilha! Dava-lhe dinheiro, conforto e não havia necessidade de garantir a posição social.

— O que anseio, Domingos, é outra coisa. Embora você ignore, tenho três filhos — explicou a mulher.

— Três filhos? — exclamou, perplexo, Domingos.

— Sim, três filhos. Quando fiquei grávida pela primeira vez tive ímpetos de não deixá-lo nascer; mas quando estava na dúvida deparei com a imagem de Nossa Senhora das Rosas, ali do beco, e expandi minha ira; porém, ouvi nitidamente uma voz dizer: "Filhos são filhos". Olhei em

Domingos	JAIME COSTA
Filomena	HELOISA HELENA
Rosália	VALERY MARTINS
Alfredo	ARISTÓTELES PENA
Gargon	JOSÉ BRAGA
Diana	DÉA SELVA
Lúcia	SUELY RIOS
Dr. Nocela	CAZARRÉ
Umberto	MILTON MORAIS
Ricardo	ARLINDO COSTA
Miguel	ADOLAR

Ação: Nápoles — Atualidade

volta e não vi ninguém. Verifiquei, então, que a voz só poderia ter saído da imagem. Daí, arrependi-me do primeiro impulso. Afinal... filhos são filhos... Tive três filhos e os criei sem que eles soubessem quem era a mãe, embora eu os veja frequentemente. Um é jornalista, outro dono de uma camisaria, e Miguel é encanador. Os três não se conhecem e ignoram tudo. Mas não se incomode que não são seus filhos.

— O que você acaba de me revelar é de veras estranho, mas não posso perceber o que tem isso com o nosso casamento.

— A razão é muito simples: quero reuni-los aqui em casa...

— Você está maluca — interrompe Domingos. — Aqui eles nunca pisarão!

— Isso é o que você pensa; além do mais, terão o mesmo nome que a mãe, isso é, Soriano.

— Você está completamente doida! — explode Domingos.

Enquanto silenciavam por um minuto, aparece a enfermeira Diana, que tratava da doente. Vendo só o dono da casa, com quem já iniciara um romance, indaga:

— Então, querido, a doente já morreu? — e abraça Domingos. Este fica muito sem jeito e Filomena intervem:

— A doente não morreu e nem morrerá tão cedo. Mas fique sabendo que sou agora Madame Soriano. Considere-se despedida e suma-se da minha frente! — esbravejou Filomena. — Diana sai apavorada, e Domingos, ainda meio apavorado com os

últimos acontecimentos, prepara-se para sair, mas antes diz, ironicamente:

— Não se iluda, Filomena, o que você quer nunca se realizará.

★

No dia seguinte, Filomena manda Rosália entregar uma carta a cada um de seus filhos, marcando encontro em casa.

Diana, ciente do ocorrido da véspera, aparece em casa de Domingos com um advogado, o dr. Nocela, a fim de ver as possibilidades da anulação daquele casamento. Depois de inteirado do assunto, o advogado explica a Filomena que, devido as circunstâncias em que o ato nupcial tinha sido realizado, era perfeitamente anulável.

Nesse interim chegam os filhos de Filomena. Esta, vendo que todo seu magnífico plano ruína, resolve contar toda a verdade. Os rapazes, que não se conheciam, ficam perplexos com o relato. Miguel, o encanador, convida a mãe para morar em sua casa:

— Sou casado e tenho quatro filhos. Assim eles conhecerão a vovó.

Todos saem ficando Domingos e Filomena. Esta, então, faz outra revelação que confunde ainda mais o seu marido:

— Nosso casamento vai ser anulado, não é? Agora, confesso que um desses três rapazes que você viu é seu filho.

— Como, Filomena! Eu sou pai de um deles?

— Sim. Nas vésperas de uma de suas viagens, você me jurou amor. Acreditei em suas palavras e conservei-me pura até nascer a criança. Depois vi que tudo era mentira... Mas irei embora hoje mesmo. Vou morar com Miguel, e amanhã virei buscar minhas roupas. Adeus.

Domingos fica completamente atordoado com a revelação de Filomena. Era o pai de um daqueles rapazes! E a dúvida o impacientava:

— Mas qual é o meu? Qual?

★

Domingos Soriano não pôde dormir aquela noite. Era pai de um dos filhos de Filomena. Seria Umberto, Miguel? Era im-

(Continua na pág. 51)



Os três filhos de Filomena fazem demonstrações perante Domingos



Domingos, arrependido, pede a Filomena que fique e case com ele

TEATRO

JAIME COSTA é um grande ator, mas o seu teatro estava decadente; decadência em dois setores: repertório e elenco. Que nos apresentou Jaime Costa nas últimas temporadas? Um sucesso do passado — "Carlota Joaquina" — e vários originais do tipo chanchada, muito a gosto do ator-empresário. Suas peças, é verdade, atraíam grande público, mas aquele público que vai assistir a Jaime Costa e não a teatro. Sua máxima preocupação era buscar originais em que o seu papel fosse destacado, e o enredo não tinha grande importância. Mas em "Filomena, qual é o meu?" o ator tencionou encenar uma peça, não se preocupando em elevar o seu papel.

Quando nos referimos à decadência do elenco, não quisemos dizer que os seus artistas fossem fracos. Absolutamente; tanto é que o elenco apresenta pouca modificação. O problema considerado era a pouca importância com que tratava o estudo dos personagens com relação aos atores. E isso resultava em uma disparidade na criação dos tipos. Mas em "Filomena, qual é o meu?" Jaime Costa ajustou os personagens aos seus intérpretes, dirigiu-os com mestria, e o espetáculo foi de uma homogeneidade surpreendente.

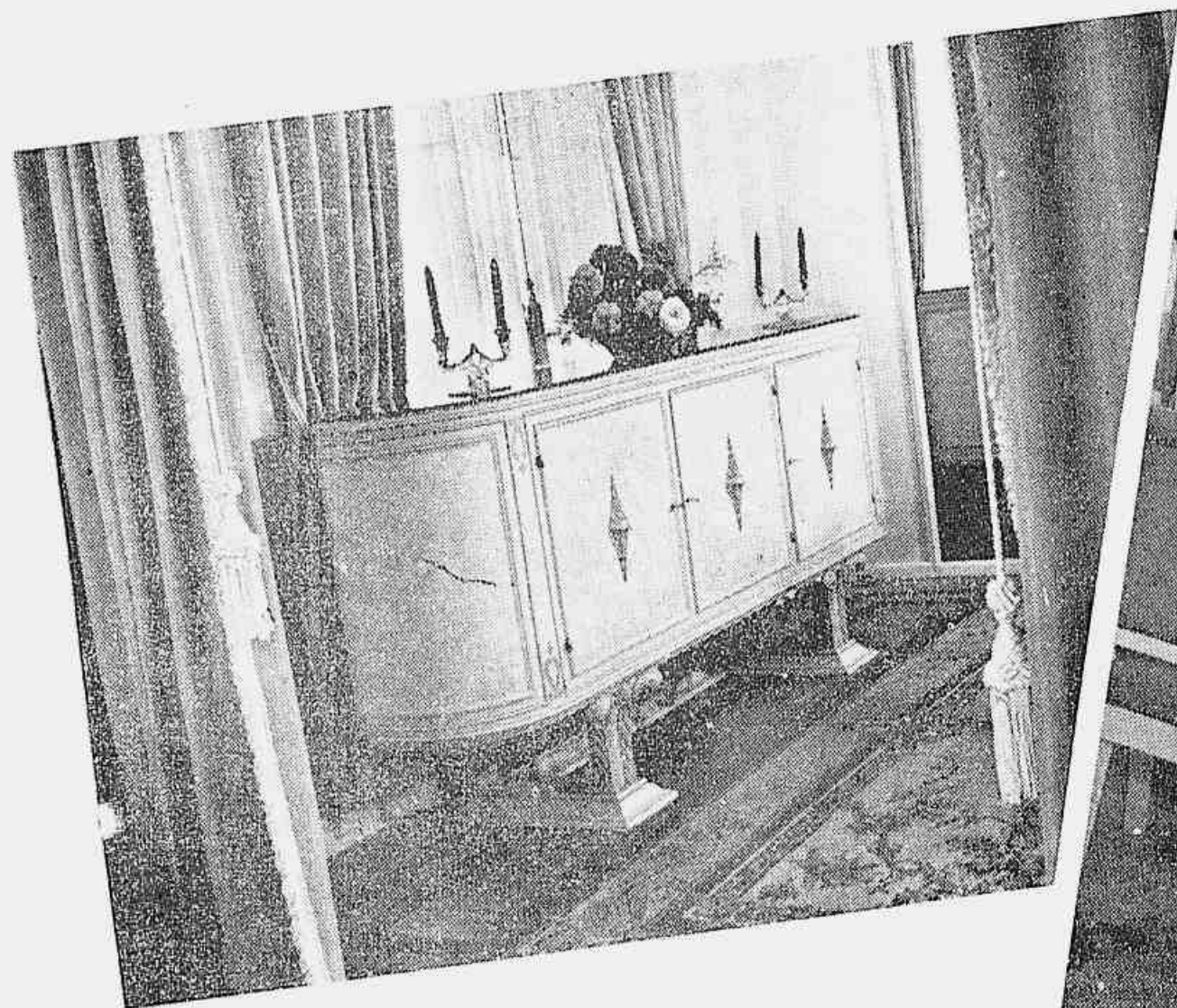
O tema explorado por Eduardo de Filippo é interessantíssimo, e o seu autor aproveitou o magistralmente, criando situações boas sobre situações ótimas. O espectador não se cansa durante toda a apresentação.

Jaime Costa viveu "Domingos Soriano" com a classe que lhe é peculiar. Heloisa Helena, em sua carreira artística mereceu destaque em sua atuação em "Carlota Joaquina", atuação essa que lhe conferiu a medalha de ouro como "melhor atriz de 1948". Confesso não achar justa essa homenagem, pois Carlota Joaquina estava competindo com grandes atrizes e grandes papéis, como Blanche Dubois de Henriette Morineau, Lizzie de Olga Navarro, etc. Mas a "Filomena Marturano" veio justificar a medalha que recebeu. Heloisa Helena teve a oportunidade de revelar-se uma grande atriz; nesse papel ela se encontrou e sua interpretação foi impecável. Aristóteles Pena deu-nos um ótimo "Alfredo"; aliás a grande experiência desse ator lhe facultou fácil ambientação. Valery Martins, José Braga, Suely Rios, Cazarré, Milton Morais e Arlindo Costa, perfeitamente equilibrados. Adolar, em seu pequeno papel, sobressaiu, dando prova do quanto é capaz. A única restrição no elenco é feita a Déa Selva, que fugiu à naturalidade em "Diana".

A tradução dos srs. Renato Alvim e Mário Silva é boa. Apenas discordamos do título da peça, que dá a idéia de ser uma expressão popular, quando não é.

O cenário único, uma sala, deu-nos a perfeita impressão do gosto italiano. **JOSÉ FOMM**

INTERIORES

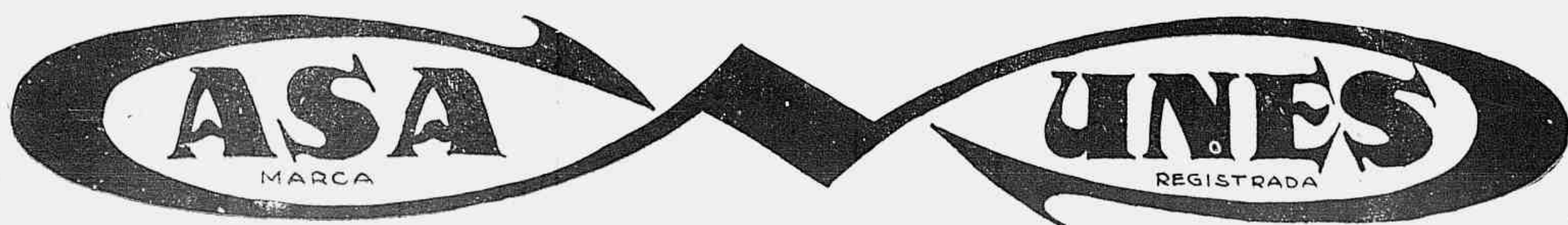


SALA DE JANTAR

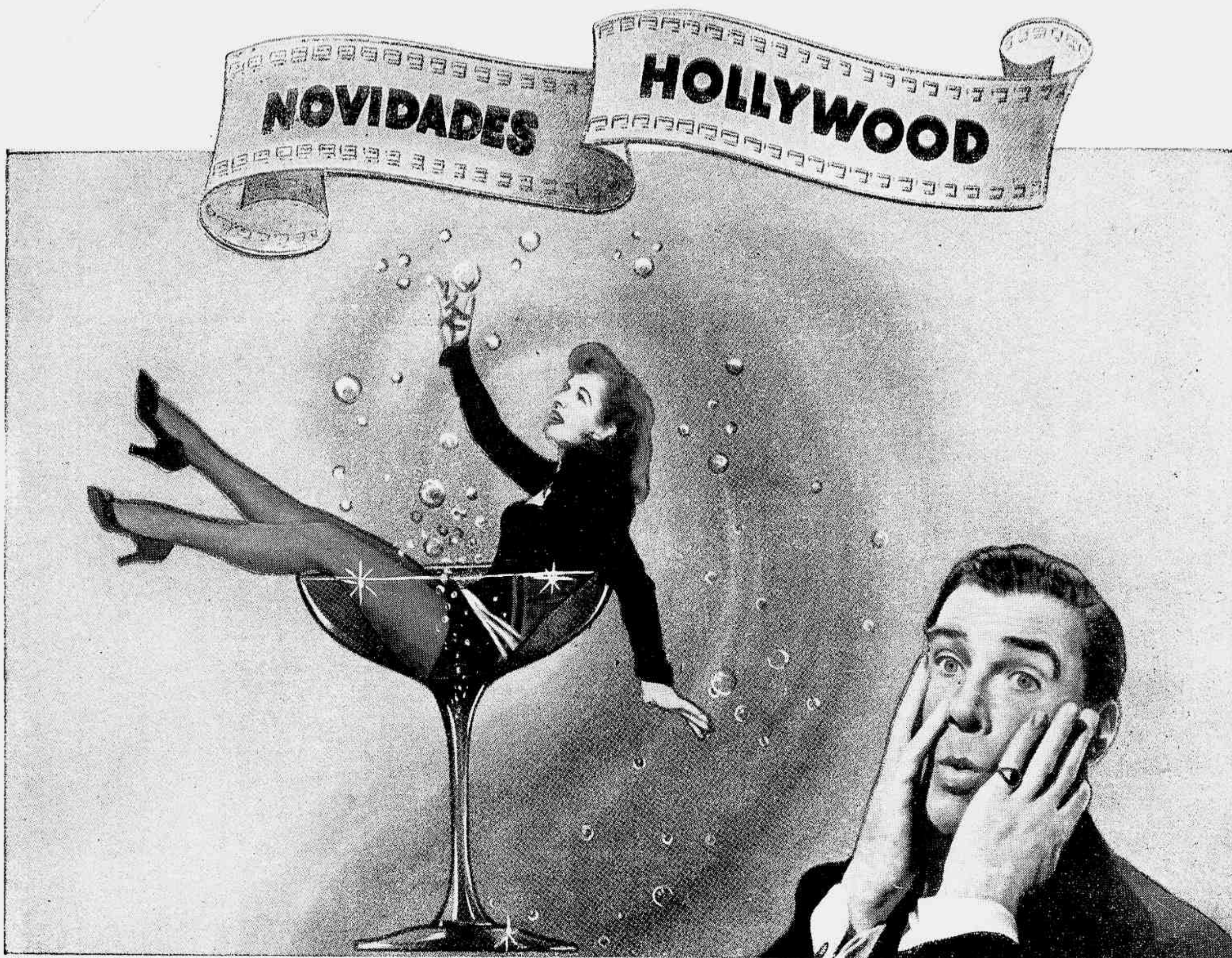


MOVEIS
TAPETES
CORTINAS
TECIDOS
PASSADEIRAS

**PROJETOS E
ORÇAMENTOS**
SEM COMPROMISSO



65 • RUA DA CARIOCA • 67



Hollywood - Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — "Travessuras de Júlia". Viva, glamourosa, alegre, em "maillot" de teatro, ela é o "outro lado" da artista que conhecemos em "Adeus, Mr. Chips". Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz